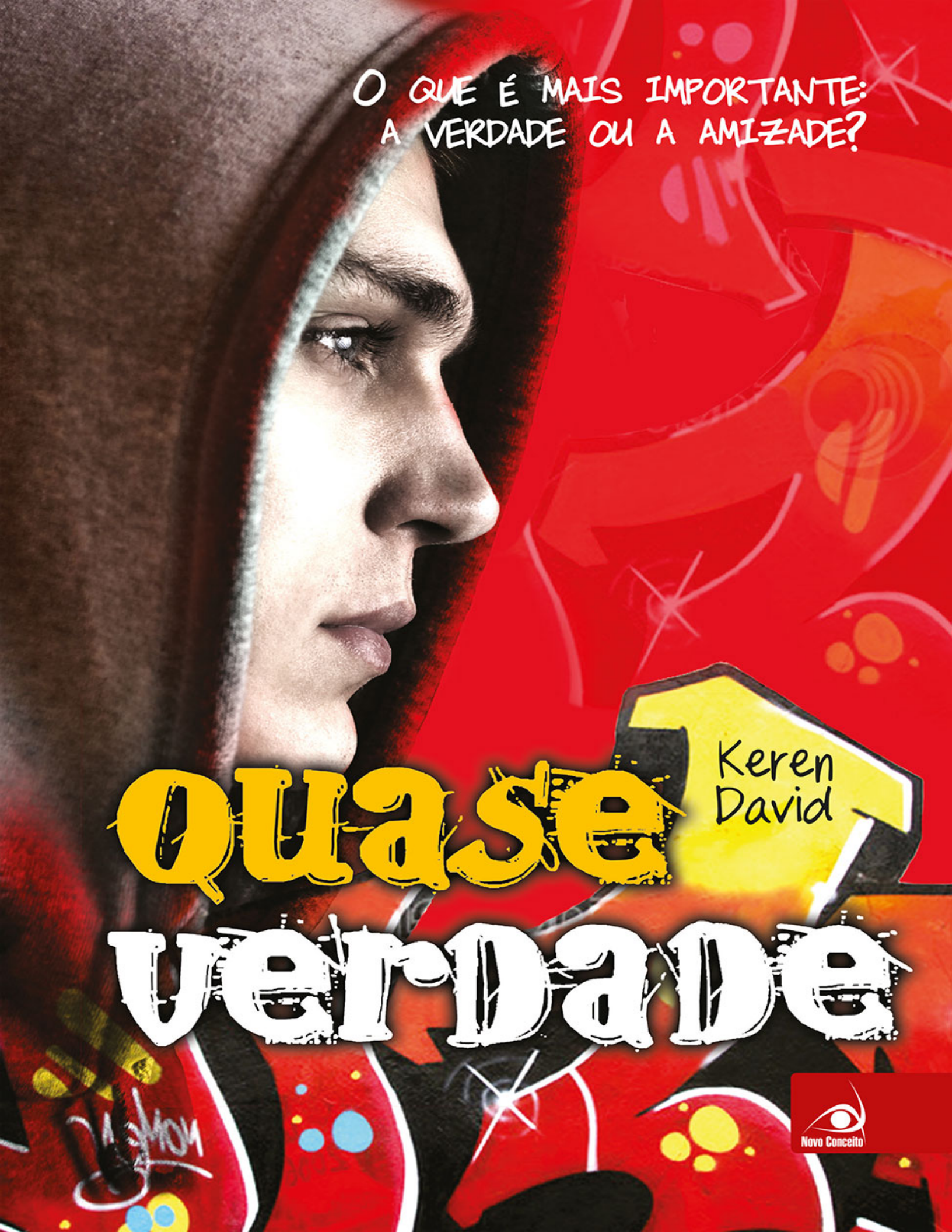

O QUE É MAIS IMPORTANTE:
A VERDADE OU A AMIZADE?
Keren David
quase verdade
Novo Conceito

SUMÁRIO

Capa

Sumário

Folha de Rosto

Folha de Créditos

Dedicatória

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

CAPÍTULO 20

CAPÍTULO 21

CAPÍTULO 22

CAPÍTULO 23

CAPÍTULO 24

CAPÍTULO 25

CAPÍTULO 26

CAPÍTULO 27

CAPÍTULO 28

CAPÍTULO 29

CAPÍTULO 30

CAPÍTULO 31

CAPÍTULO 32

CAPÍTULO 33

CAPÍTULO 34

CAPÍTULO 35

CAPÍTULO 36

CAPÍTULO 37

CAPÍTULO 38

CAPÍTULO 39

CAPÍTULO 40

CAPÍTULO 41

CAPÍTULO 42

CAPÍTULO 43

CAPÍTULO 44

CAPÍTULO 45

AGRADECIMENTOS

NOTAS

Keren David

Quase verdade

Tradução
Geraldo Cavalcanti Filho

Novo Conceito

Almost True Copyright © 2010 by Keren David
O direito de Keren David de ser identificada como autora deste trabalho foi assegurado a ela de acordo com Copyright, Designs and Patents Act, 1988 (United Kingdom).

Publicado originalmente na Grã-Bretanha em 2010 e nos Estados Unidos em 2011, pela Frances Lincoln Children's Books, 4 Torriano Mews, Torriano Avenue, London, NW5 2RZ
www.franceslincoln.com
© 2016 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital — 2016

Produção editorial:
Equipe Novo Conceito

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

David, Keren

Quase verdade / Keren David; tradução Geraldo Cavalcanti Filho. -- 1. ed. -- Ribeirão Preto, SP: Novo Conceito Editora, 2016.

Título original: Almost true.
ISBN 978-85-8163-480-7

1. Ficção inglesa I. Título.

14-01712 | CDD-823

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura inglesa 823



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885
Parque Industrial Lagoinha

14095-260 – Ribeirão Preto – SP
www.grupoeditorialnovoconceito.com.br

Para meus pais, Shirley e Joseph David.

CAPÍTULO 1

Sangue

Eles vêm me matar de manhã cedo. Às seis horas, quando o céu está rosa e tem uma bruma cinza no ar. As gaivotas estão gritando no céu e a praia está vazia.

Eu não estou em casa quando eles chegam. Sou a única pessoa na praia, adorando minha corrida matinal, o som das ondas e o cheiro de sargaço. Tudo me faz lembrar que meu novo nome é Jake e que Jake mora perto do mar.

Jake normalmente é uma pessoa um pouco triste — sem amigos, coitado — mas neste momento, treinando minha velocidade e força, estou contente porque, onde quer que esteja e qualquer que seja meu nome, posso sempre correr. Meu corpo me pertence.

Por um instante, até me esqueço de que sou Jake e volto para minha identidade anterior, Joe, o cara descolado e popular. Sinto falta do Joe. É bom poder ser ele quando corro. Nunca mais quero ser Ty, meu nome verdadeiro, o eu essencial, mas ainda sonho ser Joe.

Joe nunca se sente só correndo sozinho. É Jake que se sente miserável quando ninguém fala com ele na escola.

Jake nunca pensa em Claire — *minha* Claire, minha linda Claire —, porque só o nome dela já basta para lançá-lo em um poço escuro de desespero. Mas, quando sou Joe, finjo que estou correndo para vê-la e me permito sentir uma pontada de felicidade, de alegria, de esperança.

É uma manhã boa, e, mesmo quando me aproximo de casa e preciso me reajustar para voltar a ser o Jake de novo, há uma espécie de brilho que permanece dentro de mim. O brilho de Joe em Jake, o falso. Estou quente e suado, e quando estou assim é a melhor coisa na vida de Jake, mas, então, ao dobrar a esquina, vejo carros da polícia por todo lado, e ambulâncias, e

uma pequena multidão, e estão colocando fitas amarelas para ninguém passar.

— Para trás, para trás — grita um policial, mas eu continuo abrindo caminho entre as pessoas até a fita.

Então eu vejo. Uma poça escura de sangue na soleira da nossa porta. Por um instante, o mundo para e nem meu coração bate. Estou balançando e tudo está ficando branco e pequeno e me sinto como uma gaivota voando acima de tudo, olhando a multidão e gritando no céu.

Não sei o que fazer. Penso só em fugir e nunca vir a saber o que aconteceu. Mas alguém me abraça forte e é a vovó. Ah, Deus, é a vovó! Ela me leva até um carro da polícia. Minha mãe está encolhida no banco de trás. Está fazendo um barulho estranho, meio que uivando e arfando. Um som que me faz lembrar de quando Jamie Robbins teve um ataque de asma no terceiro ano. Foi assustador então, e agora é horrível.

Seu rosto está todo branco, até seus lábios, e ela está olhando para mim, mas não parece me ver. Vovó dá um tapa na cara dela e mamãe para com o barulho horrível e a abraça. As duas ainda estão de roupão. Tem sangue nos chinelos de felpo rosa da vovó.

Vovó se senta abraçando os ombros de mamãe, balançando para a frente e para trás e dizendo: — Você vai ficar bem, querida. Seja forte, Nicki. Você vai ficar bem.

— O quê... Quem? — pergunto, mas eu já sei. Estou começando a juntar as peças do quebra-cabeça e entender o que deve ter acontecido.

Eles devem ter tocado a campainha. Qualquer outro dia e teria sido minha mãe que desceria as escadas cambaleando para atender. Se tivesse sido ela, acho que a teriam agarrado, arrastado para o andar de cima e dado uma busca por mim. Se não encontrassem ninguém, o que fariam? Provavelmente a manteriam amordaçada e em silêncio até eu voltar e então atirariam em nós dois, acho.

Mas mamãe não abriu a porta. Ela está aqui, sentada no carro, chorando, encolhida como se estivesse com dor. Deve ter sido o Alistair quem desceu.

Alistair, o cara com quem ela tinha começado a sair logo antes de mudarmos para cá.

Alistair, que passara a noite em sua cama.

Alistair, que aparecera ontem à noite sem mais nem menos. Ninguém se deu ao trabalho de me explicar como ou por quê.

Alistair, com seu cabelo engomado e braços musculosos. Ele parecia um cantor de *boy band*, mas era legal. Era um bom cozinheiro. Minha mãe gostava muito dele.

Alistair, que trabalhava em uma academia e treinou tão bem a Ellie que ela vai competir na Paraolimpíada no ano que vem. Ela foi a primeira pessoa a perceber que tenho potencial como corredor. A irmã de Ellie é Claire, minha Claire. Provavelmente nunca mais vou vê-las.

Então, Alistair abre a porta e eles perguntam: — Ty? Ty Lewis? — Ele olha para eles, bocejando e confuso — ele nem sabe que tenho um nome de verdade, muito menos qual é —, e eles devem achar que é um sim, porque atiram nele. Suas mãos tentam segurar os pedaços de osso e de cérebro. Ele cai de joelhos ao pé da porta, o sangue se esvaindo de seu corpo, e ele morre bem ali, na entrada. Os assassinos vão embora, pois acham que fizeram o serviço. Eles me mataram.

Não é a primeira vez que alguém tenta me silenciar para sempre, mas é a primeira vez que outra pessoa morre em meu lugar.

Minha mãe acorda com o barulho dos tiros. Ela está no alto das escadas, gritando e gritando sem parar. Então minha avó, que veio morar no andar de baixo há algumas semanas, também acorda. Vovó vê o corpo de Alistair — o sangue. Ela grita e corre para abraçar minha mãe. Então chama a polícia.

Na delegacia, eles nos colocam sozinhos em uma sala e dizem que vão enviar alguém para tomar nossos depoimentos. Vovó tira o celular do bolso e começa a fazer ligações: primeiro minhas tias, depois Doug, o policial que devia estar nos protegendo, nosso agente de proteção a testemunhas, o homem que devia nos manter a salvo das pessoas que querem me impedir de testemunhar no julgamento.

Parece uma eternidade, mas aí todos eles começam a chegar. Vovó está tentando explicar a questão da proteção a testemunhas aos policiais locais, e Tia Louise só diz: — Quero falar com quem quer que esteja no comando.

Vovó e Louise entram em uma sala com os policiais, e, quando Doug chega, ele também entra. Ele está com uma cara péssima e nem nos cumprimenta. Mamãe, Tia Emma e eu nos sentamos no corredor do lado de fora. Eu me esforço para tentar ouvir o que está acontecendo. Só ouço a voz levantada de Tia Lou. Ela é boa no grito. Tem que ser, é professora.

Mamãe ainda está tremendo e chorando e ninguém faz nada para ajudá-la, exceto Emma, que a abraça e diz: — Vai ficar tudo bem, vai ficar tudo bem. — Em um tom nem um pouco convincente. Lá, lá no fundo dentro de mim tem um grito abafado. — *Ele está morto... atiraram nele... devia ter sido eu* —, mas o choque sugou todos os meus sentimentos e eu estou com aquela sensação distante de novo. É como se eu estivesse envolto em um filme plástico.

— Estou cheio disso tudo — digo. — Vou entrar.

Emma diz: — Ty, não pode simplesmente interromper. — Mas eu respondo: — Fica olhando. — E abro a porta. Todos se calam quando entro na sala. É quase cômico ver minha avó ali, de roupão rosa e cercada por um monte de policiais.

— Escutem — eu digo —, estamos sentados aqui há horas. Minha mãe viu o namorado dela ser morto. Todos sabemos que era eu que eles queriam matar. O que está havendo? — Complemento com um monte de palavras que normalmente não falo na frente de minha avó.

Louise balança a cabeça em desaprovação e diz: — Só porque houve um homicídio, não é razão para falar palavrões.

— Ah, pelo amor de Deus, Lou, isto aqui não é uma sala de aula — retruco e vejo os policiais sorrindo. Sento-me à mesa com eles. Ela me dirige um olhar carregado, mas eu não vou sair dali.

— Está bem — ela diz. — Acho que já terminamos por aqui, de qualquer forma. Ty, você vem comigo. Perdemos a confiança na proteção policial. Vamos coordenar com a polícia quando chegar a hora de você testemunhar,

mas somente se estivermos satisfeitas com a segurança. Sua avó ficará com Nicki para prestarem seus depoimentos, e seria bom se alguém aqui fizesse a gentileza de buscar algumas roupas para elas. Depois vamos conversar seriamente com Doug sobre para onde vamos a seguir.

O que ela quer dizer com isso? Como ela vai cuidar de mim? O que vai acontecer com minha mãe? E a vovó? A polícia vai me deixar ir?

Doug diz: — Vamos proteger Ty vinte e quatro horas por dia agora que isso aconteceu. Não se precipitem.

Louise está a ponto de perder completamente a paciência. Sei pela maneira como a ponta de seu nariz fica rosa.

— Pelo que entendi, Ty está seguro agora. Os criminosos desgraçados que querem matá-lo acham que conseguiram. Até que divulguem o nome da vítima, suponho que este continuará sendo o caso. Estou supondo que vocês não irão fazer isso de imediato, então tenho algum tempo para levar Ty a um lugar que ninguém vai saber onde é. E isso inclui a Polícia Metropolitana e toda e qualquer outra porcaria de força policial do país.

— Você está sugerindo que *nós* tivemos algo a ver com isso? — pergunta Doug. Ele mesmo soa bastante perturbado.

— Estou sugerindo que conduza um inquérito imediatamente para descobrir como conseguiram o endereço da Nicki e do Ty. Aposto que encontrará um vazamento bem perto de casa. Se por acaso não fizerem isso, vou ligar para a Comissão de Reclamações da Polícia assim que tiver cuidado de meu sobrinho.

Ela ainda não terminou com o Doug. — Quero que vá ao apartamento e pegue todas as coisas do Ty para que eu possa sair daqui com ele em meia hora. Depois, pode tratar de garantir que Nicki, minha mãe e Emma — ah, e eu também — tenhamos algum lugar seguro para ir. Pode manter sua proteção vinte e quatro horas para nós.

Ela conduz vovó e eu para fora da sala. Doug nos segue, e, quando vê minha mãe diz: — Nicki, não sei o que dizer.

Louise interrompe: — Um pedido de desculpas seria bom, mas, isso não seria permitido, não é, Doug? Seria admitir responsabilidade criminal. —

Ela pede privacidade para fazer alguns telefonemas e um policial a conduz corredor abaixo.

Emma continua abraçando mamãe, e vovó me aperta.

— Ty, meu amor — ela diz. — Isso não vai ser fácil, mas Louise sabe o que está fazendo. Ela tem a cabeça no lugar, essa menina. Sempre toma as decisões certas. Ela saberá o que é melhor para você.

— Quero ficar com você, vovó — digo. — Só agora consegui ter você de volta.

Vovó sempre foi mais mãe para mim do que minha própria mãe. Quase enlouqueci sem ela nos últimos meses. Não acredito que vão tirá-la de mim novamente. Agarro-me a ela como um filhote de macaco, não como alguém que vai fazer quinze anos em um mês.

Ela beija minha cabeça e diz: — Eu estou sempre com você, querido. Eu te amo, mas Nicki precisa de mim mais do que você neste momento.

E é isso. Doug volta com minhas coisas e coloca no carro da Lou. Abraço uma última vez vovó e Emma. Minha mãe está passando mal no banheiro, então espero por ela. Dou um abraço nela também, mesmo com ela cheirando a vômito. Ela não consegue parar de chorar, e não sei se ela entende que talvez não nos vejamos por... semanas? Meses? Nunca mais?

— Se cuida — ela diz. — Se cuida. Lou, cuida dele.

Louise diz: — Não se preocupe, Nicki, farei o que for melhor para ele.

Minha mãe para de chorar no meio de um soluço. Ela inspira fundo, mas o nariz continua escorrendo copiosamente. Ela olha direto nos olhos de Louise e diz: — Ele é *meu* filho, Louise, não se esqueça disso.

E minha tia diz: — Ninguém corre o risco de se esquecer disso, Nicki. Vejo vocês em breve. Se cuidem. — Ela me abraça e me leva embora para a garagem subterrânea, onde seu carro nos espera.

CAPÍTULO 2

O Palácio de Buckingham

Estou deitado no banco de trás do carro de Louise imaginando para onde será que ela está me levando. Louise está dirigindo que nem uma louca, e eu estou superenjoado e sonolento. Vou cair no sono ou vomitar, é só questão de saber o que vai acontecer primeiro. Perguntei para onde estávamos indo e ela disse: — Fique calado, Ty, estou pensando. — Isso em um tom tão feroz que não ousei perguntar novamente. Repassei todos os seus amigos na cabeça, tentando decidir com qual deles seria menos detestável ficar. A maioria deles é de professores, e são todos sérios demais — a brigada dos chatos, é como minha mãe os chama.

Paramos por cerca de dez minutos. Achei que ela ia comprar comida, já que não tinha tomado café ainda, mas entramos voando em uma Snappy Snaps[1] e tiramos uma foto minha, então ela me deu um chocolate Mars Bars e disse: — Isso vai ter que servir de lanche. Quero ir logo. — Louise é fanática por saúde. Nem imaginava que ela conhecesse Mars Bars. Comi o chocolate deitado no banco do carro, sacudindo por alguma estrada de interior, o que não foi uma experiência agradável.

— Por que tirou minha foto? Vou tirar um passaporte? — eu pergunto, e ela responde: — Shhh, ainda estou pensando. — Então começo a imaginar que vou voar para algum lugar como a Espanha e que talvez ela me deixe ficar em um hotel sozinho, e talvez eu consiga dar um jeito de que Claire me encontre lá...

— Posso me trocar? — pergunto, pois ainda estou vestindo a roupa de correr suada, e, mesmo colocando um casaco de capuz por cima, estou cheirando mal, úmido e desconfortável. Mas ela diz: — Ty, tem coisas mais importantes agora do que sua aparência. — Louise costuma ser um pouco ríspida, mas isso é mau humor ao extremo.

Depois de um tempo, ela começa a falar comigo. Eu me esforço para ouvi-la, mas o motor é barulhento e a voz dela é baixa e estou com sono demais para prestar atenção ao que está dizendo. Tento responder às suas deixas para que não fique zangada novamente.

— Treinamento de professores... Pais... Entendeu? — ela pergunta e eu respondo: — Sim.

E então: — ... Estranho... Muito tempo... Pequeno...

— Hmmm — respondo, e devo ter caído no sono nesse ponto, pois só acordo quando o carro para e ela diz: — Chegamos.

— Hãã... Onde?

— Chegamos. É a casa deles.

Estou abafado e todo suado novamente, e sinto como se meus dentes estivessem cobertos de pelos por causa do chocolate. Não comi a barra toda, e ela derreteu em minhas mãos e sobre meu agasalho.

— Ah, sim, está bem. — Suponho que não vai gostar se eu pedir que recapitule tudo o que disse. Ela falou horas sem parar no carro.

Estacionamos em um acesso que leva a uma enorme casa de tijolos vermelhos. Tem um grande jardim na frente com arbustos de lavanda e canteiros de flores e uma trepadeira vermelha frondosa cobrindo a fachada da frente. A porta verde maciça talvez seja a maior que eu já vi. Louise deve conhecer uma gente pra lá de rica.

— Vamos — ela diz, pegando minha bagagem do porta-malas. — Não quero deixar o carro aqui fora muito tempo. Vai que.

— Mas, Louise... espera... — digo, seguindo seus passos rápidos até a porta da frente, onde ela toca a campainha. Ela está com a aparência de sempre, asseada, arrumada, impecável. Eu estou cheirando a suor e coberto de chocolate. Cuspo nas mãos e transfiro parte do chocolate derretido para a calça de corrida. Lou me abraça e diz: — Não se preocupe, eles são muito gentis.

A porta se abre. Dois idosos. Devem ser os pais de alguma amiga dela. A mulher de cabelos grisalhos está de agasalho azul-claro e saia azul-escura e

está sorrindo — um sorriso esquisito, meio torto. Tem algo de familiar em seu rosto, e tento lembrar qual professora da Lou ela me lembra. O velho é enorme de alto e tem sobrancelhas grossas e escuras e está com uma expressão fechada. Ele usa uma jaqueta de *tweed*.

Louise não pode estar falando sério sobre me deixar aqui.

— Entrem, entrem — diz a mulher, em um tom supereducado e dando um grande abraço em Lou. Fico me perguntando quando Lou vai me explicar quem são eles, mas ela obviamente parece achar que já o fez. Vou ter que descobrir à medida que as coisas se desenrolam.

Ela solta Lou e todos se viram para mim. Olho para meus tênis de corrida ainda cheios de areia da praia.

— Tyler, seja bem-vindo — diz a mulher, com sua voz de locutora. — Estamos tão felizes de tê-lo conosco.

Resmungo alguma coisa e Lou diz: — Ty teve um dia extremamente traumático, Helen. Acho que não está em condições de falar muito agora.

— É claro — ela responde. — Venham se sentar. Vou preparar um chá.

Ela nos leva até uma sala de estar que, posso jurar, é maior do que nosso apartamento inteiro em Londres. Tem um piano gigantesco em um canto e o chão é feito de madeira com tapetes macios e um sofá e poltronas de veludo azul e cortinas azuis que parecem ser feitas de seda. É tudo tão certinho que parece um museu, não a casa de alguém. E não vejo uma televisão em lugar algum.

Tem um grande espelho acima da lareira, e vejo meu reflexo nele. Meu rosto está pálido e sujo e tem uma mancha enorme cor de cocô no meu queixo. Meus cabelos, pesados de suor seco, caem em fiapos grossos sobre meus olhos. E eu estou com a boca escancarada.

— Sou Patrick — diz o velho, com uma expressão de desgosto no rosto, como se estivesse arrependido por permitir que Lou chegasse a menos de cinquenta milhas de distância de sua casa comigo. — Quer uma bebida? Louise? — Balanço a cabeça em negativa e fecho a boca, e ela diz que é melhor não, pois está dirigindo. Quer dizer que ela realmente vai me largar aqui. Ele se serve um uísque.

— Então, este é o Tyler, hein? — ele diz, em sua voz grossa. — Deixe-me ver você, rapaz.

Ele parece um sargento do exército. Abaixo a cabeça, mas Louise puxa meu capuz.

Ele me olha de cima a baixo como se estivesse decidindo se vai ou não me comprar. Não gosto disso e não gosto dele tampouco. Puxo o capuz para cima de novo e me reclino na poltrona, braços cruzados. Estico as pernas de modo que meus tênis de corrida repousem sobre o tapete creme à minha frente. Louise faz cara de censura, mas começa a falar com Patrick sobre a casa. Eles recebem muitas visitas? Seria possível eu ficar aqui sem que alguém percebesse?

Helen traz o chá em uma bandeja. Tem um bule florido e pequenas xícaras e uma jarra de leite e um açucareiro e um prato de biscoitos que parecem ser da Marks and Spencer. É como tomar chá no Palácio de Buckingham. No nosso apartamento só temos canecas, saquinhos de chá e biscoitos recheados de nata de pacotes econômicos da Lidl. Mas me faz lembrar a porcelana favorita da vovó, que ela só usava em ocasiões especiais. Imagino se ainda está no apartamento dela em Londres.

Bebo meu chá em menos de um minuto e como dois biscoitos. Estou faminto. Tinha razão, são mesmo da Marks and Spencer. Vovó costumava comprá-los a cada seis meses mais ou menos, como trato extra especial, mas aposto que essa gente faz compras lá todos os dias. Passo a língua nos dedos para pegar as últimas migalhas do prato, então percebo que estão todos me olhando e mordo as unhas para disfarçar.

Louise está lhes contando a minha vida nos últimos meses. Que testemunhei o assassinato de um menino e um dos acusados do crime é meu melhor amigo Arron. Que outro dos acusados — Jukes White — é membro de uma família de gângsteres que quer me silenciar. Que me deram uma nova identidade e me enviaram para uma escola nova, de que tive que ser mudado também. — Ty pode contar os detalhes outra hora, ela diz. Sim, certo, isso com certeza vai rolar. Aí ela começa a falar que atiraram no Alistair.

Minha atenção se desvia. Em cima do piano há centenas de fotos, todas em molduras de prata. Vejo casamentos e batizados, crianças em uniformes escolares e retratos de famílias felizes. Conto um, dois, três casamentos. Há montes de crianças; eles devem ter uma família grande. Mas uma chama minha atenção — um menino pequeno com cabelos escuros e embaraçados e três irmãs mais velhas. Ele deve ter uma vida difícil, o menino. As meninas parecem bem mandonas.

Perdi o fio da história de Lou. Estou tentando me sintonizar com o que ela está falando agora. Alistair, tiros, polícia. As palavras flutuam no ar à minha volta. Então a ouço dizer: — E foi aí que liguei para vocês. Não confio mais na polícia para mantê-lo em segurança, e mamãe precisa cuidar da Nicki agora que está grávida.

Eu levo um susto. Minha xícara cai no chão e rola até o tapete. Ela não pode ter dito... não quis dizer...

— Nicki o quê? Do que você está falando? — Minha voz está rouca e estrangulada.

Louise leva a mão à boca. Helen morde o lábio inferior. Lou balança a cabeça e diz: — Ty, desculpa. Ty, querido, achei que soubesse. Ela não lhe contou?

— Ninguém me disse nada. O que está havendo?

— Foi por isso que ela entrou em contato com Alistair. Para dizer que estava esperando um filho dele.

— Mas eles mal se conheciam. Foi apenas uma noite... — Estou tão chocado que esqueci dos amigos dela escutando. Estou tentando entender as coisas.

Patrick bufa. — Típico — ele diz. Reconheço esse tom em qualquer lugar.

Helen o repreende e Lou diz: — Calma, Ty. — Mas eu me levanto com um pulo, as xícaras voam em todas as direções. Os dias em que deixava as pessoas desrespeitarem minha mão ficaram para trás. Minhas mãos se fecham em punhos e eu flexiono os braços.

Dou um passo na direção dele, respirando rápido. Ele cerra as sobrancelhas. — Cala a boca ou eu faço você se calar!

CAPÍTULO 3

Lobo

Acho que eu não ia bater nele de verdade, mas ninguém fica sabendo por que um enorme animal parecido com um lobo se lança sobre mim, rosnando e uivando. Ele pula no meu peito, me jogando para trás no chão. Seu focinho imenso está enfiado em minha cara, fazendo um barulho ensurdecedor e exalando um hálito tóxico. Fios grossos de saliva me cegam, e dentes amarelos afiados como navalhas atacam minha garganta.

Quando me dou conta, o monstro sumiu. Estou sentado no chão, encostado no sofá, e Helen está me dando um copo. Tomo um grande gole e quase me engasgo. Esperava água, mas sinto a garganta queimar e, pelo cheiro, parece o negócio que os mendigos bebem no parque... Metanol, é isso.

— Argh! Que diabos é isso? — digo, lágrimas escorrendo pelo rosto, e ela responde: — É *brandy*, para o choque.

Apalpo meu pescoço e rosto para verificar se está tudo inteiro. Milagrosamente, não há sangue jorrando nem pele dilacerada. — O lobo foi embora? — pergunto, olhando em volta, assustado.

Louise está sentada no sofá ao meu lado, a mão no meu ombro, e acho que está tentando não rir.

— Era um cachorro, Ty, querido. Lobos vivem no zoológico, não nas casas das pessoas.

Sinto o rosto quente. Sabia que era um cachorro, obviamente. Só que saiu a palavra errada. De onde eu venho o cão é uma arma, igual a uma faca. Tenho certa desconfiança de cachorros desde que tive uma experiência ruim com um *rottweiler* fujão quando eu tinha sete anos. Helen deve me achar um retardado, pois diz: — Qualquer um se enganaria do mesmo jeito.

Então vejo por uma janela Patrick levando o lobo monstruoso por uma guia e percebo que não passa de um cão pastor *collie* do tipo *lassie*. Tomo mais um gole do *brandy*.

Louise diz: — Helen, pode me dar um minutinho para falar com Ty, por favor? — E Helen responde: — É claro. — Ela para de catar pedaços de xícara do chão e sai da sala, mas aposto que fica do lado de fora ouvindo.

Eu me inclino contra minha tia na esperança de que ela vai dizer que mudou de ideia, de que isso obviamente nunca vai dar certo e que ela pensou em outro lugar sem cães para me levar.

Mas ela começa a me dar uma bronca. — Cristo, Ty, o que deu em você? Helen e Patrick lhe oferecem um refúgio e a primeira coisa que faz é ameaçar atacá-los!

— Eles soltaram o cachorro em cima de mim.

— Não, senhor. Não seja ridículo. A cadela apenas reagiu à sua agressão.

— Ele desrespeitou minha mãe.

— Ele tem setenta e cinco anos. Não pode gritar com ele como se fosse um de seus amigos *gangsta*.

— Eu não tenho amigos *gangsta*. Eu não tenho amigo nenhum no momento.

— Enquanto estiver aqui, pelo amor de Deus, tente se comportar e causar uma boa impressão — ela diz. — Do contrário, vai ser uma grande decepção para a Nicki.

Eu não me importo. Estou com tanta raiva da minha mãe por ela não me dizer que estava grávida que nunca mais quero vê-la mesmo.

Tomo outro grande gole do *brandy*, levanto meus joelhos contra o peito e enterro a cabeça entre os braços.

— Lou, não briga comigo. Eu já aguentei demais por hoje.

Ela tira o copo de *brandy* da minha mão e diz: — Acho que já bebeu o bastante disso.

Ela então sai da sala e eu durmo. Só acordo quando Louise toca levemente no meu ombro. Ela está de casaco.

— Estou indo agora, Ty, mas prometo que volto em poucas semanas. Você deve ficar dentro de casa o tempo todo. É melhor ficar longe das janelas também. Faça o que Patrick e Helen mandarem e se comporte. Nada de telefonemas, cartas ou qualquer contato com ninguém. E tinja o cabelo de preto de novo. Vai ser melhor se eu tiver de movê-lo mais uma vez, e podemos disfarçá-lo de gótico. Entendeu?

— Não vá, Lou, por favor. Não me deixe aqui.

Ela se inclina e me beija. — Vai dar tudo certo. Você vai ficar bem. Vê se toma cuidado.

Ela parte. Ouço a porta da frente bater. Ela me deixou. E não faço ideia de com quem.

Helen entra na sala e se senta. — Lamento, mas Patrick não tem muito tato. Você se acostuma.

— Sim, hã, desculpe.

Ela está me examinando. Já sei que estou sujo e suado, ela não precisa esfregar isso na minha cara. Desvio o meu olhar e observo as fotografias em cima do piano de novo. Talvez eu consiga descobrir de que amigos da Lou eles são parentes. Talvez seja Sally, a professora de geografia da escola dela. Ela tem um jeito mais refinado. Espera aí, o que é aquilo?

Tem uma foto no piano que eu reconheço. Sou eu aos oito anos de idade, de camisa e gravata, quando minha avó insistiu que eu fizesse a primeira comunhão. Que diabos faz essa foto aqui?

Ela segue meu olhar. — Louise nos deu essa fotografia — ela diz. — Sempre gostei dela. Ficou surpreso por vê-la aí?

— Hã, sim.

Ela pega outra. É a foto de um garotinho esquisito. Ele parece todo triste. Tem olhos azuis enormes e está segurando um cavalo de pelúcia branco. Parece um *alien*. Acho que pode ser o garoto da outra foto, o que está com as irmãs mais velhas.

— Você se lembra do cavalo? Você o adorava.

Do que ela está falando? Eu nunca tive um cavalo de pelúcia. Eu tenho olhos verdes e com certeza nunca me pareci com esse garoto. Ela deve estar confundindo as coisas. Pessoas mais velhas ficam meio confusas, não ficam?

— Hã, não — eu respondo o mais educado possível.

— E como vai sua mãe? — Helen pergunta, e soa como se ela também estivesse tentando ser educada. — Deve ser uma situação terrível para ela. Ainda bem que a Julie está com ela.

Julie é minha avó. Suponho que Louise deve ter dito seu nome para Helen.

— Hã, não sei dizer como está — respondo. — Ela estava histérica no carro da polícia. Vovó teve que dar um tapa nela.

— Não me surpreende. Pobre Nicki.

Estou vasculhando a minha memória tentando lembrar se vovó ou Nicki alguma vez mencionaram conhecer pessoas ricas chamadas Patrick e Helen, mas tenho certeza de que não.

— Bem, Julie é ótima em momentos de crise — diz Helen. — Pelo menos você sabe que sua mãe está em boas mãos.

Para meu horror, meus olhos se enchem de lágrimas. Meu filme plástico deve estar se rasgando. Não quero que minha avó cuide de minha mãe, quero que cuide de mim. Viro o rosto rapidamente e vejo uma foto que com certeza é minha. É a foto escolar tirada ano passado na St. Luke. Está em uma moldura pequena, alinhada com fotos de outras crianças de uniforme. Suponho que sejam netos de Patrick e Helen. Então o que faz minha foto ali?

Jesus!

Ah, meu Deus!

Jesus Cristo!

Não pode ser. Louise não fez isso. Mas que outra explicação pode ter?

— Quer um sanduíche, querido? — pergunta Helen, enquanto busco alucinadamente uma teoria alternativa. Esta única palavra, *querido*, desfaz qualquer dúvida. Não se usa isso com um adolescente qualquer deixado à sua porta como um favor para um amigo. Só se for maluco ou americano. Jesus! Como minha tia pode fazer isso comigo?

Faço que sim, completamente emudecido, e ela vai para a cozinha. Sozinho, procuro freneticamente por algo que me diga se estou certo. Vejo cartas no mantel da lareira e pego uma. Viro o envelope procurando o nome que vai confirmar minha suspeita. Não tem nada no envelope, então tiro a carta de dentro e procuro os nomes.

Meu Deus. Sr. Patrick Tyler. *Meu Deus!*

Eles não são pais de Sally, a professora refinada de geografia. São pais de Danny Tyler, meu pai totalmente imprestável e ausente que nunca sequer tentou entrar em contato conosco desde que se mandou, quando eu tinha dois anos de idade.

Bem na hora, Patrick entra na sala. Sr. Patrick Tyler, que deve ser o meu avô. Patrick, em quem quase dei um soco na boca. Que belo início para um relacionamento.

— Tyler, preferiria que não mexesse em nossos papéis pessoais — ele diz, e a cadela demoníaca rosna para mim. Solto a carta de imediato, mas não sei se serei capaz de voltar a falar.

Helen fez um sanduíche de queijo para mim, mas estou engasgado demais para comê-lo. Ela parece preocupada: — Você deve estar exausto. Quer que lhe mostre seu quarto para que tome uma ducha e descanse?

— Sim, obrigado — eu murmuro. Preciso fugir. Ela me conduz por dois lances de escada e diz: — Vou lhe colocar no sótão, pois lá você terá mais espaço e privacidade.

Imagino um espaço escuro, empoeirado e cheio de teias de aranha. — Sim, como quiser.

Quando chegamos lá, não é nada disso. É grande, tem chão de madeira, paredes inclinadas pintadas de azul-claro e uma janela que dá para um

jardim enorme. É um quarto inteiro só para mim! Olhando para cima, vejo as vigas de madeira se entrecruzando até o teto.

Tem um beliche em uma ponta, e onde a parede começa a inclinar tem uma grande cama de ferro com uma manta de retalhos. Tem um baú de brinquedos e uma mesa com canetas e papéis e potes de tinta. Tem uma estante com livros infantis. Vejo uma garagem de brinquedo cheia de carrinhos. Uma casa de bonecas gigante. Tem um cavalo de balanço no meio do quarto e uma fileira de bonecas de porcelana antigas. Eu teria adorado isso tudo aos seis anos.

Nesse momento, no entanto, preferia uma televisão e um *laptop*.

Ela deposita minha mala na cama e diz: — Espero que lhe sirva. Está decorado para crianças menores, mas, se me disser o que prefere, posso trazer para você. E temos muitos livros lá embaixo. Você precisa dar uma olhada neles amanhã. Gosta de ler?

— Hã, não — digo, mais para matar logo a conversa. Ela ainda está sorrindo, mas tem uma pequena ruga entre os olhos. Sinto que a desapontei, mas não me importo. De qualquer jeito, geralmente prefiro ver um filme, se tiver.

— Dê uma olhada assim mesmo. Pode ser que encontre algo de que goste — ela diz. — Os outros são todos mais novos do que você, por isso é assim.

Penso vagamente nos outros netos. Provavelmente leem Dickens e Shakespeare o dia inteiro. Então me dou conta. São meus primos. Posso até ter irmãos e irmãs. Não posso acreditar que isso está acontecendo comigo. Minha cabeça está doendo só de pensar em todas as possibilidades.

— Você tem tudo de que precisa? — ela pergunta, abrindo o armário e tirando toalhas brancas felpudas para mim.

— Sim. — Na verdade, não faço a menor ideia do que Doug colocou na minha mala. Até onde sei, é capaz de só ter três meias e o pijama da minha mãe.

— Durma bem — ela diz. Percebo que pensa em me beijar, mas acaba decidindo contra. Então ela me deixa sozinho. Graças a Deus.

Estou desesperado por uma ducha, mas parece que não consigo me mover. Penso em me deitar só um pouco na cama para recuperar as forças. A manta de retalhos é meio áspera, então eu a empurro para baixo e descubro os lençóis brancos e o cobertor incrivelmente macio embaixo. Fico deitado ali, respirando fundo e pensando no que descobri.

Tenho avós do lado paterno. Nunca havia pensado neles antes, e, se tivesse, pensaria que estavam mortos, pois nunca foram me ver.

Eles são ricos, mas nunca tivemos qualquer folga. Então eles nunca nos ajudaram, nem o meu pai.

Minha tia Louise estivera em contato com eles durante anos em segredo. Por quê? Eles conhecem mamãe e vovó, mas acho que não mantêm contato com elas. Por quê? Patrick parece ter a pior opinião possível sobre a minha mãe. Provavelmente acha que é uma piranha por ter engravidado quando tinha dezesseis anos e meu pai, dezessete.

Isso se soma aos fragmentos que sei sobre meu pai: que ele é um sujeito boa-pinta, arrogante e imprestável que nunca fez nada por nós, e que fico melhor sem ele. Um monte de meninas gostava dele. Ele estudou Direito na Universidade de Manchester. Ele frequentou a St. Saviour, uma escola católica para meninos, e é por isso que minha mãe me mandou para lá também. Ah, e a única coisa que ele me deu em toda a vida foi um cachecol do Manchester United. Ele e mamãe tentaram morar juntos, mas não deu certo. E teve uma vez que achei que minha mãe insinuou que ele pode ter batido nela.

Eles devem saber tudo sobre ele, inclusive onde ele está. Eu posso perguntar o que quiser sobre ele. Ele pode até mesmo aparecer aqui. Por que não? Mas por que o faria se nunca quis me ver antes?

Minha cabeça está estourando, e o *brandy* está revirando em meu estômago, misturado com o chocolate e os biscoitos, mas de uma forma nada boa. Estou muito tonto, e a cama é muito confortável. É um alívio quando caio no sono.

Quando acordo, está tudo escuro e Alistair está sentado na ponta da cama.

CAPÍTULO 4

Roupa Suja

Alistair está vestindo jeans preto e camiseta branca e seus cabelos estão engomados no seu habitual estilo ridículo. Ele não se parece nem um pouco com alguém que levou um tiro na cabeça há menos de vinte e quatro horas. Estou acordado, então só pode ser um fantasma. Mas não acredito em fantasmas. O que está havendo?

Só escuto minha respiração, que está acelerada e soa bastante como alguém que está prestes a começar a choramingar ou algo assim. Meu coração está pulando e batendo contra minhas costelas como um gato tentando escapar da gaiola ao ser levado para o veterinário.

— O que... O que você quer? — pergunto.

Ele se inclina em minha direção. Recuo até me achatar contra a cabeceira da cama de ferro. Sinto o metal frio nas minhas costas e ouço claramente quando ele fala. Estou acordado, posso jurar.

— Você me matou, não foi, parceiro?

— Não, eu não. Eu não. Não fui eu... — eu consigo chiar apenas. Só posso estar acordado. Enfio as unhas no braço e dói. Mas como posso estar acordado? Ele está morto. Será que eu estou morto?

Ele está olhando fixamente para mim. — Não tente negar. Eu morri por sua causa. Então você tem que fazer o que eu mandar.

Alistair sempre me pareceu um sujeito legal antes, mas agora seu sorriso é bem sinistro.

— Você... Você o quê?

— O que tem de tão especial em você, hein? Por que as pessoas têm que morrer por sua causa? Estes dois velhinhos estão arriscando a vida para

cuidar de você. Você só deu trabalho até agora. Seu chorão imprestável — ele diz.

— Eu não... Eu não queria... — O que ele quer de mim?

— Quero que trabalhe duro para eles — ele diz.

— O que quer dizer?

— Você trate de mostrar para eles por que devem lhe manter vivo, porque neste momento eu tenho minhas dúvidas — ele responde.

Então sua cabeça explode e eu estou coberto de sangue e cérebro e fragmentos de crânio — uma gosma quente e úmida cobrindo todo o meu rosto e corpo.

— Aaaaaaargh! — era para ser um grito, mas por sorte não consigo emitir qualquer som. Ele partiu, mas a sujeira ainda está toda ali. Estou sufocando e tossindo e não sei onde fica a luz e estou com medo demais para me mexer por causa do que vou ver.

Então sinto um cheiro inequívoco e percebo que estou coberto com meu próprio vômito.

Uma luz se acende no andar de baixo e ouço a voz da Helen chamando: — Ty, Ty, isso foi você? — Eu não respondo. Não consigo falar, e depois de um tempo a luz se apaga. Posso ver um pouco melhor agora e vou até a porta procurar pelo interruptor. Consigo ouvir pedaços da conversa no andar de baixo.

— ... é só um trombadinha — diz Patrick. — Mas o que podíamos esperar? Louise obviamente vem enfeitando a verdade sobre ele há muito tempo.

— Ora, vamos, não podemos julgá-lo assim — diz Helen. — Dê uma chance a ele, pobre menino.

As vozes viram um murmúrio, e eu ligo a luz. Não tem ninguém comigo. Não tinha como ter alguém ali. Deve ter sido um sonho, mas tenho certeza de que estava acordado.

Vou até o banheiro e finalmente tomo o banho que tanto quis o dia inteiro. Enrolado em uma toalha enorme — na verdade a melhor toalha que

já senti —, investigo o que tem na minha mala. Doug fez tudo errado. Ele conseguiu ignorar meus pijamas e — típico — não colocou nada da minha gaveta de cuecas. Assim, nada para dormir nem para vestir amanhã. Tenho quatro jeans, algumas camisetas, três agasalhos com capuz, roupa para correr e nenhuma meia. Nada de escova de dente tampouco, embora a tinta para cabelo de quando eu era Joe continue na mala, porque nunca a tirei dela. Procuro no banheiro e encontro uma escova de dente de criança e uma pasta nojenta com gosto de chiclete. Enquanto escovo os dentes com espuma rosa, imagino que criança deve ter deixado a escova e a pasta lá.

Por sorte tenho meu iPod no bolso, e Doug não esqueceu o cachecol do Manchester United que meu pai me deu quando eu era bebê. Tiro-o da mala e passo a franja entre os dedos. Era como eu costumava dormir quando era pequeno. Mesmo não tendo uma boa opinião sobre o meu pai, ainda fico feliz de ter o cachecol.

Visto um short e decido por uma camisa para conservar as roupas limpas. Depois tiro a roupa de cama, juntando os lençóis sujos de vômito e o cobertor com minhas roupas sujas do dia. Não recomendo vômito de Mars Bars. É nojento.

Prefiro não incomodar Helen e posso dormir no beliche, mas penso que, se eu encontrar uma máquina de lavar e colocar essa pilha logo, posso poupá-la do trabalho e ainda terei ainda cueca limpa para amanhã.

E eu quero sair desse quarto para o caso de o fantasma de Alistair voltar.

Assim, desço as escadas nas pontas dos pés. A cadela-loba-monstra-*lassie* está roncando em uma cesta, e fico aliviado por ela não se mexer quando giro as maçanetas das portas e acho a cozinha. É enorme, mas não parece ter uma máquina de lavar. Estranho — com certeza pessoas ricas não vão à lavanderia —, mas então vejo que tem um quartinho lateral só para lavar roupas. Tem uma máquina de lavar e uma secadora, uma tábua de passar e um varal.

A máquina de lavar está cheia, então tiro as roupas úmidas e penduro tudo cuidadosamente no varal. Coloco os lençóis manchados e as roupas suadas para lavar. Vejo uma grande pilha de roupa para passar. Tem camisa e lenços e todo tipo de coisa. Eu não me incomodo de passar roupa. Quando

estava na St. Saviour, eu passava muita roupa em casa à noite. Ajudava a esquecer da droga de vida que eu levava.

Eles têm uma tábua de passar boa e um ferro da melhor qualidade também. John Lewis. Tenho certeza de que não vão se incomodar se eu fizer isso. Sou bom passador, modéstia à parte. Mas, à medida que a pilha diminui, me pergunto se o fantasma de Alistair vai achar que trabalhei o suficiente.

Termino de passar no momento em que a máquina de lavar para. Esvazio a secadora e coloco meus lençóis e roupas dentro. Dobro então as roupas secas. Não sei se Helen vai gostar de eu mexer nas roupas íntimas dela, mas seria estranho não fazer logo tudo, e eu venho lavando as roupas da minha mãe há anos.

Estou ficando com sono agora, mas quero esperar até tudo se secar para poder fazer a cama e ninguém precisar saber o que houve. Desligo a luz e, sento no chão de lajotas fresco e escuto o som monótono da secadora. Está tudo seguro por ora. Gosto desse quarto. É aconchegante e pequeno e seu propósito é deixar as coisas limpas e arrumadas.

Durmo um pouco, acordo por um instante, volto a dormir de novo. Penso em voltar para meu quarto, mas, antes que consiga me decidir, está ficando claro e um nariz macio e úmido encosta no meu pé. Fico o mais quieto possível. A cadela-loba me encontrou. Ela me cheira e funga e começa a latir feito louca, as patas deslizando e arranhando o chão ao disparar para fora do quarto. Fico imóvel, mesmo me sentindo gelado. Estou tremendo, pensando em como escapar antes que ela volte e me morda.

Mas, quando volta, ela não me ataca. Ela traz Patrick junto. Não sei se preferiria ser mordido. Ele está vestindo um roupão azul e bocejando e parece completamente confuso.

— O que diabos está fazendo aqui, menino? — ele pergunta. — Você vai congelar.

Queria poder continuar fingindo que estava dormindo, mas com a cadela latindo não dá, então me estico e digo: — Desculpe, devo ter adormecido. Ah, e, hã, desculpe por ter gritado com o senhor ontem.

— Bem, vamos esquecer isso — ele diz em uma voz meio grossa. — Levante-se, rapaz, você precisa se aquecer.

Registro que ele não pediu desculpas por desrespeitar minha mãe. Não consigo me levantar, pois a cadela continua cheirando meus pés e enfiando o focinho em mim.

— Está com medo dela? — pergunta Patrick, praticamente urrando, como se fosse algo totalmente bizarro ficar receoso com algo que possui dentes afiados como navalhas. — Ela só quer fazer amizade.

Tento parecer corajoso e ao mesmo tempo mostrar descaso, mas ele não se toca e não tira o animal selvagem da minha frente. — Você nunca viu um cachorro antes? Estica sua mão para ela cheirar. Isso. Agora passe a mão na cabeça e nas costas dela. Assim, viu? Agora ela gosta de você. Venha passear conosco de vez em quando e ela se tornará sua melhor amiga em um instante. — A cadela idiota está babando e espalhando germes em minha mão toda e poderia facilmente arrancar um de meus dedos com uma mordida.

— Eu não posso sair para passear. Louise disse que não posso sair da casa.

— Hmmm — faz Patrick. — É dureza. O dia todo, todos os dias, dentro de casa. É o bastante para enlouquecer qualquer um. Vá se vestir agora. Não queremos ficar olhando para o seu corpo o dia todo, não é, Meg?

Meg late na minha cara e eu levo um susto. Pego a roupa da secadora e dobro tudo, tentando protelar ter que subir novamente, mas talvez seja melhor arrumar logo a cama. Patrick está olhando em volta da lavanderia.

— Minha nossa, menino, você ficou acordado a noite toda passando roupa? — ele pergunta, como se fosse um crime passar algumas camisas. Entro em pânico e minto.

— Não, não fiz nada.

— Então quem foi, a fada passadeira?

— Eu não sei. Só lavei minhas coisas. — Sinto como se estivesse na sala do diretor, e minhas experiências recentes com diretores não foram nada

boas. De qualquer forma, ele sabe que estou mentido.

— Julie sempre foi uma passadeira excelente — ele diz. — Suponho que ela treinou você para seguir seu exemplo, hein?

Do que ele está falando? Por que minha avó passaria a roupa dele?

Devo ter mostrado que estava confuso, pois ele diz: — Você não sabia que Julie costumava ser nossa arrumadeira, babá e lavadora de mamadeiras campeã?

Ele está mentindo! — Minha avó era empregada de vocês? — pergunto, furioso. Minha avó trabalha na cantina da escola desde que me conheço por gente e antes disso trabalhava em uma lotérica, e antes ela tinha um ótimo emprego como... como... Não sei bem o que ela fazia.

— Faz bastante tempo — ele diz, me ignorando completamente. — Ela foi uma grande ajuda quando as meninas eram pequenas. Danny nasceu pouco antes de ela ter a Louise, então ela parou de trabalhar para nós, mas sempre vinha nos visitar. A gente morava em Highsgate na época, antes de mudarmos para cá. Danny e Louise eram amigos antes de Nicki soltar sua bomba... Bem, então, sua avó era uma ótima passadeira e seu avô, o melhor faz-tudo que já conheci.

Meu avô Mick *não era* um faz-tudo. Ele era mestre carpinteiro. Ele trabalhou no Parlamento. E a “bomba da Nicki” só podia ser eu. Porcaria!

— Eu vou me vestir — digo, com a maior dignidade possível, considerando que estou praticamente nu, que acabo de contar uma mentira óbvia sobre não passar a roupa, que minhas pernas estão sendo lambidas por uma cadela maluca e que sou descendente de piranhas e escravos.

Ao subir as escadas, fico grato por não encontrar com Helen e por não aparecer nenhum fantasma em meu quarto enquanto tomo outro banho para me aquecer, me visto e arrumo a cama. No bolso do meu jeans encontro os dois bilhetes de Claire. Releio os dois e indago se haverá algum computador na casa. Sinto-me mal, pois tanta coisa aconteceu ontem que eu mal pensei nela.

Estou faminto. Desço as escadas e volto para a cozinha, onde Helen e Patrick estão comendo torradas e tomando café. O cheiro é delicioso.

Helen pula da cadeira, coloca pão para torrar e me serve café. Estão os dois olhando para mim com caras esquisitas, e eu perco o apetite na hora. Ninguém diz nada. Mordisco a torrada e começo a imaginar o quanto devem ter ficado transtornados com meu nascimento. Ninguém quer que o filho seja pai antes de ele passar no vestibular, não é? Aposto que queriam que eu nunca tivesse acontecido. Estou louco para sair desta casa, dar uma corrida, mas isso não é permitido.

Helen rompe o silêncio.

— Ty — ela diz, hesitando. — Patrick me disse que encontrou você aqui embaixo, dormindo. Houve algum problema?

— Hã, eu precisava lavar umas roupas. Não tinha a intenção de dormir, mas caí no sono. É um quarto aconchegante a lavanderia.

— É? — Ela obviamente acha que eu sou demente. Talvez eu seja.

— Se prefere lavar sua própria roupa, pode fazê-lo quando quiser — ela diz. — Mas não precisa se preocupar em ajudar. Você é nosso hóspede.

— Hã, tudo bem. Às vezes eu gosto de fazer eu mesmo.

Eles trocam olhares. Patrick diz: — Vou levar Meg para passear. — A cadela levanta as orelhas e corre até ele, latindo loucamente e me irritando. Mas tenho que admitir que ela é um animal bem inteligente, que entende o que é dito. Aposto que gostaria mais de correr comigo do que de andar com o velhote.

Depois que os dois saem, Helen me serve mais uma xícara de café e faz mais torrada. Ela ainda quer falar mais sobre a roupa suja.

— Olha, Ty, eu posso lhe mostrar onde tem lençóis e tudo mais se precisar trocar a roupa de cama... Quer dizer, se voltar a ter problemas... Você não precisa lavar roupas no meio da noite. Tenho até um protetor de colchão em algum lugar.

Ela acha que eu faço xixi na cama. Que ótimo!

— Não foi esse tipo de problema. Eu vomitei. E o policial idiota que fez minha mala não colocou cuecas ou meias nem nada, então fiquei sem roupas para usar hoje.

Ela parece preocupada e aliviada ao mesmo tempo. — Estou por aqui se você se sentir mal ou se precisar de qualquer coisa. Pode me acordar a qualquer hora. Não quero nem imaginar você dormindo no chão frio. E é claro que podemos comprar o que você precisar. É só fazer uma lista.

É claro que pode, não falta dinheiro aqui. Se eu de repente perdesse metade das minhas roupas em Londres, minha mãe e eu entraríamos em uma séria crise financeira. E isso porque nunca recebemos um centavo do idiota do filho dela.

— Obrigado — eu digo, mas sem sinceridade. Ela me dá um bloco de notas e eu escrevo o que preciso.

Terminamos de comer, então tiro a mesa e procuro pelas luvas de borracha, mas ela diz: — Vai tudo para dentro da lava-louças — então coloco tudo dentro da máquina. Neste momento me lembro das roupas que coloquei no varal, vou até a lavanderia e pergunto: — Quer que eu termine de passar a roupa para você?

— Você quer mesmo? — ela pergunta, e eu faço que sim. Quando Patrick e Meg chegam e ele vê o que estou fazendo, ele olha para Helen, ela balança a cabeça e encolhe os ombros. Eu me concentro ainda mais na tarefa.

CAPÍTULO 5

Claire

Ninguém fala de meu pai. A única vez que alguém o menciona é no dia em que tinjo meus cabelos de preto, como Louise mandou, e Helen quase se engasga com o chá: — Ora essa, você realmente se parece com Danny. — Acho que ela espera que eu fique feliz e entusiasmado e faça um monte de perguntas, mas não digo nada.

Tenho cuidado cada vez mais da limpeza. Isso me mantém longe deles. Às vezes eles ficam um pouco surpresos com o quanto gosto de trabalhar — tirando todas as panelas do armário, por exemplo, para deixar tudo brilhando —, mas ninguém reclama. Helen chega até a comentar como é bom eu ser tão prestativo, pois ela teve que dispensar a faxineira enquanto eu estiver com eles. Acho que podiam arrumar uma faxineira melhor, de qualquer jeito. Se olhar direito, tem um bocado de sujeira escondida sob a mobília e no fundo das prateleiras.

Patrick foi na Marks and Spencer e comprou cuecas, meias e pijamas para mim. Depois foi na GAP e comprou um monte de roupas que não seriam minha escolha preferida, mas a maior parte é legal. Não consigo me ver vestido nelas.

Durante as refeições fica um silêncio constrangedor. Como o mais rápido que posso e vou para a pia lavar a louça assim que possível. Helen tenta falar comigo sobre a escola e outras coisas, mas eu pareço não ter muitas palavras no momento, por isso só balanço a cabeça, falo monossílabos ou encolho os ombros. Ela acaba desistindo.

Patrick passa a maior parte do tempo no escritório dele, e é lá que fica o computador. Ainda não perguntei se posso ver meus e-mails. Procuro evitar cruzar o caminho dele, pois ainda não superei nosso início ruim e ele está sempre com a cadela. Não gosto da forma como ela olha para mim, como se esperasse o momento para atacar.

Alistair só aparece em algumas noites. Fica de pé em frente a minha cama, olhando em silêncio para mim, e não consigo dormir com ele ali. Mas também não consigo dormir quando não está ali, pois fico esperando para ver se vai aparecer ou não. Então geralmente passo o dia cansado e com o corpo todo dolorido. Estou sempre à espreita dele pelo canto dos olhos, e tem hora que me dá uns tiques nervosos.

Passam-se três dias até eu ter uma chance de chegar ao computador sem que me vejam. Patrick está passeando com Meg. Helen está no telefone com alguém e eu entro escondido no escritório para ver se ele deixou o computador ligado. Ele deixou. Ótimo! Abro minha caixa de mensagens e tem três e-mails não lidos. Devem ser todos de Claire.

Há algumas semanas eu enviei um e-mail totalmente idiota para ela. Não sei o que deu em mim. Disse a ela que tinha ferido Arron no parque, mas não contei os detalhes. Foi como um momento de desafio — um teste para ver o que ela faria. Quanto ela me amava? Passei a semana seguinte em agonia, desejando poder desfazer tudo. Então ela me escreveu e simplesmente ignorou o que eu disse. Acabei pensando que talvez tivesse enviado para o endereço errado e que esse e-mail com palavras tão perigosas — *Sou um mentiroso. Estou mentindo para a polícia.* — pode estar flutuando por aí, pelo ciberespaço.

Seja como for, a primeira mensagem é só notícia sobre a escola, a família dela, coisas assim. Pelo que diz, meu amigo Brian está namorando a Emily, de quem ele gosta há tempos e que sempre esteve fora de seu alcance, então essa é uma notícia e tanto.

O segundo e-mail foi escrito há dois dias:

Soubemos do Alistair. Não sei por onde começar. Em primeiro lugar, você está bem? Onde você está? O que aconteceu com você? Estou com tanto medo de você ter se ferido quando atiraram nele. Ele estava com vocês, não estava? A polícia disse a Ellie que erraram o alvo e que ele estava na casa da namorada. Eu sei que ele estava saindo com sua mãe, não estava? Mas como ele soube onde vocês estavam? Não estou entendendo nada, mas estou com tanto medo de você estar machucado. Por favor, me escreva.

Alistair era um cara legal, sabe? Ele era um excelente treinador para Ellie e ela está arrasada, chorando o tempo todo. Ela e as amigas ficam sentadas o tempo todo falando dele. Ninguém consegue acreditar.

Claro, ninguém fala isso, mas eu posso falar para você, ela também está preocupada com o que isso significa para suas perspectivas nas Paraolimpíadas, e agora ela vai ter que conseguir um novo treinador. Não é tão fácil encontrar alguém que realmente entenda atletas com deficiência ela diz. Ellie está bem amargurada e reclama muito que as Paraolimpíadas não têm a mesma importância das Olimpíadas.

Bem, eu só queria saber de você. Você está bem? Está seguro? Me avisa.

E então, o terceiro e-mail, escrito ontem:

Joe, estou tão preocupada com você que está ficando insuportável. Estou tentando muito manter nosso pacto e não me machucar, mas sinto todo esse pânico crescendo dentro de mim. Estou tentando ser forte, mas é difícil e eu preciso falar com você porque desde que me enviou aquele e-mail eu não sei mais quem você é.

Que droga! Meu coração está acelerado e eu estou com tanta raiva de mim mesmo por escrever aquele e-mail e pelo que quer que eu tenha feito que fez com que Alistair fosse morto e por ter estragado tudo a tal ponto que não pude ficar onde estava e ser Joe e cuidar de Claire. Clico em *Responder* e começo a escrever.

Claire, estou bem e você não deve se preocupar comigo. Posso explicar tudo. Só o que quero é que você —

— Creio que esta seja minha cadeira e este seja o meu computador — diz uma voz seca vindo da direção da porta. Droga. É Patrick de volta e Meg está rosnando aos seus pés.

— Não demoro nada — digo e continuo digitando o mais rápido que posso: *N*ão se machuque, *fale com alguém, pf Claire, talvez possa ligar —*

— Basta! — urra Patrick, e eu clico *Enviar* e saio da minha conta rapidamente enquanto ele marcha até a cadeira e se debruça sobre mim. Ele está franzindo tanto o cenho que suas sobrancelhas parecem dois hamsters se comprimindo juntos com medo de uma tempestade.

— Não é que me incomode você usar o computador — ele diz —, mas você devia pedir permissão, não esperar até eu sair para se servir.

Qual é o problema dele? É só um computador, pelo amor de Deus! Devia ficar contente por eu ter esperado ele sair. Por que precisa ficar tão zangado e feroz e tudo o mais?

— Achei que você não iria se incomodar.

— Você não tem limites — ele diz. — Precisamos estabelecer algumas regras enquanto estiver aqui.

Mal consigo me concentrar enquanto ele fala sem parar, porque estou tão preocupado com Claire. Ele está falando sobre fazer um esforço, pedir permissão, respeito à privacidade, minha própria segurança e só o que consigo pensar é como conseguir o número de Claire, pois tive que entregar o celular de Joe quando parei de ser ele; como posso ligar para ela?

Tem um número que você pode chamar para conseguir informações de números de telefones. Ouvi falar disso no rádio, mas eu não tenho um celular.

— Então isso não vai voltar a acontecer? — pergunta Patrick, e eu balanço a cabeça e digo: — Não, eu vou pedir permissão antes. — Ele faz um gesto de aprovação e fala: — Está bem. Agora preciso usar o computador, então pode procurar alguma coisa para fazer?

Vou até a cozinha e dou uma olhada na lavanderia para ver se apareceu mais alguma coisa para passar por mágica, mas não, já passei tudo. Coloco limpador em uma esponja e passo no balcão e depois fico me perguntando se não será cedo demais para limpar o chão de novo. Limpei tem uma hora apenas, mas a cadela provavelmente já entrou aqui e deve estar coberto de bactérias.

Então vejo a bolsa de Helen aberta em cima da mesa.

Chego mais perto. Posso ver seu celular brilhando para mim, azul metálico. Eu quero, eu preciso dele. Enfio a mão na bolsa e pego o celular. Ela é minha avó, afinal de contas. Vovó nunca se importou de eu pegar emprestado as suas coisas e sempre me senti à vontade para pegar dinheiro na bolsa da minha mãe, senão eu teria morrido de fome. Tenho certeza de

que não terá problema e ela nem vai saber, pois vou só ligar rapidamente para Claire e depois devolvo. Ela nunca vai saber. De qualquer forma, é um direito humano básico ter acesso a um telefone, não é?

Subo correndo para meu quarto no sótão e me tranco dentro do banheiro, escondido atrás da cortina do chuveiro. Ninguém vai me achar aqui. Disco o número 118 e dou o endereço de Claire e seu sobrenome. Então fico sem ar de tão ansioso quando eles falam que vão completar a ligação e escuto o telefone tocar e imagino Claire escutando-o em seu quartinho de sótão também. Só que eu sei que a mãe dela a fez mudar para o andar de baixo depois que descobriram que ela estava se cortando.

— Alô? — É Ellie quem atende ao telefone e, por um instante, penso em dizer que sou eu para ouvir ela me dar uma levantada no ânimo. Então penso como ela deve estar mal por causa de Alistair e digo: — Posso falar com Claire, por favor?

— Quem é?

— Hãã, é Brian. É sobre nosso trabalho de inglês.

— Ah, oi, Brian. Vou chamar — diz Ellie, e tem um silêncio em que penso como é estranho que há apenas alguns meses Claire não tinha amigo algum e agora parece completamente normal ela receber telefonemas de meninos.

Na verdade, Ellie pareceu achar absolutamente normal que Brian estivesse ligando para Claire. E se a história dele com Emily for tudo uma mentira — vamos falar a verdade, parece mesmo extremamente improvável — e ele e Claire estiverem namorando e ela não quiser me dizer? E se... Mas ela atende ao telefone.

— Alô? Brian? — ela diz, e eu abro a boca para falar, mas estou engasgado de tanto ciúme e amor.

— Brian? — ela fala de novo e eu consigo coaxar: — Sou eu, Joe.

— Ah — ela guincha, e eu fico imaginando se ela está chocada por eu ter descoberto que ela está me traindo.

— Eu pensei que... seu e-mail...

— Precisamos conversar — ela diz. — Preciso ver você.

Precisamos conversar. Não foi o que Ashley disse quando terminou comigo?

— Eu não posso... Não posso ir a lugar algum.

— Ah, Joe, estou totalmente em choque por ouvir sua voz. Você está bem? Tenho andado tão preocupada com você.

Tem um bolo na minha garganta que parece que engoli Sonic the Hedgehog.

— Eu estou bem. Não precisa se preocupar comigo.

— Vou lhe mandar uma lista de todas as corridas da Ellie. Posso facilmente acompanhá-la em qualquer uma delas. Talvez tenha uma perto de onde você está e poderemos nos encontrar?

Não acho isso muito provável, já que não faço a menor ideia de onde estou e não posso sair.

— Está bem, eu vou tentar.

— Ah, eu sinto tanto a sua falta — ela diz, e estou começando a relaxar e a me sentir feliz e me lembrando de como é olhar nos olhos azuis dela e me sentir plenamente amado quando ouço um barulho. Pés subindo atropeladamente as escadas para o meu quarto. Gritos. Então alguém, ou alguma coisa, mexendo na maçaneta da porta do meu banheiro. Droga! Quem diabos pode ser? Não parece ser Patrick. Nem Alistair.

— Preciso ir — sussurro, e ela diz: — Tente ligar de novo.

— Está bem. — Então começam a bater na porta e eu termino a ligação antes de conseguir dizer adeus direito. Enfio o celular no bolso de trás e abro a porta com certo nervosismo.

A porta é escancarada. Não é Patrick. Não é Alistair. É um menino. Ele deve ter uns treze anos.

E se parece tanto comigo que podíamos ser gêmeos.

CAPÍTULO 6

Cachinhos Dourados e Bebê Urso

— Você andou dormindo na minha cama — ele me acusa, como se eu fosse Cachinhos Dourados e ele, o Bebê Urso. Um Bebê Urso muito chique que provavelmente estuda na versão dos ursos da Eton[2] e que está pensando em meter uma ordem de restrição de aproximação em cima da Cachinhos Dourados.

— Hãã... ééé... — respondo. Deve ser algum primo meu. A não ser que — essa não! — meu pai tenha feito outro filho logo depois de mim e este seja meu meio-irmão. Não pode ser. Cristo! Ele deve ter aprendido a evitar deixar as garotas grávidas depois que eu nasci. Eu com certeza teria tratado de me tornar um especialista mundial no assunto. Se bem que minha mãe tem trinta e um anos e obviamente ainda não domina a coisa.

— Quem é você? — ele exige saber.

— Hãã, ninguém — digo, sem convicção. — Eu, hãã, estou ajudando com a limpeza.

— Ah. — Ele perde o interesse em mim na mesma hora. Dá para ver seus olhos como que se desligando. Ele me arquivou na aba *Empregado* e decidiu que não vale a pena me conhecer. Por mim, tudo bem.

— Bem, eu vou dormir aqui. Sempre durmo. Vai ter que tirar suas coisas. Vovó troca a roupa de cama para mim.

Nenhum moleque mimado vai me dizer o que fazer mesmo que seja meu irmão. Ele não se parece tanto assim comigo agora que o vi melhor. Seus olhos são azuis, não verdes — deve ser ele o alienígena com o cavalo de pelúcia na foto da Helen —, e seus cabelos são castanho-escuros, algo entre o cabelo preto do Joe e o louro manchado de Tyler.

— Eu acho que não — digo, em tom de descaso. Sento-me na cama e ligo o iPod.

Ele fica furioso e sai correndo escada abaixo de novo. Espero até ele chegar quase no térreo e sigo-o até o topo da primeira escada para ouvir o que acontece.

— Vovó! — ele grita. — Tem um faxineiro no meu quarto e ele está dormindo na minha cama.

Dou uma espiada e consigo ver a sala de estar, onde Patrick e Helen estão de pé. Estão conversando com uma mulher alta e comprida, de cabelos castanhos e usando óculos. Ela deve ser Mamãe Urso, penso, embora não haja sinal de Papai Urso em parte alguma. A expressão no rosto do Patrick é sensacional — suas sobrancelhas pulam como dois hamsters em um trampolim e sua boca se contorce como se estivesse comendo limões picados. Começo a rir e tenho que tapar a boca com as duas mãos.

Helen parece bastante perturbada: — Archie, estávamos falando com sua mãe. Fico feliz que tenha conhecido Tyler, mas há muito que explicar...

A mãe de Archie ergue a cabeça e diz: — Tyler? Tyler está aqui? Como pode? O Danny sabe?

— Ainda não — diz Patrick, o que é uma notícia bastante interessante para mim.

— Mas certamente... — ela começa, mas Patrick a interrompe: — Olha, Penélope, é uma situação delicada. A última coisa que queremos é o Danny vindo aqui e criando uma cena.

— Mas o que é que está acontecendo? — ela pergunta, e Patrick olha para Archie, que está agora fazendo a maior festa em Meg em um canto e se lambuzando todo de baba de cachorro no rosto — e diz: — Melhor você vir até o escritório comigo e eu explico a história toda.

Eles saem e posso ouvir Helen falando com Archie e explicando a ele que não sou um faxineiro e sim seu primo há tanto tempo sumido — hã —, e que vai ser legal a gente se conhecer. Ela vem até as escadas e me chama, então não tenho escolha senão ser apresentado oficialmente.

— Archie deve passar um tempo aqui com a gente — diz Helen. — Não é ótimo?

— Ah, hã. Não tem problema? — pergunto. Louise não vai gostar nada disso.

— E você vai ter que trocar de cama — diz Archie —, porque a grande é onde eu durmo.

Faço uma cara ameaçadora, que é para acabar com qualquer ilusão que ele tenha de que vai poder mandar em mim, mas não faz o menor efeito.

— Vovó, diga a ele que ele tem que fazer o que eu mando — ele diz, e Helen fala: — Bem, você se importaria, Ty? O beliche é muito confortável, e Archie realmente sempre dorme na cama de ferro.

Inacreditável. Ela vai deixar que ele me expulse da minha cama sem sequer um por favor ou obrigado.

— Como quiser — respondo, encolhendo os ombros com pouco caso, mas juro que vou ensinar ao pequeno Archie o que é respeito. Então me toco do que isso quer dizer. Ela espera que a gente fique no mesmo quarto.

— Quanto tempo Archie vai ficar? — pergunto. Obviamente ele vai a alguma escola particular de alto nível. Talvez fique apenas uma parte das férias e depois vai embora.

— Bem — diz Helen, e Archie levanta o rosto e diz: — Na verdade, eu fui expulso, e mamãe tem que achar outro internato para mim.

— Você foi expulso? Por quê? — Isso é preocupante. Ele pode ter que ficar aqui para sempre; mas é engraçado também, embora não para Helen. Ela parece um tanto contrariada.

— Por nada demais — diz Archie, o que me faz achar que deve ter sido algo patético a que só mesmo um colégio interno idiota daria importância. Provavelmente deu uma festa à meia-noite, ou se recusou a respeitar o monitor da turma, ou saiu depois da hora para comprar balas de goma na mercearia.

Ele vê que não estou impressionado. — Na verdade, mandei um strippergrama para o aniversário do prefeito da casa," ele diz, todo

orgulhoso, e Helen fala: — Já chega. Você caiu em desgraça e devia se envergonhar disso. Agora subam e resolvam-se. Tem certeza de que não se importa sobre a cama, Ty.

A conversa no escritório está subindo de tom. Nós dois damos uma pausa na escada ao passar, então paramos no primeiro lance e nos debruçamos sobre o corrimão para ouvir. Estamos tentando ignorar um ao outro. Por sorte, Helen bate à porta do escritório com uma bandeja de chá e ela não fecha bem ao entrar.

— Então não é seguro para o Archie ficar aqui — Patrick está dizendo —, além de todo o trabalho que significa ficar com os dois. E não sei se podemos confiar que eles vão se comportar bem.

— Ora, bobagem, eles vão fazer companhia um para o outro — diz Helen. — Vai ser bom para o Ty ter outro menino aqui. Ele também não dá trabalho nenhum. Passa a maior parte do tempo limpando e passando roupa.

Archie olha para mim quando ela diz isso, e tenho certeza de que está rindo por dentro.

— Você está exagerando o perigo, tenho certeza — diz a mãe do Archie. — Não há provas de que esse incidente teve qualquer coisa a ver com o pobre do Ty, há? Se o sujeito era namorado da Nicki... Bem, sabemos pela Louise que ela teve um monte de namorados barra-pesada na sua época, não é?

Minha boca está escancarada. Que porcaria! Que conversa é essa? O que a Louise andou dizendo? Faço um esforço enorme, mas consigo me controlar e não descer correndo para gritar com ela.

— De qualquer jeito — ela continua —, não tenho escolha. Tenho uma reunião em Chicago na semana que vem, depois vou para o Brasil e David vai estar ocupado com uma aquisição em Dubai até meados de dezembro. A babá da Marina disse que está atarefada demais com os gêmeos, então não posso deixá-lo com ela, e Elizabeth não tem espaço. Mandei minha secretária ligar para várias escolas, e tenho certeza de que vamos encontrar uma que o aceite.

— Um lugar com um pouco mais de disciplina — diz Patrick, e ela responde: — O problema, papai, é que ele é tão inteligente que dá volta na maioria dos professores.

Eu olho para Archie. Ele está com uma expressão insuportavelmente convencida estampada no rosto.

Então a mãe dele diz: — Mas e quanto ao *Danny*? Ele tinha que saber o que está havendo aqui. Ele vai ficar louco quando descobrir. — E nessa hora a porta se fecha de novo.

Archie corre escada acima para o quarto e eu sigo mais devagar. Não acredito que minha privacidade vai ser invadida. Agora nunca vou conseguir dormir. E se ele roncar, ou soltar puns? E quanto ao Alistair? Vou ter que dizer a Helen que não dá pra mim.

Ao abrir a porta do quarto, vejo Archie arrancando os lençóis da cama e jogando os travesseiros em cima do beliche. Sob os travesseiros está o pijama que Patrick comprou para mim, e dobrado embaixo dele está meu cachecol do Manchester United. Tenho mantido ele ali nas últimas noites porque preciso dele quando estou esperando Alistair aparecer, ou quando ele fica olhando para mim, ou quando ele desaparece. É algo que posso tocar e que me acalma. Não é da conta de ninguém.

Archie vê o cachecol e o apanha, dando uma risada de escárnio. Você usa isso na cama? Deve ser fanático mesmo. Tem chinelos do Wayne Rooney também?

Ele para de rir quando o empurro para cima da cama — minha cama —, enfio os joelhos no peito dele e seguro sua garganta com uma mão ao mesmo tempo em que puxo seus cabelos com a outra até o canto de um olho se levantar. — Tire suas mãos imundas de minhas coisas — eu rosno. Ele engasga e se contorce sob meu peso. É forte, mas eu sou mais.

— Entendeu? — pergunto, e ele faz que sim com a cabeça, então eu o solto. Ele tosse e respira fundo enquanto dobro meu cachecol cuidadosamente e o guardo em minha bolsa. De repente o moleque pula nas minhas costas e me dá uma chave de pescoço, tentando me enforcar.

Pelo amor de Deus! Eu fico de pé, carregando-o como se estivéssemos brincando de briga de galo. Viro o corpo e o imprenso violentamente contra a parede. Ele afrouxa a pegada e se solta de mim, mas aí agarra meu tornozelo e me derruba com um estrondo ao lado dele. Logo vem para cima de mim e estamos rolando pelo chão, batendo na casa de bonecas e no cavalo de balanço. São coisas bem dolorosas de esbarrar.

— O que está havendo aqui? — diz Helen, e ambos nos soltamos imediatamente e ficamos de pé. Estou pronto para dizer que não foi nada, mas Archie começa: — Ele me atacou, vovó. Tentou me estrangular e puxou meu cabelo e me machucou...

Eu abro a boca para dizer o que penso de seu precioso neto.

E justo nessa hora o telefone dela resolve tocar no meu bolso de trás.

CAPÍTULO 7

Desculpas

Tento ignorar o som — poderia estar vindo de qualquer lugar — enquanto Helen diz, intrigada: — O que o meu celular está fazendo aqui em cima? Podia jurar que estava na minha bolsa... Vocês o viram, meninos? — Por sorte ele para de tocar, mas depois de um instante emite um *ping*, indicando que alguém deixou uma mensagem de voz. Archie abre a boca em espanto e diz: — Isso veio de você. Aaaah, você escondeu o celular dela!

Então não tem outro jeito senão tirá-lo do bolso e dizer: — Eu não sei como foi parar aí... — Então ele toca de novo e ela não pode dizer nada porque está ocupada atendendo a ligação.

— Ah — ela diz —, acho melhor... Acho melhor eu ligar de volta mais tarde.

Imediatamente me convenço de que é meu pai ao telefone. É a maneira como ela olha para mim — como se não soubesse o que fazer. É um olhar que eu reconheço, porque é como eu me sinto com frequência. O rosto de Helen é parecido com o meu, o que é estranho, pois ela tem quase setenta anos e é uma mulher.

Fico curioso por que não contam ao meu pai que estou aqui. Do que eles têm medo? Será que ele é violento? O que será que teria acontecido se ele tivesse ligado e não tivesse ninguém no quarto e eu visse o nome dele na tela?

Ela desliga o telefone. Archie está sorrindo feito um imbecil e formando as palavras: — Você está encrencado — para mim. Helen está com uma expressão perturbada no rosto. Acho que prefiro lidar com Patrick a encarar Helen. — Vou descer — digo, virando as costas para eles e descendo as escadas.

O pior que Patrick pode fazer é gritar comigo. Não acho que vai me bater ou jogar o cachorro em cima de mim se eu assumir logo o que fiz e pedir desculpas. E não tem muito o que ele possa fazer para me punir. Estou proibido de sair e nem sequer tenho um telefone que ele possa tirar de mim. Já enfrentei coisa pior do que um velho gritando comigo.

É só que não estou no meu melhor momento agora.

Ele ainda está falando com a mãe de Archie no escritório. Bato na porta e a empurro, tentando fazer cara de durão e de que nada é capaz de me afetar.

— Sim? O que quer? — ele pergunta, rispidamente.

— Eu, hã, queria lhe contar uma coisa.

— Sim? Fala logo.

— Hãã, em particular.

A mãe de Archie diz: — Vou deixar vocês conversarem. Preciso dar uns telefonemas também. Tyler, foi maravilhoso finalmente conhecer você. Mais tarde poderemos conversar um pouco, espero. — Ela se atrapalha, sem saber se me dá um beijo, mas por sorte decide ao contrário quando limpo o nariz na manga da camisa.

Uma vez a sós, Patrick se senta em uma poltrona e me indica outra. É uma sala ampla — como todos os cômodos nesta casa enorme —, e estamos sentados em frente a uma lareira com fogo de verdade queimando nela. Nunca vi uma lareira acesa antes, e é meio que hipnótico observar o fogo. Fico com vontade de colocar minha mão nas chamas para ver se é de verdade mesmo. Meg senta nos meus pés. É quente e pesada, mas estou tão nervoso que é até legal sentir seu pelo macio contra a minha perna.

— Então, o que você queria me dizer? — pergunta Patrick. Sua voz está menos severa agora e eu queria ter outro assunto para tratar com ele. Patrick se parece um pouco com Sir Alex Ferguson, exceto que o Patrick é refinado e inglês, enquanto Sir Alex é rude e escocês. Sir Alex grita com os jogadores do Manchester United o tempo todo — chamam de entrar no secador de cabelo —, mas parece dar certo assim.

Só que, quando Wayne Rooney entra no secador, obviamente teve dias em que Sir Alex disse muitas coisas boas para ele, como: — Muito bem, Wayne, você jogou muito na final do campeonato. — Patrick nunca disse nada parecido para mim.

— Eu... hã... queria... hã... confessar.

Suas sobrancelhas se erguem.

— Quer que chame o Padre Delaney? — ele pergunta.

— Não... — Estou me sentindo um idiota. Claro que eu não quis dizer esse tipo de confissão. Esqueci que eles devem ser católicos também. — Eu queria contar que peguei o celular da Helen e usei sem pedir permissão. E eu puxei o cabelo do Archie.

Ele tira o lenço do bolso e dá uma tossida. Talvez esteja resfriado.

— Quando você pegou o celular e por quê? — ele pergunta.

— Agora pouco. Eu ia colocar de volta, juro, mas ele tocou no meu bolso e ela percebeu.

— Então, logo em seguida a nossa conversa sobre pedir permissão antes de usar o computador, você foi e pegou o celular?

— Hãã, é que eu precisava fazer uma ligação urgente.

Ele aponta um dedo para mim. — E quanto a pedir permissão? E quanto à sua segurança?

— Achei que diriam não. Na verdade, eu não cheguei a pensar, mas, se tivesse, é o que teria pensado.

— Da próxima vez pense e peça. Para quem você ligou?

— Só uma amiga — respondo. Ele levanta uma sobrancelha, mas mantenho a boca fechada e ele não insiste.

— Não faça isso de novo — ele fala. — Pense na segurança de todos nós, mesmo que não se importe com a sua própria.

Suspiro. Tenho quinze anos. Já tenho meu próprio celular há quatro anos. Eu me pergunto se estou recuando na vida em vez de avançando.

— Depois falamos mais disso — ele diz. — Agora, quero saber por que meus netos estão puxando o cabelo um do outro. Na minha época só as meninas brigavam assim.

Ninguém me chama de menina. — Eu poderia ter dado um soco nele, mas, da última vez que fiz isso com alguém, eu quebrei o nariz de um menino — digo, elevando a voz. — Mas terei enorme prazer em bater nele da próxima vez. — Meg enfia o focinho na minha mão, então sou obrigado a coçar as orelhas dela.

— Não precisa gritar. Não sou surdo — diz Patrick. — Infelizmente, estou certo de que haverá uma próxima vez. Mas tente minimizar a violência. Vai deixar a Helen nervosa e eu não quero isso. De quem era o nariz que você quebrou e quais foram as consequências?

— Hãã, Carl. Era um garoto na minha última escola. Eu fui suspenso e depois tivemos que arrumar o armário de achados e perdidos juntos. Chama-se “justiça reparativa”. — Patrick fica enormemente interessado e faz um monte de perguntas sobre justiça reparativa. Então ele pergunta: — E por que você bateu nele?

— Ele tentou me afogar na piscina — e preciso explicar tudo sobre as lentes de contato que usava como parte de meu disfarce quando era Joe e por que era tão perigoso Carl me dar um caldo na água e ainda que ele tinha quebrado minhas costelas mais cedo me chutando.

— E Archie? Que crime hediondo ele cometeu que você precisou castigá-lo puxando seu cabelo? — ele pergunta quando finalmente paro de falar.

Meg está deitada no chão agora e rola para eu coçar sua barriga. Seu pelo é macio como seda e eu não estou nem um pouco preocupado com germes.

— Ele estava jogando minhas coisas da cama para o beliche. Estava mexendo em minhas coisas, coisas que não são dele e que não devia tocar.

— Vou falar com ele — diz Patrick.

— Ele tem que ficar?

— É o que parece — diz ele. — Acho que pode ser interessante você e Archie se conhecerem. Os dois cresceram sem irmãos ou irmãs.

— Eu não quero ficar íntimo dele.

— Parece que vocês não têm escolha. Mas vocês podem ter mais em comum do que pensam.

Eu acho que não tenho nada em comum com aquele moleque mimado.

— Ty — ele diz. — Eu sei que você acha que estou sendo ditatorial com o computador e o celular e lamento que não esteja se sentindo perfeitamente à vontade, mas Louise disse claramente: nada de contato com ninguém. E, pelo que sei de adolescentes e internet, prefiro que evite salas de bate-papo duvidosas e *downloads* ilegais.

— Sim, mas...

— Imagino que, com todas essas mudanças radicais em sua vida recente, seja compreensível que você se comporte... como vou dizer... de forma indisciplinada, que comece a bater nas pessoas e pegue coisas que não lhe pertencem e assim por diante, porque, comparando com todas as coisas que viu e experiências que sofreu, nada parece ter muita importância. Entende o que estou dizendo?

Não tenho certeza. Fico concentrado nas orelhas macias de Meg. Ele tem razão de que as coisas fugiram um pouco do controle quando eu era Joe, mas não vejo aonde ele quer chegar.

— Acho que você precisa que eu estabeleça limites bem definidos — ele diz. — Pelo que a Louise me disse, nem Nicki nem Julie foram muito firmes com você. Alguma vez alguém lhe disciplinou?

Não sei exatamente o que ele quer dizer com isso. Ele vai bater em mim? Vovó nunca me deu uma bronca, mas ela não tinha por quê. Eu ia para seu apartamento e comia o jantar, fazia meu dever de casa e assistia televisão. O que poderia acontecer? Nicki explodia comigo aleatoriamente, mas era raro, e eu aprendi a ficar na minha e falar o que ela queria ouvir. Essa mesma política funcionava bem na escola também. Arron costumava rir de mim porque eu era um menino tão bem comportado.

Teve um namorado de minha mãe, Chris, o bombeiro hidráulico, que dizia que eu precisava de uma mão mais firme e mais disciplina. Ele costumava mandar em mim e gritar e eu tinha medo dele. Uma vez, eu me lembro, saímos para passear com ele e, voltando para casa no carro, ele ficou zangado. — Migalhas no maldito estofamento! — e ele não parava de gritar, então senti algo quente na perna; eu tinha urinado nas calças. Eu só tinha uns cinco anos.

Nicki olhou para trás, viu meu rosto e disse: — Tenho uma ideia, Chris, vamos deixá-lo com minha mãe e aí podemos nos divertir só nós dois. — Quando chegamos à casa da vovó, ela empurrou o mapa rodoviário do Chris para cima do pedaço molhado no banco, então correu comigo até a porta e disse: — Mãe, pode ficar com ele o fim de semana? Obrigada. — E correu de volta para o carro. Vovó teve que me lavar para a aula de salsa dela, porque não conseguiu uma babá. E eu nunca mais vi o Chris.

Depois daquilo, minha mãe não me apresentava muito aos namorados dela. Quando estava com alguém, geralmente me mandava para a casa da vovó. Às vezes eles nem sabiam de mim, e em outras ela dizia que eu era irmão dela. Eles nunca duravam muito, de qualquer forma.

Patrick se levanta da poltrona e paira sobre mim. É como olhar para um gigante. — Vou dar uma palavrinha com Helen e Archie. Depois quero que peça desculpas aos dois — ele diz. — Acha que consegue fazer isso?

Pedir desculpas ao Archie? Ao *Archie*? Ele deve estar brincando. Mas ele sai antes que eu possa reclamar.

Fico olhando para o computador, imaginando se Claire já respondeu alguma coisa. Não vai ser a coisa mais inteligente do mundo se tentar olhar agora — quando a mãe do Archie entra. Ela está sorrindo, e vejo que não tem como fugir dela.

— Então, Tyler — ela diz. — Sentimos tanto a sua falta esses anos todos.

Ah, é? Ninguém veio me procurar.

— Seu pai em especial. Ele vai ficar feliz em revê-lo. Pobre Danny, tem sido muito difícil para ele.

Difícil para ele? E quanto a mim? Tenho que morder a língua para não dizer nada.

— Meus pais não têm muito contato com ele, mas você não gostaria de vê-lo novamente? — ela pergunta. — Você deve ter pensado bastante nele ao longo dos anos.

Pelo amor de Deus! Eu não vou falar com ela sobre como me sinto a respeito de alguém que nunca sequer se deu ao trabalho de me enviar um cartão de aniversário. O sorriso dela está perdendo a força. Ela deve estar se perguntando se eu sei falar.

— Você gostaria que eu ligasse para ele? — ela pergunta.

— Não — respondo. — Não estou interessado. Só estou ficando aqui porque preciso e depois vou voltar para minha avó e minha mãe e vocês podem todos se esquecer de mim novamente.

— Ninguém jamais se esqueceu de você — ela diz, mas eu já me enchi. Passo por ela e subo as escadas, batendo os pés.

Patrick está falando com Helen e Archie. Eu paro do lado de fora e o escuto dizer: — Tyler chegou aqui com quase nada, Archie, e você não deve tocar em suas coisas. — Então empurro a porta. Todos olham para mim, e dá para ver que Archie está irritado por eu ter escutado ele levando uma bronca.

— Desculpe, Helen — eu resmungo. — Desculpe, Archie. — Arrasto seu nome e deixo claro que não estou nem um pouco arrependido.

— Acho que consegue fazer melhor do que isso — diz Patrick. — Tente de novo.

Jesus! É como estar de volta ao jardim de infância.

— Hã, eu sinto muito, Helen. Eu não devia ter pegado seu celular sem pedir. Só fiz isso porque precisava fazer uma ligação urgente, e não vai mais acontecer. Eu posso pagar pela ligação. Prometo nunca mais pegar nada seu sem pedir.

Ela parece surpresa e diz: — Obrigada pelo pedido de desculpas. É claro que você pode usar o celular sempre que quiser, querido.

— Não, não pode — diz Patrick. — Não lembra o que a Louise disse? Nada de ligações.

Torço para ele esquecer que não pedi desculpas direito a Archie, mas não, seria querer demais.

— E agora o seu primo — ele diz. Acho que ele está gostando disso. Sádico!

— Eu sinto muito, muito mesmo, Archie, por ter puxado seu cabelo. Espero que não esteja seriamente ferido e prometo que tentarei nunca mais puxá-lo — digo através dos dentes cerrados.

— Muito melhor — diz Patrick. — Observe, Archie, que Tyler estipulou uma cláusula de escape bastante ampla. Melhor tomar mais cuidado no trato com ele daqui para a frente. Então, o que você tem a dizer?

— Desculpe por tocar em seu cachecol e por rir de você — diz Archie. — Espero não ter magoado seus sentimentos. Estava só brincando. — Ele praticamente me chamou de bebê chorão patético, mas Patrick deixa ele se safar.

— Excelente — ele diz. — Estou vendo que vamos nos divertir muito juntos. Agora vou levar Meg para um passeio. Archie, é melhor vir comigo.

Fico contente por finalmente ficar sozinho. Preciso de um espaço para respirar, de tempo para me acostumar com a ideia de que tenho que compartilhar o quarto, que tenho um primo e uma tia, que Patrick decidiu que preciso de limites e disciplina. Preciso definir meu território, me certificar de que minhas coisas estão seguras e fazer minha cama direito.

Mas, quando os escuto lá em baixo, Meg latindo feliz e a porta se fechando ao saírem, me sinto vazio e triste e até um pouco enciumado. Só não sei bem por quê.

CAPÍTULO 8

Grumpy[3]

Archie tem um laptop. Archie tem um Nintendo DS com uns cinquenta jogos. Archie passa cem por cento de seu tempo jogando games legais e nunca me dá uma chance.

Eu continuo limpando e passando roupas, mas a distração está perdendo o efeito rapidamente. Na verdade, nem consigo lembrar por que resolvi fazer isso.

Infelizmente, estou ainda na metade de uma tarefa enorme. Tem uma sala cheia de livros no primeiro andar e eu estupidamente resolvi pegar um por um e tirar a poeira. É ruim ter tanta poeira na casa. Estou quase certo de que pode provocar câncer no pulmão.

Então estou passando a flanela nos livros e provavelmente arrumando um câncer enquanto Archie senta no meio do chão jogando no DS, perseguindo monstros e fazendo barulho de tiros como se tivesse seis anos.

Aguento por uns dez minutos e então digo: — Sai daqui, Archie, você faz barulho demais.

Archie ri: — Mas eu quero ficar aqui. Nunca vi um menino fazendo faxina antes. Não é serviço para meninas? Meninas polonesas bonitinhas?

— Cala a boca, idiota!

— Que tipo de menino gosta de faxina? — ele pergunta. — Estou tentando entender. Você tem necessidades especiais? Ou é gay?

Estou segurando um livro grande de capa dura — *História do Direito Canônico Medieval* — e observo enquanto ele traça uma parábola através da sala e atinge o DS de Archie. Que azar o meu, o livro desviou um segundo antes do impacto. Espero que Archie tenha enchido o pulmão de poeira.

— Olha a paciência — diz Archie, balançando o indicador em um gesto de reprovação. — Melhor tomar cuidado, porque, se voltar a me machucar, vovô vai fazer você pedir desculpas de novo.

Eu cerro os dentes e vou para a prateleira seguinte.

Archie desliga o DS. — Não acredito que você é meu primo — ele diz. — Você é tão maloqueiro.

— Não sou, não — respondo. Nem me sinto ofendido, pois está claro para mim que Archie não faz ideia do código de conduta e de vestimenta associados aos maloqueiros. Ele acha que é só um termo geral para qualquer um com menos dinheiro do que ele, o que dá cerca de noventa por cento da população inglesa. Havia muitos meninos como ele na St. Saviour.

Ele dá risada. — Você é, sim. E minha mãe diz que sua mãe... — Mas ele não consegue terminar, porque eu atravesso a sala em um pulo e baixo o *Grandes Fracassos Militares do Século Dezenove* em cima de sua cabeça como se estivesse matando uma mosca.

— Ai! — ele exclama e sai correndo escada abaixo, gritando — Vovô, vovó, ele me machucou de novo!

Saco! Lá vamos nós outra vez. Meg está latindo feito louca e Helen está estalando a língua enquanto examina a cabeça dele. Torço para ter rachado seu crânio. Patrick surge do escritório e diz, em uma voz de enfado: — O que foi dessa vez?

Archie berra: — Ele bateu com um livro na minha cabeça. Machucou pra valer! — Patrick só comenta: — Ele realmente me faz lembrar do pai dele. Você tem sorte de ainda ter o nariz inteiro.

Então ele grita para eu descer e tenho que pedir desculpas a Archie de novo. Não estou nem aí, e vejo que Patrick está percebendo. — Archie, sinto muito por ter batido em você com aquele livro de capa dura — eu digo. — Da próxima vez eu uso um de capa mole.

Para ser sincero, brigar com Archie é a única coisa que me mantém lúcido. Estou ficando louco preso nesta casa. Sinto calor e frio e dor de cabeça a maior parte do tempo, e meu corpo está dolorido e duro por falta de exercício. Meg às vezes começa a ganir quando quer que Patrick a leve

para passear. Ela anda de um lado para o outro e arranha a porta da frente. É assim que me sinto.

Patrick boceja e diz: — Tyler, vamos conversar. — Ele volta para seu escritório. Penso em ignorá-lo e subir. O que ele poderia fazer? Mas não vale a chateação toda. Louise me mataria.

— Senta — ele manda e eu obedeço. Devia usar logo uma coleira e uma guia. Pelo menos sairia de casa.

— Tyler — ele diz. — Você vai ter que tentar se controlar. Pare de agredir o Archie só porque está farto de ficar escondido.

Por que eu deveria? — Ele está me irritando de verdade — digo. — Ele não tem respeito. Você devia estar falando com ele.

— Eu vou falar. Mas você tem que saber que sempre que, responde com violência, você perde a razão. Sempre. Automaticamente. Não importa quem começou ou o que aconteceu.

Penso na lama e no sangue no parque em Londres. A faca que Arron empunhava quando abordou o garoto, o tal de Rio. A faca que Rio puxou do bolso de trás. Os dois lutando na lama. E eu cortei Arron com minha própria faca quando o mandei fugir, se afastar do corpo morto de Rio, e ele não obedeceu.

Não aguento pensar nisso. — Deixe-me em paz, velho gagá — falo baixinho em português.

Ele diz: — Hã? O quê? — Do jeito que eu queria, mas então pergunta: — Quem lhe ensinou português? — E isso não era bem o que eu esperava.

— Hã, não era português — digo, mas ele responde: — Eu posso ser velho, mas ainda não fiquei gagá.

— Desculpe — eu falo. — Eu não sabia que ia entender.

Ele diz: — É claro que eu entendi. Línguas são meu passatempo. Excelente pronúncia. Muito clara.

— Eu não sei muito, na verdade. Tive só algumas aulas antes da gente ter que sair de Londres.

— Estão ensinando português na St. Saviour hoje em dia? Aquilo lá mudou bastante desde a época do Danny.

— Não na St. Saviour. Eu fazia faxina aos sábados no estúdio de tatuagem e Maria, a recepcionista, estava me ensinando. A frase que usei, Maria dizia o tempo todo para o Leon, o tatuador.

— É mesmo? — diz ele. — Interessante. Faxina no estúdio de tatuagem, é? Conseguiu um desconto?

— Não. Leon disse que eu era novo demais. — Eu tinha uma tatuagem de uma cobra gigante planejada para meu aniversário de dezoito anos e aposto que conseguiria o desconto.

— E qual tinha mais apelo para você, o português ou a Maria?

Isso é bem perceptivo dele, pois ninguém sabia que eu tinha uma queda pela Maria.

— Os dois, mas principalmente o português. É uma língua muito importante para o que quero fazer...

— E isso é... Não, deixe que eu adivinho. Tem algo a ver com a seleção brasileira de futebol, por acaso?

Ele é muito esperto. — Não, mas quase. Eu queria aprender muitas línguas para ser intérprete em um time da primeira divisão.

— Verdade? Excelente. Excelente. Então português com a Maria foi seu ponto de partida?

— Não. Eu aprendia urdu na loja de baixo e turco na loja de kebabs na esquina e francês na St. Saviour.

— Francês — ele diz, inclinando-se para a frente. — Você gosta de francês? — Ele está falando em francês agora, e tem uma pronúncia fantástica.

— Muito, mas os professores na escola não são bons. Gostaria de aprender com alguém que fosse francês — respondo devagar e com todo cuidado para falar em francês corretamente. Seu rosto geralmente severo abre um sorriso radiante e ele pergunta: — Você já passou algum tempo na França?

— Nunca saí do país — respondo, desanimado. Eu sempre perturbava minha mãe para me levar para Paris no Eurostar, mas ela nunca tinha dinheiro.

— Você precisa ir à França — ele diz, como se fosse só eu comprar um bilhete quando me desse vontade. Então ele volta para o inglês e continua: — Não acho que vai se lembrar disso, mas não é a primeira vez que falamos em francês. Quando você morou com a gente, eu tinha acabado de me aposentar, então eu estava sempre por perto. Você estava começando a falar, e eu me esforcei muito para tentar lhe tornar bilíngue.

Quando eu morava com eles? O que isso quer dizer? Estou prestes a perguntar, mas então me lembro de algo em que não pensava há muito tempo. Quando eu era bem pequeno, gostava de uma historinha — não sei se era de um livro ou de um vídeo — sobre um gigante chamado Grumpy que falava uma língua especial que só eu entendia.

Pedi a minha avó uma vez que me contasse a história, mas ela disse que não a conhecia. Grumpy, o gigante, foi o que me fez pensar que eu podia viajar e aprender muitas línguas, e que só de conversar com as pessoas você pode abrir todo um mundo novo de palavras e ideias.

Agora estou pensando que Grumpy, o gigante, talvez não fosse mesmo uma historinha ou um vídeo. Talvez fosse na verdade... — *Granpère*[4]*?* — eu falo, hesitante, e meu avô, alto e comprido, diz: — Faz muito tempo que não ouço você dizer isso.

Eu não consigo perguntar mais nada, porque Helen entra no escritório.

— Eu já estou farta de você e Archie discutindo e brigando — ela diz. — Vocês não estão recebendo nenhuma educação, e isso não é bom. Venha até a mesa da cozinha e vamos começar a estudar matemática do GCSE[5].

Como é que é? Dá para ficar ainda pior que isso? Já sou um prisioneiro constante, tenho que dividir o quarto com meu primo asqueroso, não tenho celular nem computador e nenhum amigo e agora ela quer que eu estude matemática? Inacreditável. Eu me sento à mesa da cozinha, mas levanto o capuz do agasalho e cruzo os braços de um jeito que minha mãe e minha

avó — minha família *de verdade* — reconheceriam logo como sinal de que não estou nada feliz.

Helen comprou alguns livros do programa do GCSE e tem livros de exercícios e canetas para nós, o que torna tudo preocupantemente sério, e ela começa a nos explicar equações. Minha mente sempre entra em pânico quando os professores começam a falar de $a + b$ — afinal, qual é o sentido? —, mas ela explica de forma brilhante. É claro como cristal do começo ao fim. Archie está bocejando e dizendo: — Mas eu já sei isso tudo, vovó. — Eu acompanho cada passo e consigo resolver o primeiro problema que ela nos dá antes dele.

Ela está sorrindo para mim. — Você gosta de matemática?

— Hãã, não, geralmente não.

— É uma pena. Mas eu costumo conseguir que as pessoas mudem de ideia a ponto de a tolerarem.

— Como assim? — Fico muito acanhado perto de Helen. Isso é o máximo que já conversamos. Quando estou com ela, começo a ficar ansioso e não consigo falar direito. As palavras ficam presas. Ela parece sentir a mesma coisa, e, embora eu perceba que ela quer se aproximar de mim, por alguma razão não consigo imaginar isso acontecendo.

Archie está rindo. — Você não sabia? Ela foi professora de matemática.

— Ah, entendi. — E ela nos dá uma página de equações para completar. É algo para fazer, suponho, embora trocar uma vida de verdade por matemática seja um tanto trágico.

Acabo de terminar a última — e torço com todas as forças para ter terminado antes de Archie — quando Patrick entra. — Acabo de receber uma ligação da Penélope em Chicago — ele diz. — Archie, você e eu vamos ver uma escola, Allingham Priory, esta tarde. Eles têm uma vaga no oitavo ano, ao que parece, e o diretor, Padre Roderick, quer conhecê-lo.

Archie parece bastante contrariado e eu dou um meio sorriso. Obviamente estamos ambos pensando a mesma coisa: Allingham Priory soa como a típica escola católica dos pesadelos.

Ele sobe para se trocar. Eu o sigo. Esta é a minha chance de provocá-lo e com certeza vou aproveitá-la.

Ele está abotoando uma camisa branca e eu subo no beliche. — Então, Allingham Priory, hein? — digo. — Tem jeito de ser católica. Já esteve em uma escola católica antes?

Ele balança a cabeça tristemente, fazendo que não. Parece ter perdido toda a arrogância.

— Os monges batem em você todos os dias — eu falo. — Pela menor coisa. Batem até escorrer sangue pelas pernas. E você vai ter que se levantar às seis da manhã para rezar por horas a fio.

— Eu não acredito em você — diz Archie. — Tenho certeza de que isso é ilegal. Meus pais não me mandariam para uma escola assim. Meu pai nem católico é. — Ele não parece muito seguro de si. Eu ataco.

— Não fará a menor diferença para eles. Provavelmente você terá que rezar ainda mais para compensar isso. Eles querem a sua alma, sem falar do seu corpo.

Qualquer pessoa normal ia perceber que eu estava só provocando, mas Archie está com cara de quem vai chorar.

— O que... O que quer dizer com isso?

— Bem, esses monges, eles não podem fazer sexo, certo? E, quando veem um garoto novo bonitinho assim como você e... Bem, vamos dizer que você não vai conseguir dormir muito. Vai ter que ficar esperto vinte e quatro horas por dia. Alguns monges são bem grandes e fortes.

Archie pisca os olhos. Ele se senta na ponta da cama e amarra os sapatos. Ele fica de cabeça baixa mais tempo do que necessário, percebo. Estou rindo comigo mesmo. Que pilha estou botando nele.

Então ele levanta a cabeça e diz: — Ty, isso que você disse... não é verdade, é? — E vejo que ele está com medo de verdade e as lágrimas não estão só em seus olhos.

Então eu digo: — Nãão. Você vai ficar bem, só estou te zoando.

— É que eu não quero mais ir para um internato. — Ele suspira. — Achei que tinha dado um jeito nisso sendo expulso do último.

— Não pode falar com seus pais?

— Eu falei, mas eles viajam muito. Disseram que não seria justo me deixar em casa com uma acompanhante.

— Sei. Mas não pode falar com eles de novo?

— Eles viajam tanto.

— Fale com Patrick no carro. — Patrick parece o tipo de pessoa que é bom ter do seu lado em uma discussão.

— Eu não sei. Vovô não gosta muito de mim.

E quem pode culpá-lo? Eu mordo a língua. — Tente. Ou então xingue o diretor. Faça com que não lhe aceitem. Boa sorte.

Sozinho novamente, penso em voltar a limpar os livros. Mas talvez deva limitar minha exposição à poeira. Helen está me chamando no andar térreo e eu desço, contrariado.

— Eles já foram — ela diz. — Acho que pode ser nossa chance de conversar um pouco sobre como estão indo as coisas. Até agora não conversamos muito. Você se saiu muito bem na matemática, por falar nisso. Muito bem. Amanhã vamos estudar mais.

Ela é sempre gentil comigo, e tenta realmente ver meu lado das coisas quando brigo com Archie, mas é a maneira como olha para mim às vezes — como se estivesse olhando para outra pessoa. Alguém com quem ela se preocupa muito. Sinto arrepios.

Meg se esfrega em minhas pernas. Eu me abaixo e faço um carinho nela. — Está, hã, está tudo indo bem — digo, cautelosamente.

Ela ri. — Você era um bebê tão quieto. Achei que poderia ter mudado. De certa forma, é bom vê-lo discutindo com Archie. Nós nos preocupávamos que você fosse ser sempre um garoto tímido e nervoso.

Hã? Ela não está falando coisa com coisa de novo. É óbvio para mim que ela e Patrick devem ter ficado confusos e que passaram muito tempo com

Archie e estão confundindo ele comigo. Não que eu consiga imaginar Archie sendo tímido.

É que eles são velhos, acho, e talvez se sintam um pouco culpados por nunca terem me procurado, então eles inventaram histórias que agora acreditam serem verdadeiras. Entendo isso. Talvez esteja no sangue.

Eu não era nem um pouco quieto quando era pequeno. Quando ainda estava começando a caminhar, meus acessos eram épicos. Criava a maior tempestade, berrava e chorava e esperneava e só minha avó conseguia me acalmar. Minha tia Emma fala de uma vez em que gritei por uma hora sem parar só porque não tinha pastilhas vermelhas no pacote de confete de chocolate. E teve a vez em que mordi o vendedor da mercearia quando ele me ofereceu uma maçã. Qualquer coisa podia me fazer explodir.

Depois de três babás pedirem demissão, minha avó teve que largar o emprego para cuidar de mim quase que em tempo integral.

Quando entrei na escola, dei um espetáculo uma vez. Então Arron me disse que eu estava agindo como um bebê e eu parei. Fim. Nada mais de acessos. Foi *aí* que me tornei um sujeito quieto. Eu não chego a me recordar desses acessos de fúria — embora tenha ouvido falar sobre eles em detalhes —, mas tenho uma recordação bem distante de minha avó me segurando e balançando e dizendo que ia ficar tudo bem.

Queria que ela estivesse aqui agora. Helen está refogando cebolas em uma panela grande de ferro — exatamente como vovó fazia —, e ela picou cenouras e nabos e colocou em outra vasilha, como a vovó de novo. Na verdade, eu diria que ela está fazendo exatamente o mesmo caldo que era meu prato favorito que a Vovó fazia. Eu devia estar com água na boca, mas, em vez disso, sinto lágrimas nos olhos. Deve ser por causa das cebolas.

— Pode me passar a vasilha, querido?

Empurro as cenouras na direção dela.

— Você se lembra de quando cozinhávamos juntos? — ela pergunta. — O médico nos disse que era uma boa ideia lhe envolver o máximo possível. Patrick avisou a Julie quando ele lhe levou — espero que ela tenha continuado —, e é óbvio que funcionou, pois você cresceu alto e forte.

Do que ela está falando? Que médico? Nunca vou a médicos. Ela está confusa de verdade. É ela quem precisa ir ao médico. Penso se não devia falar para ela com jeito, mas é difícil dizer a uma senhora idosa que ela provavelmente está com um parafuso a menos.

Cheiro as cebolas e de repente tenho uma espécie de vislumbre de uma recordação. Eu equilibrado em um banco alto e sentindo o cheiro de comida e colocando a mão em uma vasilha cheia de cubos vermelhos grudentos e jogando-os um por um em uma frigideira. Gosto da sensação esponjosa da carne e do chiado da frigideira, mas estou com fome e preocupado ao mesmo tempo. Tão preocupado que não tem espaço para muito mais.

Devo estar me lembrando de cozinhar com minha avó. Mas porque sentia tanto medo? É demais para mim.

— Vou ao banheiro — digo, e saio cambaleando da cozinha. Sento no corredor e trago os joelhos até o peito. Não tenho ideia do que está havendo. Este lugar — ficar preso como um prisioneiro dividindo a cela com Archie — está bagunçando minha cabeça. Está quente e abafado. Preciso de ar, preciso de exercício. Cinco minutos ao ar livre com certeza não me farão mal. Vou até a porta da frente e abro-a com o maior cuidado possível.

Estou do lado de fora. Pela primeira vez em mais de uma semana. Uma vez do lado de fora, sei exatamente o que preciso fazer para espantar as sensações tenebrosas. Preciso correr. Não posso dar uma corrida rápida?

Ao fim da rampa de acesso da garagem deles tem uma rua. Não tem calçada nem nada — não foi feita para pessoas que não estejam de carro. Sobe para um lado e desce para o outro. Começo a correr ladeira abaixo. Se encontrar um carro no caminho, provavelmente serei atropelado, mas isso não me preocupa no momento.

É uma sensação tão boa correr novamente, mesmo não estando vestido do modo apropriado. Estou usando tênis de corrida, mas normalmente não correria de jeans. Depois de uns quinze minutos, começo a me sentir quente e desconfortável e ainda me sinto dolorido. Não importa. Continuo correndo.

Uma nuvem cinza-escura cobre o céu e parece estar chegando cada vez mais baixo até quase tocar em minha cabeça. Escuto trovoadas como o rosnar de um pitbull, então cai um pingo na minha cabeça. Coloco o capuz, mas é inútil. A chuva começa, e é como correr dentro de um lava-rápido. Tem água escorrendo pelo meu rosto, meus sapatos estão cheios e eu estou molhado até a cueca. Não ligo. Continuo correndo.

Tem uma trilha saindo da rua e atravessando um campo. É mais seguro, penso, e passo por algumas vacas e tratores, afundando cada passo na lama e bosta de vaca e todo tipo de odores horríveis. Devo ter sido mordido por algum inseto, pois meu rosto está coçando horrivelmente. Meu jeans está encharcado e pesado e a chuva continua torrencial. Mas é ótimo estar correndo. Só não sei para onde estou indo.

Meu jeans está tão pesado que perco o ritmo da corrida, tropeço em uma massa de lama e caio, splash, em uma poça enorme. Estou tão molhado que não faz muita diferença — exceto que agora estou imundo também, e fedendo a Deus sabe o quê. Tem gente que gosta de visitar o interior. Não imagino por quê.

Eu me levanto e continuo correndo. Saio do campo agora e entro em um bosque. Está escurecendo, e a trilha está sumindo. Não me importo. Atravesso arbustos espinhosos, empurrando os galhos, me arranhando e o tempo todo ficando cada vez mais molhado.

Então acerto um tronco, meu tornozelo cede sob meu peso e desabo em cima de umas plantas verdes que pinicam e rasgam minha pele. Rolo de lado, e a dor no meu tornozelo é como um estilete penetrando no osso.

— Aaah — grito de dor ao tentar me levantar, mas meu tornozelo não aguenta meu peso e eu caio na lama de novo.

Estou deitado em uma poça de lama infecta, está quase de noite e estou cercado de árvores. Estou no meio do nada. Minha pele está pegando fogo — eu me esfrego todo tentando fazer parar a coceira, mas isso só piora as coisas — e meu tornozelo provavelmente está quebrado. Não sei como alguém vai conseguir me encontrar aqui. Talvez eu nunca mais possa correr. Posso até morrer aqui neste bosque.

Estou zonzo de exaustão, e alguém entrou em minha cabeça e está martelando para sair. O frio e a umidade me mantêm acordado. Vagamente penso que isso é bom, pois não seria boa ideia adormecer. Não quando está tão frio e escurecendo.

Estou pensando em tentar rastejar quando olho para cima e meu coração dá um salto.

Duas figuras silenciosas estão pairando sobre mim e uma delas tem uma faca.

CAPÍTULO 9

Rio

Não é de esperar que alguém se sinta aliviado em ver um fantasma, mas, quando percebo que uma das pessoas ali de pé é o Alistair, eu respiro aliviado. O outro cara é mais baixo e tem o rosto encoberto pela sombra de seu capuz. Só o que vejo é a lâmina de sua faca brilhando em contraste com suas roupas escuras. Quem é ele? É real ou é um fantasma? Então o sangue pinga na lama ao meu lado, e a coisa toda volta.

Rio, o garoto que foi esfaqueado no parque. O garoto que meu amigo Arron tentou roubar aqueles meses todos atrás e que puxou a faca em vez de entregar o iPod e acabou extinto que nem um dinossauro.

Rio, cujos pobres pais arrasados apareceram na televisão pedindo testemunhas. Especialmente o menino que havia chamado a ambulância. Aquele menino era eu.

Foi por causa de Rio que entrei para o programa de proteção a testemunhas. Estou falando a verdade sobre sua morte. É só sobre a parte seguinte que estou mentindo. A parte em que esfaqueei Arron.

— Você deve ser o Ty — ele diz. — Ouvi falar de você.

Minha boca se mexe, mas não sai uma palavra. Então me lembro das fotografias que a polícia me mostrou do corpo de Rio depois de ser cortado por Arron, e vomito uma bile quente e azeda na lama.

— Tente se controlar — diz Alistair, em um tom frio e duro. Estou engolindo em seco, tentando deter outra onda de náusea.

Rio se abaixa e coloca a lâmina da faca contra meu pescoço. Sinto o fio dela arranhando minha pele e meio que começo a gemer: — Não... por favor... Eu tentei ajudar você... Por favor, Rio, não...

Ele ri. — Vai, implora. — E aí fala para Alistair: — Ele se mijou que nem um bebezinho.

Ele tem razão, e meu estômago se contorce de vergonha, mas estou tão molhado, de qualquer jeito, que não entendo como ele percebeu. A lâmina permanece sob meu queixo. Rio corre com ela pela minha pele, uma pontada, um pequeno arranhão, e diz: — Quanto tempo mais você vai mentir sobre mim? Quanto tempo vai dizer que eu cortei seu amigo Arron?

— Eu, hã...

— Porque eu não fiz isso. E meus pais não precisam de suas mentiras. Foi você quem feriu aquele moleque.

— Eu nunca disse que foi só você. Foi Arron quem disse isso. Eu disse que vocês lutaram e que foi assim que ele se feriu.

— E foi mentira — diz Alistair. Eu soluço e engulo e digo: — Sim. Desculpa. — Mesmo não tendo sido totalmente mentira. Rio feriu Arron. Só que eu também.

— Você vai dizer a verdade ou vai encarar meu castigo? — diz Rio. Não sei o que responder. Eu vou morrer nas mãos de um fantasma? Isso é possível? Ou posso continuar mentindo para me salvar, salvar Arron e mandar os caras maus de verdade para a prisão?

Então algo surge voando da escuridão, direto no meu peito. Algo quente e barulhento, macio e peludo, algo que me derruba de costas e se aconchega em mim e lambe meu rosto com sua língua úmida e áspera.

— Meg! — suspiro, abraçando-a. Ela late e pula, sai correndo e volta de novo direto para mim. Seu rosto está sorrindo tanto quanto é possível para um cachorro, e eu não consigo acreditar que já tive medo dela um dia.

Mas Rio e Alistair ainda estão ali, e Alistair diz: — Pegue a cadela. — Quando Meg pula em círculos e balança o rabo, vejo um brilho de metal. — Meg, não! — grito, e estou segurando nela, procurando freneticamente uma ferida.

Patrick surge da escuridão. Atrás dele vem Archie, segurando uma lanterna. — Ty, graças a Deus! — diz Patrick. Então, mais rispidamente: —

Que diabos você achou que estava fazendo fugindo desse jeito? Quer nos matar de susto? Tivemos sorte em achá-lo. Deixe a Meg em paz e se levante já.

Estou olhando desesperadamente atrás dele, atrás de mim, procurando para ver se Alistair e Rio ainda estão lá. Não consigo vê-los, mas a escuridão está cheia de movimentos e Meg está gemendo. Ela está sentindo dor?

— Ela está machucada. Meg está ferida — eu digo, então vejo Rio agachado nas sombras e tento proteger o corpo de Meg do golpe que vai finalizá-la.

— Ela está bem — diz Patrick. — Vamos, levante-se. — Ele pega meu braço e tenta me levantar, mas eu desabo de volta na lama.

— Ele pirou de vez — sibila Archie no que deveria ser um sussurro. — Talvez tenha usado drogas.

— Pode ser — diz Patrick, em tom sombrio, e percebo que, quando chegarmos em casa, vou entrar no secador pior do que se eu fosse Berbatov[6] e tivesse acabado de perder cinco gols contra o Chelsea. É algo perfeitamente possível, temos que admitir.

— Levante-se, pelo amor de Deus, rapaz.

— Eu não consigo. Meu tornozelo — falo —, acho que está quebrado.

Patrick e Archie me levantam e eu tento me segurar nos dois, mas é mais difícil do que se imagina, pois Patrick é alto demais. Continuo procurando Alistair e Rio o tempo todo, embora Patrick esteja me mandando prestar atenção em andar e parar de me contorcer e virar.

— O que você tem? — ele pergunta, impacientemente.

— Eles... Eles queriam machucar a Meg — eu digo. — Eles tinham uma faca.

— Quem?

— Eles... eles estavam lá. Eles vão voltar. Eles estavam lá... — Mal sei o que estou dizendo agora.

— Ty — grita Patrick. — Acalme-se. Concentre-se. Ninguém vai se machucar. Quero chegar ao carro antes que escureça completamente. — Faz-se um silêncio, e tudo o que ouço é minha própria respiração ofegante. Então ele diz: — Está tudo bem. Você está seguro agora.

É neste momento que meu tornozelo cede de vez. Minhas pernas escorregam e eu caio para trás no chão. Archie quase cai junto comigo.

— Cristo — diz Patrick. — Acho que não vamos conseguir carregá-lo. Vamos, rapaz, você estava indo bem. Qual é o problema?

— É o meu tornozelo. Acho que está quebrado.

— Você tem que tentar. Vamos lá. Levante-se. — Os dois conseguem me erguer de novo com os braços em volta dos ombros deles e seguem quase me arrastando. Patrick está quase de joelhos, o que não deve ser nada fácil para alguém tão velho.

Parece levar anos até chegarmos ao carro. Está estacionado bem na beira do bosque, e Patrick diz: — Graças a Deus — ao abrir a porta. Eles me sentam no banco de trás, mas eu grito e me jogo para trás no asfalto. Meg late e pula atrás de mim. Patrick grita: — Mas que droga! O que foi agora?

Não posso entrar no carro. Alistair e Rio estão sentados no banco de trás, esperando por mim.

Eu aponto. Agarro Meg para que não a machuquem e Archie se agacha ao meu lado e pergunta: — O que foi? O que foi, Ty? O que está havendo? Por que não entra no carro?

— Vocês não estão vendo eles? — pergunto.

— Não tem ninguém ali. Vamos, Ty, está congelando aqui fora.

— Se entrar nesse carro, você morre — diz Alistair.

— Eu não posso, não posso. Ele vai me matar — sussurro.

Patrick se agacha também. — Ty, preste atenção a mim e somente a mim, entendeu? Não há ninguém aqui. Você tem que nos deixar te colocar no carro. Você está tendo alucinações. Isso quer dizer que as coisas que está vendo e ouvindo não são reais. Confie em mim. Agora vamos levantar daí.

— Ele quer dizer que você está ficando maluco — emenda Archie, querendo ajudar. — Mas você deve ficar bem depois que o efeito das drogas passar. Posso sentar atrás, se você quiser, e você vai na frente.

Então eles me colocam na frente e Archie e Meg sentam no banco de trás. Quando ouso olhar para trás, só vejo eles. Nada de Alistair ou Rio. Somos só nós.

Ficamos em silêncio o caminho todo de volta para casa, o que leva somente uns dez minutos. Quando chegamos, Patrick diz: — Archie, leve a Meg para dentro e diga a Helen que está tudo bem. Quero falar com Ty e entraremos em um instante.

Quando ficamos a sós, desvio meu olhar dele, esperando que Alistair e Rio não reapareçam de repente agora que o banco de trás ficou vazio. Acho que Patrick não conseguiria segurá-los. Ele parecia bem cansado quando chegamos ao carro e parece ainda mais cansado agora.

— Tyler — ele diz —, diga-me o que você tomou, quais drogas. Você bebeu?

— Eu nunca ... eu nunca tomei nada. — Minha voz parece de uma criança no primeiro ano.

— Você espera mesmo que eu acredite nisso? Você estava alucinando, completamente fora de controle. — Ele suspira. — Se me contar a verdade, posso conseguir ajuda para você. Não tenha medo de contar a verdade.

— Eu não tomei nada. Verdade. Tinha fantasmas lá, fantasmas de verdade. Eu já tinha visto um deles antes. — Meu tornozelo está latejando e minha cabeça está me matando de dor. Queria que ele terminasse logo com isso.

— Você sempre vê e ouve coisas? Já falou com alguém sobre isso?

Ele acha que sou louco. Ele acha que sou como o vizinho da amiga da vovó, que ouvia vozes na cabeça mandando-a jogar a televisão pela janela, o que era uma ideia péssima, já que ela morava em cima de uma lavanderia.

— Não sempre. Só desde que vim para cá. Eu não uso drogas. Juro.

— Queria poder acreditar em você — ele diz, e não parece zangado, apenas triste. Eu também me sinto triste, porque para mim é importante ter sua confiança.

— Você pode acreditar. É verdade, é mesmo verdade.

— Bem — ele diz —, vamos ver o que dizem no hospital. Ele fecha a porta e dá a volta no carro para me ajudar.

— Apoie-se em mim. Assim — ele diz, me ajudando a sair. É mais difícil andar com apenas uma pessoa me apoiando, e eu preciso colocar os dois braços em volta dele. Andamos cambaleando e paramos para descansar um pouco no meio do caminho. Isso mostra como é enorme o acesso da casa dele.

Ficamos parados ali no escuro e eu digo: — Obrigado por me achar. E ele fala: — Meg foi quem fez o trabalho todo. Demos a ela uma de suas camisetas e ela lhe rastreou. Ajudou o fato de a Senhora. Baverstock, que mora rua de baixo, ter chamado a vigilância local para dizer que viu um jovem feroz passar correndo pela casa dela.

— Eu não sou feroz — digo, e ele me aperta: — Eu sei. Está tudo bem. Eu só estou feliz por termos encontrado você.

É algo incrível ser abraçado pelo meu avô desse jeito. Não me lembro jamais de ter recebido um abraço de um homem antes. É como ser salvo pelo Super-Homem ou pelo Homem Aranha ou pelo Batman. Grumpy, o gigante, me salvou.

A porta da frente se abre e Archie vem correndo e me pega pelo braço livre. Ele diz: — Vem rápido, você tem que explicar a ele que eu não sou você.

— Você o quê? — pergunto, e Patrick diz: — Mas que droga! Era só o que faltava!

Então chegamos até a porta da frente e entendo o que ele quer dizer. O sujeito de aparência esfarrapada atrás de Helen, vestido com um jeans puído e com cabelos compridos e desarrumados, só pode ser uma pessoa. Ele é alto como Patrick e tem um queixo pontudo como o meu.

Meu pai finalmente apareceu.

CAPÍTULO 10

Exposto

Ninguém jamais falou muito comigo sobre meu pai. Isso não me impediu de imaginar como ele seria.

Eu sabia que ele tinha estudado Direito e que torcia pelo Manchester United, então achava que fosse uma espécie de advogado que trabalhava com esportes, resolvendo contratos e transferências e coisas assim. Foi assim que tive a ideia de me tornar intérprete e trabalhar para um time da primeira divisão. Era uma forma de vivermos no mesmo mundo.

Quando alguém me perguntava sobre meu pai, eu dizia: — Ele é advogado desportivo. — Às vezes eu dava um pouco mais de detalhes, tipo: — Ele anda muito ocupado agora com as transferências de janeiro.

Soava melhor do que: — Eu nunca conheci meu pai e não faço ideia do que ele faz. — Ninguém precisava saber que não era bem a verdade.

Às vezes eu me empolgava demais e imaginava encontrá-lo algum dia no futuro. Talvez eu fosse chamado para alguma reunião de alto nível para traduzir as conversas para a última contratação de um craque brasileiro e aí o advogado entraria na sala e eu veria que era meu pai.

Ele também iria perceber, mas não diríamos nada imediatamente. Seguiríamos normalmente a reunião e ele ficaria impressionado com minha tradução simultânea do português para o inglês, até mesmo dos termos técnicos e linguagem do futebol. E nós dois estaríamos bem vestidos, de terno e gravata, e, depois da reunião, apertaríamos as mãos e diríamos alô e talvez nos conhecêssemos um pouco melhor.

Em vez disso, estou encharcado, coberto de lama, fedendo a vômito e fertilizante, incapaz de andar e me sentindo horrível. Pelo menos eu tenho uma desculpa. Ele parece um mendigo e eu não consigo imaginar qualquer razão para isso, exceto que é óbvio que ele não é um grande advogado.

É como se alguém tivesse morrido, alguém de quem eu gostava muito. Podia ter coisa mais idiota do que acreditar nas minhas próprias mentiras? Só queria estar com uma aparência melhor, só isso. E que ele também estivesse.

— Mas o que foi que aconteceu com ele? — ele pergunta. Ele parece um bocado contrariado. Provavelmente não esperava um filho coberto de bosta de vaca.

Patrick diz: — Oi, Danny. — E me manobra em torno dele direto para a cozinha, onde Helen me senta em uma cadeira e começa a limpar meu rosto com uma toalha. Meu pai — Danny? Papai? — nos segue e senta à mesa ao meu lado. Seus cabelos e roupas não parecem nada melhores de perto. Patrick diz: — Vou deixar que conversem. — E sai da cozinha.

Helen apoia minha perna em uma cadeira e coloca um saco de ervilhas congeladas em cima do meu tornozelo, o que só faz adicionar mais uma camada de dor à carga maciça que já sinto. — Ele está com febre — ela diz, sentindo minha testa. — Archie, vá até o banheiro lá de cima e pegue o termômetro.

Meu pai está tentando me olhar nos olhos, mas não está conseguindo, porque estou olhando para tudo menos para ele. — Tyler, eu sou seu pai. Sou o Danny — ele diz. Seu tom é tranquilo, e é difícil saber o que está pensando. — Você não vai nem me cumprimentar?

Helen está tirando minha camisa, e ele tem que esperar. Preferia não ter que falar com ele quando estou semidespido. É um pouco constrangedor. Ele pode contar os cabelos do meu peito. — Hãã, hmm, oi — eu digo, olhando para o tampo da mesa.

Não é que eu não queria encontrar com ele, mas só não agora. Não desse jeito. Não com Archie e Helen olhando.

Helen me enrola em uma toalha enorme e felpuda, enfia o termômetro na minha boca e manda Archie buscar roupas limpas para mim — Algo fácil de vestir. Uma roupa de moletom, talvez. E uma cueca também.

Ela está examinando meu tornozelo e eu estou tentando não gritar de dor. — Está muito inchado — ela diz. — Acho que vamos ter que cortar a calça.

Não posso falar nada porque estou com o termômetro idiota na boca, mas faço um gesto negativo. Esta é a minha melhor calça, que eu e minha mãe compramos com o dinheiro que a polícia nos deu.

— O que foi, querido? — pergunta Helen, retirando o termômetro e me dando um gole de limonada.

— É a minha melhor calça jeans. É de marca. Abercrombie and Fitch.

— Podemos comprar uma nova — ela diz. — Não se preocupe.

Meu pai exala pesadamente e diz: — Vou falar com papai e descobrir o que está acontecendo. — Ele mal olha para mim ao sair. Não sei qual é o problema com ele, mas sinto que já estraguei tudo antes mesmo de nos conhecermos. Talvez ele seja algum tipo de hippie que detesta roupas de marca. Ele deve achar que sou um bobalhão obcecado com futilidades. Quem se importa?

Helen diz: — Sua temperatura está alta. Você deve estar se sentindo péssimo. Vou lhe dar paracetamol.

Ela está sendo gentil. Eu não devia ter fugido dela. Ela me dá os comprimidos e algo para beber. Seguro sua mão e digo: — Lamento ter me perdido. Não era minha intenção. Só que de repente eu precisava sair. Eu me senti meio estranho.

Ela abraça meus ombros. — Ty, o que importa é que você está são e salvo. Você não imagina o quanto é importante para mim, para nós, e o quanto significa estar aqui. Sei que somos desconhecidos para você, mas você não é desconhecido para nós.

Então Archie entra com minhas roupas e um agasalho de capuz preto — um dos novos da Gap —, e ela pega a tesoura. — Certo, vamos ver como vamos vestir as roupas secas. — Ela hesita. — Você se incomoda se eu ajudá-lo? Prefere um homem ou mesmo Archie?

Faço um gesto negativo. De forma alguma. Ela se esqueceu de que fui criado por mulheres? Ela manda Archie sair e acaba de destruir meu melhor jeans. Ela decide cortar minha cueca também e me cobre com a toalha para terminar de tirar minhas roupas encharcadas. Não me importo de ela me

ajudar a vestir as roupas secas. Estou tão fora de mim que poderiam me deixar pelado e colocar no YouTube que eu não daria a mínima.

Ela tira minha temperatura de novo e balança a cabeça. — A febre cedeu um pouco, mas ainda está alta. Acho melhor levarmos você para o hospital para examinar seu tornozelo e ver por que está com febre. Vamos falar com Patrick... e com Danny ...

— Não, não consigo — eu digo. Ela olha para mim, intrigada. Tento explicar, mas as palavras estão se embaralhando. — Não posso falar com ele, com Danny. Não estou preparado para ele... Não consigo lidar com isso agora, com ele, com tudo isso...

Estou incoerente, eu sei, mas ela entende o recado, pois diz: — Não se preocupe, querido, eu falo com Danny que você não está em condições para lidar com um encontro tão importante neste momento.

Ela sai da cozinha e eu vejo seu celular em cima da mesa bem ao meu lado e penso em ligar para Claire. Só uma conversa rápida. Só para contar o que está acontecendo. Mas então me lembro da confusão que minha última ligação causou e decido não fazer. Mas é difícil. É fisicamente difícil largar o celular uma vez com ele na mão.

Neste exato momento, Patrick entra na cozinha e, claro, entende tudo errado.

— Cristo, menino, será que não podemos deixar você sozinho dois minutos? O que fez com esse celular?

— Nada, eu não fiz nada.

— Você não entende o quanto é importante ninguém saber onde está? Você é burro?

Estou tremendo. Achei que ele estava começando a gostar de mim. Achei que podia contar com ele. Por que está com raiva de mim?

— Eu não... Eu nunca...

Ele pega o celular e olha para a lista de chamadas. — Parece que peguei você bem a tempo. Não faça isso de novo.

— Não, mas... — É coisa demais para explicar, e eu me calo. Ele está zangado e não parece nada bem.

— Está bem. Helen e Danny vão levar você ao hospital, mas você precisa se lembrar de não usar o próprio nome. Acho melhor usar o nome do Archie.

— Você não pode vir em vez dele?

Ele suspira. — Para falar a verdade, isso tudo foi um pouco demais para mim. Não sou mais tão jovem. Helen acha que preciso descansar e Danny insiste em levá-lo.

— Mas você sabe... sobre os fantasmas... Você pode explicar melhor.

— Lamento. — Sua expressão é dura e ele não parece lamentar nem um pouco. — Apenas diga a verdade para eles lá no hospital. É só o que peço.

Então meu pai vem e eles me levantam e andamos cambaleando até a porta da frente. Na porta, eles hesitam. Estou descalço e é óbvio que meus tênis não vão calçar facilmente. Helen enfia um chinelo nos meus pés e de alguma forma eles conseguem me colocar no carro. Espio em volta para ver se Alistair e Rio estão por perto, mas não os vejo. Então me esparramo no banco de trás e eles sentam na frente.

Helen dirige e meu pai olha para trás por cima do ombro.

— Então, Ty, o que é? — ele pergunta como se fosse a coisa mais normal do mundo. — Skunk? Ou quem sabe cogumelos?

— Danny, deixe-o em paz — diz Helen. Tento ignorá-lo.

— Meu pai disse que você estava tendo alucinações.

— Ele está com uma febre muito alta, Danny — diz Helen. Sua voz está trêmula, e eu me pergunto se ela está com medo do próprio filho. O filho que bate em mulheres. Talvez. — Pode não ser drogas. Ele pode estar delirando. Pode até ser meningite.

— Ah — diz meu pai. Ele parece — não sei — decepcionado, talvez. Talvez ache que pode se aproximar de mim fumando um baseado ou algo assim. Ele bem que parece o tipo. Não passa de um viajandão do tempo do grunge. Huh! Não espanta que mamãe o considerasse um desperdício de

tempo. Tomara que eu esteja mesmo com meningite, o que quer que isso seja. Isso vai lhe ensinar a não fazer suposições erradas a meu respeito.

Chegamos ao hospital e eles combinam de Danny me levar para o atendimento enquanto Helen estaciona o carro. Ficamos a sós pela primeira vez. Estou tão tenso que, quando ele me abraça para me ajudar a andar, eu puxo na direção oposta. Assim que consegue, me coloca em uma cadeira. Evitamos o olhar um do outro.

— Vou colocar você na lista — ele diz e se levanta, e eu lembro que ele não pode dar meu nome verdadeiro no hospital.

— Joe Andrews — digo. Sorte não ter ninguém perto de nós.

— O quê?

— É o nome que deve dar.

— Por quê? Nicki não... Ela não trocou seu nome, trocou?

Ele parece não ter noção alguma do que anda acontecendo na minha vida. Parece não entender que estou vivendo com uma arma apontada para minha cabeça todos os dias, o dia todo.

— Não importa. Diga somente Joe Andrews. E minha data de nascimento é cinco de setembro e acabo de fazer quatorze anos.

Ele olha para mim completamente perplexo.

— Do que você está falando? Eu sei quando você nasceu. Cristo, não tem como eu me esquecer daquele dia.

Ele não parece ter uma lembrança muito feliz do dia. Eu faço um gesto para deixar isso de lado. — Vai logo. Joe Andrews. Minha perna está me matando.

Ele faz uma careta e resmunga algo sobre usar Archie, mas acaba indo. Não faço ideia do que ele quis dizer. Idiota.

Até ele voltar — leva uma vida —, Helen já me encontrou. Estou recostado nela e ela afaga meus cabelos como se eu fosse um filhote de cachorro ou um bebê. É reconfortante, na verdade. E parece deixar bastante

aborrecido o meu pai, que começa a andar de um lado para o outro pela sala de espera.

Leva cerca de meia hora até sermos levados a um cubículo para uma enfermeira me examinar. Helen conta tudo para ela, inclusive a parte sobre as alucinações. Sou obrigado a urinar em um copinho, o que não é nada fácil com o tornozelo arrebentado. A enfermeira tira minha temperatura de novo, estalando a língua quando vê o resultado. Então ela sai para marcar uma radiografia e achar um médico.

Helen sai para procurar uma máquina de café. Meu pai senta em uma cadeira junto da minha cama. — Olha, Ty — ele diz —, isso não é nada fácil para mim, se quer saber.

Até parece que eu me importo.

— Por favor, não pense que eu não queria me envolver em sua vida — ele diz. — Nicki me excluiu completamente, não me deixava chegar perto de você. Não sei que histórias ela lhe contou sobre mim, mas eu sempre quis ser um pai de verdade para você.

Foda-se! É o que quero dizer. *Foda-se! Me deixe em paz! Vá embora!* Não interessa. Cala a boca*!* Não preciso de você, nunca precisei, *nunca vou precisar e não quero saber. É tarde demais. Você não estava lá comigo e eu não estou interessado em saber o porquê.*

— Ah, sim, sei — é o que acabo dizendo. Minha cabeça está doendo demais para ficar com raiva.

Ele está chorando. Está chorando de verdade. Pelo amor de Deus! Eu posso estar deitado aqui morrendo de meningite ou o que quer que seja e só o que ele faz é chorar. Que banana é esse que eu arrumei como pai?

— Eu penso em você todos os dias, todos os dias... — ele diz, limpando os olhos com as costas das mãos.

Onde está Helen? Ela devia estar me protegendo desse tipo de coisa. Eu viro a cabeça para o outro lado, piscando devido às luzes brilhantes do hospital. Então vejo Alistair. Está sentado na ponta da cama e rindo de nós.

— Então — ele diz —, vejo que encontrou seu papaizinho, não é? Que bonito.

—Vá embora — falo, com a voz fraca.

— Você devia aproveitar — diz ele, em um tom de zombaria. — Aproveita. Meu filho não vai ter um pai, vai? Meus pais não podem mais me ver. O pai do Rio nunca mais vai vê-lo, vai?

— Vai embora, me deixe em paz. Vai embora...

Meu pai se levanta. — O que está havendo, Ty? — ele pergunta. Mas só consigo pensar em Alistair. Não sei o que é real e o que não é.

— O que o seu paizinho vai pensar quando souber o que você fez? — ele diz, ironizando. — Quando descobrir que você meteu uma faca em seu amigo?

Junto todas as minhas forças e me jogo em cima dele, gritando o mais alto que consigo: — Vai embora! Me deixa em paz! Não quero mais ouvir isso! Me deixa! Cala a boca! Cala a boca sobre eu esfaquear o Arron!

Estou cuspindo e xingando, usando o tipo de palavra que não usam na televisão.

Agarro seu pescoço e caio para a frente. Estou estrangulando um fantasma nebuloso, apertando com força, tentando sufocar o som de suas risadas, mas minhas mãos se fecham no ar e minhas pernas não conseguem me manter na cama e estou caindo, caindo, me estatelando no chão, batendo com a cabeça contra a maca do hospital.

E as luzes se apagam.

CAPÍTULO 11

Transtorno

— Ao que parece — diz Archie, me passando a caixa de chocolates —, você achou que podia voar. Estava tentando voar pelo quarto, gritando e berrando, e, quando a vovó entrou, você gritou...

— Eu sei o que eu gritei — digo, enfiando um bombom de creme de morango na boca. Não estou muito convencido dessa história de voar, mas estou disposto a aceitar o que quer que pensem.

— Acho que ela nunca tinha ouvido isso antes — diz Archie. — É o mesmo palavrão que usei com o diretor da Allingham Priory, mas não sei se funcionou.

Estamos sentados na cama de ferro, no sótão, com Meg enrolada aos nossos pés e assistindo a um DVD na televisão que surgiu no nosso quarto.

Voltei do hospital há três dias e meu tornozelo está bem melhor. Foi uma torção, não uma fratura. E a temperatura alta foi devido a um resfriado, não meningite. Quando caí da cama, arranjei um galo na cabeça e sofri uma concussão leve.

Eles disseram que as alucinações, os fantasmas, foram causados pela febre alta. — Não é incomum — disse o médico —, especialmente quando a pessoa está sob estresse agudo. — Como estou me sentindo melhor, eles parecem ter desaparecido.

Agora estou só com uma tosse forte e o tornozelo dolorido. Não há qualquer razão real para ficar na cama comendo chocolates, exceto que estou procurando não chamar a atenção e quero evitar meu pai. É até fácil. Toda vez que ele entra no quarto eu finjo estar dormindo, ou que estou absorto em qualquer que seja o filme que está passando na televisão que não ouço o que ele me diz.

Ele tentou falar uma vez comigo, mas mantive os olhos fixos na Cameron Diaz — ela é bem apetitosa, pena que seja tão velha — e fiz um gesto meio que dispensando o assunto. Ele parou no meio da frase e voltou a descer. Obviamente ele não está tão incomodado assim, ou não ia me deixar fazer isso.

Se fosse mesmo importante, acho que ele faria um esforço maior.

Depois que me livrei dele, ele teve uma longa conversa com Helen e Patrick sobre o que falei com o psiquiatra no hospital. Nenhum deles percebeu que Archie estava ouvindo tudo das escadas.

— Estão todos fingindo que se dão bem e que estão preocupados com você — ele diz —, mas dá para ver que vovô e seu pai se odeiam e que vovó não sabe o que fazer com isso.

— Sim, mas por quê? Você não sabe? Sua mãe nunca lhe contou nada?

— Eu nunca o vi antes — ele diz. — Só o que sei dele é que brigou com os pais há anos e que odeia crianças. Então ele se encontra com minha mãe e suas irmãs de vez em quando, mas nunca quer me ver nem aos meus primos.

Ele está digitando quatro palavras no laptop.

— Transtorno... estresse... pós-traumático. Vamos lá. É isso que acham que você tem. É uma reação a uma experiência ruim, como uma guerra ou algo assim. Diz aqui que costumavam chamar de trauma de guerra na Primeira Guerra Mundial.

— É?

— Você esteve em uma guerra? — Archie pergunta, esperançosamente.

— Sim, Archie, acabo de voltar do Afeganistão.

— Sério?

— Não, seu bobão, claro que não.

Paro de assistir ao Harry Potter lutando com um sujeito com a cara derretida. Patrick escolheu os filmes e foi bem aleatório, mas tem um monte de títulos em francês, o que é legal. Outros são um pouco infantis demais

para nós, mas Archie e eu decidimos que não faz mal assistirmos a alguns dos filmes do Harry Potter de novo, porque é um desperdício de tempo assistir a filmes novos quando se está doente e não é possível se concentrar direito. E até que eles são bons.

Eu vetei qualquer filme de ação. Não me sinto bem assistindo a gente levando tiro. Não consigo assistir a nada que seja realista demais. Archie deve achar que sou um tremendo de um frouxo.

Olho para a tela do computador. Deve ter mais de um milhão de resultados no Google.

— Certo — diz Archie. — Se prepara. Aqui vão os sintomas. Lembranças recorrentes, pesadelos, pensamentos e lembranças assustadores, tremedeira, sudorese, esquivar-se de falar do evento, distanciamento das pessoas, perda de memória, medo de morrer, desinteresse pela vida, distúrbios do sono, explosões de raiva — sim, diria que esse você já demonstrou —, hipersensibilidade a possíveis perigos e algo chamado “reação de lutar ou fugir”.

A maior parte me soa familiar. — O que é reação de lutar ou fugir? — pergunto. Talvez signifique que vou começar a bater nas pessoas se entrar em um avião.

— Espera, ainda não terminei. Problemas comportamentais de longo prazo, alcoolismo, dependência química. — Ele olha para mim de maneira bem significativa. Archie ainda acha que saí de casa para fumar maconha e se recusa a acreditar que os exames do hospital provaram que eu não usei qualquer droga.

— É só isso? — Parece que algum médico pegou uma lista aleatória de coisas ruins e colocou tudo junto só para me assustar.

— Relações fracassadas, divórcio, depressão severa, transtornos de ansiedade ou fobias, dores de cabeça, enjoos, tontura, dores no peito e dores em geral. Sistema imunológico debilitado e dificuldade para manter empregos.

— Ah, bem, eu não tenho problemas de emprego.

— Você não tem emprego, tem? — ele pergunta, digitando algo na janela de pesquisa. Lembro-me, preocupado, de como Joe Andrews foi suspenso não uma, mas duas vezes da escola.

— Reação de lutar ou fugir. Ah, isso é interessante. Seu corpo é programado para reagir a coisas como um tigre-dente-de-sabre.

— O quê?

— Você se prepara para lutar ou fugir. Seu corpo produz um monte de substâncias químicas e tal. Mas, se você não consegue lutar nem fugir, você fica agressivo, hipervigilante e hipersensível. — Ele passa algumas páginas. — Este artigo aqui diz: "O medo é exagerado e o pensamento é distorcido. Tudo é visto pelo filtro do possível perigo." Você entuba o estresse e ele ferra com seus hormônios. Pode causar — ele começa a rir — "disfunção erétil, constipação e dificuldade para urinar".

Dou um tapa de leve na cabeça dele. — Sim, eu sei. Sorte eu lutar e fugir tanto.

— Pelo visto, basicamente, o que quer dizer é que eventos amedrontadores te deixam maluco — diz Archie, feliz da vida.

— Sim, é mais ou menos isso — comento.

Temos nos dado bem nos últimos dias. Ele está enormemente impressionado porque acha que eu sou um viciado alucinado, e trocou voluntariamente de cama comigo só para o caso de eu querer me jogar de cima do beliche. Lógico que uma televisão, uma pilha de DVDs, Gatorade, duas caixas de bombons e uma tigela de frutas ajudaram muito o nosso relacionamento.

Na noite passada, Patrick assistiu a um dos filmes franceses conosco — uma comédia — e depois conversamos sobre ele quase que totalmente em francês, o que não só foi muito legal como deixou Archie, que viaja para a França de férias duas vezes por ano a vida toda e não chega nem perto de ser tão fluente quanto eu, completamente de fora. Patrick passou a mão na minha cabeça e disse que estava orgulhoso de mim. — Minha mãe era francesa — ele diz, o que explica por que ele fala tão bem. — Ela teria

ficado muito feliz em ouvir como fala bem sua língua. — Estou começando a achar que ele gosta de mim, afinal. É um pouco confuso.

Enquanto isso, meu pai estava conversando com Helen lá embaixo. Archie os ouviu quando desceu para fazer chocolate quente para nós. Mas ele não pescou muita coisa, ele me contou depois, só meu pai dizendo: — Olha, mamãe, acredite, isso tudo ficou para trás.

Eu me sirvo de outro chocolate e penso se preferia ser eu mesmo ou Harry Potter. Harry Potter, acho, porque você sabe que vai dar tudo certo no final e pelo menos ele vai à escola e faz coisas legais como jogar quadribol. E eu ia gostar de falar a língua das cobras também.

Harry Potter recebe muitos elogios de pessoas como Dumbledore, enquanto eu só levo broncas o tempo todo. Mas isso provavelmente é porque ele é naturalmente corajoso e toma decisões acertadas, enquanto eu tenho medo o tempo todo e tento fazer a coisa certa, mas sempre me dou mal.

— Quer saber qual é a cura? — pergunta Archie, percorrendo mais algumas páginas dos milhões de sites sobre transtorno de estresse pós-traumático.

— Tem cura?

— Se você for adulto, eles podem te dar pílulas da felicidade, mas não para menores de dezoito anos. Aqui diz que exercícios físicos ajudam e também conversar com um conselheiro. Mas você não tem um conselheiro, então vai ter que se virar comigo.

Claire, penso, desconsoladamente. *Claire, Claire*. *Onde está você, Claire? Por que não posso falar com você?*

— Empresta seu laptop? — pergunto.

— Sim, se você me contar o que está acontecendo. Não é justo. Todo mundo sabe e obviamente você sabe, mas ninguém me conta. Se não foi uma guerra, então o que foi?

Melhor eu contar logo. — Eu vi alguém ser assassinado e desde então tem gente querendo me matar. Eles quase conseguiram duas vezes e, da

última vez, o namorado da minha mãe foi morto. Atiraram na sua cabeça. Tinha sangue por toda parte.

Archie fica de queixo caído tentando decidir se estou tirando uma onda com ele ou não. Aproveito para tentar arrancar o laptop das mãos dele, mas ele não solta.

— Você não pode me contar só isso. Tem que me contar a história toda ou não vai adiantar. Você não vai se curar.

Desato a rir, pois é ridículo achar que conversar com Archie vai ser de qualquer ajuda. — Está bem, conto tudo, mas antes quero verificar meus e-mails e depois posso precisar que me empreste seu celular, combinado?

— Combinado.

— Certo. — Eu entro em minha caixa postal. Tem três e-mails. Três e-mails da Claire. Três e-mails dizendo que me ama? Ou três e-mails dizendo que eu a decepcionei, que não confia em mim, que está me dispensando?

Clico no primeiro, então percebo que Archie está espiando por cima de meu ombro.

— Se manda. Isto é particular.

— Você tem namorada? — ele pergunta. Seus olhos estão arregalados. Percebo imediatamente que Archie não chegou nem na primeira fase com as garotas.

Encolho os ombros, em um gesto de descaso. — Sim. Ela se chama Claire.

— Da hora! Como ela é? Tem corpão? Vocês já... Tipo, já...?

— Ela é estonteante, loura, olhos azuis, corpaço, totalmente deslumbrante. Podia ser modelo. — Estou exagerando loucamente, mas Archie nunca vai conhecer Claire e ela tem mesmo olhos azuis brilhantes. Se ela me deixasse levá-la às compras e dar uma repaginada nela, o resto poderia até ser verdade também. Penso na última vez que a vi, toda pálida e doce, parecendo ter dez anos de idade, vestida com um robe, os cabelos sedosos caindo sobre o rosto delicado. Suspiro. Sinto tanto a falta dela.

— E você já... Tipo...?

— Bem, claro, no passado, tipo... — Faço uma pausa para dar a ele a impressão que já transei com centenas de garotas. — Mais do que dá para contar, na verdade. Mas esta é diferente. Estamos indo devagar, saboreando cada momento. — Passo a língua nos lábios de forma propositalmente vulgar. Ele fica devidamente impressionado.

— E quanto a você, Archie? — pergunto. — Alguma mulher na sua vida?

— Se me permitem interromper essa conversa fascinante — diz uma voz vinda da direção da porta. Droga! É o Patrick. Quanto será que ele ouviu? — Ty, você consegue descer as escadas. Tem alguém aqui para vê-lo.

— Oi?

— Louise... — ele começa a dizer, mas eu não espero para ouvir mais. Saio o mais rápido que posso com meu tornozelo dolorido, correndo escada abaixo com Archie logo atrás. Meg vem em nosso encalço, latindo alegremente ao irrompermos na sala de estar. Então paro.

Louise está sentada com meu pai no sofá. Os dois parecem constrangidos e zangados.

Mas não estou olhando para eles. De pé ao lado do piano, envolta em uma nuvem de fumaça de cigarro, olhando as fotografias em seus porta-retratos de prata, está outra pessoa. Alguém que, quando entro na sala, olha para mim com um olhar denso de raiva e ódio.

— Olá, querido — diz minha mãe.

CAPÍTULO 12

Filme de Guerra

— Eu não ganho um abraço? — ela pergunta, mas eu sei que está dizendo isso só porque tem gente olhando. Não tenho escolha senão ir até ela e lhe dar um abraço sem jeito. Ela continua segurando o cigarro aceso, e as cinzas caem sobre o tapete creme de Helen. Tento avaliar o corpo franzino dela, buscando sinais de um irmãozinho ou irmãzinha. Ela está com o busto maior, me parece, mas nada grotesco demais.

Ela pergunta onde podemos conversar em particular. Estou prestes a sugerir a cozinha quando meu pai diz: — Nicki, todos nós precisamos nos sentar juntos para falar sobre o futuro do Ty a curto e a longo prazo.

Foi bem corajoso de sua parte, pois ela lança um olhar para ele igual aos que mostram nos filmes de guerra, e ela é da Gestapo e ele um membro da resistência que ela acaba de condenar ao pelotão de fuzilamento quando o sol nascer.

— Eu não falei com você — ela diz.

— Hã, Nic, vamos para a cozinha — eu digo, nervoso, puxando-a pelo braço. Mas Lou diz: — Tudo bem, Ty, nós vamos para a cozinha e você pode conversar com Nicki aqui. — Ela se levanta e, em seguida, meu pai também. Tenho vontade de pedir que fiquem, mas me calo. Archie segue atrás deles depois de dar uma longa olhada para minha mãe. Ele fecha a porta atrás de si, mas Meg permanece enrolada em frente à lareira, um olho fechado e o outro fixo na minha mãe.

Mamãe senta no sofá e eu me esparramo no chão ao lado de Meg. De certa forma, preciso do conforto dela.

— Então — ela diz. Ainda está no modo Gestapo. — Você parece estar bem à vontade aqui. — Seus olhos estudam meu agasalho da Gap e o jeans

novo da Abercrombie and Fitch que Helen comprou para mim ontem. — Estou vendo que te compraram.

Fico esperando que complete a frase com “um monte de coisas legais” ou “roupas boas para vestir”, mas então percebo que é isso. Eles me compraram. Sou fácil assim de ser comprado, de acordo com minha própria mãe. Ai, doeu! Tudo bem. Ela não é a única que sabe ser cruel.

— Você não devia parar de fumar? — pergunto. — Na sua... hã... condição?

— Não é da sua conta — ela responde, apagando o cigarro no vaso da orquídea favorita da Helen. Ela acende outro cigarro. Fico pensando se ela está grávida ainda. Talvez tenha ido a uma clínica de matar bebês. Tenho certeza de que desejava ter feito isso há quinze anos.

— Você não parece gorda — digo. Para minha mãe, isso é pior do que qualquer palavrão que eu possa ter dito no hospital. Ela estremece e diz: — Espero que não mesmo.

Quero perguntar por que ela está zangada comigo. O que eu poderia ter feito? Abro a boca para falar, mas o que sai é uma torrente furiosa de perguntas. — Por que você não me contou que estava grávida? Por que Alistair estava lá? O que você está fazendo aqui?

Em um filme de ficção científica, seus olhos cuspiriam raios laser que explodiriam meu peito. Em um filme de terror, ela se transformaria em um zumbi com vermes gigantes jorrando de sua boca. Se eu fosse Harry Potter, eu me esconderia sob o manto da invisibilidade e me transformaria em uma aranha. — Eu não tinha que te contar nada — ela diz entre os dentes. — Eu não tinha sequer contado para o Alistair ainda. Era por isso que ele estava lá. Foi por isso que ele morreu.

Sou muito mais corajoso do que pensava. — Vovó sabia. Louise sabia. Mas você não contou para mim. E por que você podia chamar Alistair lá em casa e eu nunca mais podia ver a Claire?

— Eu não sabia se ia ter o bebê ou não até falar com Alistair. Sua avó adivinhou porque me viu enjoando um dia quando você estava na escola. Ela deve ter contado para Louise. Ela sempre conta tudo para Louise.

— Você vai ter o bebê?

— Já estou com dezesseis semanas. O que você acha? — ela pergunta misteriosamente. Não faço a menor ideia do que quer dizer isso e desisto de saber.

— Por que está zangada comigo?

Ela bufa e suspira e encolhe os ombros em desgosto e diz: — Não brinque comigo.

— Não estou brincando! Eles tiveram que comprar roupas para mim, Nic. Eu não tinha nada. Doug não fez a mala direito.

Sua mão está tremendo e ela pega outro cigarro. — Diga a verdade, Ty. Quantas vezes você já tinha encontrado com eles? Há quanto tempo você vem mentindo para mim?

— Eu nunca, nunca encontrei com eles antes. Do que você está falando?

— Louise — ela praticamente cospe o nome para fora —, ela já lhe trouxe aqui antes, não trouxe? E ele. Você tem mentido para mim há anos. Você está todo à vontade aqui nesta casa enorme com seus lindos avós ricos e aposto que está ansioso para ir para a França com seu pai.

França? Do que ela está falando?

— Que história é essa? — pergunto, mas ela berra: — Para, Ty! Você vai ter que se esforçar mais do que isso! — Ela enfia a mão na bolsa e tira um envelope e joga na minha direção. Meg rosna e late, mas eu a acalmo com um abraço.

— Agora diz na minha cara que você não sabia nada sobre isso — ela fala.

— Eu nem sei o que é — respondo, abrindo o envelope. Um livreto cai. Um livreto roxo. Ah, meu Deus! É um passaporte. Dou uma olhada na página de dentro. Meu rosto. Meu nome verdadeiro. A fotografia tirada no Snappy Snaps.

— Há semanas que não sei seu paradeiro. Ela não me contava. Dizia que não era seguro. Meu próprio filho! Eu vinha imaginando todo tipo de coisa. Estava com tanto medo. Aí descubro que ela vinha mantendo contato com

eles há anos, falando a meu respeito. E você, você e ele, você me traiu... seu ganancioso... desleal e... — Ela olha para mim. — Não vou aceitar isso. Você é meu filho. Você pertence a mim.

— Eu não sou uma coisa. Eu não pertenço a ninguém! — Ela está errada, mas, no meu coração, queria que fosse verdade. Louise devia mesmo ter me trazido para ver meus avós. Mesmo que significasse mentir para minha mãe. Não importa o que meu pai fez, por que sou eu quem tinha que sair perdendo nessa história? Não é justo. Eu gosto de Patrick e de Helen, e mesmo de Meg.

Não posso dizer nada disso a ela ou ela me mata.

Então pergunto: — Onde você está morando agora? — na esperança de desviar o assunto para um campo mais neutro.

— Eles nos colocaram em um apartamento por enquanto.

— Um apartamento? Onde?

— Em um conjunto habitacional em Birmingham. Um espigão. — Sua voz está se elevando de novo. — Não precisa fazer essa cara, Ty. Não podemos todos viver em casas enormes. Não vamos ficar lá para sempre. E não vamos nos esquecer da razão de estarmos lá, em primeiro lugar.

Ah, não, não vamos esquecer isso.

— Mas você disse que nunca moraria em um conjunto residencial.

— Não tive muita escolha, tive? — ela diz. — Tem três quartos. Lou divide o dela com Emma e eu divido o meu com a mamãe. Você vai dividir com Darren.

— Quem é Darren?

— Um policial.

Estou alisando o pelo de Meg. Ela lambe minha mão. Eu não vou morar em um espigão em Birmingham. Não vou dividir meu quarto com um policial chamado Darren. Não vou a lugar algum com Nicki neste momento. Ela enlouqueceu completamente.

— Vá arrumar sua mala — ela diz. — Vamos embora daqui o mais rápido possível.

— Mas e quanto ao Patrick e à Helen? Eles foram muito gentis comigo, Nic, muito mesmo. Eles não precisavam... — Minha voz falha.

— Eu falo com eles. Não devemos nada a eles. Pegue suas coisas.

Não sei mais o que dizer. Subo as escadas e pego minha bolsa. Não leva muito tempo para enfiar minhas coisas nela. Então começo a tossir, tossir e tossir. É exaustivo. Quando Archie aparece, ele me vê com o rosto vermelho e arfando, encolhido sobre a cama.

É claro que ele chega à conclusão errada, o bobalhão.

— Ei, você estava chorando? — ele pergunta, sentando-se na cama ao meu lado e colocando uma mão sobre meu ombro.

— Não, claro que não. — Minha respiração está difícil. Inspiro fundo algumas vezes. — Estava só tossindo, sabe...

— Nossa, está rolando a maior briga lá embaixo — ele diz, desviando o olhar enquanto limpo o rosto com um lenço.

— É mesmo?

— Sua mãe entrou com tudo dizendo que ia levar você para casa e agora seu pai está ameaçando chamar os advogados. Ela é sempre assim?

— Ela é meio imprevisível — respondo.

— Sua tia disse que ela veio esbravejando o tempo todo no carro. Duas horas sem parar. Ela disse “Quando Nicki fica zangada, não tem como falar com ela.” Isso é verdade?

Faço que sim. Sei que minha mãe está com medo de me perder. Às vezes ela demonstra seu amor de forma estranha. Mas isso me faz me sentir mal por me sentir mal, o que faz eu me sentir pior ainda.

— Mas seu pai está decidido e diz que você vai ficar com ele. O que você quer fazer? Você quer ir com ela?

Balanço a cabeça negativamente. — Ela está fora de si e está muito zangada comigo. Elas estão morando em um espigão e vou ter que dividir

meu quarto com um policial. — Nem penso em falar para Archie do bebê.

— E o seu pai?

— Eu não sei. Archie, isso tudo está bagunçando minha cabeça. Eu não sei o que fazer. Não quero ficar com nenhum dos dois. — Estou entrando em pânico. Minha tosse começa de novo. Archie bate nas minhas costas.

— Olha — ele diz —, toma o laptop. Veja seus e-mails. Você não chegou a respondê-los.

Entro de novo na minha conta e abro o primeiro e-mail de Claire. Archie está irrequieto, andando pelo quarto, mas eu me concentro na tela diante de mim.

O primeiro e-mail diz: *Foi tão estranho falar com você. Às vezes mal acredito que realmente nos conhecemos. Você parece uma história ou um filme, um herói que me salvou. Queria que pudéssemos ficar juntos.*

O segundo e-mail é todo sobre uma excursão para a aula de geografia — fósseis — e como ela queria que eu estivesse indo e como vai ser divertido, mas que seria melhor se eu estivesse lá. Verifico a data. Ela está lá agora.

A última diz: *É horrível como às vezes você entra em contato, mas a maior parte do tempo, não. Até parece que se esqueceu de mim. Estou começando a achar que você arranjou outra namorada. Nem sei mais se alguma vez pensou em mim dessa forma. Talvez você só se interesse por garotas como a Ashley.*

Olho longamente para a tela. Claire não faz ideia. Ela não entende o que sinto por ela. Provavelmente ela vai ficar com alguém durante essa excursão, alguém como Brian, ou Jordan, ou até mesmo Max.

Fecho o laptop. Sinto a mente mais clara. Meu corpo está mais forte. Eu sei o que vou fazer.

— Archie — digo. — Você tem algum dinheiro? Pode me emprestar?

— O quê? — ele responde, pegando o computador. — Você não desligou ele direito, desligou? Não vou mais deixar você usar.

— Dinheiro, Archie. Preciso que me empreste algum. E você vai precisar me dar cobertura.

— Ah, meu Deus! — ele exclama. Está quase pulando de felicidade. — Você vai fugir, não vai? Ah, meu Deus!

Cristo! Será que posso confiar nele? Será que ele vai me entregar para Patrick?

— Você não pode contar a eles — rosno. — Não vai dizer nada.

Ele está olhando para mim. Não consigo adivinhar se ele acha uma boa ideia me deixar fugir e me meter em mais encrenca ou se acha melhor se dar bem e me entregar logo. Eu fecho os punhos. — Estou falando sério, Archie.

— Relaxa, cara — ele diz, fazendo um gesto de calma. — É uma ideia doente, mas você não vai conseguir sozinho. Eu vou com você.

CAPÍTULO 13

Perdido

Saindo às escondidas de casa — Archie me mostra um portão no jardim que leva direto ao centro da cidadezinha —, esperando no ponto de ônibus, comprando passagens na estação... O tempo todo sinto que é questão de minutos antes que nos peguem, antes que Patrick nos encontre ou minha mãe apareça de táxi. Mas agora estamos sentados em um trem a caminho de Londres e ninguém nos achou. Começo a me sentir confiante. Começo a relaxar.

Então me lembro de que estamos rumando direto para uma cidade cheia de gente que quer me ver morto.

— Então — sussurra Archie. — Para onde vamos exatamente?

Faço cara feia para ele. Sei exatamente para onde vamos e como vamos chegar lá, mas não estou a fim de divulgar meus planos para todo mundo no vagão. — Isso eu só vou dizer quando você precisar saber.

— Mas eu preciso saber — ele diz. — Afinal, estou pagando.

Olho para a mulher sentada à nossa frente. Ela está com fones de ouvido, escutando seu iPod. Não acho que possa nos ouvir.

— Claire — sussurro. — Vamos encontrá-la. Eu sei onde ela está. Vou lhe contar aonde temos que ir quando chegarmos lá.

— Ótimo — ele diz. — Demais. Estamos em uma missão para você transar com sua namorada; e o que eu vou fazer exatamente?

— Eu não lhe pedi que me acompanhasse — lembro a ele. — Por que você veio, afinal?

— Eles arrumaram uma vaga para mim na Allingham Priory. Estava planejando minha própria estratégia de fuga. Agora, se nos pegarem, posso botar a culpa toda em você, dizer que você me forçou a vir, que me

ameaçou, roubou meu dinheiro. — Ele sorri. Não consigo saber se está brincando ou não.

— Olha, vem comigo até onde você quiser — digo. — Se me emprestar o dinheiro, prometo que pago de volta algum dia.

Ele revira os olhos. — Ty — ele diz —, você tem que aprender quando estou brincando. Você leva as coisas a sério demais.

Por um instante, me lembro do Arron. Arron, tão engraçado quanto Jonathan Ross ou Johnny Vaughan[7]. Arron, que fazia piadas — algumas às minhas custas — e eu nunca tinha certeza se devia rir ou não. Pergunto-me se ele continua tão engraçadinho agora que está na Instituição para Jovens Infratores.

Estamos em uma parte reconhecível de Londres agora — Ally Pally e Muswell Hill —, e eu estou sentindo o gosto agridoce, familiar e sufocante do pânico na boca. Quando o trem para em Finsbury Park — Finsbury Park, pelo amor de Deus, onde já estive um milhão de vezes; onde, se eu descesse do trem e passasse pelo boliche para descer a Rua Blackstock, alguém, qualquer um, me reconheceria no ato —, acho que vou desmaiar. Mas não desmaio. Eu me concentro em Claire. Estou fazendo isso por ela. Eu vou encontrá-la.

Pegamos um ônibus para Victoria. Uma vez no segundo andar, bem na frente, fico surpreso ao perceber que estou até gostando um pouquinho de tudo isso. Oxford Street, Marble Arch, Hyde Park Corner. Tinha me esquecido do quanto eu gostava de ver todas aquelas pessoas diferentes, tentando adivinhar de onde vinham, escutando a babel de línguas diferentes se misturando no ar. Nunca imaginei antes que outras partes da Inglaterra não eram necessariamente assim.

Na estação Victoria, levo Archie até o guichê. Ele retirou dinheiro de um caixa automático em Kings Cross — ajuda o fato de ele ter seu próprio cartão de débito — e entrega o valor de que precisamos. Estou elétrico, imaginando o rosto de Claire quando ela me vir. Talvez ela até fuja comigo. Se Archie me emprestar o dinheiro, podemos ir para a Irlanda talvez... Eu poderia trabalhar como faxineiro.

— Estou faminto — diz Archie. — Fique aqui. Vou comprar comida. — Ele me senta em um banco, deixa as duas bolsas comigo e diz: — Não vou demorar.

Espero e espero e nem sinal dele. Começo a ficar nervoso. Mal conheço Archie e não gosto muito dele. E se ele tiver me abandonado? E se ele nunca mais voltar? E se ele achar que vai ser engraçado me largar aqui e voltar para casa?

Merda. Estou certo de que é o que aconteceu. Aquele babaca. Não tenho celular, não sei o número de ninguém, não sei o endereço de ninguém, não tenho dinheiro, tem gente querendo me matar e Archie está com as passagens. Por que fui confiar nele? Por quê?

Estou nervoso. Meu peito está chiando e meu tornozelo está começando a doer de novo. Tento me concentrar em Claire, mas só o que consigo pensar é no rosto de Patrick quando descobriu que fugimos. Ele deve estar furioso. Deve estar tão decepcionado.

O que diabos vou fazer? Quando eu era bem pequeno, minha avó me ensinou a procurar um policial e dizer: — Estou perdido. — Quando me lembro disso, só o que escuto na minha cabeça é minha voz com cinco anos dizendo, *estou perdido*, *estou perdido*. Só que ela nunca pensou que eu poderia chegar a um ponto na minha vida em que eu não iria querer chegar nem perto de um policial.

Estou prestes a me levantar e começar a procurar quando Archie aparece. *Jesus Cristo!* Fico tão feliz que poderia beijá-lo. Quase.

— Tinha uma fila monstruosa — ele diz. — Vem, só temos cinco minutos. Corremos até o ponto e subimos no ônibus.

Já sentados no fundo, começo a pensar quanto tempo ainda temos. Presumo que os pais de Archie vão querer colocar cartazes com uma foto do querido filhinho perdido pelo país inteiro. Pelo menos a minha mãe, espero, vai perceber o quanto isso poderá ser perigoso para mim. Talvez ela simplesmente me deixe em paz. Talvez... Mas, se minha mãe decidir por uma linha de ação, meu pai vai decidir o contrário só por questão de princípios. Não os vejo concordando em nada.

Cutuco Archie, que está tirando batatas fritas e sanduíches de um saco plástico.

— Archie, acha que devíamos ligar para eles? Só para dizer que estamos bem.

— Queijo ou atum? — ele pergunta. — Não, não acho. Está maluco? Não, não precisa responder. Tome o de atum. Sal e vinagre está bem para você?

Faço que sim e como o sanduíche enquanto olho para a cidade de Londres se derretendo em subúrbios cinza e tudo vira um borrão. Archie me acorda quando o ônibus para. — Vamos, Ty — ele diz. — Chegamos. Precisamos descer.

É estranho estar de novo no litoral. O cheiro da maresia, as gaivotas estridentes. Por um instante só consigo pensar no corpo de Alistair coberto por uma manta e o sangue nos chinelos da vovó. Mas está tudo bem. Estamos na costa sul. Estamos longe de tudo que aconteceu naquele dia.

Archie está esfregando as mãos. — Starbucks — ele diz. — Vamos, preciso de uma bebida quente e podemos ligar para sua namorada para dizer onde estamos.

Xi, que merda! Eu não tenho o número de Claire e ela não vai verificar seus e-mails se estiver procurando fósseis o dia todo. Nunca vamos encontrá-la. Como vou dizer a Archie que estraguei tudo?

Espero até ele comprar um *latte* com creme extra antes de confessar. Mas ele parece incrivelmente calmo. — Albergues da Juventude — ele diz. — É onde essas excursões escolares sempre ficam. — Pega o laptop e acha uma lista de albergues, então começa a ligar para um por um e perguntar qual tem uma excursão do Colégio Parkview hospedada lá. Incrivelmente, ele consegue achar o lugar certo e reserva um quarto para dois.

O café doce está me aquecendo, e eu não consigo parar de sorrir pensando em Claire, em como ficará feliz, em quanto quero vê-la, tocá-la... Archie para de falar no celular e diz: — Tudo certo! — E batemos as mãos no alto. Ele está radiante. Estou até começando a gostar dele.

Bebemos nosso café. Ele diz — Era tudo verdade, não era, o que me disse? Achei que estava me zoando, mas era verdade. A cara que fez no trem. Achei que ia ter um ataque do coração.

Droga. Achei que estava sendo calmo e confiante e corajoso. — É tudo verdade — falo.

— Nossa! — ele diz. — É como um filme. Você é como o astro de um filme.

— Nem tanto — eu digo, tomando um gole enorme do *latte*. — Onde a gente morava antes era tudo normal.

— Foi onde conheceu Claire?

— Hãã, sim.

— Ela é especial, não é?

— Sim — respondo. Só então eu me toco. Minha mãe sabe como me sinto sobre Claire. Assim que descobriram que fugimos, ela deve ter ligado para a mãe dela. Ela já deve saber da excursão. Não tem jeito de a gente ir naquele albergue.

Dou um pulo, derramando o *latte* na mesa toda. — Merda! — grita Archie. — Cuidado com o laptop!

Estou em pânico. — Archie, cacete! Sou tão burro!

— Só agora percebeu? — ele ri. — Limpa isso, seu tapado.

A porta se abre, deixando entrar uma corrente de ar frio. Olho por cima do ombro, esperando ver minha mãe ou Patrick. Tudo bem, penso, são duas garotas, bonitas, uma menor e loura, a outra mais alta e morena. Estão percorrendo o café com os olhos, procurando seus amigos.

Então elas vêm até nós e a loura diz: — Ah, meu Deus, é você mesmo! Não acreditei quando recebi seu recado.

Santa Maria, mãe de Deus!

É Claire.

CAPÍTULO 14

Dança

Quando conheci Claire, ela estava passando por um momento muito difícil. Ashley, minha primeira, e péssima escolha de namorada, estava sendo muito cruel com ela. Claire se sentia e parecia uma fracassada total. Cabelos cobrindo o rosto, roupas largas e volumosas, uma expressão permanente de coelho assustado no rosto.

Foi um milagre eu ter percebido que ela na verdade era muito bonita e que seu cabelo escorrido era brilhante e macio. E às vezes até eu me sentia meio estranho por gostar dela, pois parecia ter uns dez anos.

Mas esta Claire é diferente. Esta Claire tem cabelos louros curtos e espicaçados, usa delineador cinza borrado e rímel escuro. Está vestindo uma calça jeans justa e tem brincos de argola nas orelhas. Seus lábios brilham com gloss. Ela parece ter pelo menos quatorze anos e ser o tipo de garota que sairia com alguém tão descolado como Joe. Se eu ainda fosse o Joe...

Eu me levanto e consigo dizer algumas palavras.

— Oi, hã, Claire.

Ela fica ali, olhando para mim. O que está pensando? Ela está linda e é óbvio que gosto. É obvio que é ótimo, mas ela não se parece com *minha* Claire, a Claire que tem me feito tanta falta. E se ela mudou tanto por dentro quanto por fora? E se ela acha que mudei totalmente também, só que para pior?

— Olá, Joe — diz a amiga de Claire. Mal a reconheço como Zoe, que era da turma 8P e costumava me dar mole. — Você nunca nos disse que tinha outro igual a você em casa.

Archie lhe dá um sorriso que é para ser conquistador. — Sou o primo do Joe — ele diz, adotando meu nome trocado sem pestanejar. — Quem é

você?

— Esquece isso — interrompo. — Archie, o que está havendo aqui?

— Bem, como você não tinha o número da Claire, eu deixei um recado na recepção — ele disse. — Vocês devem ter vindo direto pra cá — ele se dirige às meninas.

— Escutem — diz Claire —, nós só temos uma hora e depois temos que voltar para o albergue. Eu preciso muito falar com você. — Ela está sendo despachada e quase mandona e, de novo, não sei, ela não está sendo bem a Claire.

— Tudo bem — diz Archie. — Nós nos encontramos no albergue depois. Deixe eu lhe dar um dinheiro, meu rapaz.

E passo a humilhação total de ter de receber vinte libras de Archie na frente de Claire e Zoe — que está achando a maior graça em tudo. Ao sairmos pela porta, ouço Archie lhe oferecer uma bebida.

Esqueço os dois no instante em que saímos do Starbucks. Lá estou eu com Claire, olhando para seu rosto, e não sei se choro ou se rio. Não consigo acreditar. Não tem nada que nos impeça de nos abraçarmos, mas por alguma razão, não conseguimos. Ficamos os dois de pé ali, e é tudo tão estranho, confuso. Ela parece um pouco preocupada, o que a faz parecer mais com minha Claire, e quero dizer que está tudo bem, que não há com que se preocupar, que vai ficar tudo bem, eu estou aqui para cuidar dela.

Mas minha cabeça também está cheia de preocupações, e é isso o que sai.

— Claire, na verdade não era para eu estar aqui — digo. — Minha mãe já deve ter falado com seus pais a esta altura. Eles provavelmente vão nos encontrar até a noite. Pode pedir a eles para não falar nada?

— Você fugiu? — ela pergunta. — Não acho boa ideia sequer mencionar seu nome para meus pais, na verdade, ou os meus pais podem acabar aparecendo também.

Grande. Nada mudou. A última vez em que os vi, a mãe de Claire estava me chamando de “esperto”, querendo dizer na verdade “escória”, e seu pai

estava a fim de me bater. Eu tinha uma esperança remota de que ela tivesse conseguido mudar a opinião deles.

— Tentei falar com eles — ela diz —, mas uma monte de fofocas maldosas vem circulando.

Não fico surpreso. Quando as pessoas não sabem os fatos, elas começam a inventar coisas. Quanto menos sabem, maiores são as mentiras.

— Todo mundo acha que sabe tudo sobre nós e tudo sobre você. E ninguém acha nada bom. — A voz dela está firme, mas ela está olhando para o vazio e posso ver que tem passado momentos bem ruins.

— Claire, eu sinto muito...

— Tudo bem. Às vezes pode ser irritante, mas com certeza mudou a maneira como as pessoas me veem na escola. Nada de que eu não dê conta. E tem algumas pessoas, como seu amigo Brian, que não acreditam em tudo o que ouvem. De qualquer forma, achei que, já que era assim, podia mudar meu visual também. Acho que não consegui ser invisível.

— Você está linda — eu digo. — Sempre foi linda. — É bom ver as rugas na testa dela sumindo.

— Então você gostou? — ela pergunta.

— Sua aparência não importa para mim — falo, e ela desvia o olhar e eu me sinto um idiota. Falei a coisa totalmente errada. Mas não sei como dizer isso sem parecer falso.

Não estou a fim de outro lugar igual ao Starbucks. Quero que nosso tempo juntos seja especial. Quero tudo certo. Então vejo um cartaz interessante.

— Olha — digo, mostrando para ela. — Vamos entrar aí.

— O quê? Por quê? — ela diz.

— Vamos sair do frio e podemos beber alguma coisa. Ninguém que a gente conheça vai estar aqui e pode ser divertido. Por favor, Claire.

Ela me olha como se eu fosse maluco, mas me segue e começa a rir quando compro dois ingressos. A mulher atrás da mesa parece um tanto

receosa, mas aceita o dinheiro.

— Este deve ser o encontro mais louco da história — diz Claire, mas eu digo: — Não, espera só para ver, vai ser legal.

Então entramos e todas as pessoas no salão olham para nós. Somos os mais jovens ali por pelo menos uns cem anos. O que faz sentido, na verdade. Não é comum jovens frequentarem chás dançantes.

Um sujeito se aproxima. — Ei — ele diz. — Vão embora. Não queremos encrenca por aqui.

— Não estamos aqui para criar problemas — digo, e Claire sorri para ele, tira o casaco e pergunta educadamente se tem um lugar para pendurá-lo. É bem esperta, pois ele mostra uns ganchos na parede e esquece completamente que somos indesejáveis. Quando a conheci antes, Claire vivia se escondendo, enfiada em agasalhos enormes, os cabelos desalinhados caindo sobre o rosto. Mas agora suas roupas mudaram tanto quanto seu rosto. Sua blusa cinza tem mangas longas, mas é justa em seu corpo. E seu corpo — bem, ou ela cresceu bastante na área do busto, ou tem algum enchimento rolando, ou ela colocou um implante.

É como se estivesse disfarçada, fingindo, tentando ser outra pessoa, como eu tenho que fazer o tempo todo. Ou é essa a verdadeira Claire, a Claire que estava escondida? Não sei. Quem pode saber?

É estranho demais começar a gostar dessa nova Claire quando ainda amo a antiga. Eu queria ajudá-la a mudar, e ela mudou sozinha. Ela não precisava de mim afinal.

— Então — ela diz, sorrindo para mim. — Vamos dançar? — E eu pego sua mão e passo o braço por sua cintura e digo: — Vamos tentar.

Eu preferiria uma música melhor — embora Frank Sinatra seja um dos favoritos da minha avó, então pelo menos conheço as músicas — e tropeçamos algumas vezes nos nossos pés até que ela percebe que eu sei o que estou fazendo e relaxa e me deixa guiá-la. Então a gente girando, o movimento, o brilho em seus olhos — era exatamente o que eu queria.

Não importa se estamos no salão de uma igreja e se não tem lantejoulas e globos de espelhos, nem banda, nem Bruce Forsyth. Na verdade, ainda bem

que não tem Bruce. Ele é a pior parte do “Strictly Come Dancing”[8]. Só o que quero é dar a ela algo para compensar pelas fofoqueiras com suas mentes pervertidas e bocas moles. Glamour e romance, isso é o que busco.

E ela entende, porque está sorrindo e sussurra no meu ouvido: — O que acha que os juízes vão dizer? — E eu respondo: — Ah, até o Craig[9] vai adorar a gente — a levanto — ela é tão leve, seu cabelo cheira a morango — e tento rodar, estilo suave americano, o que nos deixa tontos e me faz lembrar que estou com um tornozelo ruim. Fico contente quando a música acaba e posso colocá-la no chão de novo.

Só então vejo que os idosos todos pararam de dançar para nos olhar e alguns estão batendo palmas. Uma velhinha balança um lenço. — Muito bem. — Ela diz. — É tão bonito ver que nem todos os jovens são delinquentes e vândalos.

Vamos até a mesa nos servir de chá e biscoitos e nos sentamos a uma das mesinhas espalhadas em torno da pista de dança. Claire está rindo. — Nunca imaginava você como fã do *Strictly* — ela diz.

— Minha avó é a maior fã do mundo — falo. — Ela faz aulas de salsa e dança em linha e fazia dança de salão antes de ter filhos.

Faço uma pausa, então conto a ela um dos segredos mais bem guardados de minha vida. — Ela me colocou na aula de dança de salão quando eu tinha seis anos e eu fiz dois anos de curso. Mas você não pode contar para ninguém. Especialmente Carl e Brian. — Não importa se não estou mais na escola deles. Não vou deixar que riam de mim.

— Quem sabe um dia você concorre no “Strictly” — ela diz. — Eles têm atletas, não têm? Quando você terminar de ganhar medalhas.

— Sim, sei. Primeiro tenho que voltar a ter uma vida. — Então a coloco em dia com tudo o que aconteceu desde a última vez que a vi.

Ela não quer falar sobre Alistair. — Ellie ficou tão triste — ela diz, mudando logo de assunto. Está mais interessada no meu pai. Tem um monte de perguntas sobre ele e não sei responder nenhuma. Não sei no que trabalha, onde mora, se está casado e de que tipo de música gosta.

— É como você tivesse decidido não se interessar por ele — ela diz, decepcionada. E eu explico: — É que estive doente. Passei uma noite no hospital.

— Sim, mas mesmo assim, Joe, ele é seu pai e você nunca o viu antes.

— Hmm — faço. — Eu te falei que meu avô fala francês como se viesse da França? — Mas ela não quer saber de Patrick e diz: — Você precisa conhecer seu pai. Talvez ele também seja bom com línguas.

Então ela diz: — Joe, tenho muitas coisas que quero lhe perguntar. Aquele e-mail que me enviou. Não pode fazer isso. Não pode simplesmente jogar uma coisa dessas na minha cabeça quando não sei quando vou te ver de novo.

— Estou aqui agora, não estou? — respondo, amuado. Seguro sua mão. — Por favor, Claire, não dá para esquecer isso? Foi só um e-mail bobo. Não quis dizer nada.

— É claro que não — ela diz, indignada. — Significa muito. Quero saber o que quis dizer com aquilo. Quem você machucou? Por que está mentindo?

— É meio complicado — começo, mas ela olha para o relógio e exclama: — Ah, meu Deus, eu devia ter voltado para o albergue há uma hora. Vou arrumar o maior problema. — Ela pega o celular do bolso. — Ah, não! Veja. Sete ligações perdidas. O Senhor Hunt vai ficar furioso. Vamos, temos que ir.

— Senhor Hunt? — Ela não pode estar falando sério. Ela está aqui em uma excursão escolar com o Sr. Hunt, meu antigo coordenador, o tal que me odeia e que vai se lembrar de cada detalhe de minhas duas suspensões e saída precipitada da escola. Ele acha que sou um *bully*, alguém que agride as garotas por sexo. Ele vai chamar a polícia se me vir a menos de vinte quilômetros de Claire.

— Podemos conversar mais tarde? Claire, por favor...

Ela está vestindo o casaco e abotoando-o. Ela demora no processo, se atrapalhando, e vejo que seus olhos estão cheios de lágrimas.

— O que foi? — pergunto, inseguro. Quero levantá-la de novo, limpar suas lágrimas com beijos. Mas ela esfrega o rosto e olha para o outro lado.

— Vamos ter que conversar depois — ela diz. — Você precisa explicar o que quis dizer. E não sei dizer o que vai acontecer depois, porque, ou você mentiu para a polícia, ou mentiu para mim. Então qual foi?

Abro a boca para falar. Quero contar a ela a história toda, tudo o que fiz, certo e errado.

Mas ela diz: — Nem se dê ao trabalho de responder.

CAPÍTULO 15

Reunião

É como se me acertasse com um cutelo e abrisse o meu coração para todos verem, e estou sangrando até a morte na frente de um monte de aposentados dançando.

E só o que ela faz é tirar um mapa do bolso e ir até uma senhora para pedir orientações até o albergue. Eu vou atrás dela — ela não percebe o que fez comigo? —, mas seus olhos estão fixos no mapa.

Ela sai porta afora, quase correndo enquanto tento alcançá-la. Deveria ser fácil. Geralmente sou mais rápido do que qualquer um que eu conheço, mas com o tornozelo ruim e a respiração pesada é terrivelmente difícil.

— Claire, espera, por favor — peço, arfando.

— Não posso. Eu preciso voltar — ela diz, dobrando uma esquina.

Eu a alcanço e seguro seu ombro. — Claire, isso é mais importante. Você não pode falar e sair correndo assim. E se não conseguirmos nos falar depois?

Ela se desvencilha de mim. — Vamos ter que conseguir. Lamento.

— Claire... — Meu corpo todo está doendo com o esforço de correr atrás dela e meu cérebro está explodindo, tentando achar uma solução. Mas é como uma charada — como convencer uma pessoa de que você é honesto quando acaba de dizer a verdade sobre estar mentindo? E como você pode prometer a ela que está segura com você se está confessando que machucou alguém? E como conquistar sua confiança quando não se pode nem falar?

E o que fazer com a noção de que Claire pode ser um pouco perturbada ela mesma e que ela nem sempre faz a escolha certa? De que ela até *gostou* quando eu a machuquei aquela vez?

— Claire... Claire... — Alcanço-a novamente e dessa vez consigo me colocar na sua frente. Eu a seguro e dou um abraço apertado. Por um segundo ficamos parados, e eu acaricio a pele macia de seu rosto e olho em seus olhos e imploro. — Você tem que me escutar, tem que falar comigo agora. Não pode simplesmente falar isso. Por favor, me deixe explicar.

Ela deveria gostar de estar nos meus braços, não devia? Ela devia me escutar, mas ela está me empurrando e se contorcendo e tentando se livrar de mim. Ela grita: — Não, agora não! — Eu grito de volta: — Sim, agora!

Então ela me dá um pontapé na canela — ai — e sinto mãos me agarrando por trás, me puxando para trás, e uma voz masculina conhecida dizendo: — Solte a menina. Chamem a polícia!

Ai, merda! É o Sr. Hunt. Não podia ter hora pior.

Ele me empurra de lado e eu caio na calçada. Provavelmente eu conseguiria fugir se não fosse pelo tornozelo e a tosse — e um sujeito parrudo pula nas minhas costas e empurra minha cabeça contra a calçada fria e molhada. Meu queixo bate contra a superfície dura e meus dentes se fecham sobre minha língua. Sinto o gosto adocicado de sangue na boca. A calçada fede a urina e coisa pior. Eu me contorço e engasgo e ele só faz empurrar com mais força minha cabeça contra o cimento e rosna: — Fica parado aí.

Conheço essa voz. Caramba, é Carl. A última vez que lutamos, acabei quebrando seu nariz. Agora ele está se vingando sem nem saber. Não consigo ver Claire. Só vejo meu cabelo e meu capuz e um cocô de cachorro a centímetros do meu nariz. Rezo para Carl não vê-lo também.

— Claire, você está bem? O que ele fez com você? — O Sr. Hunt está tentando parecer preocupado e atencioso, mas no fundo posso detectar um tom de satisfação enorme consigo mesmo por ter salvado sua aluna das garras de um agressor encapuzado do mal. — Emily, Anna, cuidem dela.

Claire fala em uma voz aguda, toda distorcida e ofegante: — Senhor Hunt, está tudo bem. Eu estou bem. — Soluço. Respira. — Solta ele. Está tudo bem. Não foi... Não foi isso. Não chame a polícia. Foi minha culpa.

— Do que está falando, Claire?

Então uma voz diferente, a voz de Zoe: — Senhor Hunt, acho que é o Joe. Nós, hãã, nós o encontramos no Starbucks.

Eu me lembrava do Sr. Hunt como um professor de geografia de cabelos claros, magro, que costumava me achar intensamente irritante, em especial porque eu o chamava de "senhor" e ele achava que estava sendo irônico com ele. Ele era mestre no uso do sarcasmo e das múltiplas detenções. Mas, pelo visto, ele também pode gritar tão alto a ponto de doer meus ouvidos. — Que diabos! Joe *Andrews*? — ele urra. — Dá uma olhada, Carl!

Carl segura meu capuz, torce e puxa, quase me enforcando, então desloca seu peso ligeiramente para me virar de costas e poder olhar para minha cara. Estou mole como uma boneca de pano prestes a ser destroçada por um rottweiler. Por sorte, o rottweiler é bem treinado e amigável. — Ôôô, é o Joe. Fala, velho — ele diz em um tom faceiro. — Achava que nunca mais o veríamos.

Ele me solta inesperadamente e minha cabeça bate na calçada — splat! — em cima de um monte enorme de cocô de cachorro. O fedor é insuportável. Rezo para não grudar nada no meu cabelo. Meu único consolo é que um pouco voou para cima do sapato do Sr. Hunt. Ouço gritinhos femininos de nojo.

— Ei, Carl, cuidado aí, cara — reclamo, com a voz fraca. — Oi, Emily, Jamie, Max, hãã, olá, senhor.

— Joe Andrews. Diabos! — diz o Sr. Hunt, como se o próprio Satã tivesse se materializado do nada em uma nuvem de fumaça diante dele. — Claire, o que está acontecendo aqui? Foi você quem marcou de encontrar com Joe?

— Não... sim... Eu recebi um recado dizendo que ele estava no Starbucks — Claire diz, fungando. — Senhor Hunt, ele não fez nada. Ele só queria falar comigo. Por favor, não chame a polícia.

— Pode ser tarde demais — diz o Sr. Hunt. — Alguém chegou a ligar? — Todos se entreolham, constrangidos, e concluo que ninguém agiu rápido o suficiente para chamar a polícia. Rá! Eles são patéticos. Ainda bem que eu não era um delinquente ou marginal.

Percebo então que todos os presentes são, ou eram, pessoas mais ou menos amigas quando eu era Joe. Zoe deve ter dito a eles que eu estava na cidade. Até Carl devia estar apenas fingindo não me reconhecer — de forma um tanto convincente demais, em minha opinião.

— Certo — diz o Sr. Hunt. — Claire, eu vou ter de ligar para seus pais para informá-los sobre isso. Joe, não sei o que está fazendo aqui, mas sugiro que desapareça o quanto antes. Nunca mais quero vê-lo e você não vai mais incomodar a Claire, está claro? Agora vamos encontrar o resto da turma no Pizza Hut. Estão preocupados conosco.

— Mas, Senhor Hunt — diz Max —, nós não vemos o Joe há tanto tempo. Ele não pode vir junto? Tem um monte de gente na pizzaria que gostaria de vê-lo. Brian, por exemplo, e o Senhor Henderson.

Típico do Max — uma intervenção completamente inútil. Lembro-me de seu abaixo-assinado para o diretor depois de eu ter sido suspenso por quebrar o nariz de Carl e sorrio para ele. Eu gostaria muito de ver Brian e o Sr. Henderson, meu antigo professor de educação física, sempre foi um cara legal. Mas só mesmo alguém completamente idiota para achar que o Sr. Hunt vai me deixar dividir uma pizza quatro queijos especial com Claire.

— Cale-se, Max — diz o Sr. Hunt, e Max se cala. Zoe o cutuca e me dirige um olhar significativo, mas estou arrasado demais para entender.

Claire secou as lágrimas e está me olhando com uma expressão tão triste que tenho que desviar o olhar. Sei o que significa essa expressão. Ela não vê qualquer futuro para nós.

Significa que ela decidiu que sou um bruto violento e mentiroso.

Significa que ela nunca mais poderá confiar em mim, me amar, me perdoar.

Significa...

— Vamos indo — diz o Sr. Hunt, e eles se afastam de mim. Claire olha para trás, mas é puxada pelas amigas. Carl me solta e diz: — Desculpa, cara. Tinha que ter certeza de que era você mesmo. O que estava fazendo com ela. Pareceu meio pesado.

— Carl, fale que preciso conversar com ela. Diga que eu a amo...

Ela olha para mim com cara de espanto e percebo que escolhi o pior mensageiro possível. Mas esta pode ser minha última chance de falar com Claire, e, como minha avó diria, a necessidade dita a as regras. Deitado ali no chão, molhado e imundo, com cinquenta centavos no bolso, sem celular, sem noção de onde fica o albergue e de como se chama, implorar parece ser minha única opção.

Não consigo me levantar. Meu corpo parou de funcionar. Fico deitado na calçada e imagino o que aconteceria se eu simplesmente ficasse ali. Quem iria me encontrar? O que iria me acontecer? Tanto faz. Posso esperar para ver. Não sei se me importo mais com nada. Uma lágrima patética escorre do canto do meu olho. Pisco várias vezes para impedir que outras se formem. Não vale a pena chorar por mim.

Então escuto alguém correndo em minha direção. Passos leves. Uma menina? Claire? Apoio-me nos cotovelos. *Claire?* Não, é Zoe. Ela percebe a decepção no meu rosto e diz: — É aquela porta ali, bobão, número vinte e três. Archie está esperando por você. Quarto doze. Eu falo com Claire. Até mais tarde. — E ela sai correndo de volta para o grupo dos meus antigos colegas de sala. O Sr. Hunt está interrogando Claire. Ele não parece perceber que Zoe voltou para falar comigo.

Permaneço deitado ali mais um tempo. O que queria mesmo era que alguém viesse me ajudar a levantar, me levasse para dentro e cuidasse de mim. Fecho os olhos e imagino se seria possível dormir assim. Então alguma coisa cutuca minha cabeça. Olho para cima.

Um policial. Sua bota reluzente bem ao lado da minha cabeça. Cheira a couro e graxa de sapatos. Eu estou fedendo a suor e cocô.

E não parece muito complacente. — Bebeu demais? — pergunta.

Eu me levanto nos cotovelos de novo e balanço a cabeça em negativa. *Estou perdido*, eu penso. *Estou perdido*. Mas não faz sentido dizer isso. Ele não pode me ajudar. Minha vida é complicada demais.

— Vamos andando, então — ele diz. — Não quero saber de vadiagem nas ruas.

— Está bem — digo, fazendo um esforço sobre-humano para me pôr de pé. Olho em volta e vejo a porta vinte e três. O albergue. Ando na direção dela e ele se afasta. Sinto um bafo de ar quente ao abrir a porta.

Quarto doze, Zoe disse. Tem uma mulher sentada atrás de uma mesa e, ao passar por ela, vejo seu nariz encolher. — Aonde você vai? — ela pergunta. — Estou com o grupo da Parkview — respondo. — Ah, está bem. Você sabe para onde ir, então — ela diz, indicando as escadas. Levo séculos para subir — tenho que parar no meio do caminho por causa de um acesso de tosse — e quando chego no corredor mal iluminado, estou tonto e suado e meu tornozelo está latejando. Ninguém acreditaria que sou um atleta em potencial. Fico grato de não ter encontrado com o Sr. Henderson. Espero conseguir evitá-lo de manhã.

Bato na porta marcada doze e Archie abre-a devagar. — Já estava mais do que na hora! — ele diz. — Onde você estava? — e então — Que cheiro é esse?

O quarto é mínimo e parece uma cela. Duas camas de solteiro de metal, carpete cinza-escuro, lençóis brancos tipo de hospital e uma luz ofuscante no teto. As únicas coisas que destoam de uma prisão ou hospital são as cortinas de cor creme que emolduram a janela e o banco de madeira pintado de cinza embutido na parede embaixo dela. Tem uma pia em um canto e um espelho, nada mais. Nenhum chuveiro ou banheiro, nenhuma televisão, nenhuma chaleira. Fiquei em vários hotéis ao longo desse ano, nenhum deles exatamente cinco estrelas, mas eram palacetes comparados a isto.

Mas é quente e limpo — ou era, até eu chegar.

A janela está aberta e tem um cigarro acesso no peitoril que Archie pega, recostando-se e dando uma longa tragada. A maior parte da fumaça sai pela janela, mas ainda sinto seu cheiro e me faz lembrar de minha mãe.

Respiro profundamente e me lembro de minha vida em casa antes de tudo isso acontecer. Eu estaria estressado com algum dever de casa de matemática e ela entraria dançando, daria um beijo na minha testa e cantaria a música que planejava apresentar no karaokê à noite. Ela me abraçaria e mostraria onde estava errado no exercício e me daria dinheiro para comprar meu jantar na loja de kebabs.

Por um instante, sinto tanta falta dela que quase peço a Archie para ligar para Patrick e pedir a ele que a mande vir me buscar. Eu posso morar em um espigão em Birmingham. O que tem demais? Então imagino sua reação à minha fuga — *"Seu moleque egoísta. Sabe quanta dor você me causou? Você podia ter matado o bebê do Alistair!"* —, e sei que não tenho como voltar.

Tiro meu agasalho antes de me atirar na cama. Archie olha para ele horrorizado. — Urgh, nem devia trazer isso aqui dentro. O que aconteceu com ele?

— Caí em cima de um cocô de cachorro — respondo. Fico enojado com a ideia de todos os germes entranhados em minhas roupas. Não sei se entrou algum nos meus cabelos, na minha pele. Começo a me despir, arrancando as roupas freneticamente até ficar de cueca. Então encho a pia com água quente e pego o tablete ínfimo de sabonete branco e esfrego meus braços e rosto até ver pelo espelho que estou brilhando cor-de-rosa.

Encho novamente a pia com água limpa e enfio a cabeça debaixo d'água, balançando-a e esfregando sabonete nos cabelos para tentar me livrar de qualquer sujeira e dos germes nojentos.

A toalha de mão é áspera e pequena, mas me esfrego com ela até minha pele secar e começar a queimar. Archie boceja e diz: — Estou faminto. Esperei horas por você. Vou sair e comprar umas batatas fritas para nós.

— Está bem — respondo e, quando ele sai, procuro em minha bolsa um agasalho novo, uma camiseta branca limpa e uma calça jeans. Estou limpo. Estou vestido. Sento no peitoril da janela para sentir o cheiro do resto de seu cigarro e fingir que estou de volta em minha casa em Londres.

Tem uma brisa fria entrando e eu ponho a mão para fora para fechar a janela. Vejo dois homens conversando na calçada abaixo. E — se abrir mais um pouco a janela — consigo ouvir partes do que dizem.

— ... não acredito que deixou ele deitado aqui — diz um deles — ... totalmente irresponsável...

— Deixa disso, Geoff — diz o outro. — O que era para eu fazer? Vocês estavam todos no Pizza Hut e minha responsabilidade é com nossos alunos

atuais.

Sr. Hunt. Nossa! É o Sr. Hunt e o Sr. Henderson e eles voltaram da pizzaria. Para procurar por mim?

— Não estou nada contente com isso — diz o Sr. Henderson. — O que diabos ele estava fazendo aqui? Como ele estava?

— Já disse — responde o Sr. Hunt, em um tom que denuncia que estaria muito mais feliz se empanturrando de pizza de pepperoni com borda recheada. — Tipicamente agressivo e insolente. Achei que era um ladrão. O dobro do tamanho da pobre menina. Deus sabe o que estava fazendo com ela...

— Ela disse que ele só queria conversar com ela. Foi um mal-entendido — diz o Sr. Henderson.

Sr. Hunt bufa, indignado. — Olha, Geoff, já desperdiçamos tempo demais aqui. Um ex-aluno com péssima reputação estava assediando uma de nossas meninas mais vulneráveis. Se alguma coisa acontecer a ele, é só isso que temos que dizer. Não temos o que temer.

Faz-se um silêncio. Acho que foram embora, mas aí o Sr. Henderson suspira e diz: — Bem, Colin, espero que tenha razão. Mas eu não diria que Claire é necessariamente a criança mais vulnerável nessa história. Sabia que o treinador da Ellie Langley, o que levou um tiro, era o namorado da mãe do Joe? Nem gosto de imaginar o que está acontecendo na vida daquele menino.

Finalmente ouço os passos deles se afastando.

Deslizo até o chão, abraço meus joelhos contra o peito e penso no que acabo de ouvir. O Sr. Henderson, ele sabe, ele meio que sabe. Ele me acha vulnerável. Está preocupado comigo. É estranho. Fico envergonhado, zangado e contente, tudo ao mesmo tempo.

O cheiro de cocô de cachorro está mais forte do que antes. Começo a pensar em todos os germes voando e se procriando pelo quarto e me sinto enjoado e febril. Tenho que destruí-los. Que se danem as roupas.

Uso a toalha para apanhar tudo que possa ter tido contato com o cocô de cachorro. Enfio na cesta de lixo de metal no canto do quarto. Então pego o isqueiro de cima da cama do Archie, me inclino e acendo-o junto do agasalho. Leva um tempinho, mas logo o capuz começa a queimar e o fogo se espalha para a camiseta.

Olhando para as chamas, me lembro do fogo na loja do Sr. Patel, da explosão que era para nos matar, do rugir das labaredas que derretiam os chocolates e consumiam os jornais e revistas. Sinto o cheiro da fumaça química que saía do sofá quando minha mãe bebeu demais e dormiu com um cigarro aceso na mão.

Volto à lareira no escritório do Patrick, quando eu queria meter minha mão no fogo. Olho, fascinado, a calça jeans começar a se queimar e o brilho laranja e azul começa a lamber o topo da cesta de metal.

Vovó às vezes falava do fogo do inferno, sobre como as almas condenadas queimariam para sempre, sofrendo tormentos eternos. Minha mãe e minhas tias riam dela e diziam que estava repetindo bobagens supersticiosas. Mamãe costumava fingir que cobria meus ouvidos e dizia: — Ty, não escuta isso. Não quero você andando por aí carregando toda essa culpa católica. — Até os professores na escola diziam que o inferno não é feito de enxofre, chamas e capetas com tridentes. — O inferno é a separação completa de Deus — Padre Matthew nos dizia. — É a pior solidão imaginável. — Mas sempre achei mais fácil acreditar nas chamas infernais da vovó.

Tem uma parte de minha mente que sabe que esta é uma ideia burra, mas me sinto mais calmo agora, sabendo que todos os germes foram cremados. E meus dedos estão chegando cada vez mais perto do fogo.

CAPÍTULO 16

Juntos

Tem algo se derramando sobre minha mão. As chamas sibilam e morrem sob o despejo de um litro de Coca-Cola que Archie esvazia sobre a cesta de lixo. Minha pele está só um pouco rosa. A cesta crepita e solta fumaça. Uma espuma de refrigerante se forma.

— O que você está fazendo, seu cabeçudo? — ele pergunta. — Agora o quarto está fedendo ainda pior do que antes. Como vamos receber alguém assim?

— Hã, do que você está falando? — Estou perguntando sobre esse negócio de receber alguém, mas ele entende errado. Típico.

— Estou falando de você tentando botar fogo em tudo. Que droga! Não falaram nada de piromania nos sites sobre estrese pós-traumático.

— Que tal problemas comportamentais de longo prazo? — sugiro.

Archie pega a cesta de roupas chamuscadas. — Vou me livrar disso lá fora. Vamos arejar este lugar. — Ele abre a janela: — Promete que não vai pular daqui enquanto saio, seu maluco?

Tento pensar em algo para dizer que recupere o respeito que mereço desse menino, desse moleque, mas só consigo um fraco: — Sim, Archie. Desculpe.

— Bom. Se controla. Recomponha-se!

Ele tem razão, eu sei. Estou mesmo caindo aos pedaços. Mas juntar as peças é difícil quando, para começar, você nunca se sentiu inteiro. Sempre me preocupei com o que os outros queriam que eu fosse — minha mãe, minha avó, meu amigo Arron. Pensar sobre o que eles queriam me tomava todo o tempo. E cada um queria que eu fosse algo diferente. Então eu era.

Só me sentia realmente inteiro quando estava correndo e quando estava com Claire. Quando podia cuidar dela. E agora não posso correr por causa do meu tornozelo e a nova Claire não precisa de mim e não confia em mim e me deu um *pontapé* — passo a mão no hematoma dolorido na minha canela —, e talvez eu nunca mais consiga juntar meus cacos de novo.

Então me lembro de Ellie e de como ela superou o acidente que a colocou em uma cadeira de rodas para sempre. Eu não passo de um bebê chorão. Cristo!

Alguém bate à porta. Deve ser Archie. Eu me levanto para abri-la e me sinto imediatamente mil vezes melhor. Não é Archie. É meu amigo Brian. E eu consigo me recompor. Só que me recomponho como Joe.

— Opa, fala aí, parceiro. Bom te ver. — Falamos os dois ao mesmo tempo.

Ele entra no quarto e batemos as mãos. Ele se senta no banco da janela e eu me esparramo na cama. Abro um dos pacotes de batatas fritas ainda mornas que Archie comprou e ofereço a ele. Estou faminto.

Brian diz: — Não acreditei quando soube que estava aqui. Zoe me disse em que quarto estava.

— Achei que estavam todos comendo pizza.

— Eu saí escondido. Estão todos em cima da Claire e ninguém está prestando atenção no resto da turma. Uma parte foi jogar fliperama, então ninguém vai perceber que não estou lá. Emily disse que me daria cobertura.

Ele parece brilhar quando fala o nome dela.

— Você se saiu bem, meu filho — digo.

Brian cresceu uns dez centímetros desde a última vez que o vi e perdeu um bocado da gordurinha de criança também. Descobriu o gel de cabelos e algum creme mágico para espinhas, não sem algum sucesso. Mas ainda não diria que está à altura de uma garota como Emily.

— Foi graças a você, na verdade — ele diz. — Todo mundo queria falar de você quando você desapareceu. A Emily era muito amiga da Ashley na época e, é claro, eu e os meninos defendemos você.

— Hã, obrigado.

— Tudo bem. Ganhamos a maior moral com isso. As meninas passaram a nos dar mais atenção. Um dia a Emily me encurralou e disse que tinha muitas dúvidas sobre Ashley, pois sabia que ela tinha sido cruel com a Claire e tal. Aí tivemos uma longa conversa e tudo o mais e aí... Bem, estamos namorando desde então. Fomos à festa de fim de ano juntos.

— Legal. — Terminamos as batatas e, como não tem um cesto de lixo, jogo o papel de embrulho pela janela. Sei que Brian quer que eu pergunte até que ponto já chegaram, mas estou com inveja demais para isso.

Não com inveja de Emily, claro, mas porque ele tem uma vida.

— Max tinha esperanças de dar certo com a Becca também, mas ele é baixinho demais.

— Pobre Max, o anão virgem — eu digo, e rimos cruelmente.

— Mas então, como você está? O que aconteceu? Você voltou mesmo para Londres?

Ele está olhando para mim de um jeito estranho, seus olhos indo do meu rosto para meu cabelo, que ainda está úmido. Não sei o que dizer a ele. Estou farto de mentir o tempo todo, especialmente para alguém como Brian, que, agora percebo, é não só um dos melhores amigos que já tive, mas também alguém de quem senti saudades, mesmo sem ter pensado nele.

Sinto um nó na garganta e fico aliviado por ter experiência suficiente com meninas para saber que este não é um momento gay.

— Brian — começo a falar, mas, antes de poder continuar a frase, ele diz: — Tem algo estranho com seus olhos. Você está de lente de contato ou algo assim? E o que houve com seu cabelo?

Enquanto tento pensar em uma resposta — droga, minhas raízes devem estar aparecendo —, a porta se abre e Archie entra. Ele está carregando uma grande sacola de plástico cheia de garrafas de bebida.

— Oi — ele diz. — Estou vendo que já começou a festa. — Ele tranca a porta atrás de si e tira um aerossol de dentro da sacola. É um aromatizador de ambientes. Ele borrifa o pequeno quarto todo até cheirar que nem um

salão de beleza. Daqueles que dão desconto para idosos. Brian e eu estamos caindo de tanto rir.

— Argh! Archie, o que você está fazendo, cara?

— Eu não sabia que tinha empregada.

— Sim, este é Archie, meu criado particular.

Archie parece um pouco irritado, mas diz: — Eu não teria que fazer isso se você não tivesse... — E eu interrompo rapidamente: — Não, falando sério, Brian, este é meu primo Archie, uma brilhante adição à minha família.

Na verdade, neste momento, Archie subiu na minha lista pessoal de favoritos da família e está atrás só da vovó. Isto principalmente porque está todo mundo atrás de nós, e, se tem uma coisa capaz de unir a todos é a vontade de me matar.

Archie tira algumas garrafas da sacola e coloca em cima do banco da janela. Mais dois litros de Coca, uma garrafa grande de vodca, uma menor de Bacardi, duas caixas de Stella, alguns copos descartáveis, batatas fritas e amendoins.

— Nossa, Archie, onde conseguiu tudo isso?

— Paguei um sujeito para entrar na loja de bebidas e comprar para mim. Quer beber alguma coisa?

Não consigo decidir. Brian pega uma lata de cerveja e Archie prepara uma vodca com Coca para si. É uma bebida de menininha, mas devem ter regras diferentes em escolas particulares. Então ele prepara uma para mim e eu tomo um gole. Tem alguma coisa no gosto doce e na queimação que me agrada. Sinto-me aquecer por dentro.

— Hãã, então quem vem nessa festa? — pergunto, e Brian responde: — Todo mundo, Joe. Você está dando a maior festa da temporada.

— Meu Deus Archie, o que você foi fazer?

— Está tudo bem — diz Archie. — Zoe disse que trataria de despistar os professores. Vão estar todos no pub, de qualquer jeito.

Isso talvez fosse verdade quando ele e Zoe estavam no Starbucks. Duvido que seja o caso agora.

— Archie, você está tentando fazer com que nos descubram ou o quê? — pergunto.

— Escuta — ele responde —, você não passava de um sujeito completamente miserável há menos de doze horas e agora estou dando uma festa para você e seus amigos. Acho que um agradecimento seria mais apropriado.

— Ah. — Fico receoso de que ele vá me acusar de estar chorando quando estava só tossindo. Sirvo-me de mais uma bebida. — Hã, obrigado, Archie. Sou mesmo grato, mas estou pensando em como vamos conseguir manter isso em segredo.

Então alguém bate à porta e Jamie e Max logo entram, seguidos de Emily e Zoe e Carl, que me dá um tapão nas costas e diz: — Obrigado por me deixar na mão com metade dos achados e perdidos.

— Puxa, desculpe. Não pude fazer nada. Tivemos que partir às pressas.

— Você me deixou a pior parte.

— Eu sei. Lamento. — E lamento de verdade, mas também acho graça e começo a rir. Ele olha para mim de forma estranha e pega uma Stella.

— Então, o que foi que aconteceu?

Faço um ruído meio que apologético e digo: — Minha mãe, você sabe... — e consigo me safar. De repente estão todos em volta de mim, batendo nas minhas costas e se servindo de bebidas e contando as novidades da escola — quais professores saíram, quem está ficando com quem, como está indo o time de futebol do Carl. É ótimo. Estou me sentindo quase normal. Todo mundo é tão engraçado e tão legal. Jamie está contando piadas e estou me acabando de rir.

Então Carl olha para mim. — Você parece meio abatido. O que há com seus cabelos? Você fez luzes, seu boiolinha?

Obviamente seria a coisa mais fácil do mundo simplesmente passar a mãos nos cabelos e dizer: — Sim, estou tentando mudar meu visual. Ficou

horrível, não é? — Eu posso lidar com isso. Posso me esquivar da pergunta. Carl é tão tapado que não vai saber revidar.

Mas não aguento mais mentir o tempo todo. Está me fazendo perder a noção do que é realmente verdadeiro.

Então eu digo: — Não. Está tingido de preto e preciso repintar. Raízes.

Carl engasga com a cerveja e Archie para de cheirar o pescoço de Zoe e me olha espantado. Aproveito para pegar a garrafa de vodca e tomar um gole. A Coca está me dando gases.

— E, hã, quanto aos seus olhos? — pergunta Brian, nervoso. — Eles mudaram de cor? Não eram castanhos?

Penso por um instante em zoar com ele: — Nunca pensei que você passava tanto tempo olhando meus olhos, Brian, meu garoto... — Isso o faria se calar. Isso faria calar a maioria das perguntas.

Mas não tenho coragem de fazer isso com o coitado do Brian. — Não estou mais usando lentes de contato. Elas deixavam meus olhos castanhos.

O quartinho fica em total silêncio. Todo mundo está olhando para mim. É engraçado ver as caras que fazem. Eles querem saber o que está havendo, mas ninguém tem coragem de perguntar. Começo a rir. — Vamos lá, relaxem — eu digo. — O que houve com a música, Arch? — E Archie mexe nas caixas do iPod e começa a tocar Girls Aloud e ninguém mais está olhando para mim.

Exceto Zoe. Ela senta ao meu lado. — Você está bem? — pergunta.

O que ela quer?

— Onde está Claire? — pergunto, colocando o braço em volta de sua cintura — nada íntimo demais. Somos só amigos. — Onde está Claire, Zo? Onde está Claire? Preciso... Preciso falar com ela sobre uma coisa. — Estou ficando zonzo e não estou certo do que tenho que falar, mas sei que vou lembrar quando vir Claire.

Zoe dá uma fungada. — Não tem a menor chance de eles deixarem a Claire falar com você — ela diz. — E, vamos combinar, você não está em condições de conversar, Joe.

Zoe é uma garota legal. É gostoso sentar ao lado dela, aconchegado assim. Apoio minha cabeça em seu ombro. — Eu preciso muito falar com ela — digo. — Por favor, Zo, me ajuda.

Ela suspira e me afasta. — Você está péssimo, Joe — ela diz. — Olha, tenta chegar ao café do outro lado da rua e eu vou ver o que posso fazer, está bem? E não beba mais vodca. — Ela tira meu braço de sua cintura e pega o celular.

Alguém está de pé na minha frente. Aperto os olhos, tentando focar. É Brian. E Emily. Eu levanto a mão. — Ei, Brian.

Brian está com uma cara séria, o bobão. — Joe, o que está acontecendo? Por que você sumiu? Que negócio é esse de tingir o cabelo? O que está havendo com a Claire?

Estou um pouco confuso. Cada pergunta — cada palavra de cada pergunta — parece ter uma história tão grande atrás dela, tanta coisa para explicar. Tento dizer alguma coisa, mas meus dentes fecham sobre minha língua. Abro e fecho a boca como um peixe dourado. Finalmente eu falo, enrolando a língua: — *Mash* que *montche* de pergunta, *parcheiro.*

Brian aproxima o rosto do meu. — Nós nos colocamos na linha de tiro por você. Eu, Jamie, Max e Carl. Nós defendemos você, dissemos para todo mundo que você era legal. Zoe aqui, ela saiu falando para todo mundo que estavam mentindo quando espalharam boatos de que Claire estava grávida e tudo mais.

Não quero nem imaginar o que quer dizer com “e tudo mais”.

— Então acho que nos deve algumas respostas — ele termina.

— Sim, é que... é que é meio complicado. E perigoso.

— Tudo bem — diz Brian. — Manda ver, Joe.

— Hãã, meu nome não é Joe, na verdade — digo, e aí caio na gargalhada com a expressão de espanto de Brian. É tão cômica. Meu estômago dói de tanto que estou rindo.

— Chega de brincadeira — rosna Carl, ao lado de Brian.

Fico estupefato. — Eu não... Eu não estou brincando. É verdade. Eu sou... Tem alguém querendo me matar. Tentaram atirar mim. Eles mataram outra pessoa. Minha vida está uma bagunça e eu sinto falta de vocês todos e de ir para a Parkview.

Não estou mais rindo. Minha voz está fraca e trêmula e ninguém está falando. No fundo, Cheryl Cole canta *Love Machine*. É a música favorita da minha mãe no karaokê. Não consigo lembrar a última vez que a ouvi cantando.

Brian diz: — Qual é? Espera mesmo que a gente acredite nisso?

— Hã, sim? — Eles acham que estou delirando. Então Archie diz: — É verdade — e não aguento mais olhar para a cara deles. Eu só quero Claire.

De repente batem à porta e entra uma tropa de alunos da Parkview. De alguns eu me lembro bem, com outros eu mal falei. Estão bebendo vodca, abrindo latas de cerveja, fumando. Queria ser um deles, mas não sou.

Na confusão de gente, fica impossível Brian continuar o interrogatório. — Joe, nós conversamos depois, está bem? — ele diz em tom duvidoso, e ele, Emily e Carl se afastam. Archie passa o braço pela cintura de Zoe. Ele está na terceira vodca com Coca e chegando perto da orelha de Zoe, presumivelmente por achar que isso vai levá-lo aos lábios dela. Eu dou uma cutucada nele. — Archie, preciso de dinheiro.

Ele desvia a atenção da orelha de Zoe por um instante e resmunga: — Pega na minha mochila. Debaixo da cama.

Cato a mochila e me debruço em cima dela para ninguém ver dentro. Tem um maço enorme de dinheiro no fundo. Pego cinquenta libras em notas de dez e ainda sobra um monte. Depois de um segundo de hesitação, pego mais cinquenta. Qualquer coisa eu pago de volta depois.

O telefone de Archie está ali também. Minha mão se fecha sobre ele. Não vou demorar mais do que uma hora. Pode ser importante. Nunca se sabe.

Tecnicamente não é roubo, pois chego perto dele e aviso: — Archie, peguei um dinheiro e seu celular, está bem? — Não é culpa minha se ele está tão ocupado mordiscando a orelha de Zoe que não registra o que eu disse.

Ele está nas nuvens de tão feliz. Está igual a como eu fui durante uma época em que era Joe, quando eu era descolado e confiante e não entendia ainda que, se alguém quer matar você, é bem capaz de conseguir.

Se tivessem atirado na pessoa certa, eu estaria enfiado em um caixão e enterrado. Como um competidor em "I´m a Celebrity"[10] — só que você não pode simplesmente gritar para a produção que você quer sair. Você fica lá para sempre no escuro com os ratos e aranhas e minhocas. Em quanto tempo será que um corpo começa a se decompor? Como será que Alistair está agora?

Não consigo lidar com isso. Não consigo lidar com mais nada. Preciso de ajuda. Alguém sensato que me diga como fazer com minha mãe e meu pai. Alguém que possa me dar uma direção, uma orientação. Patrick. Preciso de Patrick. Como faço para ligar para ele?

Levanto da cama e abro caminho até a porta. Ninguém percebe. Chego ao corredor e me apoio contra a parede. Estou com calor e tonto e está tudo rodando.

Então ouço a voz do Sr. Henderson vindo do fim do corredor. — Eles estão todos juntos em algum lugar — ele está dizendo. — É só questão de encontrar o quarto certo.

Respiro fundo. Patrick não está aqui, mas o Sr. Henderson é um sujeito bem centrado. Ele está com o Sr. Hunt — droga —, mas talvez fale comigo a sós. Só preciso de uma conversa rápida. Talvez. Eu só preciso encontrar as palavras certas. Só preciso pedir.

Eu desencosto da parede. — Senhor Henderson... — começo a dizer. Minha voz sai mais fraca do que eu esperava, e tento limpar a garganta.

Ele se aproxima de mim e põe a mão em meu braço. — Joe — ele diz —, você está bem?

— Eu... eu... — Não consigo completar a frase. Sinto um gosto azedo no fundo da garganta. Tento segurar, mas é tarde demais. Um vômito amarelo jorra de minha boca — batatas fritas, café, vodca e Coca, urgh —, tudo em cima de seus sapatos e respingando em sua calça.

— Jesus Cristo! — ele grita, e eu tusso e balbucio: — Desculpa — e então saio correndo. Desço as escadas aos saltos, saio pela porta e estou na rua, no escuro de uma noite gelada.

CAPÍTULO 17

Crepúsculo

Claire está sentada sozinha nos fundos do café vazio. Pegou emprestado um agasalho de alguém maior do que ela, e seu rosto está quase invisível debaixo do capuz. Ela está mais parecida com a antiga Claire, assustada, triste e pequena.

Estou quase certo, quando sento à mesa com ela, de que me livrei de todo sinal de vômito. Quase todo ele caiu no Sr. Henderson, com uma sobrinha para o Sr. Hunt, mas estou com um gosto horrível na boca e não estou nada certo quanto ao meu cheiro. Especialmente meu hálito. Vodca e vômito. Mas o que posso fazer?

— Vocês vão querer alguma coisa para comer ou beber? — pergunta a moça atrás do balcão. Claire pede um chocolate quente e eu peço um copo de água da torneira. A mulher faz cara feia e me traz uma água morna. Tomo um gole e tento lavar a boca sem Claire notar.

— Joe, hã, Ty... — ela começa, e seus olhos se enchem de lágrimas. Posso ler sua mente. Ela vai me dispensar.

— Não fale — imploro. — Olha só, tudo bem. Eu vou embora. Não precisamos fazer isso. Esqueça que eu existo e tudo ficará bem.

— Não... — ela pega um lenço e assoa o nariz. Meu coração está latejando. Olho para ela sob a luz fluorescente. — Eu estava tão errada — ela diz. — Você consegue... Você pode me perdoar?

Hein?

— Hã... — Não faço ideia do que falar. Então ela levanta a cabeça e seus olhos estão fechados, os lábios meio que entreabertos, e percebo que ela quer que eu a beije. Mas eu não posso, porque não quero lhe causar repulsa. Rapidamente sopro na minha mão enquanto ela está de olhos fechados. O cheiro é tóxico.

Então, digo: — Não sei do que está falando. — E Claire parece um pouco chateada. Ela olha para a moça do balcão e diz: — Vamos para algum lugar mais privado.

Dobramos a esquina e entramos na rua da estação de ônibus. Vejo o Starbucks — quentinho e aconchegante —, mas ela passa direto e acha um banco solitário. Seria muito romântico se não estivesse garoando e se eu não estivesse sofrendo de hálito podre.

Então nos sentamos ali, meio constrangidos, e estou olhando para a rua como se nunca fosse passar pela minha cabeça beijá-la. Enfim, ela sussurra: — Machucou quando lhe dei aquele pontapé?

— Nãão — minto.

— Que bom — ela diz. — Eu não devia ter feito aquilo. Eu estava em pânico porque estava atrasada.

— E agora? Não vão estar lhe procurando?

Ela encolhe os ombros, com descaso. — Não ligo. Você e eu, isso é mais importante do que qualquer coisa. Podem dizer o que quiserem, ninguém vai nos impedir de ficarmos juntos.

Não quero estragar o clima. Não quero lembrar a ela sobre as coisas ruins. Mas não consigo me deter.

— Mas e quanto ao resto, Claire? Meu e-mail?

— Eu não ligo. Sei que você é uma boa pessoa. Tenho certeza de que tinha uma boa razão para fazer o que fez.

É esse o problema. Na real, não havia nenhuma boa razão para ferir Arron — como poderia haver? Não sei nem se havia uma boa razão para estar armado com uma faca para começar. E a maior razão de eu mentir para a polícia foi escapar da Instituição para Jovens Infratores, por mais que eu diga a mim mesmo que só estou fazendo isso para Arron não levar toda a culpa sozinho.

— Hãã... — começo, mas ela põe um dedo nos meus lábios.

— Está tudo bem. Quando pensei em você, sabe, Bella e Edward, então, nada podia segurar o amor deles, e é uma história de amor linda, e ela

acredita nele totalmente, e é assim que me sinto com você.

Mas do que ela está falando? Eu conheço essa gente?

— Hãã?

— Sabe, *Crepúsculo*. Mesmo ele tendo matado tipo umas cinquenta pessoas e ele quer mesmo é matá-la, ela o ama tanto e ele a ama também, e é só isso o que importa.

Isso não pode ser gente de verdade. Deve ser algum filme ou livro ou série de televisão sobre um psicopata assassino. Maluquice. Há um ano, quando eu vivia no planeta das mulheres e lia quase todas as revistas da loja do Sr. Patel, talvez entendesse o que ela quer dizer. De qualquer jeito, parece que Claire está meio confusa.

— Hã, ele quer matá-la? Isso não faz sentido.

— Ah — ela diz, com um olhar sonhador. — Ele é um vampiro. A pele dele brilha como diamantes. Ele é lindo. Que nem você.

Huh. “Lindo” é parecido demais com “fofinho”, se quiser minha opinião.

— Hã, e no final? Ele mata ela, certo? — Sei como acabam esses filmes de vampiros.

— Não, eles não podem se tocar demais, mas não faz mal, porque é só que ele é um vampiro.

Ela enrubesce. É tão doce.

— Ah, sim, sei — digo.

— Você devia ler — ela diz. — Aí vai entender o que quero dizer. Mas não deve ler os outros livros, porque Bella não o merece. Eu nunca iria me meter com lobisomens como ela faz.

Ótimo.

— E o quarto livro é muito ruim. Na minha opinião, não foi nem a mesma pessoa que o escreveu.

Ela é louquinha, mas tão linda. Estou louco de vontade de beijá-la. Sinto o cheiro do seu xampu, e está me deixando excitado. Hmmm. É morango

ou frutas silvestres. Meu corpo todo quer tocá-la, segurá-la, mas não posso. Se ela sentir o cheiro do vômito no meu hálito, vai me deixar para sempre. Preciso exercer toda a minha força de vontade para me segurar. Isso está me torturando.

O celular de Archie vibra no meu bolso de trás. Ele enviou uma mensagem. Diz: "*Que prra? Vc vomitou? PQP! Kdvc? Sua mãe aqui, louca. Vc fugiu? Sorte, A*".

— Ai, merda. Merda! Claire, ela está aqui. Minha mãe. Que merda!

Estou tremendo. Não estou disposto a ser levado à força para Birmingham. Preciso de um tempo para pensar. É o que nunca consigo fazer. As coisas acontecem e eu reajo e estrago tudo. Preciso pensar no que vou fazer. Eu queria pedir conselhos ao Sr. Henderson, mas agora só posso contar comigo mesmo.

— Vamos contar a ela — diz Claire. — Vamos dizer a ela e aos meus pais que eles têm que deixar a gente se ver. Eles não podem nos impedir. Só temos que mostrar a eles o quanto nosso amor é forte.

— Não é tão simples assim, Claire. Minha vida é muito complicada. Preciso pensar no que vou fazer. — Meu coração está batendo tão forte, acho que ela deve estar até ouvindo.

— Então, o que vai acontecer? — ela pergunta. — O que você vai fazer?

— Acho que... preciso pensar — falo devagar. — Eu volto depois. Diga a eles que eu volto logo.

Ela aperta minha mão. — Eu fico com você. — Seus olhos estão brilhando e ela acaricia meu rosto. Minha pele se ouriça e um arrepio percorre meu corpo. Inclino-me em sua direção, mas não posso. Pego sua mão e aperto, mas viro o rosto.

— Não, Claire. Preciso resolver isso sozinho. Desculpe.

Ando com ela até a esquina da rua do albergue. — Eu não vou demorar — digo. Ela parece contrariada, perplexa. Estou mentindo, mas ela sabe, tenho certeza, então não é realmente uma mentira. No meu coração é verdade.

Assim como a maioria das coisas em minha vida, é quase verdade.

CAPÍTULO 18

Ônibus Noturno

Preciso de um lugar onde ninguém me ache. Um lugar onde possa pensar. Um lugar quente e seco.

Começo a andar a esmo pela calçada da praia e me vejo de volta ao terminal de ônibus. Olho para o Starbucks, fechado e escuro. Queria que estivesse aberto. Então tenho uma ideia. Se pegar um ônibus para Londres, lá posso pegar uma conexão para qualquer lugar do país. Vou sumir por aí à toa, e assim consigo algumas horas para pensar em um ambiente seco e quente. O último ônibus para Londres sai em meia hora. Compro um bilhete com uma nota tirada de Archie — onde ele conseguiu tanto dinheiro? — e subo a bordo.

Está tudo rodando sem parar em minha cabeça. Claire, a polícia, minha mãe. Como roupas em uma secadora. Tento me concentrar e bolar um plano, mas aí fica tudo escuro e tem alguém me sacudindo e dizendo: — Hora de descer, filho. — Acordo e vejo que já chegamos a Londres. Está um frio congelante, estou faminto e minha cabeça dói. Estou com gosto de repolho podre na boca. É uma hora da manhã e não tem nada saindo para lugar algum por pelo menos seis horas. Por que não pensei nisso? Agora estou encalhado aqui.

Londres é estranha à noite. Não tem o barulho e a correria normais, então cada ruído mínimo é amplificado, cada movimento é um borrão assustador. É como um filme de terror antes de começar a matança. Você sabe que algo de ruim vai acontecer, é só uma questão de detalhes. É quieto demais, vazio demais. Preciso ir algum lugar.

Então um nome vem à minha cabeça e eu sei. Sei o que preciso fazer. Sei com quem falar. Eu não quero, mas preciso.

Primeiro pego o celular de Archie. A bateria está baixa e provavelmente não terei muito tempo. Procuro na lista de contatos até achar o número de

Patrick e Helen. Aperto a tecla.

Ouço tocar quatro, cinco vezes e estou quase desistindo quando ouço a voz de Patrick: — Quem é? Archie, é você? Ty?

Tento falar — tento de verdade —, mas minha boca está seca demais. Então fico sentado ali no abrigo do ponto de ônibus, balançando o corpo para a frente e para trás devagarinho, ouvindo ele me perguntar onde estou, o que está havendo. Ele pode vir me buscar?

Ele diz algo em francês, algo pacífico e gentil, e eu gosto de seu tom, mas estou cansado demais para entender. Então ele volta a falar em inglês. Está tudo bem, ele diz, ninguém está zangado. Ninguém vai me forçar a fazer nada que eu não queira. Só preciso voltar para casa.

O que ele quer dizer com *casa*?

— Tyler — ele diz —, acho que é você. Estamos todos muito preocupados com você. Pode me dizer onde está?

Não, não posso.

— Você não está encrencado — ele garante. — Nicki e Danny, eles sabem que fizeram tudo errado antes. Todos já se acalmaram. Encontramos Archie. Só precisamos encontrar você e vai ficar tudo bem.

Encontro a voz, mas não soa nada com a minha própria. — Não, não vai ficar nada bem.

— Vamos resolver tudo da melhor maneira possível, prometo. Agora, diga onde está.

Um ruído me distrai. Um bêbado, cambaleando em círculos, escarrando na calçada e gritando: — Eu avisei a eles. Eu avisei!

— Onde você está? — pergunta Patrick de novo. Eu respondo: — Eu não sei. — O que é uma mentira geograficamente falando, mas verdade de certa maneira.

— Ty, me escuta — ele diz. — Ache um lugar, um café ou algo assim, e me ligue de lá. Eu vou lhe buscar. Onde quer que seja. Só encontre um lugar onde possa me esperar.

Como eu queria que fosse fácil assim. — Patrick, você já foi soldado? — pergunto.

— O quê?

— Um soldado. Na guerra.

Ele parece um pouco surpreso: — Eu teria que ter uns quinze anos a mais para ter lutado na Segunda Guerra, Tyler.

— Ah, desculpe.

— Mas meu pai lutou — ele diz. — Por que a pergunta?

— Ah, não sei. — Esperava que ele soubesse mais sobre esse negócio de estresse pós-traumático na verdade, mas obviamente ele não sabe. Vou ter que ser mais direto.

— Patrick, eu morei mesmo com vocês? Por quê?

— Quer dizer, quando você era pequeno?

— Sim.

— Danny nos pediu para cuidar de você um tempo. Ele não estava dando conta de cuidar de você e estudar ao mesmo tempo. Foi uma época difícil.

— Mas e minha mãe?

Patrick não diz nada. Penso que o celular morreu e checo a bateria — está muito baixa —, mas aí ouço a voz dele. Ele parece todo engasgado, e isso não é normal para ele.

— Ele a mandou para o hospital. Ty, ela nunca lhe contou o que aconteceu? Você realmente precisa conversar com seus pais sobre isso.

Então eu tinha razão. Ele bateu nela. Se o Patrick está dizendo, deve ser verdade. Não preciso perguntar mais nada. Está congelando e tenho outras coisas que preciso fazer.

— Hã, eu preciso ir. Obrigado.

— Ty, não desliga assim, pelo amor de Deus. Diga onde está. Vamos resolver...

De repente não tem mais nada. A bateria acabou.

Sento ali um tempo com o celular descarregado e frio contra o ouvido. O que eu devia ter feito era ter anotado alguns dos números da lista de contatos enquanto ainda estava funcionando. Aí poderia ter usado um telefone público. Não pensei nisso. Sou um burro. Mas eu não sei nem por que liguei, para começo de conversa. Provavelmente para adiar o que eu preciso fazer agora. E agora não tem mais jeito.

Saio do terminal deserto andando vagarosamente à procura de um ponto de ônibus urbano. Sei exatamente qual ônibus quero pegar. Aqui é uma ponta da linha e eu quero ir para a outra ponta.

Chego ao ponto e tem ônibus noturnos saindo a cada trinta minutos. Até chegar um, meus dentes já estão batendo de frio. Só então me toco de que não tenho cartão, então preciso pagar com uma nota de dez, o que irrita o motorista. Não pertenço mais a Londres. Sou um estranho. Sou um sem-teto. Subo para o andar de cima, onde tem menos gente.

Andamos por ruas vazias e o ônibus se enche e esvazia de novo e estou contente com como estou lidando com a situação. Não estou mais incoerente como antes. Estou calmo, até com sono, quando um sujeito senta ao meu lado. Ele é mais alto do que eu e está de capuz e cheira a suor.

Tento me afastar dele, aí percebo que tem dois amigos com ele. Eles estão sentados atrás de mim e não tem mais ninguém por perto. Estão todos olhando para mim. Não gosto do jeito que me olham.

O sujeito suado me cutuca: — Pra onde está indo, cara?

Ignoro-o. Olho pela janela escura. Só vejo meu reflexo. Meu capuz escuro. Meus olhos arregalados. Não sei como pareço para ele, mas, para mim, pareço assustado.

O parceiro dele se inclina para a frente e enfia a cara bem perto da minha. Seu hálito é de cerveja e carril. Eu me esquivo. — Responda a pergunta, garotão — ele rosna.

— Hãã, eu não sei — digo.

— Quer chegar lá são e salvo? — diz o primeiro.

— Hãã, sim.

Algo cutuca minhas costelas. Olho para baixo. Tem uma faca automática em sua mão. No momento está dobrada, mas em um instante ele pode cortar minhas roupas e minha pele. Ambos olhamos para a faca como se não tivesse nada a ver com nenhum dos dois. Sinto que estou ficando todo quente — devo ter ficado vermelho —, é como se ele tivesse me tocado de maneira imprópria.

— O que você tem aí pra mim? — ele diz. Igual ao jeito como Arron falou com Rio no parque. É o que você diz quando quer roubar o celular ou o iPod de alguém. Não é por que você quer qualquer coisa. É para mostrar quem tem o poder. E, nesse momento, eu não tenho nenhum.

— Hã... — Coloco a mão no bolso e tiro o celular de Archie. Ele põe no próprio bolso e seu comparsa ri e pergunta: — O que mais?

A única outra coisa é o dinheiro. Inclino-me para a frente para tirar as notas do meu bolso de trás e entrego a ele. Ele pega — nossas mãos se tocam —, sua pele encosta na minha e eu recuo rápido. Talvez o movimento o tenha assustado, pois ele deixa cair a faca no chão e sem aviso enfia um soco na minha cara.

Caio para trás contra a janela e bato a cabeça contra o vidro. A dor está esmagando meu crânio na frente e atrás. Ouço-os rindo e descendo as escadas. O ônibus para e volta a andar em seguida.

Estou deitado no banco, sentindo o gosto do sangue e apalpando meu olho, imaginando se ele saltou da órbita. Gradualmente as luzes do ônibus surgem e eu consigo enxergar de novo. Eu me sento direito e sinto a bile subir. Estou tremendo, mas dessa vez não acho que seja de frio, porque está quente dentro do ônibus. Uma senhora surge no andar de cima, dá uma olhada em mim e engata a marcha à ré imediatamente.

O ônibus faz uma curva para a esquerda e a faca corre para debaixo do meu banco. Eu a pego e a coloco no meu bolso. Por que se alguém mais disser: — O que tem aí pra mim? — eu não tenho nada mais para dar.

Chegamos ao fim da linha e eu desço. Sei onde estou e até sei por que voltei para casa.

CAPÍTULO 19

Fugindo

Meu rosto está latejando, e o sangue está secando no meu queixo. Minha cabeça dói e eu estou louco para urinar. Estou pra lá de assustado. Sei que, se for visto pelas pessoas erradas, acabou. Vou morrer na hora. Ainda assim, é bom descer a rua onde eu costumava morar.

Chego à porta da frente de nossa casa antiga e encosto o nariz contra a janela da loja. Sou como um fantasma de mim mesmo.

A última vez que estive aqui, o ar estava denso com os cheiros de fumaça e gasolina, o crepitar das revistas queimando e o chiado das balas derretendo. O vidro estava quebrado, cobrindo a calçada de cacos como diamantes, e a rua estava iluminada de laranja.

Agora está escuro e calmo, e nunca se imaginaria o que aconteceu antes. O Sr. Patel até fez um arranjo na vitrine mostrando uma variedade de marcas de macarrão instantâneo. Se eu tentar, sou capaz de me imaginar subindo as escadas até nosso apartamento, de volta a quando eu tinha uma vida.

De repente sinto alguém batendo no meu ombro. Cristo! Eu me viro, minha mão voando para o bolso de trás — mas congelo quando uma voz diz: — O que está fazendo na rua a essa hora, garoto?

Minha mão para no meio do caminho. A polícia. Nunca se via um policial andando na nossa rua de noite — era perigoso demais —, mas talvez as coisas tenham mudado.

São dois. Um mais velho, um jovem. Eles me olham de cima a baixo e o mais novo diz: — Eu não conheço você?

— Não, senhor. — Acho que talvez seja um dos que estavam na delegacia quando dei meu primeiro depoimento.

— O que aconteceu com você, filho? — pergunta o mais velho. — Parece que levou uma surra.

— Eu estou bem.

— Quer que chame uma ambulância ou os seus pais?

— Não obrigado. Estou indo para casa.

— Onde você mora?

Boa pergunta. Queria poder dizer simplesmente “aqui” e desaparecer. Imagino se alguém se mudou para nosso antigo apartamento. Só de pensar, fico enjoado. Faço um gesto vago e digo: — Perto de Sanford Hill.

— Está bem — diz o mais novo. — É longe. O que está fazendo aqui agora?

Faço um gesto de pouco caso. — Estou indo para casa.

— O que estava fazendo, olhando para essa loja? — ele pergunta.

— Nada.

— Essa loja teve problemas recentemente — ele diz. — Houve um incêndio há alguns meses. Sabe alguma coisa sobre isso?

— Hãã, não. — Não pareço convincente nem para mim mesmo.

— Vamos ter de revistá-lo. Você está agindo de forma suspeita — ele diz e começa a falar um monte de coisas sobre os poderes conferidos a ele por algum decreto parlamentar e qual é o nome dele e de que delegacia ele é — como se eu desse a mínima —, e o tempo todo sinto o peso da faca no meu bolso de trás.

— Está bem, filho — diz o mais velho. — Não vamos demorar. Ele se aproxima de mim, os braços estendidos, mas eu me esquivo dele. — Ei, parado! — Mas já estou disparando rua abaixo, passando a loja de kebabs, o estúdio de tatuagem, com os dois atrás de mim. Mas eu corro mais rápido. Corro mais rápido do que qualquer pessoa e entro em uma viela, pulo um muro e entro no parque e eles não estão mais atrás de mim.

Meu tornozelo está me matando e estou tossindo como se fosse expelir as tripas, mas eles sumiram e não acharam a faca, e, quando parar de tossir,

tudo vai ficar bem.

Já estive neste parque um milhão de vezes, então o conheço muito bem. Mas a última vez em que estive aqui foi quando Rio foi morto. Nunca pensei que voltaria. Especialmente às três da madrugada, quando está tão escuro e frio, e, se existem fantasmas em algum lugar do mundo, é aqui que estarão.

Lentamente meus olhos se acostumam com a luz da lua. Estou bem no local onde tudo aconteceu. Quando Rio foi morto e tudo mudou. Tem alguns buquês de flores mortas amarrados em uma árvore. “Nosso amado filho e irmão”, diz um bilhete. “Descanse em paz, soldado caído”, diz outro. É daqui que eu estava fugindo e é aqui para onde estava correndo de volta, mas não é um bom lugar para estar.

Então eu ouço algo. Um uivo amedrontador, um som de choro, como se alguém estivesse chorando por Rio e Arron e todos nós — e não sou eu, pois estou com a mão enfiada na boca. Sinto o gosto de sal da minha pele e estou tremendo todo e caio de joelhos. Não tem volta, a polícia deve estar me procurando. Estou morrendo de medo do próximo lugar para onde vou, mas isto é insuportável.

A faca pesa no meu bolso, me puxando para baixo. Não suporto saber que está ali. Estou com medo demais para continuar em frente sem ela, mas aí lembro de todo o sangue jorrando do braço de Arron e sei que tenho que me livrar dela.

Quero jogá-la no mato, mas me detenho no último instante. Aqui é um parque infantil. E se uma criança a encontrar e descobrir como abrir a lâmina? No final, coloco-a na lixeira para cocô de cachorro. Com certeza é mais seguro.

Ao me virar, vejo algo olhando direto para mim. Dois olhos brilhando em uma sombra escura, um focinho comprido e peludo. Meu coração sobe na boca. *Meg!* Como ela me encontrou aqui? Patrick?

Palavras ricocheteiam dentro da minha cabeça: *alucinação... seu maluco... doido varrido*, mas aí os olhos piscam e eu sei o que é. Uma raposa. Uma linda raposa selvagem. Uma das minhas coisas favoritas em

Londres. Quando você vê uma raposa, é como mágica, direto de um livro de histórias.

Por um instante somente nos olhamos nos olhos. Deve ter sido ela uivando para a lua. Estendo minha mão. Seria demais ter uma raposa como — não, não um animal de estimação — uma amiga. Alguém com quem correr. Alguém mais confiável do que a maioria das pessoas. Eu me levanto devagar e dou um passo à frente com a mão estendida.

Então ela corre e eu corro e encontro o trecho da cerca que queria. Pulo a cerca e corro até a escadaria e subo e bato furiosamente à porta. A porta de Arron. Mesmo sabendo que Arron não tem como estar lá.

CAPÍTULO 20

Nathan

Rezo para que seja a mãe de Arron, mas são os olhos de Nathan que surgem no escuro e ele tenta fechar a porta, mas enfio meu ombro na fresta e, após alguns segundos silenciosos, ele me reconhece e, aproveitando o momento de surpresa, empurro a porta e caio no chão aos seus pés.

Nathan sussurra furiosamente, xingando feito louco. — Cacete! Porra, cacete! Cara, que porra que tu quer aqui? Tu tá querendo morrer? Tu tá maluco ou o quê?

Ele está tremendo e suando e tem uma expressão estranha no rosto. Se não o conhecesse bem, diria que está com medo. Está debruçado sobre mim e pequenos pingos de saliva atingem meu rosto.

Eu me forço a falar: — Preciso de sua ajuda, Nathan. Por favor.

— Cala a boca — ele responde. — Fica calado. Entra aqui. — Ele me ajuda a levantar e me arrasta até a sala, onde tropeço em uma boneca Barbie despida, piso em seu carro cor-de-rosa, esbarro na mesinha de centro e caio esparramado no sofá.

Nathan chuta a Barbie para o outro lado da sala. Normalmente a casa é tão limpa e arrumada quanto o hospital onde a mãe deles trabalha, e devo ter mostrado minha surpresa, pois Nathan rosna: — Minha mãe saiu. Ela levou Jasmine para visitar Arron na Instituição para Jovens Infratores. É melhor quando passam a noite.

Jasmine é a irmã caçula deles. Ela tem só cinco anos de idade. De repente imagino-a chupando o dedo, o cabelo amarrado com um elástico rosa, sorrindo, toda perplexa em uma sala cheia de mães chorando e meninos acabrunhados.

— Ah — digo. Esperava que a mãe de Arron estivesse em casa para cuidar do meu rosto e impedir Nathan de me matar. Agora qualquer coisa

pode acontecer.

O sofá tem alguma coisa sob a almofada. Enfio a mão e tiro uma Barbie Sereia. Antigamente as irmãs de Arron viviam me perturbando para brincar com elas, e, quando o futebol ou o que quer que estivéssemos assistindo estava chato e eu me sentia disposto, eu brincava. Não é de espantar que Arron me achasse uma menininha.

Viro a boneca em minhas mãos, detestando seu sorriso bobo e os seios falsos. Este é o problema com gente que se conhece há muito tempo. Eles se lembram de como você era frágil antes de aprender a ser descolado. Por isso eu gostava de ser Joe. Ele nunca tinha sido ingênuo. Ele nunca tinha sido criança. Ele com certeza nunca tinha brincado com Barbies.

Nathan está me olhando fixamente. — Vamos — ele diz. Eu tento me esquivar, mas ele me agarra pelo ombro e me leva até a pia. A cozinha e a sala deles é um cômodo só. Ele é mais alto do que eu — mas só um pouco — e tem músculos enormes. Não tem como resistir.

Ele abre a água fria. Droga! Ele vai encher a pia e vai me afogar, ou me torturar, e tem o fogão também. Ele pode me queimar ou simplesmente me jogar da varanda.

Em vez disso, ele molha um pano de prato na água e diz: — Limpa seu rosto, cara. Você está horrível. — Ele começa a remexer em um armário até achar um estojo de primeiros socorros, de onde tira um antisséptico e um curativo.

Eu passo o pano no rosto, mas arde demais e eu volto cambaleando para o sofá, segurando o pano molhado levemente contra o olho. Nathan pega uma lata de Coca na geladeira e passa para mim. Ele se senta na poltrona. Só falta Arron e a televisão ligada no programa de futebol para ficar que nem antigamente. Tomo um gole de Coca; é bom para lavar o gosto ruim da boca.

Então ele diz: — Ty, você cresceu um bocado, garoto.

— Sim.

— Arranjou um visual interessante aí.

— Hã, sim.

— Como vai sua mãe? — Ele coça a cabeça e olha para o teto ao perguntar, mas estou acostumado a ter todos os irmãos mais velhos e pais de todo mundo, qualquer homem, na verdade, professores, donos de lojas, quem seja, de olho em minha mãe.

— Ela está bem. Está grávida.

— Grávida? Nossa! E quem é o sortudo?

— O namorado dela. Ele está morto.

— Merda. Que droga. Isso é ruim. — Ele está olhando para o teto de novo.

— Como vai o Arron? — pergunto, nervoso.

— Ele está bem — responde. — Está bem, considerando as circunstâncias. Quer que o julgamento aconteça logo. Eles lhe disseram alguma coisa, a polícia?

— Não.

Ele está olhando diretamente para mim com os olhos semicerrados. — Eu mandei você ficar calado. Devia ter me escutado, não é?

— Sim... não... A polícia teria me encontrado de qualquer jeito. Eles sabiam que eu era amigo do Arron e um monte de gente me viu quando parei o ônibus.

— Você nunca entendeu que devia ficar calado sobre o Jukes? Nunca soube quem era o pai dele? Arron não lhe contou?

— Não. — Lembro-me do Ty ingênuo, ignorante, e não estranho a expressão de sarcasmo no rosto de Nathan. Ele balança a cabeça. — Minha avó disse que eu devia contar a verdade. Pela família daquele menino.

— Ah, sim. Aquele menino. O pobre menino inocente.

— Sim. — A gente não parece estar chegando a lugar algum. — Nathan, você precisa me ajudar, cara. As pessoas que querem me matar, você as conhece, não conhece? Poderia pedir a elas... pedir pra não... Eu não

aguento mais viver assim, Nathan. Você tem que me ajudar. Não aguento mais. Eu faço qualquer coisa...

É como se não estivesse me escutando. Está olhando para o teto de novo. Ouço a mim mesmo tagarelando como um bebê e ele pergunta: — Como vai sua avó, Ty? Ela está bem?

— Hã, ela... ela... O que você sabe sobre minha avó?

Ele está roendo a unha do polegar agora, e juro que nunca vi Nathan com a expressão tão... tão nervosa? Cristo! Agora entendi. É culpa! É essa a expressão.

— O que você sabe sobre minha avó? — pergunto de novo, mas dessa vez sai devagar e com raiva. Quando ele encolhe os ombros e olha para mim, eu sei. Ele esteve envolvido na surra que deram na minha avó. Quase a mataram. Ela teve que ir para a UTI e se tornou uma pessoa permanentemente assustada.

Pulo em cima dele, solto um golpe no pescoço dele para tirar seu ar e em seguida ataco seus olhos com a Barbie Sereia.

Ele se defende me empurrando e gritando, de dor, espero, e eu caio para trás. Quando vejo, estou deitado no chão com ele em cima de mim e estou mordendo sua mão e tentando agarrar sua garganta. Esbarramos violentamente na televisão e ela cai com um estrondo, como se fosse uma bomba explodindo.

Estamos entrelaçados, rosnando furiosamente, suor e saliva, sangue e lágrimas. Ele me rola de bruços e torce meu braço em um ângulo impossível, prendendo minha mão contra minha omoplata de modo que eu preciso morder a língua para não gritar de dor.

— Foi isso o que você fez com ela? — falo, arquejando. — Foi isso o que você fez?

Então alguma coisa macia, algo rosa, bloqueia a luz. Pequenas mãos frias tocam meu rosto e uma voz aguda grita: — Para! Nathan, para! Está tudo bem. É o Ty!

CAPÍTULO 21

Duque de York

— Shanice! — berra Nathan. — Volta pra cama, menina!

Shanice passa os bracinhos em torno do meu pescoço.

— É o Ty, Nathan, solta ele! Solta ele! — E ela mira um chute em sua direção.

Shanice tem apenas sete anos de idade, então não é boa de briga ainda. Mas Nathan solta meu braço. Eu fico quieto, deitado no carpete cheio de cacos de vidro da televisão quebrada.

— Fique onde está — diz Nathan. — Se machucar minha irmã, morre.

— Ty não machucaria ninguém — diz Shanice, com os olhos arregalados e cheios de lágrimas. — Ty, você está bem? Nathan não queria te machucar. Ele deve ter achado que você era um ladrão, mas não é. É o Ty.

— Levante-se — diz Nathan. Eu me levanto e cambaleio até o sofá novamente. Meu braço parece estar pendurado por um fio apenas. O sangue escorre de um corte na testa de Nathan onde a Barbie Sereia o atingiu.

Shanice pula em cima de mim, me abraçando apertado, beijando meu rosto dolorido. Queria que parasse. Estou tão cheio de ódio que não quero pensar em mais nada. E especialmente não quero começar a chorar, o que é uma grande possibilidade neste momento.

— Shanice, volte pra cama — diz Nathan. — Você vai para a escola dentro de três horas. Precisa dormir.

Mas Shanice enfia o polegar na boca, faz que não com a cabeça e se aconchega ao meu lado. — Eu vou ficar aqui com Ty pra você não brigar mais com ele — ela diz. — Ty, quando o Arron vai voltar pra casa?

— Eu não sei — respondo. — Desculpa, Shanice, eu não sei.

— Vai demorar um bom tempo — diz Nathan, indo para o quarto das meninas e voltando com o cobertor das Princesas Disney de Shanice. Ele enrola o cobertor nela e ela dorme em dois minutos.

Nathan pega um punhado de toalhas de papel da cozinha e limpa o rosto. Ele abre a porta da varanda e põe a televisão quebrada para fora. Passa o aspirador no carpete para tirar todo o vidro e arruma os brinquedos de Shanice, sacudindo cada um cuidadosamente para se assegurar de que não ficou nenhum caco de vidro emaranhado nos cabelos da Barbie ou grudado na massa de modelar.

Não diz uma palavra até voltar a se sentar. Então sussurra: — Você está enganado. Eu nunca machuquei sua avó. Nunca faria uma coisa dessas. Quem quer que tenha dito isso estava mentido.

— Ninguém me disse — retruco. — Eu só... De repente sabia.

Ele balança a cabeça. — Você não pode simplesmente atacar alguém só porque acha que sabe alguma coisa. Você tem que ter certeza. Não pode tirar conclusões precipitadas assim, cara, você tem que se segurar e ver qual é a real.

— Você os conhece. Conhece Jukes e a família dele, os caras que querem me matar. Podia estar trabalhando para eles.

— Podia — ele diz —, mas não estava. Nunca trabalhei. Sempre mantive distância de tudo aquilo. Diferentemente de meu irmãozinho. Ele mal podia esperar para se envolver.

— Arron? Ele não estava... Eu não acho que...

— Ele nunca lhe contou nem a metade da história — diz Nathan. — Na verdade, ele nunca lhe contou nada, contou? Seu amigo Arron. — Ele continua sussurrando por causa de Shanice, mas seu tom é de puro desprezo.

Minha cabeça está girando e eu estou me esforçando para não bocejar. Faz calor dentro do pequeno apartamento, e o corpo morno de Shanice me imobiliza no sofá.

— Ele disse... disse que a gente precisava de proteção — eu falo. — Ele tinha sido assaltado. Ele me mandou carregar uma faca e me levou pra conhecer Jukes e Mikey e disse que a gente precisava de proteção. Eles disseram que nos protegeriam se a gente fizesse uns serviços pra eles, e eu disse não. Mas aí, depois, Arron queria que eu o ajudasse em um assalto. Era pra gente fazer parte de uma gangue, para ter proteção. Eu disse não, mas talvez... talvez se eu tivesse feito o que me pediu, teria sido tudo diferente. Talvez Rio não tivesse sido morto.

— Sei, sei. Eu entendo — diz Nathan. — O advogado do Arron me mostrou seu depoimento. Um monte de mentiras.

Estou confuso. Penso no que eu acabo de dizer. Foi tudo verdade, tenho certeza. Foi só depois, na parte em que cortei o braço de Arron, que eu comecei a mentir.

— Pensa bem — diz Nathan. — Arron vinha prestando pequenos serviços para aqueles caras havia meses. Vendia drogas pra eles naquela escola chique de vocês e tudo mais. Roubava celulares, iPods. Ele já tinha feito todos os favores que precisava para conseguir proteção. Por que de repente precisava pedir ajuda?

— Ele foi assaltado. Levou uma surra. Estava com medo.

— Ele levou uma surra dos outros. Dos rivais. Os outros soldados das ruas. Porque ele invadiu o território deles.

— Ah.

— Ele viu uma oportunidade, meu irmãozinho Arron. Ele achou que era sua chance. A chance de dar ao Jukes o que ele queria.

— Hã? — Estou perdido agora.

— Você continua sem entender, não é? — ele diz, balançando a cabeça.

— Hã, na verdade, sim.

— Ainda acha que seu melhor amigo Arron queria proteger você? Acha que queria conseguir proteção pra você nas ruas?

— Hã, sim.

— Rá! Arron sabia que Jukes queria você na gangue dele, debaixo da asa dele. Ele disse que tinha sido atacado por estranhos. Assustou você, deixou você nervoso. Ele queria era te entregar pro Jukes, como Jukes queria.

— Mas por quê? — Estou sussurrando também, mas por dentro estou gritando: *Não, Arron não mentiria para mim. Ele não iria me enganar. Ele é meu amigo.*

— Jukes estava de olho em você havia muito tempo — diz Nathan. Ele balança a cabeça. — Eu me culpo por isso. Devia ter dado um jeito de lhe avisar.

— Como assim?

— O pai do Jukes — ele responde. — Ele frequenta o Duque de York. — Nathan abre as mãos diante de si como se tudo estivesse claro agora.

O Duque de York é o pub dez lojas depois do meu antigo apartamento. — É tão perto que é como beber na minha própria sala — dizia minha mãe. — Só que eu deixaria o lugar bem mais limpo. — Era um antigo bar poeirento com bancos de veludo e móveis de madeira escura e um gerente novo que tentava diminuir os efeitos da proibição de cigarros criando coisas como coquetéis e happy hours e noites de karaokê. Minha mãe adorava a Noite do Karaokê no Duque de York. Minha mãe... minha mãe... Jesus Cristo!

Olho para Nathan e acho que ele está contando a verdade.

— Minha mãe? Isso tudo é sobre ela?

— O coroa do Jukes era um grande fã de karaokê — diz Nathan. Então suspira. — Assim como todo sujeito que bebe no Duque de York. Sua mãe era uma lenda, Ty.

Não sei bem se ele a está desrespeitando. Fecho a cara e ele diz: — É um fato conhecido que ela é muito exigente. Por isso o pai do Jukes nunca tentou nada. Por isso que ele queria envolver você e te colocar em uma situação em que ela ia implorar pela ajuda dele para manter você longe de encrencas.

— O Arron sabia disso?

— Não. Arron achava só que Jukes queria você como soldado dele. Para ser honesto, não sei nem quanto o Jukes sabia. Afinal, tem a mãe dele, mas o pai mantém umas garotas por fora, em apartamentos, sabe... E acho que, em algum lugar da cabeça dura do Arron, ele achava que você precisava endurecer um pouco, ser mais homem. Como Arron achava que era.

— Então foi uma armação? Era pra eu atacar o Rio?

— Rio — diz Nathan. — Você entende, não, que Rio era de outra gangue? Que não foi à toa que ele estava naquele parque? A ideia era dar uma surra no Rio para mandar um recado pra outra gangue. Tipo uma vingança. Foi por isso que Mikey e Jukes foram com o Arron, pra ter certeza de que pegaria o cara certo. Vocês dois caíram em uma armação.

Engulo em seco. Isso tudo é demais para mim. Lembro-me do dia em que Arron e eu nos encontramos com Jukes e Mikey. A gente tinha acabado de sair do metrô. Eu estava pensando no dever de casa de francês. Arron mal falou comigo no trem, e eu peguei o livro de exercícios para não me sentir ignorado.

Então ele falou: — Vamos encontrar uns amigos meus, Jukes e Mikey, conhece? — E eu respondi — *Je ne sais pas* — porque não estava pensando, e ele retrucou: — Podia tentar não ser tão gay?

Mais tarde ele me pediu, me mandou, me implorou que fizesse esse pequeno serviço para Jukes e Mikey. — Você vai fazer um favor pra si mesmo — ele disse. — Você vai fazer parte de algo, vai ter gente cuidando de você. Vamos, cara, eu te dou cobertura. Não tenha medo.

Mas eu estava com medo e fugi e fiquei espionando e Rio puxou a faca e foi morto.

Se eu tivesse sido o que morreu, provavelmente teriam feito uma cerimônia para mim no Duque de York e o coroa do Jukes teria consolado minha mãe e oferecido ajuda e conforto pela sua perda terrível. E um apartamento. Cristo!

— Como você sabe disso tudo? — perguntei, desconfiado. — Como vou saber se não está inventando tudo?

Nathan faz um gesto de pouco caso. — Arron me contou uma parte. Outra parte eu ouvi falar. E outra não é difícil de adivinhar.

Shanice se mexe no sofá, e Nathan se inclina para levantá-la. — Vamos, Shani, hora de ir para a cama — ele diz, indicando com a cabeça que eu pegue o cobertor. Ele a carrega até o quarto dela e a coloca na cama de baixo do beliche. Eu a cubro e ambos ficamos em pé, olhando seu rosto doce em sono profundo.

Então ele diz: — Você deve estar cansado. Quer a cama do Arron? — Na verdade eu não quero, mas estou arrasado, então entro no quarto que ele e Arron compartilham, tiro meus sapatos, deito na cama e fico olhando para os cartazes do Arsenal na parede. Arsène Wenger olha diretamente para mim, e seu rosto francês tristonho parece gozar do idiota que quis proteger o amigo que só mentia e mentia e mentia...

Nathan fala de trás da porta: — Tenho que levar a Shanice na escola logo mais, mas você pode dormir e eu te acordo na hora do almoço.

— Está bem — respondo. Nathan faz uma pausa e diz: — Olha, Ty, não estou arrumando desculpas para o Arron. Ele fez muitas coisas erradas e agora vai pagar por isso.

Eu viro a cabeça. Não confio em mim mesmo para dizer qualquer coisa.

— Você se sente mal porque seu amigo não foi honesto com você — diz Nathan. — Tudo bem, é justo. Mas lembre-se de uma coisa: ele achou que estava lhe fazendo um favor.

CAPÍTULO 22

À Beira do Abismo

O sol está brilhando em meus olhos, e, embora eu resmungue e role e tente bloqueá-lo, não adianta. Estou acordado. Olho para meu relógio. É meio-dia.

Olho para o teto do quarto de Arron e penso em todas as mentiras que contei. Um mundo em que todo mundo mente o tempo todo é como um mundo onde todos carregam uma faca. Você acha que vai te ajudar, mas ela só faz piorar as coisas.

E imagino como minha vida mudaria — como seria — se eu contasse somente a verdade de agora em diante, não importando o que viesse a acontecer.

Mas, se eu contar a verdade sobre como feri Arron — e neste momento, agora, estou feliz que o machuquei, quero machucá-lo de novo, eu o *odeio* —, aí vou acabar sendo julgado e preso e não terei mais futuro.

Mas eu tenho algum futuro, de qualquer forma?

Posso ouvir Nathan se movendo pela casa e a porta range ao se abrir. Fecho os olhos rapidamente e finjo estar dormindo. A porta range ao se fechar de novo, mas não se fecha completamente e posso ouvi-lo falando. Ou tem alguém com ele, ou ele está no telefone.

— Ele está aqui... — sussurra. — Dormindo. Chegou ontem à noite. Sim. Sim. Venha agora. Ele não vai a lugar algum.

Jesus! Ele está contando a alguém que estou aqui. Ele estava mentindo. Deve ter ligado para a gangue do Jukes, talvez para o próprio pai do Jukes. Cristo! Eles estão vindo para cá. Vão me pegar!

Estou respirando com dificuldade e meu coração está pulando. Sinto o suor escorrendo e um gosto ácido na boca. Corro até a janela, mas ela é

muito pequena. Eu nunca conseguiria sair por ali. Além disso, é uma queda de dois andares até a calçada de concreto.

Vou até a porta. Nenhum som. Talvez eu consiga sair. Eu me sento, amarro os sapatos e abro a porta, devagar e silenciosamente. Ninguém. Nada. Ando devagar até a porta da frente, seguro a maçaneta e giro. Droga! Está trancada. Corro de volta para o quarto.

Ouço, de repente Dizzee Rascal. É o telefone de Nathan. — Sim — escuto ele dizer. — Ainda está dormindo. Faz o seguinte, me espera aí que vou descer pra mostrar onde pode colocar. Só um segundo. — Ouço a porta se abrindo e fechando e ele andando até a porta da frente. Ouço-a bater. Corro e tento novamente, mas não, ainda está trancada. Sou um rato na ratoeira.

Não tem onde me esconder. Vou até o quarto de Shanice e de Jasmine e penso em me esconder debaixo da cama. Então me imagino sendo puxado para fora pelos pés e a bagunça que vai ser se atirarem em mim ali: o sangue no refúgio cor-de-rosa e creme delas.

Volto para a sala. Sento no sofá. Estou gemendo e suando. Estou quase chorando. Chegou a hora. Eu vou morrer.

Então me lembro de Nathan destrancando a porta da varanda quando tirou a televisão quebrada da sala. Ele não a trancou de novo. Alcanço a porta em um pulo, puxando a cortina de lado e metendo a mão no trinco para abri-la. Funciona! Eu tinha razão! Puxo a cortina e saio sob o sol de inverno.

Tem um varal cheio de roupa úmida e a televisão e um monte de plantas e uma escada — mas não uma escada grande o bastante para me levar a lugar algum. Vou ter que escalar até a varanda debaixo. De lá, talvez eu consiga pular. Talvez dê certo.

O guarda-corpo é meio parede, meio grade. A grade é melhor para me segurar. Talvez possa usá-la para descer. Passo a perna esquerda por cima e então olho para baixo.

Meu Deus! É muito alto. Fecho os olhos, então abro de novo. Não ajuda em nada. Não parece possível. Levanto a perna direita cuidadosamente.

Sinto uma onda de tremedeira e suor por todo o corpo que me deixa tão úmido quanto se tivesse mergulhado em uma piscina.

Minhas mãos estão escorregando na grade. Meus dentes estão batendo. Não consigo segurar, não consigo descer, mas também não consigo sair dali. Estou preso. Se eu for para trás, caio. Se for para a frente, estou preso. Posso ouvir vozes do outro lado da cortina.

Deus, não tem jeito, vou ter que arriscar. Olho para baixo de novo, para a varanda de baixo. Miro nela. Está a quilômetros de distância. O que eu estava pensando? Mas se eu escorregar pela grade um pouco e depois balançar... Devo estar louco, mas estou subindo a perna direita para passá-la por cima da grade.

Um grupo de mulheres com carrinhos de criança está me olhando. — Não faça isso! — uma delas grita. Ela está pegando o celular. Estão todas gritando agora. — Pare! Socorro! Você vai se matar!

Tento ser mais rápido, mas meu corpo luta contra mim. Ele não obedece. Meu pé prende no topo da grade. Estou equilibrado, tremendo, prestes a cair. Meus olhos se fecham, esperando o tiro, esperando a queda.

Então ouço um barulho e abro os olhos. Vejo as cortinas sendo puxadas e a porta da varanda se abre.

CAPÍTULO 23

Montanha-Russa

Estou tentando liberar meu pé. Eu me desequilibro e começo a cair para trás. Minhas mãos tentam segurar a grade. Ouço uma exclamação das meninas na calçada, um grito... Nathan irrompe na varanda, gritando — Não!

Estou caindo...

De algum jeito, alguém me agarra pelos ombros, me puxando de volta.

Alguém está me segurando com força. Sinto cheiro de couro e fumaça. Alguém em uma jaqueta de motociclista está me abraçando. Estou me contorcendo para me livrar, lutando e batendo. — Peguei — diz uma voz de homem. — Segura ele, puxa...

Alguém está me segurando pela cintura e estou tremendo com medo demais para abrir os olhos. Espero a pancada. Vou morrer.

Então sinto minhas pernas deslizando de volta para o lado de dentro da grade e caio para a frente, empurrando contra a jaqueta de motociclista, e ambos caímos no chão. Estamos esparramados entre as plantas e cobertos de roupas úmidas. Desta vez, reconheço a voz. — Está tudo bem. Fique calmo. Está tudo bem.

Estou respirando fundo, tentando fazer o que ele manda. Fique calmo, fique calmo, está tudo bem, fique calmo. Não me sinto nada calmo. Seus braços me envolvem. — Está tudo bem — ele repete, com a boca encostada no meu cabelo. — Tudo vai ficar bem. — Sua voz é suave e controlada. Sua jaqueta é macia e fria contra minha face. Aos poucos paro de tremer. Minha respiração se normaliza.

Devagar, cuidadosamente, nos separamos. Ficamos de pé. Ele fica entre mim e a grade. Ele segura meu braço e me conduz para dentro do apartamento.

— Porra, cara — diz Nathan —, achei que você fosse se jogar. O que diabos você estava fazendo?

Balanço a cabeça de um lado para o outro. Não sei se consigo falar agora.

— Este é seu pai, não é? — pergunta Nathan. — O advogado desportivo. Eu desci para dar uma conferida nele, para ver se era mesmo quem dizia ser. Ele se parece com você. Ty nos falou bastante de você — ele completa. Meu pai fica um pouco espantado.

— É... É ele. — digo. — Pensei... Pensei que fossem eles. O pai do Jukes. Estava tentando descer.

— Ty, cara, você precisa parar de pensar — diz Nathan. — Você sempre entende tudo errado.

Abaixo a cabeça, o queixo no peito. Meu pai agradece a Nathan pela ajuda, pergunta se eu tenho alguma coisa comigo e concorda, sim, as coisas ficam bastante corridas para ele na época das transferências.

Ele me dá um capacete e diz: — Coloca isso — e estamos do lado de fora em plena luz do dia. Qualquer um pode nos ver, mas os capacetes servem de disfarce. Grande ideia.

Descemos até a calçada e meu pai dobra uma esquina e vemos uma enorme moto prateada. Ele gesticula para que eu suba atrás dele. Logo estamos costurando pelo trânsito, passando pela minha casa antiga, saindo do bairro de Hackney, cada vez mais rápido, passando o Estádio Emirates, passando a estação de Finsbury Park.

Estou me segurando nele com todas as forças e não sei se estou assustado ou animado, feliz ou triste. A velocidade é tudo o que importa. O vento bate contra meu corpo e meu nariz está escorrendo, meus olhos, lacrimejando. Minhas mãos estão azuis de frio, e acho que a qualquer momento vou me soltar e cair. É demais! É como a melhor montanha-russa de todos os tempos. Imagino se meu pai algum dia vai me emprestar a moto. Fico até um pouco decepcionado quando ele entra em uma rua de casas de tijolos vermelhos, diminui a velocidade e para.

— Chegamos — ele diz, tirando o capacete e empurrando a moto para o jardim da frente de uma das enormes casas. Minha cabeça está girando. Ele

mora aqui? O que um fracassado que nem ele faz em uma casa como essa? Você tem que ser milionário para ter uma casa dessas em Londres. Talvez meu pai seja rico. Talvez ele seja... Ah, meu Deus, quem tem uma moto como essa em Londres? Ele é traficante. Meu pai é traficante!

Então decido que vou para de tirar conclusões precipitadas, que é melhor ficar calado e esperar para ver.

— Não tire o capacete ainda — ele diz. — É só até entrarmos. — Ele abre a porta da frente, revelando um vestíbulo com mais duas portas. A que meu pai abre é evidentemente um apartamento separado, pois vejo uma escada. Então ele não é necessariamente um milionário, afinal. Ufa. A não ser que seja um traficante mixuruca.

É um apartamento bem legal. Dá para ver assim que subimos as escadas. O chão é todo de madeira encerada e as paredes são pintadas de cores incomuns — azul e cinza e um marrom meio manchado. É melhor do que se imagina. E tem algumas fotografias em preto e branco bem legais em molduras nas paredes — cantores, músicos na maioria, alguns que eu conheço, muitos não.

Ele joga a jaqueta e o capacete no chão e não dá para evitar ver que tem um casaco rosa-choque pendurado em um cabideiro e outro roxo ao lado dele. E tem um vaso de flores amarelas em uma mesinha. Então, ou meu pai é casado, ou mora com a namorada, ou é uma mistura de gay e travesti. Não consigo pensar em qualquer alternativa.

— Pode tirar o capacete agora — ele diz, e me toco de que devo parecer um astronauta explorando um planeta estranho. Eu meio que queria continuar de capacete.

Ele abre uma porta que dá para uma cozinha grande e bem iluminada. Os armários são todos cor de vinho. O balcão é de aço inox. Tem uma mesa grande de madeira clara e outro vaso de flores — flores roxas enormes misturadas com outras com o centro laranja igualmente gigantescas. Essas são flores de verdade, não do tipo que você compra na Tesco. Óbvio que não me impressiono com coisas de meninas como flores e bases de iPod da melhor qualidade e máquinas de café sofisticadas.

Meu pai acende um cigarro, embora, assim como Archie, fume com a mão para fora de uma janela aberta.

— Estou tentando parar — ele diz. — Você fuma? Pode pegar um.

Faço uma cara como a que minha avó às vezes faz. — Hã, desculpe — ele diz. — Acho que devia fazer um discurso sobre os malefícios do fumo, não é? Você precisa ter paciência comigo. Deixa eu me acostumar a dizer as coisas certas... — A voz dele vai se extinguindo e ele apaga o cigarro, pela metade, e joga pela janela, o que não é um bom exemplo para dar, mas eu não falo nada.

Não sei o que fazer. Troco os pés um pouco e ele diz: — Por que não se senta? Vou colocar a chaleira no fogo. Você toma café?

— Chá — respondo, sentando-me à mesa e olhando para as flores, imaginando quem as teria colocado ali. Tenho quase certeza de que não foi meu pai. Ele é tão desleixado — sob a jaqueta de motociclista, ele veste uma calça rasgada e um agasalho preto frouxo — que não consigo imaginá-lo andando pela casa e fazendo arranjos de flores. Ele percebe meu olhar. — Uma cliente agradecida — ele diz, enchendo a chaleira na pia. Não soa a drogas para mim, mas não consigo imaginar que tipo de cliente agradece um sujeito tão esfarrapado com um buquê de flores caras. Esquisito.

Na verdade, as únicas pessoas que consigo imaginar falando de clientes são o tatuador no estúdio onde eu fazia faxina e as massagistas da casa ao lado. Não tem como ele ser manicure, tem? Hmm. Está bem, vou esperar para ver qual é. Às vezes me falta discernimento.

Ele coloca uma xícara de chá diante de mim. Tenho que pedir o açúcar. Ele diz: — Você está com uma aparência horrível. Andou se metendo em briga? — Quase começo a rir — não tenho feito outra coisa ultimamente —, mas me seguro e abaixo a cabeça e resmungo: — Sim, mais ou menos.

— Mais ou menos? Você está com um olho roxo e tem um corte no rosto. O que aconteceu?

Olho furtivamente para ele. Parece estar realmente preocupado. Mas esse é o cara que mandou minha mãe para o hospital. É o tipo de cara que bate em mulheres. Deve ter outro lado dele, um lado assustador e violento.

Como quando eu era Joe. Como quando eu esfaqueei Arron, esmurrei Carl e ameacei Claire.

Lembro-me da expressão no rosto de Claire no dia em que agarrei seus pulsos. Às vezes eu me odeio tanto.

Ele está esperando uma resposta ainda. Levanta a mão para tocar meu rosto. Eu me esquivo. — Tudo bem, eu só levei um soco.

— Daquele garoto? Nathan?

— Hãã, não, na verdade não.

— Ele disse... disse que você havia mudado muito.

— Sim. Bem, muita coisa aconteceu.

— Você precisa me dizer... Eu queria perguntar... — ele diz. Parece meio constrangido. Eu é que não vou ajudá-lo. Bebo meu chá — é bom beber algo quente — e o ignoro.

Ele se levanta e abre a geladeira. É uma daquelas geladeiras americanas enormes. Está cheia de coisas interessantes. Azeitonas pretas e queijo azul e salada roxa.

— Você deve estar faminto — ele diz. — Que tal se eu lhe fizer algo para comer? Depois podemos conversar.

Comer parece bom. Conversar não.

Ele começa a tirar coisas da geladeira. Pão de fôrma, manteiga orgânica sem sal, ovos, tomates. — Vou só ver uma coisa — ele diz. — Volto em um instante.

Ele sai da cozinha. Eu bebo meu chá. Um ovo rola pela mesa até mim. Levanto a mão para detê-lo. Ainda está frio da geladeira.

Então pulo para trás, esmagando o ovo e derrubando a cadeira.

Tem algo escrito no ovo.

Diz: *Você está morto.*

CAPÍTULO 24

Ovos

Quero correr. Olho de um lado para o outro, o pânico se avolumando dentro de mim, procurando uma saída.

Mas e se eu fugir e alguém matar meu pai?

Vou para debaixo da mesa, me encolho todo e penso o mais rápido que posso. Meus dedos estão melados de ovo. Isso me lembra... Bom, melhor não pensar nisso agora.

Faço uma lista de possibilidades.

Eu fiquei maluco. Estou alucinando de novo. A qualquer momento Alistair vai aparecer fazendo malabarismo com ovos e gargalhando.

Alguém entrou no apartamento e deixou uma ameaça de morte para meu pai (traficante de drogas em potencial) ou para mim. Em um ovo. Na geladeira. Onde estará agora? Que tipo de maluco escreve ameaças em um ovo? Como poderia saber onde me encontrar?

Meu pai é um caso clínico, e essa é sua ideia de uma boa gozação. Por alguma razão essa é a hipótese mais assustadora de todas e eu sigo rapidamente em frente.

Estou morto. Eu realmente caí da varanda e o negócio todo da moto foi eu indo para o céu, só que tenho quase certeza de que não vou para lá. Mas talvez ir a uma escola católica lhe confira pontos extras. O ovo da morte foi a maneira de Deus me dar a notícia. É simbólico, como um ovo de Páscoa, só que não de chocolate.

Por um instante me convenço de que só pode ser isso, mas a gente devia sentir alguma coisa ao morrer, não? A gente deve perceber. O que Alistair sentiu? E Rio? E se eles não soubessem?

De qualquer jeito, acho que disseram na igreja uma vez que ovos significam vida, não morte. Vida. Tenho quase certeza disso.

Meu pai volta para a cozinha. — Ty? — ele chama. Então me vê debaixo da mesa. Ele se abaixa e posso ver seu rosto de cabeça para baixo fingindo que não estou fazendo nada de esquisito. — Oi. O que você... Está tudo bem?

Olho para o outro lado e ele diz: — Hãã, quer um tempinho aí?

Vejo as pernas dele se afastando da mesa, indo até a pia e voltando. Ouço o som dele limpando a sujeira do ovo em cima da mesa. Ele faz café, corta pão e então coloca um prato com pão, queijo e tomates debaixo da mesa ao meu lado. Não diz uma palavra. Pego um pedaço de pão e enfio na boca. Estou faminto, mas o pão raspa no céu da minha boca e sinto a bile subir na minha garganta.

Meu pai senta à mesa. Suas pernas estão bem ao meu lado. Eu poderia me agarrar a elas. Obviamente não é o que eu quero.

— Ty — ele diz, em sua voz suave e tranquila. — Alguma coisa assustou você?

Sinto uma dor aguda na garganta. Descanso a cabeça sobre os joelhos.

— Teve alguma coisa a ver com o ovo esmagado?

Ouço um som parecido com um ganido. Talvez ele tenha um filhote de cachorro. Olho em volta, então me toco que sou eu mesmo. Droga. Que humilhação. Escondo o rosto entre os braços.

— Tinha alguma coisa escrita nele?

Meu corpo todo estremece. Deve ter algo a ver com comer depois de tanto tempo com fome. Balanço de um lado para o outro.

Ele desliza da cadeira e se espreme debaixo da mesa junto comigo colocando um braço sobre meus ombros. Sinto o cheiro do café em seu hálito. Minha mãe tem o mesmo cheiro quando toma café. Tento me afastar, mas não estou no controle total de meus movimentos neste instante.

— Ty — ele diz. — O que houve? Foi só uma piada. Não quis dizer nada.

Merda! Opção c) Ele é um louco varrido. Eu *odeio* ele! Se não estivesse me sentindo tão mal, matava ele. Arrebentava ele todo. Mas só o que consigo é me contorcer, empurrando-o com as pernas e batendo a cabeça contra o tampo da mesa. *Cacete!* Meu crânio parece se estilhaçar como uma vasilha de porcelana e eu dou um grito de agonia.

— Nossa — ele diz. — Vem, sai daí e deixa eu ver isso. — Ele praticamente me arrasta para fora de onde estou, debaixo da mesa. Estou segurando minha cabeça quebrada e posso sentir lágrimas grandes e pesadas descendo pelo rosto. Mas esta é a menor de minhas preocupações agora, dado que provavelmente vou precisar de uma cirurgia do cérebro.

Ele está olhando a geladeira de novo. — Caramba, não temos um saco de ervilhas congeladas nem nada parecido. Gelo, talvez. — Ele enfia um pano de prato cheio de cubos de gelo na minha cabeça e eu grito de dor de novo. Um cubo de gelo escorrega pelo meu nariz. — Droga — diz meu pai. — Desculpa, não sou muito bom nisso.

Ele pode repetir isso. Estou tentando parar de choramingar, mas não é fácil. Seus dedos tocam levemente minha cabeça. — Você tem um galo do tamanho de um ovo aí — ele diz, e eu começo a tremer de novo. Tinha certeza de que tinha quebrado a cabeça, certeza total, mas estava errado. Não posso nem mais confiar no que meu próprio corpo me diz.

— Olha — ele diz. — Olhe isso. Está tudo bem. — Ele enfia a caixa inteira de ovos bem debaixo de meu nariz. Eu olho para ela.

Todos os ovos têm algo escrito neles. Alguém usou uma caneta preta grossa. Um diz *se você*. O outro diz *Danny*. O terceiro diz *pegar*. O último tem um ponto de exclamação. Meu pai alcança o ovo remanescente em cima da mesa e coloca na caixa. Está escrito *algo meu*.

— O que o seu dizia? — ele pergunta.

— Hã... — Ainda estou tentando entender o que está havendo aqui.

— *Vou matar você?* Algo assim?

— *Você está morto*.

— Ah, Ty, lamento tanto. — Tem um ligeiro sinal de sorriso no rosto estúpido dele.

— Foi você quem escreveu?

— Não, veja. É para mim. *Danny, se você pegar algo meu, você está morto!* É uma brincadeira. Eu viajo muito e, quando volto, não costumo comprar muita comida, e as meninas com quem moro ficam injuriadas quando pego a comida delas. Veja. — Ele abre a geladeira e pega umas uvas. Tem um *post-it* grudado nelas. *Mexa nas minhas uvas e eu arranco teu saco.* Meu pai pega uma uva do cacho e enfia na boca. Ele sorri para mim, segurando-a entre os dentes brancos, então engole. — Viu como sou corajoso?

Não consigo evitar. Sorrio. As lágrimas estão secando, graças a Deus. É um alívio tão grande eliminar as opções de a) a d) que não faz a menor diferença se ele mora com psicopatas.

— Quem são elas? Essas garotas?

— Uma se chama Tess e a outra, Lucy — ele responde, comendo as uvas. Ele as oferece para mim. Eu pego uma, depois outra. São doces e não têm sementes.

Ainda estou absorvendo a notícia de que meu pai mora com duas mulheres. Tem uma frase para isso. Estou tentando lembrar. “Trio”, é o que o *News of the World*[11] chamaria, mas estou lembrando de algo em francês, algo que li em uma revista uma vez. Na *Playboy*, para falar a verdade. Não dá para crescer em cima de um jornaleiro sem aprender alguma coisa sobre a vida. — Você tem um *ménage à trois*?

Ele ri. — Nossa, de onde você tirou essa? Não, não me diga. A gente só divide o apartamento. Na verdade, como o apartamento é meu, elas são minhas inquilinas.

— Então você não transa com elas? — Melhor deixar logo tudo bem claro, já que estamos nessa.

Ele começa a roer a unha do polegar. — Bem, hã, Tess e eu temos meio que um rolo, sabe? Às vezes rola, outras não. Mais para não. No momento,

não rola.

— Ah, sei. E a Lucy?

Ele está com uma expressão bem sonsa no rosto. — Ah, bem, rolou uma ou duas vezes. Mas, hã, melhor não mencionar isso com ninguém. Quer dizer, hã, a Tess nem imagina sobre a Lucy e a Lucy não sabe bem, hã, a extensão de... quantas vezes rolou com a Tess.

— Entendi — digo. Ele vive, sim, um *ménage à trois*. Só que as duas não perceberam ainda. E elas ainda o pagam. Não sei se fico impressionado ou não. Ele deve saber mentir bem, isso é certo.

Ele fica de pé e me passa um pano de prato para limpar a mão. — Vem, vamos subir.

Minha cabeça está um pouco melhor. Ele me mostra a sala de estar — grandes sofás de couro e uma televisão enorme de tela plana, totalmente demais —, depois mais um lance de escadas e um banheiro todo de cromados e branco brilhante. É como algo saído de uma das revistas de decoração que minha mãe costumava pegar emprestadas da loja do Sr. Patel. Era de onde tirava ideias idiotas como pintar o banheiro de rosa ou colocar uma cortina de contas para separar a cozinha da sala de estar.

Ele indica com um gesto duas portas fechadas. — Aquele é o quarto da Tess e aquele, o da Lucy. As duas estão trabalhando. Tess trabalha na televisão e Lucy é assistente de *chef*. Foi o que vim fazer, checar se não estavam em casa. As duas trabalham muito e têm horários diferentes, então não devem aparecer tão cedo. Meu quarto é por ali. — Outra porta fechada.

Então subimos mais um lance de escadas — esse apartamento não acaba nunca — e chegamos a um quarto enorme com janelas dos dois lados e uma parede de fotografias no meio. De um lado dá para ver Alexandra Palace e todas as ruazinhas subindo a colina. Do outro lado... uau... toda a cidade de Londres. O Gherkin, o Canary Wharf, tudo piscando como uma árvore de Natal com uma estrela na ponta. Arranha-céus brilhando em meio a uma névoa marrom. Eu poderia passar horas olhando por essa janela.

— Gostou? — ele pergunta.

— Hã... sim... legal — respondo. Olho para a parede de fotos. É como uma colagem de fotos de pessoas, mas não estão emolduradas e sim afixadas com tachinhas, disputando espaço umas com as outras. Vejo alguns rostos famosos... Lily Allen, Cheryl Cole, Kylie... Claire tinha fotos como essas na parede dela, eu me lembro, que pareciam ter sido retiradas de revistas. Mas estas são ampliações de qualidade em papel brilhante. Por que um homem teria uma parede assim?

— Gostou? — ele pergunta de novo. — Isso é o que eu faço. Não sei por que pensou que eu era um advogado como meu pai.

O que ele faz é pregar fotos da Cheryl Cole na parede? Estou completamente confuso. Mas aí ele tira uma câmera de uma bolsa preta e eu finalmente entendo. Ele tira fotos. Ele é fotógrafo. Um fotógrafo que tira fotos de celebridades. E não estou falando desses *paparazzi* não. São fotografias artísticas tiradas em um estúdio. Lily, Duffy e todos os outros estão sorrindo, fazendo biquinho, posando para meu pai.

Esqueça o advogado de esportes. Tenho o pai mais descolado da história. É tão injusto. Se eu soubesse disso quando estava na St. Saviour, poderia ter sido o rei do colégio. Imagina poder mencionar casualmente nomes como Kylie, Alesha Dixon, Leona Lewis. Está bem. Estou impressionado. Tenho que admitir.

Ele pega a câmera e aponta para mim. — Hmm — ele faz. — Acho que você poderia fotografar bem. Feições interessantes, mesmo com o olho roxo. Você podia pensar em modelar. É uma boa maneira de ganhar dinheiro. Sabe dançar? Acho que Lily está procurando garotos que saibam dançar para seu próximo vídeo.

— Estou tentando me manter anônimo — lembro, e ele coça a cabeça e diz: — Ah, é. Desculpa. Não estava pensando direito. Estou meio tonto só de ter você aqui, para falar a verdade. Imaginei isso tantas vezes, mostrar a você minha casa, meu trabalho...

Lembro-me do tom irritado de minha mãe quando disse: — Vejo que compraram você. — Ela deve ter passado anos se preocupando que eu me encontraria com meu pai e sua família e iria querer coisas que ela não podia

me dar. Ela vem lutando para pagar o aluguel enquanto ele mora em um palácio no alto da colina.

— Esse apartamento deve ter custado uma fortuna — comento.

— Bem, eu vi como um investimento — ele está com aquela expressão matreira de novo.

— Minha mãe nunca teve muito dinheiro, mas cada centavo que ganhava gastava comigo — digo. É quase verdade. Ele não precisa saber que ela se permitia extensões de cabelo e noitadas no pub e que suas roupas eram da Top Shop enquanto as minhas eram do mercado. É questão de princípios.

— Você sabe que a Nicki não me deixava chegar perto de você — ele diz. — Ela não aceitava nada de mim. Eu tenho colocado um dinheiro na poupança pra você. Achei que poderia lhe dar no seu aniversário de dezoito anos, mas está lá pra você quando quiser.

— Não estou à venda — retruco bruscamente, e ele diz: — Eu não quis dizer isso.

Não penso em minha mãe há séculos. Deus do céu! Ela deve estar morrendo de preocupação. Bem-feito, penso, mesmo assim não gosto de pensar em como deve estar ficando louca... chorando... E tem minha avó, ela também deve estar preocupada. E Patrick e Helen. E tem Claire.

— Ela já sabe que me encontrou? — pergunto, e ele responde: — Eu devia ligar para ela, não é? Ela me deu o telefone e o endereço do Nathan. Foi como o encontrei. Concordamos que ela ligaria para a família de sua namorada e eu cuidaria de Londres. Fui ver seu antigo senhorio, o Senhor Patel, e falei com um bocado de gente no comércio local. Tinha uma garota bonita no estúdio de tatuagem bastante preocupada com você. E fui à academia de boxe perguntar por lá.

Jesus Cristo! Ela estava tentando matá-lo. Ela o mandou direto nas pessoas que querem me matar. Logo a academia de boxe cheia de gente do Jukes. Minha mãe não tem escrúpulos. Deus, como ela o odeia. O que ele pode ter feito com ela?

Ele tira um celular do bolso. Ela responde imediatamente. Posso ouvir sua voz encanada do outro lado da linha. Ele mal consegue dizer uma

palavra.

— Eu o encontrei — ele finalmente consegue dizer. — Ele está seguro. Um pouco maltratado, mas está bem. Só precisa de sossego.

Blá, blá, blá! Meu pai faz com a boca: *Quer falar com ela?* Eu faço que não com a cabeça.

— Escuta, Nicki... — blá, blá, blá, blá, blá!

— Nicki, para de falar por um segundo. Vou ficar com ele um tempo. Não me importa o que você quer. Preciso conversar com ele. Ligo para você amanhã e conto o que decidimos.

Caraca! Nunca ouvi ninguém ousar falar com minha mãe desse jeito. Tem um ruído do outro lado da linha como o de um vulcão em erupção. Então ela desliga o telefone.

Ele parece meio triste. — Que mulher — ele diz. — Ela realmente me odeia, não é? Ela ainda se importa. Há uma linha tênue entre o amor e o ódio. Uma música dos Pretenders. Antes de sua época. Quase antes da minha, mas uma de minhas irmãs gostava deles.

— Quem? A mãe do Archie?

— Sim, minha irmã mais velha, Pen. Foi ela quem me ligou, disse que você estava com meus pais. Claro, eles nem se deram ao trabalho de me avisar.

Ele está mentindo para si mesmo se acha que minha mãe algum dia vai perdoá-lo. Para ele está tudo bem com seu apartamento enorme e seu trabalho maneiro e seu *ménage à trois* e amigos famosos. Mas, em última instância, ele é um sujeito que bate em mulheres.

— Minha mãe não ama você — digo. — Ela realmente te odeia e vai sempre odiar. É sua própria culpa. Você a machucou.

— Eu precisei — ele diz.

— O quê? — Mal consigo acreditar nos meus ouvidos. — Você... Você bateu nela! Você a machucou! Você a mandou para o hospital! Pelo amor de Deus, que tipo de pessoa é você?

Queria bater nele, mas já briguei o bastante por hoje. Já basta gritar e xingar.

O queixo dele cai. Seus olhos se arregalam. Ele passa a mão na testa.

— Foi isso o que ela lhe disse?

— Não só minha mãe. O Patrick também.

— Meu pai? Meu *pai* lhe disse que eu bati na Nicki? Jesus Cristo! Eu acreditaria em muita coisa partindo dele, mas isso nunca. Desgraçado mentiroso!

Tenho um momento de dúvida. Afinal, mamãe nunca me contou realmente o que aconteceu. E Patrick não chegou a me passar todos os fatos.

— Hã... — começo a dizer, mas ele abre um armário e tira de dentro uma bolsa de couro.

— Vou sair — ele diz. — Você fica aqui. Nada de fugir, estamos entendidos?

Seu tom é frio e ríspido. Sinto um choque ao ouvi-lo. Prefiro o seu tom normal.

— Estamos entendidos? — ele pergunta de novo, a expressão dura, os olhos faiscando de raiva, e eu faço que sim com a cabeça. Ele enfia a bolsa em minhas mãos.

— Dê uma olhada nisso enquanto saio — ele diz. — Quando eu voltar, podemos conversar sobre o que vai ver aí.

Ele sai do quarto e eu ouço a trava girar. Meu pai me trancou aqui dentro!

CAPÍTULO 25

Aniversário

Deixo cair a bolsa estúpida dele e me jogo com tudo contra a porta uma, duas, três vezes. Ela treme, mas não consigo quebrar a tranca. Só estou machucando meu ombro. Depois da quarta tentativa, desisto. Deslizo até o chão e recupero o fôlego.

Como ele pôde fazer isso comigo? Ele vai me manter prisioneiro? Isso é desumano. Provavelmente é ilegal. Quando minha mãe souber disso, vai botar a polícia em cima dele. Que droga!

Tem um computador na escrivaninha, em um canto, e eu ligo, mas... droga... é protegido por senha. Penso em arrebentar o monitor, mas resisto à tentação.

Tem um maço de cigarros na escrivaninha — é assim que ele espera parar — e um isqueiro. Acendo-o e passo meu dedo na chama. Poderia queimar as fotos na parede idiota dele. Posso fazer uma fogueira e queimar a porcaria da casa toda até o chão. E por que parar aí? Queimar logo a cidade toda. O Grande Incêndio de Londres, Parte Dois.

Olho pela janela. O Gherkin parece uma lâmina gigante rasgando o céu. O Canary Wharf é um foguete pronto para explodir. Acendo o isqueiro contra minha pele. Acendo, apago, acendo, apago, deixando doer só um pouco. Imagino qual é o cheiro da carne humana queimando. Imagino o cheiro do cabelo...

A bolsa de couro está bem aos meus pés. Apanho-a e esvazio o conteúdo no chão. Combustível para minha fogueira. Fotos, envelopes recheados de cartas e até algumas roupas de criança e brinquedos. Quem guarda essas coisas? Elas merecem queimar.

Debruço-me sobre a pilha, isqueiro na mão. Então, paro. O que estou fazendo? Quem começa um incêndio em um quarto trancado? Só mesmo

um louco suicida. Tenho que parar com isso agora.

Jogo o isqueiro longe, para o outro lado do quarto.

Então me sento, exaurido e suado, pegando itens da pilha aleatoriamente e botando de volta.

As fotos estão organizadas em pastas. Misturo tudo. Olho uma ou duas à toa. Tem uma da minha mãe com um sorriso enorme no rosto, mostrando um troféu que ganhou. Ela está em trajes de corrida, deve ter sido uma competição. Ela está mesmo em boa forma, percebo, embora não seja correto pensar isso da própria mãe. Pernas longas e bronzeadas. As mulheres não deveriam poder ter filhos até os quarenta anos mais ou menos. Largo a foto rapidamente.

Tem uma do meu pai. Dou risada quando a vejo. Ele está tão diferente. Está vestindo o uniforme da St. Saviour. Devia ser obrigatório para o último ano do ensino médio naquela época. Seu cabelo também está cortado no estilo militar da St. Saviour.

E ele está com um bebê nos braços, o que me faz parar de rir na hora.

O bebê está embrulhado em um cobertor, então só dá para ver seu nariz. Mas tem um sorriso enorme no rosto do meu pai. Ele parece feliz. Ele parece orgulhoso. Não se parece com que se esperaria de um pai ainda no último ano de escola, enraivecido, assustado e receoso de o bebê vomitar ou fazer cocô nele.

Tem mais fotos. Minha mãe me segurando. Estou vestindo calça de brim — não cai nada bem — e sou tão careca e feio quanto o cara do “Little Britain”[12]. Ela parece diferente — mais cheia de curvas e querendo explodir de dentro de sua camiseta apertada demais. Eu não aprovo.

A foto seguinte é mais recente. É grande e brilhante. Bizarro. Sou eu e Arron. Estamos vestindo nossos blazers da St. Saviour. Parece que estamos saindo pelo portão da escola a caminho do metrô. Arron está na frente, eu estou seguindo. Estamos rindo. Parecemos verdadeiros amigos. Quem diabos tirou essa foto? Como foi parar com meu pai?

Tiro uma carta de um dos envelopes recheados. Papel de carta grosso, cor creme. Letra fina, tinta preta — não é de caneta esferográfica. Meus olhos estão desfocando. Leio algumas frases — *Ele anda tão quieto e retraído, tão sem emoção. É tão mais saudável para ele ouvir sua voz... Ele deve ficar bem.* Não consigo me concentrar. Alguma coisa lá no fundo me incomoda. Medo. Preciso parar para pensar um pouco.

Meu pai foi em tudo quanto é lugar perguntando às pessoas sobre mim. Ele foi à academia de boxe, onde sei que a turma do Jukes vai. O que disse a eles? O que perguntou?

Estou tentando me lembrar se foi ele quem ligou para Nathan ou se foi Nathan quem ligou para ele. Estou pensando qual é a importância disso. Então ouço um clique e a porta se abre.

— Você me trancou aqui! — grito. — Você me prendeu! Não pode fazer isso!

— Eu não fui longe — ele responde.

Está equilibrando uma bandeja com duas canecas de chá e duas fatias de bolo. Quero derrubá-la de suas mãos, enfiar o bolo na sua cara e besuntar suas fotos brilhantes.

Só não o faço porque estou com água na boca.

— A sua caneca é a com a colher. Eram duas de açúcar, certo? — ele diz, como se nada tivesse acontecido. Pego uma fatia de bolo — chocolate, hmmm — e enfio na boca. — Feliz aniversário — ele diz. — Desde seu primeiro ano que não posso dizer isso.

É meu aniversário? Estou com quinze anos? — Você não pode me prender. Não sou seu prisioneiro — resmungo de boca cheia. Ensaio pegar a segunda fatia. Ele faz um gesto: — Vai em frente. Aproveite.

Ele deve ter ido comprar um bolo de aniversário para mim. Isso é legal da parte dele. Queria que Claire estivesse aqui para podermos comemorar nossos aniversários juntos. Queria ter podido beijá-la, ter ficado com ela. Talvez eu nunca mais a veja.

Meu pai senta no chão ao meu lado.

— Eu precisei trancar você — ele diz. — A única coisa que sei sobre você é que você sempre foge. Você fugiu duas vezes na última semana.

Ah, hã, é. Mas ainda acho desumano. E se precisasse urinar?

— Falei com meu pai e com a Nicki de novo — ele diz. — São duas pessoas com quem nunca falo em circunstâncias normais. Os dois negam ter lhe dito que eu bati nela. Ambos ficaram surpresos e não sabem por que você acha isso.

— Patrick disse que você a mandou para um hospital — digo, a boca cheia de bolo.

— Ele também disse que havia algo que você precisava conversar com Nicki e comigo. Foi uma das poucas vezes em que concordei inteiramente com ele.

— Ah, sei. E não me faltam oportunidades para tanto, não é? — Tento impor um tom ao mesmo tempo ofendido e altivo, mas o efeito é um tanto diminuído pela cobertura de chocolate cobrindo meus lábios e mãos. Eu lambo os dedos.

— Então me escuta. Acredite. Eu nunca bati na Nicki.

Ele pode estar mentindo, mas, por algum motivo, não acho que esteja. Eu quero que seja verdade. O bolo é bom. Estou me sentindo bem melhor.

— Seja como for — ele diz —, você viu as fotos, as cartas e tudo mais? Deu pra formar uma ideia melhor das coisas?

— Sim... — Fico um pouco surpreso com o modo como ele conseguiu desarmar minha fúria com apenas um sorriso e bolo. E não sei do que chamá-lo, o que é irritante, pois tenho algo importante que preciso dizer. O que era?

Ele pega uma foto. É outra de quando eu era bebê, embrulhado em um cobertor azul. Ele está me segurando e abraçando minha mãe e, de novo, está com um sorriso bobo no rosto.

É o contrário de todos aqueles vídeos de educação sexual onde dizem como sua vida vai acabar para sempre se você não usar preservativo. Eles parecem realmente felizes.

— Não sei bem por onde começar — ele diz. — Eu nunca falo dessa época de minha vida. É doloroso demais. Só as minhas irmãs sabem sobre isso. E a Louise, claro.

— Você manteve contato com Louise?

— Não com tanta frequência — ele responde. — Mas vez por outra ela me contava como você estava.

Minha tia Louise evidentemente era uma agente tripla passando informações sobre mim. Acho que minha mãe nunca mais vai falar com ela. Elas nunca se deram muito bem mesmo.

— Olha, Pa... Danny... — falo, hesitante.

— Você já esteve apaixonado? — ele pergunta. — Essa menina, Katie, é isso? Você a ama de verdade?

Katie? Ele nem consegue acertar o nome de Claire. De qualquer jeito, não é da conta dele. — Preciso falar com você — digo. — Podemos ver isso depois?

— É importante você saber a verdade — ele diz.

— Sim, eu sei, mas...

— Eu conheci a Nicki durante muito tempo apenas como a irmã mais nova da Louise — ele continua. — Ela era uma criança irritante, barulhenta, mandona. Então o pai delas morreu e nós fomos ao funeral. Ela tinha crescido um bocado desde a última vez que a tinha visto. Estava incrível, linda. Começamos a namorar depois disso. Não contamos a ninguém porque ela não queria que as pessoas soubessem que tínhamos nos encontrado no funeral do pai dela.

Eles começaram a namorar no funeral do meu avô? Inacreditável. Começo a entender por que a vovó fica com a testa toda enrugada quando mencionam meu pai. O que é raro.

— Eu simplesmente me apaixonei completamente — ele diz. — Nunca mais senti nada igual. Ela era maravilhosa, tão decidida. Ela ia ser uma atleta campeã. Eu estava marcando tempo, sem saber o que queria da vida. Resolvi estudar Direito como meu pai e minha irmã porque não conseguia

pensar em mais nada. Não suportava a ideia de perdê-la. Queria ter certeza de que isso não ia acontecer. Então sugeri termos um bebê.

Ele fez o quê? Cristo! Mas não posso me deixar distrair. — Escuta, isso tudo é ótimo, mas preciso perguntar uma coisa.

— Claro, qualquer coisa — ele diz.

— É só que, quando você veio e me encontrou, foi você que ligou para o Nathan? Ou ele ligou para você?

Ele fica surpreso. — Eu deixei um recado pra ele ontem logo depois de você sumir. Fui direto para Londres. Então ele me ligou quando você apareceu e eu fui para lá o mais rápido que pude.

— Então você passou para ele o número do seu celular?

— Bem, sim...

— E os outros? As pessoas com quem falou? E a academia de boxe? Você deu seu número lá também?

— Sim. Mas não se preocupe com isso. Já encontrei você.

— Não, é justamente isso. — Seguro seu braço. — Pai, estamos em perigo. Precisamos sair daqui. Eles vão perceber que você me encontrou e vão vir atrás de mim. Eles têm seu número e podem conseguir seu endereço. O endereço daqui.

Ele carinhosamente coloca o outro braço em meus ombros. — Ty, eu conversei com Nathan antes de a gente ver que você estava na varanda. Ele disse que você estava tendo reações exageradas, estava paranoico. É perfeitamente compreensível, considerando tudo pelo que você passou.

— Não, sério... Estou falando sério. A polícia disse que os celulares não são seguros. Eles podem rastrear você. Eu sei que podem. — Estou sacudindo o braço dele, tentando fazê-lo prestar atenção. — Precisamos sair daqui. Você precisa avisar suas amigas. Não acho que seja seguro.

— Ty, ninguém nos seguiu. Tenho certeza disso. Está tudo bem. Relaxa. Você está seguro.

Solto um suspiro. Quero acreditar nele. Sei que cometi um erro atrás do outro. Quero sentar aqui e comer mais bolo e conhecer meu pai um pouco melhor.

Mas não posso.

— Eles não precisam nos seguir. Eles simplesmente aparecem. A academia de boxe é cheia de gente do Jukes. Quando Alistair foi morto... — Minha voz se apaga. Estou tremendo. — Minha mãe ligou pra ele. No dia seguinte, ele estava morto.

— Está bem — diz meu pai. — Não quero que fique com medo. Vamos para a casa de um amigo. Só preciso ligar para Tess e Lucy e explicar o que está havendo. Talvez elas possam ficar com amigas por alguns dias.

Balanço a cabeça, agradecido. — Obrigado... hã... pai.

Começamos a recolher as fotos e cartas e colocá-las de volta na bolsa. Ele pega o celular, pronto para ligar para seu *ménage à trois*.

Então nós dois congelamos.

Ouvimos o som de alguém andando pelo andar de baixo. Então o barulho de vidro se quebrando.

CAPÍTULO 26

Especialista em Bombas

Descemos as escadas vagarosamente. Chegamos à porta do banheiro. Meu pai aponta para as escadas me mandando subir de volta. Ele faz um gesto de trancar a porta. Eu faço que não. Não vou ficar sentado atrás de uma porta trancada enquanto ele leva um tiro. E se tiverem trazido gasolina?

Uma porta range no andar de baixo. Ouvimos passos. Alguém está se movendo. Estou segurando a respiração, tremendo.

Ele toca minha mão e sussurra: — Não se preocupe. Sou faixa preta em *taekwondo.* — Ele não entende, não faz a menor ideia...

Então ouvimos uma voz — uma voz feminina — falando bem claro: — Ah, mas que droga, Danny, seu ladrão!

Meu pai ri. — Tess! — ele chama. — Nossa, você nos deu o maior susto.

Sou um completo idiota. Estou sempre errado. Tento disfarçar olhando para as fotos em preto e branco penduradas na parede enquanto Tess — acho que é a tal que às vezes rola, mas que não está não rolando no momento e que trabalha em televisão — sobe as escadas.

— Eu não sabia que estava aqui, seu ladrão safado! — ela grita, mas não parece estar realmente com raiva. — E quem é “nós”? Você não trouxe aquela piranha da Angie aqui, trouxe? Ah!

Ela finamente me viu. — Ora! Isso é algo diferente — ela diz.

— Nós sempre nos tratamos desse jeito — diz meu pai — Ela está brincando sobre a Angie. Angie é minha assistente, como você bem sabe, Tess.

— Não é o que me pareceu daquela vez — retruca Tess, que tem cabelos tão louros que são quase brancos amarrados em um rabo de cavalo. Ela está vestida em uma blusa preta justa e uma saia curta cinza. Está usando óculos

estilosos, batom vermelho brilhante e saltos incrivelmente altos. Nem minha mãe usa saltos assim. Ela é um pouco assustadora. Não imagino por que daria atenção a alguém como meu pai.

— Sim, bem, isso não vem ao caso. Era o aniversário dela — ele diz, fazendo uma cara para ela como quem diz *cala a boca*. — Quero lhe apresentar a alguém. Este é meu... meu filho Tyler. Tyler, esta é Tess.

Eu dou um sorriso, mas Tess nem tenta ser educada.

— Ah, meu Deus! — ela exclama. — Você está brincando, não está? Você disse *filho*? — Ela olha para mim de cima a baixo e ri. — Você teve um filho aos doze anos? Que típico! Cristo, Danny, isto é hilário. Por que ele se chama Tyler Tyler?

É muita falta de educação falar das pessoas na frente delas como se elas não estivessem ali, especialmente quando nunca se viram antes. — Não é assim que me chamo — digo, passando por ela sem pedir licença e descendo para a cozinha. O bolo de chocolate está na mesa e tem uma taça de vinho quebrada no chão em meio a uma poça vermelha. Ignoro o vidro quebrado e me sirvo de mais bolo. Meu bolo de aniversário. Sinto-me um pouco enjoado.

Ouço meu pai e Tess conversando no alto da escada. — Ah, o que você esperava que eu dissesse me dando uma notícia dessas assim? — ela diz. — Por que nunca falou dele antes? Nunca nem uma palavra? Ele simplesmente apareceu à sua porta? Tem certeza de que é seu?

Não ouço o que dizem a seguir, mas aí ela diz: — E Lucy vai matar você. Não sabia que ela fez aquele bolo especialmente para o aniversário da mãe dela?

Olho para o bolo. Metade já foi. Meto a mão na metade restante e a esmago. A cobertura escorre por entre meus dedos e alguns pedaços de bolo caem do prato. Desfiro ainda alguns golpes de caratê de leve e limpo a mão na camisa.

Meu pai entra repentinamente na cozinha com Tess logo atrás. — Ah, bom — ele diz. — Você está bem. — Obviamente ele achou que eu tinha fugido novamente. Eu o ignoro.

Tess vê os restos do bolo.

— Ah, meu Deus! — ela diz. — O que ele fez?

Raspo um pedaço de cobertura com o dedo, enfio na boca e chupo. Olho para ela fixamente, de cima para baixo. Como Arron às vezes olhava para as garotas que víamos no metrô.

Ela me encara por um instante e então diz: — Danny, uma palavrinha.

— Olha, eu dou um dinheiro pra Lucy comprar outro bolo — diz meu pai. Ele está olhando para mim também e roendo a unha do polegar. — Vamos ter que ficar com ele aqui um tempo, Tess. Seria melhor você e Lucy procurarem outro lugar para ficar por uns dias. Temos uma situação aqui... — Ele para de falar, coça a cabeça e olha para mim.

Não quero que Tess pense que sou um garotinho medroso que precisa de proteção contra agressores imaginários. De qualquer jeito, Danny provavelmente deu o número do celular para Sylvia, a moça da recepção na academia de boxe, e ela deve tê-lo perdido em cinco minutos.

— Tá na boa — digo. — Eu devo tá errado. Nós num precisa sair daqui. Tem problema não. — Minha mãe ia ficar louca por me ouvir falar assim. Meu pai e Tess nem piscam.

Então continuo: — Se tua piranha ficar de boa.

Tess sai ofendida da cozinha. Meu pai me dirige um olhar... um olhar um pouco perdido... e a segue. Estou rindo por dentro. Ele não faz ideia. Ele me deixa fazer o que quiser.

Ela nem tenta falar baixo. — Você planeja trazê-lo pra morar aqui? — ela pergunta. — Seu delinquentezinho perdido? Porque não estou a fim de dividir a casa com um marginal desbocado.

— Vamos, Tess, ele é meu filho. Estou passando um tempo com ele pela primeira vez desde que ele tinha dois anos.

— Bem, ele certamente não é mais nenhum bebê — ela diz. Então o tom dela fica mais agudo. — Por que você nunca me disse nada? Eu achava que você não guardava segredos de mim. Ah, Danny...

Espio pela fresta da porta. Meu pai está abraçando-a e eles estão dando um beijo longo e complicado. Ele desfez o rabo de cavalo dela e está acariciando seus cabelos louros. Ela o abraça apertado.

Meu pai é como um especialista em desarmar bombas humanas. Que talento incrível! E pelo jeito tem talento para beijar também. Tess está com os olhos fechados por trás dos óculos estilosos e está toda se encostando nele, suspirando. — Danny, ah, Danny, você devia ter me contado. Você devia estar sofrendo tanto.

A coisa continua assim por um bom tempo. Então acho melhor interrompê-los antes que ele a arraste para sua toca.

Dou uma pigarreada, mas logo vira uma crise de tosse de verdade e eu passo uns dez minutos expectorando e tentando recuperar o fôlego. Quando finalmente consigo parar, eles voltam para a cozinha.

— Você acha que ele está com tuberculose? — pergunta Tess. Ela me dá um copo de água. — Parece que essas doenças de antigamente estão voltando a aparecer entre os sem-teto.

— Ele não é um sem-teto — diz meu pai. — Tem várias pessoas brigando pelo privilégio de tê-lo morando com elas.

— Ah — diz Tess. — E suponho que você seja uma dessas pessoas.

— É claro — ele responde e, para mim: — Olha, talvez seja melhor ficarmos aqui esta noite. Podemos pedir comida, bater um papo e amanhã de manhã partimos.

Eu não sei. Talvez seja mais seguro ir logo. Mas então imagino o papel com seu número amassado na lata de lixo de Sylvia. Quero muito ficar. Estou exausto e este é meu tempo com meu pai. Não é justo que tirem isso de mim.

Não quero ser paranoico e nem que ele pense que sou paranoico.

— E quanto a ela? — pergunto, dirigindo um último olhar virulento para Tess. Ela diz: — Quer saber, ele realmente parece um pouco com você, Danny.

— Tenho certeza de que Tess não vai se incomodar. Você vai nos dar um espaço, não vai? — ele pergunta. Ela não parece nada feliz, mas responde: — Claro. O que for preciso. Eu já ia para a academia mesmo. Meu pai pega uns cardápios de uma gaveta e pedimos carril. Tess some e meu pai limpa a bagunça do bolo. — Você não devia chamar as mulheres de piranha — ele diz. Dou de ombros e digo: — Não gostei de como ela falou comigo. — E ele retruca: — Sim, você deixou isso bem claro. — Ele varre migalhas de bolo para uma pá e diz: — Eu não sabia que Lucy tinha feito isso para alguém. Mas tenho certeza de que vai entender. Ela é ótima cozinheira e consegue fazer outro rapidinho.

A comida chega e levamos para cima para o quarto incrível. Comemos olhando pela janela. Está escuro agora e tem fogos de artifício estourando no céu de Londres. O espetáculo sobre o Alexandra Palace é fantástico. Lembro-me de ir com minha mãe uma vez e ficar de pé no meio da multidão, com frio e molhado, olhando para o céu. Isto é muito melhor.

O carril é muito bom, e meu pai abre uma lata de cerveja e passa para mim. Eu nunca gostei muito do gosto, e minha mãe não ia aprovar, então tomo só alguns goles, mas adoro a sensação de ter quinze anos e estar bebendo cerveja e vendo os fogos com meu *pai*. Com meu pai, caramba!

Talvez seja a cerveja e talvez seja porque estou me sentindo seguro, ou talvez seja porque sempre gostei de fogos, mas de repente estou me sentindo no céu. As estrelas dançantes me dão esperança. O fogo cria beleza assim como perigo. Talvez eu possa domar o fogo dentro de mim e até torná-lo algo especial, algo incrível.

Contanto que a gente não seja morto.

Por um momento, comemos em silêncio. Então ele diz: — Aquele lance com a Tess, você deve achar que sou um... um... — A voz dele apaga.

— Você é um conquistador — digo rapidamente.

Ele coça a cabeça. — Não, não é bem isso o que quero dizer.

O que ele quer dizer, então?

— Não quero que pense que é uma coisa boa fazer o que faço — ele diz.

Posso meio que entender aonde ele quer chegar. Mas é interessante que não exista um equivalente masculino para a palavra “vadia”.

Ele ri e diz: — Sei que vou me arrepender depois. Eu nunca penso no que estou fazendo.

— Há, eu também sou um pouco assim. — Ai, meu Deus. Por que fui dizer isso? Agora ele vai achar que sou igual a ele, pegando tudo quanto é menina.

— Sim — ele diz, raspando o resto de *chutney* com o pão *peshwari*. — Precisamos falar sobre isso.

O que ele quer dizer?

— Quando você olhou dentro da bolsa, quanto você chegou a ler? — ele pergunta. — Você viu os laudos médicos?

Laudos médicos? — Não. Tinha uma carta, mas não li muita coisa. Vi as suas fotos e da minha mãe.

— Vocês pareciam felizes — quero dizer. — Tão felizes que não consigo imaginar por que me deixou por tanto tempo. — Mas não consigo dizer as palavras. E se foi alguma coisa que eu fiz? O que eu poderia ter feito tão pequeno?

Ele toma um grande gole de cerveja. — Olha, os detalhes não importam. Eu fui para a faculdade. Nicki levou você para Manchester para ficarmos todos juntos. Foi ótimo no início, mas estávamos todos apertados em um apartamento mínimo e eu tinha que estudar demais. O dinheiro era pouco. Não era fácil. Então sua mãe teve que se internar. Eu não conseguia cuidar de você sozinho e pedi aos meus pais que ficassem com você um tempo. Basicamente foi isso.

Ele conta tudo tão rápido que não tenho tempo de fazer perguntas.

— Mas então o que aconteceu? Por que ela tem tanta raiva de você?

— Você vai ter que perguntar a ela — ele diz. Ele está com aquela voz fria e distante novamente. — Mas com certeza eu não bati nela.

— Mas...

— Ela saiu do hospital e decidiu que não queria mais ficar comigo e esse é o fim da história.

Isso não é nem o começo da história. Eu não sei o que fazer. Ele obviamente decidiu que não quer falar comigo. Meu bom humor se esvai e cai de volta ao chão. Olho pela janela e vejo estrelas verdes e centelhas douradas e tento não me importar tanto assim.

Talvez eu nunca venha a saber o que aconteceu no passado. Talvez seja este o preço para conhecê-lo agora. Talvez seja algo tão terrível que me destruiria saber. Por isso ele ficou longe tanto tempo. Para me proteger. Mas do quê?

Então ele diz: — Isso é passado. O que importa é o agora. Quero saber de sua vida agora. Eu perdi tanta coisa. — Ele me pergunta sobre que filmes eu gosto e que músicas. Falamos de futebol e sobre correr e minhas matérias favoritas e as que menos gosto na escola e por que ambos detestamos a St. Saviour.

Falo para ele sobre entrar para o programa de proteção a testemunhas e sobre namorar Ashley e como conheci Claire. Ele faz perguntas muito boas e a sensação de medo, tristeza e mal-estar some.

Então ele diz: — Fale sobre o Arron. Ele era seu melhor amigo em Londres, não era?

Encolho os ombros. — O que você sabe sobre o Arron?

— Bem, Nicki me deu seu número e endereço e contou que a família de Arron poderia saber de você. Ela disse que ele era seu melhor amigo. E eu sei que ele esteve envolvido no crime que você testemunhou e que ele está detido preventivamente agora. Mas não sei como ele é. Não sei por que vocês eram amigos.

— Ele... ele cuidava de mim — digo. — Ele era maior e sabia das coisas porque tinha um irmão mais velho. Ele tinha muitos amigos e isso significava que eu também tinha. Eu meio que precisava do Arron. Eu não me sentia bem fazendo nada sozinho. — Minha voz treme um pouco.

— Vocês tinham muita coisa em comum?

— Mais ou menos. Ele era bem engraçado. Mas ultimamente... a gente não vinha se dando tão bem.

Não vou contar a ele que Arron gozava da minha cara, dizia que eu era gay, que era uma menininha e tentava me fazer brigar. Não vou contar que Arron mentiu para mim, como estava tramando para me fazer roubar gente, traficar drogas. Faz parecer que sou fraco e burro — um otário —, e não é isso que quero que meu pai veja.

— Entendo — ele diz, colocando a lata de cerveja na mesa. — Vocês não estavam se dando tão bem. Então, me diz, foi por isso que você o esfaqueou?

CAPÍTULO 27

Verdade

Meu queixo cai e um pedaço de frango *jalfrezi* cai. Seu tom é tão calmo que não consigo acreditar no que falou. Talvez não tenha dito isso. Talvez seja só minha imaginação, tipo a voz da consciência ou algo assim.

— Por que você esfaqueou Arron? — ele pergunta de novo.

— Eu... Eu... quem te disse isso? Nathan?

— Não, Ty, não foi o Nathan — ele responde, inclinando-se para a frente e olhando bem para mim. Eu me ocupo em raspar o resto de *dahl* da tigela.

— Você me contou — ele diz.

O quê? Minha mente está acelerada, aqui, ali, tentando entender o que ele está dizendo. Não faz nenhum sentido. Nós mal nos falamos na casa de Helen e Patrick.

— No hospital. Você disse "Vá embora, vá embora". Achei que estava falando comigo, que queria que eu fosse embora. Então começou a delirar, a falar com alguém que não estava lá. "Cala a boca", você disse. "Cala a boca sobre eu ter esfaqueado Arron." Venho tentando falar com você sobre isso desde então, mas você me evitou o tempo todo. Achei que era por isso que não queria falar comigo, mas talvez eu estivesse errado. Talvez estivesse só me evitando mesmo.

— Deu tudo errado na casa deles. Eu estava doente e eu não queria encontrar você daquele jeito.

— Ty, não tente mudar de assunto.

Não consigo olhar para ele. Minha cabeça está girando. Tudo se resume a isto: contar a verdade ou mentir?

— Eu não... não consigo falar sobre isso.

— Fale — ele diz. Como consegue manter a voz tão calma? A essa altura, minha mãe já estaria gritando comigo se achasse que eu tinha ferido alguém. Talvez seja porque na verdade ele não se importa.

Meneio a cabeça devagar, concordando. Estou olhando pela janela. Ele retira os restos de comida, as vasilhas vazias e os pratos sujos da frente e senta no banco da janela atrás de mim. Não consigo vê-lo, mas ele está tão próximo de mim. Posso sentir sua respiração no meu pescoço. Ele não está me tocando, mas eu poderia me recostar nele se quisesse.

Eu não quero.

Falo o mais rápido que consigo: — Foi depois... depois de o Rio ser morto. Eles tinham lutado e eu saí correndo para buscar ajuda. Eu não entrei na briga. Eles nem sabiam que eu estava lá.

— Por que não usou seu celular para pedir ajuda? — ele pergunta. — Por que saiu correndo?

— Ele não estava funcionando. Eu estava sem crédito.

— Quem eram “eles”?

— Arron, ele estava lá com Jukes e Mikey. Eles estavam dizendo a ele o que fazer. E eles empurraram Rio. Empurraram pra cima da faca e então os dois estavam brigando na lama.

Odeio me lembrar disso. Odeio meu pai por me fazer falar disso. Tento me distanciar dele, inclinando-me para a frente.

— E você foi buscar ajuda?

— Eu vi o sangue. Achei que Arron estava ferido. Parei um ônibus e falei para chamarem uma ambulância.

— E depois?

— Eu corri de volta. Estava preocupado com Arron. Ele não devia estar fazendo aquilo, não devia estar assaltando ninguém. Ele me chamou para ir junto, mas eu disse não. Então me senti meio que culpado por ele ter se ferido.

— Por que ele lhe pediu para ir com ele? Vocês costumavam assaltar pessoas?

Faço que não com a cabeça. — Não, eu não. Nunca fiz isso. Acho que sei por que ele me chamou, mas não tenho certeza.

Ele espera um pouco. Então percebe que não vou falar mais sobre isso.

— Está bem. O que aconteceu depois?

— Eu voltei e Arron estava lá com Rio. Os outros tinham fugido e Rio estava morto. Eu sabia que, se deixasse Arron ali, ele poderia... ele seria... seria preso. Eu não queria isso e seria meio que culpa minha, porque eu tinha chamado a ambulância. Então eu gritei com ele pra vir comigo, pra fugir. Mas ele não queria.

— Por que não?

Estou quase chorando agora, minha voz está irregular, meu nariz está escorrendo. — Eu não sei por que não. Eu estava gritando com ele... Era como se ele quisesse ser pego, como se não se importasse.

Arron ia ser levado pela polícia e ia sumir de minha vida para sempre. Eu teria que me virar sem ele. Sozinho na escola. Sozinho nas ruas.

— Eu tinha que salvá-lo. Mas ele não queria se salvar. E eu fiquei com raiva por causa disso, então meti minha faca nele. Eu não sabia... não entendia... — Tenho que decidir entre controlar as lágrimas e controlar minha respiração. Escolho a voz e sinto as lágrimas descendo pelo meu nariz.

— Qual foi a gravidade da ferida? — ele pergunta. Deus! Ele continua tão calmo. É como se perguntasse quanto açúcar quero no meu chá. Não acredito que estou a sós com meu pai há menos de um dia e já chorei duas vezes na frente dele. Que droga! Espero que não se torne um hábito.

— Eu não sei ... — digo. — Eu vi sangue, mas ele já estava sangrando de qualquer maneira. Às vezes acho que a faca mal o arranhou e outras vezes vejo um corte profundo no braço. Eu simplesmente não sei.

Ele não diz nada. Por um momento só ouço minha respiração entrecortada. Então sinto sua mão no meu ombro.

— Ty, por que você não contou isso à polícia? Você acha que o Arron pode ter contado? Eles lhe fizeram perguntas sobre isso?

Tento me desvencilhar de sua mão, mas ele a mantém no meu ombro. Penso em brigar com ele, fazê-lo me deixar em paz. Não consigo. Não tenho mais energia para brigar.

— E a polícia, Ty?

— Eu só não falei dessa parte — digo. — Eu falei da luta, do Rio... era o que queriam saber. O que aconteceu entre eu e Arron, isso era entre nós.

— E o Arron?

— Ele disse que nunca contaria nada. E acho que não contou. Mas não acho que seja por minha causa. Acho que é porque ele está dizendo que teve que se defender do Rio. Aí não é realmente homicídio. E é verdade... Danny... Pai... ele teve que se defender. Essa parte é verdade.

— Que bagunça — ele diz. — Que bagunça.

— Eu sei — digo, e ajunto debilmente: — Desculpa.

Ele move a mão de modo que fica dependurada sobre meu ombro e me abraça forte. Não tenho forças para impedi-lo. — Eu sinto muito — ele diz. — Eu sinto tanto. Se eu estivesse presente em sua vida, então talvez as coisas pudessem ter sido diferentes.

— Isso não tem a ver com você! Não é culpa da minha mãe! — Estou furioso. — Eu nunca sequer tinha segurado uma faca até uma semana antes disso tudo! Você não teria me criado melhor do que ela! Você é um inútil... Você não sabe nada...

— A culpa é minha — ele diz. — Não dela. Eu tive medo de enfrentá-la. Eu devia ter exigido mais acesso.

Medo do quê?

Ficamos ali sentados por uns instantes e ele diz: — Precisamos saber a extensão do estrago que você fez. Você precisa enfrentar isso, Ty. Como pode viver com um segredo desses?

— Mas eu iria pra prisão.

— Talvez. Mas tem coisas piores.

— Eu não posso... não posso.

— Não estou lhe dizendo o que fazer — ele diz. — É bom que tenha me contado. Se você se sentir forte o bastante para contar à polícia, eu vou apoiar você, não importa o que aconteça. E vou cuidar para que tenha um bom advogado. Eu vou estar ao seu lado e tenho certeza de que Nicki diria a mesma coisa.

Não é verdade. Sei como minha mãe pensa. Ela sempre disse que era melhor eu nunca me meter em encrenca. “Se você fizer besteira, vai ficar por conta própria”, ela dizia. “Eu não vou nem visitar você na prisão.”

— Vamos — ele diz. — Você precisa dormir um pouco. Pode ficar na minha cama esta noite e amanhã vamos sair daqui. Se quiser que leve você para sua mãe, eu levo. Se quiser ir para a casa dos meus pais, tudo bem também. Nós vamos resolver tudo. Tem sempre uma solução, Ty. As coisas nunca são tão ruins quanto parecem.

Acho que eu seria capaz de acreditar nele se ele e minha mãe tivessem arrumado um jeito de eu crescer conhecendo os dois.

Descemos as escadas e ele abre a porta do quarto dele.

— Tenho uma coisa pra você — ele diz. Enquanto olho o quarto — cama desarrumada, roupas no chão, cheiro de ranço —, ele abre uma gaveta e tira uma pequena bolsa preta de dentro. Contém uma escova de dente nova, pasta de dentes, um pente, uma flanela, um pequeno pote de hidratante e óleo aromaterapêutico. Que diabos?

— Eles nos dão uma bolsa dessas quando viajamos na classe executiva da British Airways — ele explica. — Tenho um monte delas.

Então ele me arranja um barbeador elétrico, o que é bastante gentil de sua parte, mesmo não sendo uma necessidade imediata.

Ele procura um pijama — tenho a impressão que ele não costuma usá-los com frequência — e enfim me dá uma cueca boxer (Calvin Klein) e uma camiseta.

Seguimos para o banheiro e ele pega uma toalha e me mostra como a ducha funciona. Ele me deixa sozinho para tomar banho. É uma sensação boa entrar debaixo da água quente. Procuro entre os sabonetes femininos e acho um Dove para homens que deve ser dele. Fico meio que orgulhoso de usarmos o mesmo gel para banho.

Depois de me vestir, resolvo tentar me barbear olhando para meu reflexo no espelho. Pareço bem convincente. Pena Archie não ver isso. Então abro o armário e acho uma loção pós-barba — Dolce & Gabbana. Dou uma boa borrifada — por que não? — e escovo os dentes por pelo menos cinco minutos. Até fio dental eu passo.

Quando volto para o quarto, vejo que ele fez a cama — lençóis fresquinhos —, catou as roupas do chão e abriu uma janela.

Eu me enrosco todo, agradecido. A cama é realmente muito confortável. Talvez eu possa vir morar com ele.

— Onde você vai dormir? — pergunto, e ele sorri e responde: — Bem, tem um futon lá em cima ou então, sabe como é, posso até dar sorte. — E eu me sinto um bobalhão, pois é óbvio que ele só está esperando eu dormir para entrar na cama com a metida da Tess. Mas estou cansado demais para me incomodar.

Mergulho no sono, mas logo estou sonhando com sangue, lama e monstros. De repente estou correndo de um incêndio florestal e todo caminho que pego está bloqueado por árvores caindo e cinzas e uma densa fumaça escura, e as labaredas chiam e crepitam cada vez mais alto.

Estou assustado e sozinho e totalmente desesperado. Então escuto alguém gritando e não sei se sou eu ou Arron, mas sei que estou sonhando e estou tentando, tentando acordar.

Acordo e permaneço deitado, ofegante, enrolado nos lençóis do meu pai.

Mas os gritos não pararam.

CAPÍTULO 28

Twister

Desço as escadas no escuro. Eu devia procurar meu pai, suponho, mas ele está com a tal da Tess e não posso abandonar quem quer que esteja gritando. Parece ser uma mulher e ela parece estar sofrendo uma dor terrível.

Vejo luz refletida por baixo da porta da cozinha. Os gritos pararam, mas ouço alguém chorando e uma voz de homem berrando: — Onde ele está? Ele esteve aqui. Fala, onde ele está?

Posso ver através de uma fresta da porta. Dois homens estão segurando uma mulher pelos braços e um deles está com uma faca encostada no pescoço dela. Nunca a vi antes, mas ela parece ter uns vinte e quatro anos, é bonita e tem cabelos cacheados. Deve ser a Lucy, parte três do *ménage à trois*. Vejo o branco de seus olhos aterrorizados e seu rosto está úmido de lágrimas.

Eu devia subir em silêncio e chamar meu pai. Devia dar um jeito de chamar a polícia. Mas eles a estão chacoalhando e ela está gritando de novo e eu não consigo suportar isso.

Entro na cozinha com estardalhaço. — Meu Deus — ela exclama. — Quem são vocês?

— Soltem ela — eu grito. — Sou eu quem vocês procuram. Deixem ela em paz.

Eles se viram em minha direção. Estão ambos vestidos de preto e seus rostos estão cobertos por balaclavas. Eles se parecem um pouco com as mulheres islâmicas que costumavam aparecer na loja do Sr. Patel. Mas aquelas mulheres tinham olhos gentis e sorridentes. Estes caras, não.

Eles soltam Lucy e ela cai no chão, soluçando e chorando. Eles me agarram, torcendo meus braços. — É ele? — um deles pergunta ao outro, e

seu parceiro enfia a cara bem perto da minha. Não vejo sua boca, mas sinto seu hálito podre. Eu me contorço e esperneio, tentando me livrar.

— É ele — diz o comparsa. — É ele mesmo. — Quase morro de medo e de choque, pois conheço essa voz.

É o Jukes. É o cara cuja família vem nos perseguindo desde o dia em que dei meu depoimento para a polícia. Mas que droga está acontecendo aqui? Ele não devia estar preso?

— Tu tinha que dedurar a gente, não é? — ele diz. — Não podia ficar de bico fechado e esquecer o que viu, não é?

Estou tremendo. Abro a boca para implorar que a deixem em paz. Direi à polícia que eu estava mentindo, direi que fui eu quem matou Rio... qualquer coisa... qualquer coisa para continuar vivo. Mas as palavras certas não saem. Em vez disso, me ouço gritando: — Me larga, seu assassino... — e enfio meu joelho com toda a força em sua virilha do jeito que minha mãe treinou quando fez o curso de defesa pessoal feminina.

Ele grita — igual aos gorilas na hora da comida, no zoológico — e sinto ele me bater no estômago. De repente alguém chuta o braço dele, a faca sai voando para o outro lado da cozinha e ele cai para trás. Meu pai dá outro chute violento no rosto dele e se vira para chutar o outro cara também. *Pow*! Bem nos dentes. Ele não estava brincando sobre ser faixa preta em taekwondo.

Jukes está deitado no chão, gemendo, e sei que devia imobilizá-lo, mas não consigo me mexer por alguma razão. Não sei por quê. Estou todo mole e minhas pernas estão tremendo. Tess pula nas costas de Jukes enquanto meu pai chuta o outro cara de novo. Ela está armada com um Jimmy Choo, e, quando ele tenta se mexer, ela lhe dá uma sapatada no meio da testa.

Minhas pernas não funcionam mais. Estou de joelhos, tremendo. Vou ficar bem logo. Foi só o choque.

Ouço o som de algo batendo, uma campainha, gritos vindo de fora. — Lucy — meu pai grita —, é a polícia. Abra a porta. Diga a eles... — Ele está em cima do comparsa do Jukes, que está segurando o próprio queixo e ao mesmo tempo tentando estrangular meu pai.

Lucy cambaleia até a porta. Estou no caminho. Tento me mover, mas não consigo. Ela olha para mim e começa a gritar de novo. Não sei por quê. Meu pai grita para ela: — Lucy, pelo amor de Deus, vai logo! — Ela respira fundo e passa apertado por mim. A porta da cozinha bate atrás dela.

Jukes está se contorcendo. Tess luta para ficar em cima dele, arrancando a balaclava de sua cabeça. Ele xinga, cospe, a chama de vadia. Ela responde batendo com o salto fino do sapato no olho dele e ele cai para trás de novo, com as mãos cobrindo o rosto e dando um grito estridente. Nunca ouvi som mais doce.

Então escuto o som de pancadas e botas pesadas nas escadas e, de repente, a cozinha se enche de policiais. Um deles quase tropeça em mim e eu tento me levantar, mas minhas pernas perderam completamente a função. Não consigo nem me dobrar. Só consigo ficar ali, deitado no chão.

Dois policiais pegam Jukes e o arrastam para fora da cozinha. Outros dois pegam seu parceiro. Meu pai está gritando feito louco agora. Está segurando o braço de um dos policiais, apontando para mim. Não consigo ouvir o que está dizendo. Nada faz sentido. Está tudo girando.

Então um sujeito se ajoelha ao meu lado, tocando meu corpo. O que está havendo? Tento afastá-lo, mas meus braços também não funcionam. — Tudo bem, rapaz — ele diz. — Vamos tirar você daqui em um instante.

Meu pai está ao meu lado, gritando com o homem. Agora consigo ouvi-lo. — Você tem que ajudá-lo. Precisa fazer alguma coisa. Por favor, Ty, não durma, fique com a gente...

A camiseta do meu pai está grudando em mim. Parece que está molhada, assim como um lado da minha Calvin Klein. Estranho. Tento focar a vista, mas a cozinha está girando. É como um parque de diversões, como o Twister. Meu pai está segurando minha mão e só o que sinto são seus dedos frios me segurando firme enquanto tudo gira.

Olho para baixo e vejo vermelho. Uma linha vermelha fina descendo por minha perna. Mas, se eu estivesse sangrando, não ia doer? Estou tendo uma alucinação. Devo estar vendo o sangue — todo aquele sangue — de quando Rio foi morto, quando eu feri Arron. Estou tremendo de novo. Sinto falta de ar. Estou zonzo e tudo parece estar virando poeira brilhante.

— Aguenta aí, Ty — diz meu pai. — Aguenta aí. A ajuda chegou. Eles estão aqui...

Faço um esforço sobre-humano para fazer minha boca funcionar. Viro a cabeça para olhar para ele. Posso ver seus grandes olhos castanhos através da névoa de pontos luminosos que dançam em torno de minha cabeça.

— Quero minha mãe — digo, apertando sua mão. — Por favor, traga minha mãe.

CAPÍTULO 29

O Portão

Estou de pé com minha mãe em uma estrada poeirenta. Está tão quente que o ar tremula. Estou suando, desejando que a gente possa entrar em algum lugar. Está quente demais. Preciso de água. O vento escaldante levanta uma poeira vermelha. Mal consigo ver.

Tem um muro de pedra bruta e um grande portão de ferro escuro. Minha mãe o sacode. Um homem com uma prancheta aparece, batendo o portão atrás de si com um barulho que dói nos meus ouvidos.

— Este é o meu filho — ela diz. — Tyler Michael Lewis. Ele está na sua lista?

— Não — ele diz. — Não, ele não está na lista. Não tem lugar para ele aqui.

Minha mãe parece que vai entrar em órbita. — Como? — reclama. — Então eu mandei ele para a escola católica à toa? E quanto ao tempo todo que ele passou na igreja? Achei que era cem por cento garantia de vaga. Ele foi batizado e fez a primeira comunhão.

O homem verifica seus papéis de novo, passa a mão na barba, olha de novo para ver se estou na lista como Lewis Tyler e, enfim, balança a cabeça tristemente. — Lamento muito — diz. — É muita concorrência, entende? Vagas limitadas. Nós nos tornamos ecumênicos e ele deve ter falhado em algum de nossos testes. Você ficaria surpresa com algumas das coisas que esses adolescentes aprontam.

Que lugar é esse? É uma escola nova? Como viemos parar aqui, afinal? A última coisa de que me lembro é do rosto assustado do meu pai.

— Inacreditável — resmunga minha mãe. — Quero ver seu chefe. Vou até o topo se for preciso. Acha que vou aceitar o outro lugar? Você só pode estar brincando.

— Lamento — ele responde. — Não posso fazer nada.

Então ela engole em seco e diz: — Se importa de eu perguntar... Alistair Webster está aqui? — Eu olho para ela, de repente me sentindo frio e tremendo e pensando que ela enlouqueceu. Mas o homem diz. — Sim, ele chegou há cerca de um mês. Nenhum problema com a admissão *dele*.

E um tornado de poeira me envolve e uma voz diz: — Vamos levá-lo para a sala de cirurgia agora.

Quando acordo, penso que devo ainda estar naquele portão com minha mãe, pois minha garganta dói e posso ouvir sua voz falando sem parar. Mas estou deitado. Talvez eu esteja na estrada poeirenta — sinto a superfície irregular —, mas não consigo me mover. Não consigo nem abrir os olhos.

— Ele é um bom menino — ela está dizendo —, um menino muito bom. Nunca dá trabalho, sempre tão doce. Ele sempre faz o dever de casa. Todos esses problemas, tudo isso, veio sem mais nem menos. Não consigo entender.

Ela obviamente conseguiu passar pelo sujeito da prancheta e está falando com o superior dele. Mas por que estou deitado? Ouço uma voz baixa, de homem.

— Você não deve formar uma opinião errada sobre ele — ela diz. — Ele não é tão maduro quanto parece. Sério, Danny, ele é apenas um bebê. Só parou de chupar o dedo há alguns anos...

Cacete! Abro os olhos e digo: — Nic, cala a boca! — Mas só o que sai é um gemido rouco.

Ela está bem ao meu lado, segurando minha mão e dizendo: — Graças a Deus você está bem! Você está bem, não está? Como se sente, querido?

Eu pisco. Não estamos em estrada alguma. O portão sumiu. Estamos em um quarto totalmente branco com luzes brancas incrivelmente fortes. Máquinas emitem bips e piscam. Tem uma pia, algumas cadeiras, um cheiro forte de água sanitária. Tento juntar todas as peças. Então vejo minha mão. Tem um tubo saindo dela. Cristo, estou em um hospital! Era para cá que dava o portão? O que está havendo?

Vejo então meu pai do outro lado da cama e desisto de tentar entender qualquer coisa, pois me sinto tão acalorado e estranho e não sei ao certo por que estou em um hospital já que nada está doendo.

Fecho os olhos e estou flutuando no espaço e de vez em quando ouço vozes e outras vezes só o nada.

Então, incrivelmente alto e claro, bem no meu ouvido: — Se vocês parassem de bater cabeças e trouxessem logo a Claire aqui, tenho certeza de que ele ficaria bem.

Abro os olhos. Archie! Eu sabia. Ele está acomodado na cadeira ao meu lado. Meu pai está ao seu lado com os braços cruzados e está olhando para Archie como se fosse um pedaço de chiclete no chão. Minha mãe está muito pálida e sem maquiagem e seu cabelo está meio embaraçado e ela está surpreendentemente gorda.

— Fala, Arch... — digo, e as palavras saem direito, embora minha voz esteja meio esquisita. Minha mãe dá um pulo e agarra minha mão direita e meu pai meio que empurra Archie de lado para segurar minha mão esquerda.

— Fala — responde Archie, com a cara satisfeita. — Achei que você já era.

— Sim... — digo, só que minha voz parece ter acabado. Mas não dói. Na verdade, sinto-me ótimo, meio que flutuando e relaxado.

Archie diz: — Sabia que tem um saco enorme cheio de um negócio que parece mijo pendurado na sua cama?

— Não, urgh...

— Por que não nos deixa em paz e vai ver se consegue algo para beber, Archie? — rosna meu pai em um tom incrivelmente parecido com o de Patrick. Archie se levanta para sair, mas eu tento balançar a cabeça e grasno: — Não... Archie... fica...

Então meu pai diz: — Meu Deus, Nicki, você está bem? — Ele dá a volta na cama até ela e ela segura em sua camisa e diz: — Só estou um pouco tonta. — E ele coloca o braço em volta dela e diz: — Você precisa de um

pouco de ar. Ty, ela ficou do seu lado as últimas vinte e quatro horas direto. Ela precisa comer alguma coisa, descansar. Archie, fica com Ty enquanto eu... Eu volto assim que puder. E ele praticamente a carrega para fora do quarto.

Ela não pode ter bebido em um hospital, pode?

Estou louco para me sentar e conversar direito com Archie, que está fazendo a maior cerimônia me entregando o cachecol do Manchester United, o que me deixa muito contente.

— Caraca, velho — ele diz. — Só você mesmo. Uma facada bem no fígado. Eles acharam que você ia morrer. Ficaram horas operando você na sala de cirurgia.

— Não — digo. — Não dói nada. Você está enganado, Arch.

— Nada dói porque estão lhe enchendo de drogas classe A — ele diz. — Morfina da melhor qualidade. Valor de centenas de libras. Melhor aproveitar enquanto pode.

— Ah — digo. — Nossa. — E me lembro vagamente de que ele deve saber um monte de coisa que eu perdi. — Claire? — pergunto.

— Certo, então, sua mãe apareceu no albergue junto com os pais da Claire. Nossa, eles ficaram completamente loucos quando viram que nenhum dos dois estava lá. Todo mundo achou que tinham fugido juntos. A mãe da Claire chorava e a sua mãe gritava. Souberam que você vomitou em cima do cara da educação física, aí a Claire apareceu e ela também estava chorando porque você tinha dado um perdido nela.

Tento fazer que não com a cabeça, mas não pareço ter muito controle. Acho que consigo mexê-la em câmera lenta.

— Aí minha mãe apareceu, direto do avião vindo de Chicago, cansada e perigosa.

— Claire?

— Os pais da Claire estavam na maior bronca com ela, aí a polícia chegou e começou a fazer um monte de perguntas.

— Polícia?

— Agentes à paisana. Falaram com Claire, com sua mãe... e comigo também, um pouco. Aí minha mãe se tocou que eu tinha sacado dinheiro da conta dela usando o cartão que peguei emprestado pra emergências.

Ah, a grana do Archie...

— Aí ela ficou totalmente irada e disse que definitivamente eu vou para a porcaria da Alingham Priory assim que comprarmos a droga do uniforme. Então fugir não funcionou, embora tenha valido a pena, porque a Zoe é uma gata. Totalmente demais. Com certeza vamos manter contato. Minha mãe então levou eu e sua mãe de volta para nossa casa. Vou te contar, sua mãe tem o maior fôlego, cara.

Quero saber mais. Quero fazer um monte de perguntas. Mas meus olhos estão grudando e estou com aquela sensação meio desfocada que quer dizer sono.

— Archie ... diga a eles... tragam a Claire... aqui... eu digo.

— Vou dizer... — ele responde — ... mas acho que não vão me escutar. Você mesmo devia dizer.

— Não, você... você diz... — Estou cansado demais para falar. Posso estar babando também.

— Hã, está bem. Vou te dizer uma coisa, sua mãe é muito gata. É inacreditável que tenha dado à luz alguém tão feio quanto você.

Abro um olho e dou uma encarada daquelas nele.

— Ele, seu pai, não para de olhar pra ela.

— Ah, é? — Mas não consigo continuar mais. Meus olhos estão fechados e estou caindo no sono.

Archie vem me ver todos os dias. Ele é um pé no saco, mas, para ser franco, seus comentários idiotas são melhores do que aguentar meu pai olhando minha mãe e minha mãe olhando para mim.

Hoje ele não para na cadeira e parece o Tigrão do Ursinho Pooh. — Sabia que tem um policial do outro lado da sua porta e ele tem uma metralhadora? — ele pergunta. — Acha que ele me deixa segurar se eu pedir?

— Claro, Archie, grande ideia. Por que não vai até ele e diz “Por favor, seu policial, posso tocar na sua arma enorme?”. Tenho certeza de que ele vai adorar.

— Você está bem melhor — ele retruca. — Teria deixado essa escapar há dois dias, quando estava delirando e babando.

Dirijo a ele um olhar feroz, mas ele só balança um papel na minha cara. — Olha só. É um e-mail que recebi da Zoe. Ela fala da Claire. Achei que ia gostar de ver.

Ele enfia o papel debaixo do meu nariz, mas ainda estou tendo dificuldades para focar, por isso empurro a mão dele e digo: — Leia para mim.

Ele faz uma voz de menina. *“Archie, não consigo parar de pensar em você e em como você é gato...”*

— Isso não me interessa. Fale da Claire.

— Estraga-prazer. Tudo bem, vamos lá. “*Claire ainda está muito triste por causa do Joe e está me dando o maior trabalho não deixar que ela volte a ficar toda deprimida de novo. Você não vai acreditar, mas ela costumava ser a maior emo, só que não do tipo legal. Ela se feria e tudo e tinha uma aparência horrível. Não contei a ela sobre Joe estar no hospital, pois isso poderia ser demais para ela. Você entende*”.

Ele abaixa o papel: — Zoe é tão atenciosa e sensível, não é? Nunca teria imaginado isso.

— Continue lendo, seu besta.

— “*Vou tentar levantar seu astral levando ela para a festa da Emily hoje à noite. Mas não se preocupe, só vou pensar em você.”*

— É só isso? Droga!

— Hããã... não. “*Claire parece estar se sentindo muito culpada com alguma coisa. Vou ter uma conversa séria com ela e descobrir o que está havendo. É incrível. Ninguém podia acreditar que um cara tão descolado como o Joe podia estar pegando a Claire. Mas agora todos os garotos estão desesperados para ficar com ela. Talvez fosse melhor para ela se*

ficasse logo com alguém como Jordan ou Max”... Hããã... É isso. Ela continua falando sobre a competição de atletismo.

Jordan? Max? — Eu não estava *pegando* ela — reclamo amargamente. Não consigo nem começar a dizer a Archie o que sinto por Claire, o quanto me importo com ela, como é bom encontrar alguém em quem se pode realmente confiar e que precisa de você, como Claire é minha amiga, minha melhor amiga, e não só alguém que eu posso ou não estar *pegando* — e isso não é da conta de ninguém, de qualquer forma.

Archie diz: — Tudo bem, cara, é comigo que você está falando, não com a avó dela.

Então aqui estou eu, preso em um hospital e todo entubado, sob guarda policial, enquanto Claire vai a festas onde tudo quanto é sujeito vai dar em cima dela. E tudo bem, não é provável que ela vá dar mole para o cara de pizza do Jordan ou o miniMax, mas vai ter um monte de caras do décimo e do décimo primeiro ano chegando junto. De qualquer jeito, mesmo se eu fosse vizinho de porta dela, seus pais nunca mais me deixariam chegar perto dela de novo.

— Archie, você perguntou se eles iam trazê-la aqui? — Preciso que alguém convença os pais de Claire de que estou tão mal que ela precisa correr pro meu lado. Afinal de contas, eu salvei a vida dela aquela vez, então talvez se sintam em dívida comigo — ou deviam se sentir —, mas nada aconteceu, e, para minha frustração, eu pareço estar melhorando bastante, então não fica imediatamente evidente que eu preciso dela aqui.

Finjo que estou morrendo de dor e me sentindo mal para valer, mas ninguém parece estar acreditando, exceto minha mãe e meu pai, que passam horas discutindo se estou recebendo os devidos cuidados ou não. Estou colocando todas as minhas esperanças neles, embora seja a coisa mais estranha do mundo pensar nos dois como “eles”.

— Falei com sua mãe — diz Archie. — Já te disse isso umas três vezes pelo menos e ela disse que ia pensar no assunto. Mas, quando voltamos do albergue para Fulham, ela falou que a mãe da Claire era uma velha mesquinha e que você era bom demais para a Claire, então acho melhor não ficar muito esperançoso.

— Está bem, você vai ter que fazer isso. Arranja papel e caneta.

Escrevo cuidadosamente o endereço de e-mail de Claire para ele. Minha mão treme um pouco ainda, e a letra parece a de um menino de seis anos.

— Escreva pra ela. Diga que preciso vê-la. Por favor, Archie, diga a ela onde estou e como isso é importante.

— Está bem, mas eles não vão deixá-la visitar você. Ninguém pode te visitar. Nem sua avó, nem vovó e vovô, nem ninguém.

— Você pode.

— Sim, mas isso é só porque eu venho com sua mãe ou seu pai. Deviam ser só eles. Minha mãe empresta o carro dela e eles me trazem.

— Os dois estão ficando com vocês?

— Sim. Em quartos separados. Eles parecem estar se dando bem. Eles têm conversado bastante. Minha mãe está ficando maluca tentando saber o que está rolando entre eles. Ela é muito intrometida. Por isso que lhes empresta o carro, para eu poder espionar pra ela.

— Ah, sei. E então?

— Eles falam muito sobre você. Sobre quando você era pequeno e como você era na escola. É chato à beça. Ele está sempre rodeando ela — fazendo-a comer, vendo se está bem o tempo todo. Outro dia ele estava até dando sopa pra ela na boquinha. Foi mesmo estranho.

Isso é muito esquisito mesmo. Passamos alguns segundos em silêncio, pensando em como isso é estranho.

— Minha mãe tem certeza de que ele ainda é apaixonado por ela — ele continua. — Ela disse: “Meu irmãozinho já não é o sujeito mais esperto do mundo normalmente, mas, quando está perto da Nicki, ele perde os poucos neurônios que ainda lhe restam”.

— Ela disse isso pra você?

— Não, ela estava no telefone com meu pai e eu estava ouvindo na extensão.

— Ah, bem, me conta se você... se você vir ou ouvir alguma coisa. De qualquer jeito, se a Claire aparecer aqui, eles vão ter que deixá-la entrar. Vão ter que deixar ou eu vou ter que sair daqui.

Acabo de falar mais nos últimos minutos do que em todo o tempo desde que dei entrada no hospital, e posso sentir que minha respiração está ficando curta e as palavras estão se arrastando. Meus olhos estão ardendo e preciso fechá-los.

— Você não parece nada bem, cara — diz Archie em tom ligeiramente preocupado. — Melhor eu ir buscá-los agora. Nos vemos depois.

— Sim... — Mas minha voz mal passa de um sussurro e eu me recosto e descanso os olhos. Não deixo as pálpebras sequer tremerem quando ouço meus pais entrando. Com certeza tem algo rolando, e fingir que estou dormindo é a melhor maneira de descobrir o que é.

Ouço as vozes deles murmurando ao meu lado. — Ele parece tão tranquilo — diz minha mãe. — Ele está se recuperando bem, não está?

Meu pai diz alguma coisa que eu não consigo ouvir direito... — Cochicho, cochicho, dormindo... — E então ela diz: — Já te falei de uma vez quando ele tinha cinco anos? Ele gostava da velha casa de bonecas da Emma e brincava horas a fio com ela. Ele tinha duas famílias Sylvanian, uma de texugos e outra de coelhinhos.

Meus olhos se abrem imediatamente — que conversa é essa? — e os dois riem e ele diz: — Eu tinha razão, então. E ela diz: — Eu sabia que conseguia acordá-lo. — Tento parecer confuso e sonolento — levei uma facada no *fígado* e eles nem parecem dar a *mínima* — e ela passa a mão nos meus cabelos e diz: — Como está, querido? Dormiu bem?

— Sim, até você me acordar com sua boca grande contando *mentiras*.

Seus olhos se arregalam, mas ela ri de novo. — Aaaah, mentiras? Acho que não. Ah, espera, eram esquilinhos, não eram? Não coelhinhos.

— Cala a boca! — Ela parece bem satisfeita da vida, mas não imagino por quê. Ela não parece nada bem. Suas roupas parecem apertadas. Ela deve ter se esquecido completamente da dieta na casa de Archie. Está até com uma barriguinha. Ela bem podia dar um pulo na academia.

Então me lembro de que está grávida. Grande. Bem, pelo menos isso significa que não tem jeito de eles estarem pensando em ter qualquer coisa de novo, pois isso seria simplesmente nojento demais e errado e talvez até ilegal.

— Ty — diz meu pai —, nós precisamos conversar com você sobre algo.

Nós? Eles não se falam há treze anos e agora, de repente, é *nós* aqui e *nós* ali. É como se minha vida toda nunca tivesse acontecido.

— Talvez eu não queira falar com você — eu respondo. — Ou *ela* não queira.

Ele fica um pouco chocado. Ela estreita os olhos ameaçadoramente. — Achava que você ficaria feliz em ver que estamos nos entendendo. Pelo amor de Deus, não vai agora ficar todo emburrado como sempre faz, vai?

Eu fico emburrado? Inacreditável. As mentiras que ela conta! Eu me recosto no travesseiro e fecho os olhos.

— Escuta — ela diz. — Temos pensado sobre o futuro, sobre o que vai acontecer quando você sair do hospital.

Eu venho pensando a mesma coisa também. Abro um olho.

— Uma coisa que você precisa saber é que o rapaz que lhe atacou está preso de novo — diz meu pai.

Abro o outro olho. — O que ele fazia solto, pra começo de conversa?

— Ele saiu na condicional — responde meu pai. — O policial responsável, Detetive Morris, virá visitar você em breve. Vai lhe contar tudo, bater um papo.

Eu não gosto do Detetive Morris e de suas conversas.

— Como pode vocês dois estarem se entendendo agora? — pergunto. — Como pode não se odiarem mais?

Minha mãe se aproxima. — Ty, achamos que você ia morrer. Você ficou horas na sala de cirurgia. Uma coisa dessas... isso faz você entender o que realmente importa. Danny salvou sua vida. Não tenho como negar isso. Decidimos deixar o passado pra trás. Faremos o que for melhor para você.

— Nós dois amadurecemos um bocado nas últimas semanas — diz meu pai. — Não tem como mudar o que passou, mas precisamos achar uma maneira de seguir em frente.

Eles parecem tão irritantemente orgulhosos de si. Fecho os olhos de novo.

— Escuta, Ty — diz meu pai —, o que você acha de ir morar na França por uns tempos? Meus pais têm uma casa de campo lá em uma vila na região da Provença. Eles ficarão felizes em deixar que você e Nicki e sua avó fiquem lá enquanto quiserem. Você gosta de línguas, não gosta? Todo mundo acha que você aprenderia francês rápido o suficiente para entrar em uma escola. Pode ser a melhor escolha até a poeira assentar e eu poderia lhe visitar sempre.

Uau! Incrível! Estou tentando continuar zangado com eles, mas sinto um sorriso enorme dominando meu rosto. Eles também estão sorrindo. Então me lembro de um porém. — Mas Nic não fala francês e nem a vovó. — E não consigo imaginá-las aprendendo, tampouco. Isso nunca vai dar certo.

— Não vai ser fácil, mas podemos aprender. Tenho certeza de que a maioria das pessoas saberá falar inglês — diz minha mãe. Eu não tenho tanta certeza disso e vejo que meu pai parece pensar o mesmo que eu. Ela aperta minha mão. — Você vai ter que nos ensinar. O importante é estarmos seguros.

— Helen e Patrick vão nos visitar? E a Meg?

— Tenho certeza de que sim — diz meu pai. — Meus pais estão muito preocupados com você e farão tudo que puderem para ajudar. — Ele diz isso tudo roendo a unha do polegar, então creio que ainda não esteja se dando tão bem assim com os pais dele.

— Nossa — eu digo. — Nossa... — Está tudo se encaixando. Eu vou a uma escola na França, vou aprender a falar francês bem, vou ter amigos franceses. Terei amigos e uma escola e uma vida de novo. Vou poder correr nas estradas francesas. É como se de repente eu tivesse meu futuro de volta. Vou ter um lar. Vou me reinventar como alguém totalmente diferente e francês.

Talvez minha mãe e minha avó acabem gostando de aprender francês e morar em um vilarejo. Elas podem criar galinhas ou algo assim. Eu poderia arranjar uma moto como a do meu pai. Posso até arranjar um nome novo francês — não Didier, nem Thierry. E Patrice é parecido demais com Patrick. Eric, como Eric Cantona, o craque do Manchester United. Isso seria legal.

Só tem um problema, e é Claire. Mas podemos nos escrever e talvez falar pelo telefone e talvez ela possa me visitar também.

Minha mãe olha para meu pai e ela está sorrindo. — Eu te disse que ele ia ficar feliz — ela diz, e ele sorri para ela. Só por um instante eu fico chateado. Sei que ele ainda é a fim dela. Vejo em seus olhos. O sorriso dela parece bem caloroso e receptivo. Receptivo demais? Não sei dizer.

Mas, também, não sou muito bom em avaliar o que está acontecendo. Talvez a única coisa que os esteja unindo seja eu.

CAPÍTULO 30

Jan e Jigar

Um médico novo está olhando a cicatriz que normalmente fica coberta por curativos. Suas mãos se movem pelo meu tronco e eu tento olhar pela janela. Não gosto de ser um paciente. Não gosto de ficar deitado aqui quase nu enquanto alguém me toca. Minha mãe também não gosta. Ela está sentada ao meu lado e também está desviando o olhar.

— Como ele está? — ela pergunta.

— Muito bem — diz o médico. — Ótima recuperação. Você vai voltar pra casa logo, logo.

Nunca vi esse médico antes. Acho que ele é do Paquistão. Seu sotaque é parecido com o do Sr. Patel. — Você teve muita sorte — ele diz, olhando meu prontuário. — Se a ajuda tivesse demorado um pouco mais, teria sangrado até a morte.

Minha mãe se levanta. — Vou ao toalete — ela diz. Ela corre o tempo todo para o banheiro agora. Não sei se é por causa da gravidez ou se ela acha o hospital estressante demais. Não quero perguntar.

O médico olha para ela saindo. — Tyler, espero que você cuide bem de seu fígado de agora em diante — ele diz. — Ele sofreu um trauma muito grave. Cuide dele e ele lhe servirá bem no futuro. Você sabe o que seu fígado faz por você?

— Hããã... — A única coisa que sei é que, se você bebe demais, você tem cirrose. Então isso quer dizer... — Ele armazena o álcool em seu corpo?

— Não exatamente. Ele elimina as toxinas do seu corpo, como o álcool, por exemplo. É um órgão muito eficiente e maravilhoso e tem muitas outras funções também. Ele é essencial para a saúde.

Entendi. É como a lavanderia do corpo. Não deve ser nada bom enfiar uma faca suja nele.

— Está bem — digo. Então me lembro de uma coisa.

— Você fala urdu? — pergunto. Falo em urdu e ele quase deixa cair a prancheta.

— Ora! — ele diz. — Isto é uma surpresa. Um menino de aparência tão britânica falando a língua de minha avó.

Meus cabelos voltaram à sua coloração normal, louro-escura. Minha mãe trouxe uma tesoura ontem e cortou as pontas. Cabelos castanho-claros e olhos verdes, cara de inglês. A coisa que eu mais gostava em ser Joe era que cabelos pretos e olhos castanhos eram muito mais internacionais.

— A pessoa que me ensinava urdu costumava dizer "*jan e jigar*". Ele me disse que *jigar* era fígado. Não lembro bem o que significava, mas que era uma coisa boa e gentil de se dizer.

— Ah, sim — ele diz. — Ele estava lhe desejando a força do fígado. Na nossa cultura, o fígado representa sua alma, sua força, sua coragem. Não é como a cultura ocidental, onde é tudo no coração.

Conversamos um pouco em urdu e está tudo voltando para mim, o que é fantástico. Mas aí minha mãe volta e o médico diz que precisa ver outros pacientes e que vai mandar uma enfermeira refazer meu curativo. — Você deve voltar pra casa logo, dentro de poucos dias — ele diz.

Eu me recosto e penso em como é ter sua alma, sua força e sua coragem feridas. E minha mãe treme e diz: — Odeio vê-lo assim, rasgado em pedaços — o que não é um dos comentários mais felizes que já fez.

Ela apanha o livro que vem lendo. É o tal sobre vampiros de que Claire me falou, *Crepúsculo*.

— Que tal o livro? — pergunto, casualmente, e ela responde: — Não é o tipo de livro de que você gosta.

— Sim, mas como é?

Ela parece um pouco surpresa — nunca demonstrei o menor interesse em seus livros para meninas: — Ele me lembra de como as meninas

adolescentes são bobas quando acham que estão apaixonadas.

Então a enfermeira chega e eu fico decepcionado porque não é a minha enfermeira favorita, chamada Bee. Ela é das Filipinas e tem cabelos pretos lustrosos e mãos ágeis e suaves. Ele vem me ensinando tagalog, que é uma das línguas mais interessantes que já conheci, porque a maior parte é diferente de tudo que já aprendi, mas aí entram uma ou duas palavras em inglês ou espanhol misturadas. É como encontrar um velho amigo em uma sala cheia de gente desconhecida. Espero poder falar com Patrick sobre isso.

Esta enfermeira se chama Sue. Ela é da idade da minha mãe, mas não liga para batom. Foi ela quem tirou o pior tubo, então penso que devia ter a decência de me deixar em paz. Ela tem unhas que arranham e cheira a alcaçuz, então não consigo nem fechar os olhos e fingir que estou em algum outro lugar.

Sue faz meu curativo e diz: — Está cicatrizando direitinho. Você está indo muito bem. Parabéns — como se eu tivesse alguma coisa a ver com isso.

Então ela pergunta para minha mãe: — Seu marido não veio hoje? — E mamãe diz: — Não, ele está trabalhando. Está fotografando Cheryl Cole, na verdade — e Sue faz ohs e ahs. — Você nunca imaginaria que ela tem problemas em casa. — E minha mãe explica que meu pai tocou baixo em uma banda — *sério?* — que fez bastante sucesso, na verdade. Sue tem um CD deles e foi a um show deles em Glastonbury — *nossa!* Então ele começou a fotografar e ele tem muitos amigos no meio musical, por isso que trabalha mais com isso, mas ele também viaja para lugares como Índia e Camboja para fazer campanhas da Oxfam e da Unesco.

Em menos de quinze minutos ela contou a Sue mais do que me contou em quinze anos. E ela nunca chega a dizer: — Por falar nisso, ele não é meu marido. Até pouco tempo eu o odiava e há anos ele não chegava perto de nós.

Sue vai embora e eu queria uma explicação, mas ela começa a ler *Crepúsculo* de novo.

Pergunto: — Por que você fingiu que ele é seu marido?

— É mais fácil — ela responde. — Não é da conta dela o que ele é meu.

— Mas é da minha conta.

— Bem, você sabe que ele não é meu marido.

— Sim, mas eu não sei o que está rolando agora.

— Sim, você sabe. Estamos nos entendendo, conversando, porque é o melhor pra você.

— Ele ainda ama você. Eu sei disso.

Ela suspira. — Talvez. Esta é uma razão pela qual eu nunca quis revê-lo. Fui egoísta, eu sei, mas Danny é muito bom em conseguir o que quer. Ele é difícil de resistir.

— Ah. E você quer resistir a ele?

Estou sendo esperto, enrolando-a na conversa. Mas ela fecha o livro e sorri: — É bom ter um tempo juntos, só você e eu, não é? Estava sentindo falta disso.

— Não mude de assunto — retruco. — Eu fiz uma pergunta.

— Sim, bem... — ela diz. — Às vezes não existem respostas fáceis.

— O que isso quer dizer?

— Que às vezes eu me sento aqui com você e Danny e penso que sim, isso é bom. Podemos voltar os anos para quando você era um bebê lindo e tínhamos a vida toda à nossa frente.

— E às vezes eu penso em todas as feridas, a dor e os... os problemas... e, se formos fundo demais, vai tudo começar de novo e quanto estrago isso faria. Eu tenho que pensar, porque a cabeça do Danny não funciona assim. Ele nunca pensa no passado ou no futuro.

— Deus sabe que eu precisava de alguém com quem compartilhar toda a preocupação dos últimos dias, mas é difícil também. Está trazendo de volta todo tipo de lembrança, coisas sobre as quais não penso há muito tempo. E eu preciso saber... preciso saber se posso confiar nele. Pen, a mãe do Archie, diz que ele mudou, mas eu preciso ter certeza. Então não tem como responder sua pergunta agora.

Eu já nem me lembro qual foi a pergunta.

— Você não gosta dele? — pergunto.

— Não se trata tanto de gostar dele ou não — ela diz. — Não é tão simples. Você gosta dele, não gosta? É isso o que você quer? Eu e Danny juntos de novo?

— Não — exclamo, ultrajado.

— Não? — Ela olha para mim. Não sei se quer minha aprovação ou minha permissão ou o quê.

— Não — digo. — Eu não sei bem. Talvez.

Ela segura minha mão. Não diz nada. Abre a boca algumas vezes, mas fecha de novo, como um peixinho dourado. Finalmente ela diz: — Desculpe, querido, mas nunca vai ser assim tão fácil.

Cristo! Ela virou a coisa ao contrário e agora sou eu que pareço um menino bobo que constrói fantasias na cabeça sobre mamãe e papai ficando juntos de novo. Eu não vou mais ficar cercando e tomando cuidado com os sentimentos dela.

— Você está dormindo com ele?

— Não — ela responde, mas sua boca dá uma torcida meio esquisita.

— Mas você quer. Vocês dois querem.

— Isso — ela diz com firmeza — não é da sua conta.

Faz-se uma pausa. Então ela diz: — Ty, por que você achava que ele bateu em mim?

Eu me encolho todo. Por que ela tem que trazer esse assunto à tona? Não quero lembrar da vez que ela descobriu que eu tinha maltratado Claire. O que ela disse.

— Por causa do que você disse... para a Claire... você disse que nunca é aceitável... você disse...

— Sim, mas eu não falei do seu pai, falei?

— Não, mas... — eu paro de falar. O que ela quer dizer? Outra pessoa?

— Houve um cara — ela diz —, lembra dele? Chris, o bombeiro? Boa pinta? Você tinha uns quatro anos.

— Sim...

— Foi ele — ela diz. — Mas não foi em mim que ele bateu, pelo menos não no começo. Foi em você.

CAPÍTULO 31

Chris, o Bombeiro

Não faz sentido. Não faz o menor sentido o que ela está dizendo. Eu me lembro vagamente de Chris, o bombeiro hidráulico. Tenho certeza de que me lembraria se ele tivesse... se tivesse...

— Disciplina — ela diz. — Era assim que ele chamava. Ele dizia que você era mimado, um menino levado, precisava de uma mão firme. Eu demorei a perceber o que estava acontecendo. Então teve um dia, no carro...

Eu me lembro daquele dia no carro. Eu me lembro. Mas ele não me bateu. Ela resolveu tudo. Ela escondeu o pedaço molhado no banco e me levou para a casa da vovó. Ela me salvou. Nada de ruim aconteceu.

Ela está olhando para mim. — Você se lembra?

Não tenho certeza do que eu me lembro. Mas não vou discutir o assunto. É embaraçoso demais.

Mas nada a detém. — Você estava fazendo bagunça no carro dele. Ele era neurótico com limpeza, Ty. Toda semana ele limpava aquela porcaria de Mondeo. Ele entrou em órbita. Gritou com você, parou o carro. Ele te assustou tanto que você fez xixi na calça. Pobrezinho. Eu devia ter feito alguma coisa, devia ter detido ele. Eu lamento tanto, Ty. Eu era muito nova e burra e eu meio que acreditei nele quando ele disse que você precisava de uma figura paterna. Seja como for, ele viu o que você tinha feito e parou o carro e lhe deu um tapa. Bam! Bem na cara. Foi horrível! Você ficou tão assustado que nem chorou.

No que se pode confiar quando não se pode acreditar nas próprias lembranças? Como saber o que é verdade ou não?

— Você não lembra, não é? — ela diz. — Graças a Deus por isso. Eu me senti tão culpada. Depois disso, você ficava com sua avó sempre que eu saía com ele.

Inacreditável. — Você continuou saindo com ele?

Ela fica vermelha. — Eu era jovem e burra. Eu achava que estava apaixonada.

Fico calado. O que posso dizer? Mas me sinto como se a faca de Jukes tivesse arrancado tudo que tinha dentro de mim.

— Aí ele começou a ficar com ciúmes. Achava que eu estava olhando pra outros homens. E um dia ele me agrediu, fiquei com um olho roxo. E foi isso. Acabou ali. Você foi afetado. Ficou muito retraído por um tempo. Mas aí você foi pra escola e fez amizade com Arron e, bem, a gente seguiu em frente.

— Por que não me contou isso antes?

Ela encolhe os ombros. — Qual é o momento certo pra falar de uma coisa dessas?

Eu olho para o outro lado. — Você nunca me contou nada.

— Ty — ela diz. O tom de sua voz é tímido, suplicante. — Ty, querido, todo mundo comete erros. Eu só queria lhe dar uma vida decente, fazer as coisas certas. Eu fiz o melhor que pude.

Pisco os olhos. Não quero mais continuar com essa conversa. — Eu sei. Tudo bem — digo.

— Tem outras coisas sobre as quais preciso conversar com você — ela diz. Sua voz está hesitante, insegura. Não olho para ela.

A campainha soa, marcando o fim da hora de visita. Ela se levanta para ir embora. — Você precisa descansar — ela diz.

— Não quero descansar. Não faço mais nada além de descansar. É tão chato aqui. Não tem nada pra fazer. — Pareço um bebê chorão, eu sei, mas não consigo evitar.

Ela me beija na testa. — E o iPod que Archie lhe deu? E os livros que ele lhe emprestou? E essa televisão neste luxuoso quarto particular? E o livro de sudoku que a Pen lhe mandou?

Abro a boca, bocejando. O iPod de Archie estava cheio de músicas de menininha e eu devolvi para ele com uma lista de músicas decentes para ele adicionar. Música para homens. Seus livros são de suspense e mangá e não estou interessado neles agora. Quanto ao sudoku, só Deus sabe por que a mãe de Archie acha que eu passaria um segundo sequer tentando descobrir onde números idiotas se encaixam em uma estúpida grade de quadrados.

— Um tédio. Mande o Archie vir amanhã.

— Ele vai começar a escola na semana que vem — ela diz. — Este é seu último fim de semana. Ele está se comportando como se estivesse sendo mandado para a prisão. Ele é um capeta. O internato vai ser bom para ele.

— Ele só quer ficar em casa — digo, e ela diz: — A mãe dele é uma advogada de primeira linha, sabia? Queria ter uma carreira como a dela. As irmãs do Danny são todas incríveis. E ela fez tudo tendo um filho. Isso sim é um exemplo inspirador.

Tem horas em que eu simplesmente não consigo entender como funciona a cabeça da minha mãe.

— Essa escola, Alingham Priory — ela continua —, o pai do Danny sugeriu vermos se eles não teriam uma vaga pra você. Ele se ofereceu pra pagar. Disse que parecia ser uma ótima escola.

Ah, meu Deus! Posso bem imaginar o que Patrick acha uma boa escola. — Não! Eu vou para a França! Você disse!

— Não, provavelmente não seria a melhor coisa — ela diz —, embora, vamos admitir, Ty, é uma escola particular.

— França.

— Bem, suponho que será mesmo mais seguro. Agora eu tenho realmente que ir.

Ela me beija novamente e sai. E eu fico sozinho e tenho mais uma noite absolutamente maçante pela frente no hospital e, neste momento, não estou a fim nem da minha própria companhia.

Ela deixou o livro para trás. Dou uma olhada, mas uma rápida passada nas primeiras páginas confirma que ela tinha razão — não é meu tipo de

leitura.

Passo uns dez minutos queimando os neurônios com um jogo de sudoku, então vejo que coloquei dois oitos um ao lado do outro. Lanço o livro contra a porta. Ele cai no chão, fazendo barulho e Dennis, meu guarda armado particular, abre a porta e me olha de trás dela.

— O que é isso, jogando livros? — ele pergunta, apanhando o livro do chão. — Você deve estar se sentindo melhor. Na semana passada, não teria força suficiente.

— Estou entediado.

Dos policiais que se revezam me protegendo, Dennis é o mais legal. Os outros olham para mim como se eu fosse escória e nunca conversam. Denis fica tão entediado quanto eu e volta e meia entra para falar de futebol.

Ele se senta na cama.

— Dennis, o que vai acontecer quando eu sair daqui? Eles não vão botar alguém como você pra me vigiar o tempo todo, vão? — Venho imaginando para onde eu vou antes de ficar bem o bastante para poder ir para a França. Ou talvez eu saia direto do hospital para o Eurostar.

— Duvido — ele responde. — Você deve voltar para a proteção a testemunhas de novo, acredito. Só que tem um bocado de gente envolvida desta vez — seu pai, as mulheres que moram com ele. Não sei como vão lidar com todos. Por outro lado, agora que prenderam o velho White, talvez não haja mais tanto perigo.

— Eles o prenderam? O pai do Jukes?

— Foi um grande dia na delegacia. O sujeito que foi pego com seu amigo Jukes, acontece que a irmã dele era funcionária temporária no escritório do departamento de proteção a testemunhas. Eles acham que foi assim que conseguiram seu nome e endereço. Era o elo que faltava. Identificaram depósitos na conta dela que saíram de uma das contas do White. Deram uma batida esta madrugada. Vínhamos tentando pegar esse sujeito há anos.

— Isso é bom? — Não sei se isso quer dizer que estarei mais seguro ou se o pai de Jukes agora vai me odiar ainda mais do que nunca e, de alguma

maneira, vai arranjar um jeito de me eliminar mesmo de dentro da sua cela na prisão.

Dennis dá uma risada curta. — É melhor que seja. O maior bandido da zona norte de Londres. Com sorte, podemos ainda pegar alguns de seus parceiros também.

Então ele diz: — Estou louco pra urinar e Jim ainda vai levar uma hora pra chegar. Vou usar o seu banheiro.

Ele entra no banheiro do meu quarto. Minha mãe ficou bastante impressionada por eu ter meu próprio banheiro com ducha e tudo. Ela diz que deve ser porque me colocaram na ala dos pacientes particulares. Não ter ido para a ala pública é a única vantagem que ela consegue ver nesta história toda.

Dennis está demorando uma eternidade. Ele não devia deixar a porta sem proteção. E se alguém estiver esperando do lado de fora? E se um atirador entrar de repente? Estou me concentrando em não me preocupar, não ser paranoico, em não pular quando escuto o som de passos no corredor.

Então alguém bate à porta.

CAPÍTULO 32

Visita

Ninguém jamais bate à minha porta. Não paro para pensar se um atirador o faria tampouco. Dou um mergulho, pronto para rolar para debaixo da cama. Mas meu braço ainda está ligado a um tubo — ai! —, e ele sai rasgando da minha mão e eu caio com um estrondo no chão ao lado da cama, o sangue manchando meu pijama todo.

Então a porta se abre e Claire entra no quarto.

Não posso acreditar. Estou embasbacado, de queixo caído, e meu braço está me matando. Ela corre para mim. — Por que você está no chão? Ah, meu Deus, você está sangrando! Tem uma arma! O que houve?

Então ouvimos o barulho da descarga e o silvo de um purificador de ar — obrigado, Dennis, por detonar completamente este momento —, e ele sai do banheiro e diz: — Eu te deixo sozinho por dois minutos e você traz uma menina escondida pra dentro do seu quarto? Bem, boa sorte, parceiro.

E ele pega a arma e vai para seu posto no corredor, ao lado da porta. Não acho que ele leve sua missão muito a sério.

— O que... como... o que está fazendo aqui? — pergunto, quase sem voz. Claire arranjou uns lenços de papel e está limpando o sangue em meu braço e perguntando ansiosamente se deve chamar a enfermeira. Mas não tenho a menor intenção de alertar qualquer pessoa que possa lembrar que a hora das visitas já terminou. Subo de volta na cama, segurando um lenço contra o braço, e o sangramento parece estar parando. Claire se enrola ao meu lado e eu estou incrivelmente feliz. Tenho um enorme sorriso estampado no rosto.

— Você me pediu pra vir. Então eu vim — ela diz. Ela está de jeans preto e uma blusa rosa macia. Seu olhos estão delineados, ela passou brilho nos lábios e as unhas estão pintadas de azul-turquesa. Seus cabelos parecem penas louras.

Ela não se parece em nada com a Claire por quem me apaixonei.

Mas, quando fecho os olhos, sinto seu cheiro de sabonete e estamos de volta em seu quarto escuro. Só que desta vez ela é a descolada, a atraente, e eu é que estou um trapo. Da última vez, ela é quem estava ferida e sangrando. Desta vez... desta vez sou eu.

— Como você chegou aqui? Seus pais lhe trouxeram?

Ela faz que não com a cabeça. — Eles foram ver a Ellie competir em Praga. Eu e os meninos íamos ficar em casa com a vovó, mas eu perguntei a ela se podia ficar com a Zoe e ela disse sim, porque os meninos já dão trabalho demais e ela está ficando velha.

— Zoe estava desesperada para ver Archie de novo, então ela decidiu vir visitar a tia em Londres. A mãe dela deixou. Eu não vou contar a meus pais. Eles só vão ficar preocupados. Vamos voltar amanhã e eles nunca vão saber.

— Nossa! — digo. Os pais dela vão matá-la se descobrirem, mas ela não parece preocupada.

— Zoe e Archie vêm me pegar mais tarde — ela diz.

Estou louco para abraçá-la, mas meu corpo parece um pedaço de queijo suado. Um bolo dolorido e suado. Está tudo errado. Então Claire sai da cama e desliga a luz. Não fica totalmente escuro, pois tem uma luz de rua do lado de fora da janela, mas o tom alaranjado deixa o quarto aconchegante.

Ela volta para a cama e diz: — Você está bem? Está cheio de hematomas.

— Eu estou bem. — O olho roxo já está bem melhor, mas não estou realmente na melhor forma.

— Archie disse que você quase foi morto. — Ela alisa meus cabelos. — Nunca lhe vi assim. Está tão magro. Esta é a cor natural de seus cabelos? Você é tão louro.

Meu cabelo é da cor de floco de milho e quase tão atraente quanto. Claire só acha que parece louro porque está acostumada a me ver de cabelos pretos. Agora estou desbotado, sem cor, sem graça. Eu não a culparia se não gostasse mais de mim.

— É natural — respondo. — Provavelmente vou ter que pintar de novo quando sair.

— É bonito — ela diz. — Mas é estranho. É assim que fica quando não é Joe?

— Ainda sou o Joe — digo. Não me importa se não é verdade. — Claire, a última vez que te vi... da última vez, você sabe o quanto eu queria lhe beijar. Eu só não podia.

— Eu acabei entendendo — ela diz, e seu corpo está sacudindo de rir. Mas então ela põe as mãos no meu rosto e encosta a boca na minha e eu sinto o gosto de gloss de cereja e pasta de dente de menta. Seus lábios são tão macios e tão fortes, e o vazio dentro de mim se enche de alegria.

De repente me sinto vivo de novo. De repente tenho energia e consigo me sentar direito e beijá-la. E é tão bom que me pergunto se não estou sonhando e se não é um daqueles sonhos realmente fantásticos...

É estranho. Quando eu beijava Ashley, era um pouco como jogar sudoku. Eu sempre pensava no que vinha depois... se isso vai aqui, então aquilo deve ir ali... e nada importava a não ser o resultado final. Eu nunca cheguei até o fim — que nem com o sudoku —, mas por razões diferentes, é claro.

Mas beijar Claire é como um sudoku diabólico em que você fica feliz de acertar só um número. Estou totalmente concentrado, sem pensar na frente, e está cada vez melhor e melhor... embora eu não entenda por que estou pensando em sudoku justo agora. Ela é tão doce e macia.

De repente Sue entra no quarto, carregando uma bandeja com a ceia.

— Ora! — ela exclama, ligando as luzes de novo. — Acho que não foi bem isso o que o médico recomendou! — E ela ri demais com a própria piada idiota e coloca a torta de peixe e a salada de frutas na mesa. — Você vai ter que dar um espaço — ela diz para Claire, que vai se sentar na cadeira. — É importante ele recuperar as forças.

Ela puxa a mesa sobre rodas até ficar bem debaixo de meu nariz e balança um dedo na direção de Claire, dizendo: — A hora de visitas terminou há mais de meia hora. Vou fazer vista grossa desta vez, porque sei

que você o deixou mais animado, mas você tem uma hora e vai ter que ir embora, está bem? — Ela sai, e ouvimos ela e Dennis rindo no corredor.

Tento empurrar a mesa, mas Claire diz: — Não, ela tem razão, você precisa comer. Precisa melhorar.

— Não vou comer essa porcaria. Sério, Claire, eles me tratam como lixo aqui. — Não tem a menor chance de eu beijar Claire com gosto de peixe de hospital na boca.

— Eu me lembro de como Ellie ficou aborrecida no hospital — diz Claire. — Mas está parecendo que você vai sair daqui logo.

O que ela está dizendo? Que sou um chorão? Ellie passou meses no hospital. — Sim, é o que dizem. — E conto a ela sobre a França e ir a uma escola francesa e talvez me chamar Eric, então vejo que ela não parece muito feliz.

Ela está se esforçando para sorrir e eu me inclino para a frente. — É que... a França é tão longe — ela diz.

— É, bem, nós podemos nos falar por e-mail... ah, meu Deus, o que foi que eu disse agora? — Claire parecia só um pouco triste antes, mas agora seus olhos estão inundados de lágrimas, seu nariz está vermelho e ela cobre a boca com a mão.

— Não foi... não foi você — ela diz. — Não é nada que você falou. Sou eu. É o que eu fiz.

— O que quer dizer? — Empurro a mesa com tanta força que ela sai rodando até a ponta da cama. A torta de peixe sai voando e cai esparramada no chão.

Claire está chorando de verdade agora. Levanto o braço em sua direção, mas ela balança a cabeça e se encolhe na cadeira. Sinto-me um idiota.

— Você vai ficar com raiva de mim — ela diz.

— Não, Claire, não vou. Nunca vou ter raiva de você.

Estou todo gelado e mole por dentro. O que aconteceu? Com quem ela ficou?

Então ela diz: — Foi no albergue. Depois que você foi embora.

— O que... quem...? — Meu Deus, tão rápido assim?

— A polícia veio e falou comigo, e Joe, Ty...

— O quê? Fale.

— Eu mostrei seu e-mail para eles.

CAPÍTULO 33

Fome

Talvez ela esteja exagerando. Talvez os policiais fossem apenas agentes locais que não sabiam de nada e nem se importavam.

Mas qualquer policial ficaria interessado em alguém que dissesse “Estou mentindo para a polícia”, não ficaria?

— Foi um tal de Detetive Morris — ela diz, esfregando os olhos e fungando. — Sua mãe ligou pra ele quando voltei sem você. Ele veio de Londres. Parecia ser legal e estava preocupado com você. Ele disse que eu tinha que ajudá-los o máximo possível para proteger você...

Xii. Detetive Morris. O investigador-chefe da morte de Rio. Ele conta comigo como sua principal testemunha. Isso não é nada bom.

— Então eu contei a ele que vínhamos nos escrevendo e mostrei a ele o e-mail. Eu tinha imprimido. Não conseguia parar de pensar nele, tentando entender o que você quis dizer, o que você tinha feito...

Engulo em seco. — Tudo bem, Claire, tudo bem. Eu não devia ter escrito aquilo, pra começo de conversa. Não foi justo com você.

— Morris ficou muito zangado — ela diz, em tom quase inaudível. — Ele mostrou pro outro policial e disse: “Você tinha razão o tempo todo”. Então o outro disse: “Espera só até os advogados de defesa botarem as mãos nisso”, e eles me pediram um depoimento.

— Você deu?

— Sim. Só falei que nos encontramos e que eu sabia qual era seu nome verdadeiro e que você tinha me enviado o e-mail. E minha mãe e meu pai leram também... — A voz dela está vacilante: — E eles também não ficaram nada felizes.

As lágrimas de Claire e o sangue secando no meu braço me fazem lembrar daquela primeira vez. A vez em que a vi se cortando. O que eu senti quando vi o sangue escorrendo pelo braço dela. A excitação. A culpa. Estou começando a sentir de novo. Eu me odeio por isso, mas ao mesmo tempo... está ali.

— Vem aqui — digo. — Por favor, Claire, vem aqui. — Ela não olha para mim, mas vem se sentar ao meu lado na cama. Ela não está do lado da cicatriz, o que significa que posso me recostar nela, abraçá-la, limpar suas lágrimas com minha mão enquanto minha boca gulosa encontra a dela. Desta vez não é um beijo suave e gentil, e sim faminto, sedento, mordendo, e é só o começo... não chega nem perto... e eu quero... e quero... cada centímetro de minha pele quer estar junto da pele dela e até meus ossos estão pedindo para... para...

E ela fica tímida e hesitante de início, mas depois se ajoelha na cama e está se espremendo em mim e segurando meu rosto em suas mãos... Deus!

E não sei mais quais lágrimas são de quem e não sei que pele é de quem e minhas mãos frenéticas estão explorando, acariciando seu rosto, seu pescoço, se enfiando debaixo de sua blusa, beijando seu pescoço lindo, tocando seus braços...

Merda!

Meus dedos param. Encontrei... o que foi que encontrei? Uma interrupção. Algo áspero. É... é um curativo. Merda!

Eu me retraio. Estou sem fôlego. — Claire — droga, Claire — está se cortando de novo?

— Não — ela diz e me puxa de volta.

— Você está... — digo, tentando me convencer de que não importa. É problema dela. Não há nada que eu possa fazer. Só o que me importa é a fome, a necessidade, a proximidade dela, como ela é linda, a doce suavidade aveludada de sua pele...

Então eu paro. Não posso fazer isso. *Droga!* O que tem de errado comigo?

— Você prometeu — digo. — Disse que ia parar.

— Eu parei — ela diz. — Parei. Mas aí você ... você... Eu não sabia o que estava acontecendo. Não sabia quem você era. Aquele e-mail.

Ah, agora entendi. É culpa minha.

— Eu não devia ter escrito aquilo.

— Não é só o e-mail. Archie disse que você quase colocou fogo no albergue. Você podia ter incendiado tudo. Eu não sei... — A voz dela está toda trêmula de novo. Obrigado, Archie.

— Eu não queria provocar um incêndio, não de verdade. Mas minhas roupas estavam cobertas de cocô de cachorro, Claire. Estavam um nojo. Eu só queria me livrar delas.

Ela está me olhando com os olhos arregalados e dá para ver que está se esforçando. E eu também estou fazendo um esforço porque quero tanto seu bem, mas não sei se sou bom para ela.

— Eu não tenho lidado muito bem com as coisas, Claire. Acho que fiquei um pouco... um pouco...

Estou tentando falar e respirar ao mesmo tempo. Queria poder simplesmente calar a boca. Ainda sinto a pele dela eletrizando meus dedos.

— Um pouco... hãã... estressado. Tenho essa coisa, estresse pós-traumático ou algo assim. Dê uma olhada no Google. É complicado.

— Ah — ela faz. — Mas e o e-mail? Eu piorei tudo para você.

Tenho que fazê-la parar de se preocupar comigo. Tenho que fazê-la parar de se cortar. Mesmo que tenha que mentir para ela.

— Está tudo bem, Claire... tudo bem. Eles falaram comigo. Não tem problema. Eles entenderam numa boa.

Ela olha para mim, incrédula, seus olhos inchados e vermelhos.

— Eu venho morrendo de preocupação por causa disso e agora você diz que não é nada demais?

Espero que ela nunca descubra que eu menti para ela. Mantenho a voz firme.

— Não. Foi só um e-mail idiota. Não devia ter se preocupado.

— Mas o que você quis dizer? — ela pergunta. Suas lágrimas pararam. Seus olhos estão redondos. — Quem você machucou? Que mentiras você contou?

— Ah, não foi nada demais. Eu tive uma... uma discussão... com meu amigo, Arron. Eu o feri sem querer. Nada sério, só um arranhão. Não acho que a polícia esteja muito preocupada com isso. Arron nem contou pra eles. Era sobre isso que eu estava mentindo. Nada mais.

— Então por que não contou logo pra mim?

— Eu, hããã, acho que eu queria sentir que estávamos unidos de novo. Acho que exagerei.

Nunca achei que veria Claire tão zangada.

— Você... Achei que podia confiar em você! Achei que íamos ser honestos um com o outro!

— Sim, eu sei...

— Mas você me escreveu um monte de mentiras. Por quê? O que está havendo?

— Eu ... hããã... éé... Eu realmente não sei. — Cristo, soa tão ridículo!

— Deus, Joe... Ty...

Passo meu braço na cintura dela. — Claire, você vai ter que ir embora logo. Podemos só... só falar de outra coisa? Só ficar juntos? — A fome ainda está lá, e minha pele se arrepia com sua proximidade, mas sei que não adianta.

Ela dá uma fungada. Parece que gostaria de se afastar de mim, mas fica onde está e segura minha mão. Então ela vê o exemplar de *Crepúsculo* da minha mãe e pega. — Nossa, você está lendo? Não é incrível? — ela pergunta. O tom dela é esperançoso, feliz, até amoroso.

Mais mentiras. Não tenho escolha. — Sim — digo, olhando em seus olhos. — É brilhante. Me faz sentir mais próximo de você.

E ela suspira e se aconchega em mim com a cabeça no meu ombro. Sinto meu corpo ficando pesado e meus olhos tentando se fechar e estou bocejando. A voz dela é um murmúrio suave, e só pesco uma ou outra palavra aqui e ali. Ela está falando do livro, acho. Bella isso, Edward aquilo, algum sujeito chamado Jacob. Tento ficar acordado, entender alguma coisa do que está dizendo, mas não consigo. Adormeço com a cabeça em seu ombro, abraçado com ela.

Em algum momento durante a noite ela deve ter saído de fininho sem me acordar, porque, quando Sue entra com meu café da manhã, ela não está mais do meu lado.

CAPÍTULO 34

Notícias do Mundo Lá Fora

Meu quarto está lotado de gente. Tem minha mãe. Tem o Sr. Armstrong, um advogado. Tem o Detetive Morris e seu parceiro, Detetive Bettany, e uma detetive chamada Pam, que preparou um gravador enorme — um daqueles bem antigos. Eu achava que a polícia era mais bem equipada.

Todos trouxeram cadeiras para o quarto e estão se apertando nelas. Eu estou sentado na cama, mas por sorte estou vestindo jeans e camiseta, não pijama, embora tenha que usar uma camisa que fique frouxa em cima do curativo, então não estou em minha melhor forma.

Mas como estou é o que menos importa agora.

O Sr. Armstrong me aconselhou a pensar bem antes de responder a qualquer pergunta e a ficar em silêncio se quiser, mas lembrou que, se eu não responder, então o corpo de jurados poderá tirar as conclusões que bem entender. Eu não sei o que ele quer que eu faça. Não sei se ele se importa.

Já ouvi a mesma coisa um milhão de vezes da polícia, de qualquer forma.

O Sr. Armstrong disse que só podia ficar um adulto no quarto para proteger meus interesses. Minha mãe e meu pai queriam ficar, mas minha mãe lhe dirigiu um olhar tal que ele só meio que murmurou: — Está bem, está bem, você fica. — Ao sair, ele me deu um sorriso encorajador. Minha mãe só olhou para as unhas e o ignorou.

Eu devia saber que sua nova relação tão madura, tipo estamos-nos-entendendo-por-sua-causa, não iria durar.

O fim veio ontem, quando meu pai estava explicando que o Sr. Armstrong ia estar presente quando o Detetive Morris viesse me ver. — É a sua chance, Ty — ele disse, olhando nos meus olhos. — É sua chance de dizer a verdade.

Minha mãe fica perplexa. — O que quer dizer com isso? — ela pergunta.

— Ty não contou tudo à polícia, Nicki. Acho que é ruim pra ele. Está pesando em sua consciência.

Minha mãe olha para mim e para ele e de volta para mim. Ela entendeu logo que ele sabia sobre a faca. O que ela não sabe é o que aconteceu depois com Arron. Mas só o negócio da faca já é o bastante para ela.

— Você está brincando? Está louco? O que você sabe do Ty? Você devia cuidar da sua vida.

— Qual é, Nicki? Qualquer um pode ver que as coisas não estão indo bem neste momento.

— Isso é por causa de tudo que ele passou. Não há razão pra ele contar à polícia nada que possa criar problemas pra ele. Jesus Cristo, Danny, não tente dizer a ele o que fazer. Vai acabar com a vida dele.

— Você quer que ele viva uma mentira? A decisão é dele, certo, Ty?

Eu estava lendo um livro de mangá de Archie. Era sobre um cara que tem um notebook que mata qualquer um que tiver seu nome escrito nele. Isso seria uma coisa realmente assustadora de possuir — tão fácil matar, tão fácil perder. O cara usava para o bem, mas isso estava acabando com sua cabeça.

Eu não olho para eles.

— É uma entrevista com a polícia, pelo amor de Deus — diz minha mãe, sua voz tremendo. — Não uma de suas sessões no Priory[13].

Ela deve estar falando de Allingham Priory, onde Archie agora está se sentindo totalmente miserável, segundo suas cartas. Eu não sabia que meu pai tinha ido para lá também. E não faço ideia de por que ele olhou furiosamente para minha mãe e disse: — Achei que tínhamos concordado em deixar o passado para trás. De qualquer forma, não foi no Priory — e saiu batendo a porta.

E eles não parecem ter voltado a se entender até agora.

— Não diga nada a ninguém — disse minha mãe depois que ele saiu e eu só dei de ombros e olhei para o livro e esvaziei completamente minha

mente de polícia e e-mails e parques e facas.

E aqui estamos nós, com o Detetive Morris e os Detetives Bettany e Pam, e eles estão explicando que tudo o que eu disser pode ser usado como prova contra mim, blá, blá, blá, blá.

Morris pergunta sobre minha saúde. Ele diz que fica feliz em saber que estou melhorando. — Soube que você foi muito corajoso — ele diz. Eu dou de ombros. Já dei meu depoimento sobre o ataque há alguns dias — para outra turma de policiais, outra história para assinar. Agora estou tentando esquecer. Não é nada fácil.

Morris pergunta à minha mãe como ela está, como vai a gravidez, como ela está lidando com as coisas. Até aí, tudo bem. Encho minha cabeça de coisas boas, como o pelo macio da Meg e "Os Simpsons" e a sensação que se tem quando você ultrapassa o atleta à sua frente na corrida e você sabe que tem capacidade para vencê-lo.

Ele está explicando sobre o pai de Jukes estar preso. Está dizendo que muitos de seus parceiros também foram detidos. Fizeram uma limpa, ele diz. Eles acham que eu posso me sentir muito mais seguro agora e meu pai e suas inquilinas também, pois vão todos testemunhar quando Jukes for a julgamento por me apunhalar.

É uma pena eu ter deixado de acreditar em qualquer coisa que a polícia diz. E agora, presumivelmente, eles deixaram de acreditar em qualquer coisa que eu diga também. O que nos deixa quites.

— Então — diz Morris. — Tenho algo aqui que quero ler para você, Ty, e depois quero fazer algumas perguntas. — E ele tira um papel da pasta.

— "*Oi, Claire, minha Claire*" — ele lê.

Imagino que estou no apartamento de minha avó em Londres, comendo torta e vendo "East Enders".

— "*Tenho pensado muito sobre por que ficamos tão próximos em tão pouco tempo e ainda é um mistério para mim. Uma hora eu estava sendo mau com você — e eu sinto muito por isso, você sabe, espero — e estávamos brigando, e no momento seguinte senti essa proximidade incrível e essa confiança.*"

Detetive Bettany pigarreia. Minha mãe diz: — Mas o que...? Sr. Armstrong cochicha algo para ela e acho que está mandando ela se calar.

Imagino–me assistindo a DVDs com Patrick e conversando com ele depois. Em francês. Com um sotaque perfeito.

Detetive Morris diz: — Deixe-me terminar, por favor, Senhorita Lewis. Acho que você vai entender a relevância. Onde estava? Ah, sim, *"Sempre vou sentir isso, mesmo que nunca mais queira falar comigo depois de lhe contar tudo. Preciso ser honesto com você. É isso que conta entre nós."*

Minha mãe se estica e tenta segurar minha mão. Eu a afasto, encolhendo os ombros. Tem um pedaço grosso de carne na parte interna da minha bochecha que eu mordo forte. Ninguém percebe.

— *"Sou um mentiroso, Claire"* — continua o Detetive Morris, e minha mãe respira fundo. — *"Estou mentindo para a polícia e, se eu for ao tribunal testemunhar, vou mentir lá também. Não sou só um mentiroso, sou alguém que fez uma coisa terrível. Eu machuquei alguém. Nunca admiti isso para ninguém antes."*

Estou tentando me lembrar de qual era a cor de que pintamos as paredes do meu quarto no nosso antigo apartamento em Hackney. Sei que era azul, mas que tipo de azul? Lembro-me de todos os testes que fizemos na parede, mas não consigo me lembrar qual foi o que escolhemos. Sinto-me mal. Como posso ter esquecido?

— *"Cabe a você decidir o que quer fazer. Você pode me fazer um monte de perguntas e eu vou responder todas. Direi o que quiser saber. Talvez entenda a razão e me perdoe."*

Penso em minha mãe dizendo: — Uma de suas sessões no Priory. — Lembro-me de uma manhã na loja do Sr. Patel, lendo o *News of the World* antes de colocar na minha sacola de entregas. Uma reportagem sobre uma modelo que tinha problemas com drogas. Ela tinha ido se tratar em um lugar chamado *The Priory*.

Ah, meu Deus!

Morris continua lendo. — *"Você pode nunca mais entrar em contato comigo e eu vou entender. Ou pode fingir que nunca recebeu esta*

mensagem. A escolha é sua. O que quer que faça, quero que se cuide. Estou confiando em sua força.”

Ele para, olha para mim. Eu olho de volta. Bocejo. Não vou dar a ele a satisfação de achar que estou nervoso.

— *“Eu te amo”* — ele lê, olhando diretamente para mim, e tem algo de duro e cruel em seu tom.

Sr. Armstrong diz: — Preciso lhe perguntar sobre a origem deste documento.

Morris diz: — Estou quase terminando. “*Eu te amo, sempre vou amar. Você é minha melhor amiga. Sei que pensa em mim como Joe, mas foi o Tyler quem fez isso e é ele quem eu quero que você ame ou odeie ou esqueça.”*

O silêncio é completo. Olho de relance para minha mãe, mas logo desvio o olhar. Duas listras negras de rímel escorrem pelo seu rosto.

— Então, Tyler — diz Morris. — Vamos começar. Pode confirmar que foi você quem escreveu este e-mail?

CAPÍTULO 35

Quase Verdade

É como se ele estivesse em um pub jogando dardos, só que as palavras são seus dardos e eu sou o alvo. A única maneira de fazer suas perguntas ricochetearem é mantendo silêncio. Então fico calado enquanto ele me pergunta: Fui eu quem escreveu o e-mail? O que eu quis dizer? De que forma estou mentindo? Quem eu machuquei?

O Sr. Armstrong faz um monte de perguntas sobre de onde surgiu o e-mail e como ele o conseguiu. Quando fica claro que foi Claire quem o entregou à polícia, acho que minha mãe vai ter um troço. Ela quase pula da cadeira e seu queixo cai.

E as perguntas começam de novo: O quê, onde, quando, como, por quê?

Finalmente minha mãe pergunta ao Sr. Armstrong em um sussurro audível: — Não pode fazê-los parar? Ele está chorando. Ele tem sofrido tanto.

Odeio ela e odeio a polícia e odeio Arron acima de tudo. De forma alguma estou chorando. Ela é burra!

Morris diz: — Ty está enfrentando acusações muito sérias aqui. Obstrução da justiça, só para início de conversa. Não preciso dizer que ele se tornou completamente inútil como testemunha.

Essa palavra — inútil — zune em meu ouvido como uma abelha bêbada de refrigerante.

— Posso não saber agora o que ele fez com Rio, mas com certeza eu vou descobrir. Este e-mail é praticamente uma confissão.

— Não foi o Rio — eu digo. Não estou chorando. Realmente não estou.

— Então quem você machucou? — pergunta o Detetive Morris, sua voz repentinamente mil vezes mais gentil.

Eu não ligo mais. E daí se eu for preso? Eu mal tive um segundo de liberdade desde que Alistair foi morto mesmo. O quarto do hospital parece uma cela. Talvez a prisão seja o lugar certo para alguém como eu. Talvez seja o meu lugar. Eu sou um inútil. Ele mesmo falou. Ninguém discordou.

Então eu conto que tirei minha faca do bolso e apontei para Arron por cima do corpo morto de Rio aos nossos pés. Conto a eles que eu queria ajudá-lo, salvá-lo. Conto que eu estava assustado, em pânico, fora de controle. Descrevo o golpe de cima para baixo da lâmina e que ela cortou seu braço — e agora consigo vê-lo, o sangue escorrendo pelo seu braço e pingando no chão.

Não foi só um arranhão.

Não conto a eles que Arron prometeu não falar nada. Não conto que me senti bem ao ver o respeito nos olhos dele. Não conto que fiquei com medo depois que a mãe de Arron o levou ao hospital, nem que eu vomitei depois no banheiro, várias e várias vezes, chorando que nem uma menininha.

Só conto a eles o suficiente. Não quero mais mentir. Mas não consigo acreditar que existe algo como a verdade inteira. Tem sempre um pedaço novo da história, algo mais profundo. Eu não paro de descobrir coisas novas que fazem parte da história.

Quem sabe o que mais pode haver?

— É isso — eu termino. — Foi o que aconteceu. É só.

Eles estão olhando suas pastas e puxam uma foto de Arron só de cueca, mostrando as cicatrizes em suas pernas e peito e braços. Eles me fazem apontar para a ferida que eu provoquei, mas continuo sem ter certeza absoluta.

Olho para os olhos escuros e raivosos de Arron e seu cabelo pixaim, o rosto que conhecia melhor do que o meu próprio. Eu sei por que precisava que ele fosse meu amigo, mas por que ele precisava de mim?

E me pergunto se ele achava que estava cuidando de mim, como eu queria cuidar de Claire — embora não exatamente da mesma forma, é claro... É que... é que faz você se sentir bem quando tem alguém mais fraco do que você por perto. É só isso.

Eles guardam a fotografia. Dizem que vão preparar o depoimento para eu assinar amanhã. Morris diz que vão ter que conduzir algumas entrevistas e checar as evidências forenses. Eu acho que tudo acabou, mas ele diz que tem só mais uma coisa que ele quer me perguntar.

Minha mente está vazia. Não consigo imaginar o que pode ser.

E ele tira um saco plástico de sua pasta e coloca na minha frente. Eu deixo escapar um pequeno “Ah!” de surpresa, porque é algo de que eu tinha me esquecido completamente. É a faca automática. A do ônibus. A que eu joguei fora no parque.

E começamos tudo de novo: Eu reconheço isso? Onde eu a consegui? Eu a usei? Por que eu fugi da polícia? Eu sabia que minhas digitais estavam na faca e na cesta de lixo?

Então o Sr. Armstrong faz a sua parte, mas eu não estou preocupado demais, pois não era nem minha aquela faca, e não tinha nada realmente a ver comigo e estou até orgulhoso da maneira como me livrei dela.

Por isso respondo todas as perguntas deles.

Aí Morris diz que são duas acusações por portar uma arma ofensiva e possivelmente uma acusação por lesão corporal grave e até tentativa de homicídio contra Arron, além de obstrução da justiça também. O Sr. Armstrong está escrevendo furiosamente em seu caderno de notas e não parece nada feliz.

Morris diz então que está me prendendo. O quarto fica em total silêncio, até que minha mãe pergunta: — Vocês vão levá-lo? — E eles dizem que não, eu vou ficar livre sob fiança, mas vou ter que me apresentar todo mês na delegacia até que a promotoria examine o caso, e que eles vão entrar em contato para nos dizer o que acontecerá depois.

Eles continuam conversando alguns minutos e eu não preciso que ninguém me diga que não vou para a França.

Os policiais saem. Não se ouve nada no quarto, exceto os soluços abafados de minha mãe. Tento pegar meu livro de mangá, mas ela está na frente e não acho boa ideia pedir que me passe.

Meu pai volta. O Sr. Armstrong conta a ele o que eles disseram e o que eu disse e o que pode acontecer comigo, o que pode significar um longo período na Instituição para Jovens Infratores no pior dos casos. — Mas eles podem nem acusá-lo de nada. Muito vai depender do que o Arron vai dizer — é importante que ele não tenha feito qualquer acusação contra o Ty até agora.

— Não posso acreditar nisso — diz minha mãe. — Nós colocamos nossas vidas em pausa durante meses. O pai do meu bebê, um homem totalmente inocente... ele está morto — um homem jovem, um homem inocente. Meu menino, meu filho... ele quase morreu. E eles estão falando em acusá-lo? Em mandá-lo para a prisão? Deviam se envergonhar!

— O problema é que, uma vez que uma evidência dessas surge, eles não podem simplesmente ignorá-la — diz o Sr. Armstrong. — Preciso avisá-lo, Tyler, de que quando for testemunhar no julgamento do Arron, os advogados de defesa vão estraçalhar você.

Uau, isso vai ser divertido. Mal posso esperar.

Mamãe diz: — Quero processar a polícia. Eles não protegeram a gente direito. Temos sorte de apenas uma pessoa ter morrido. Podia ter havido um massacre.

E ela começa a chorar e meu pai praticamente pula por cima da cama para abraçá-la e ela enfia o rosto em seu ombro e ele está beijando sua cabeça e seus olhos e o Sr. Armstrong e eu estamos tentando não olhar. Acho que a briga deles acabou. É completamente constrangedor.

O Sr. Armstrong parte e meu pai diz: — Nicki, você está arrasada. Por que não pega um táxi de volta para a casa da Pen?

E minha mãe diz que sim, é o que vai fazer, e ela nem está olhando direito para mim quando me dá um beijo e sai chorando de novo.

É só meu pai e eu. Ele olha para mim e abre a boca para falar. Eu penso na prisão e então me lembro do Priory e imagino como vou fazer para perguntar a ele sobre isso. Estou esperando que ele comece a falar sobre a faca e o e-mail e tudo mais.

Mas ele pergunta: — Onde está o controle remoto? — e liga a televisão e assistimos “Top Gear” e “Os Simpsons” e “Quem Quer ser um Milionário?”. E quando a enfermeira entra e diz que a hora de visitas terminou e é hora dele sair, ele vai até o corredor com ela e depois volta e se senta de novo e assistimos “East Enders”. Só desligamos quando começa “Holby City”, mas aí ele me mostra um jogo no BlackBerry dele e competimos para ver quem consegue a melhor pontuação e eu venço todas as vezes.

Quando estou comendo meu jantar — um macarrão com queijo grudento —, ele me fala um pouco sobre ter participado de uma banda e que ele nunca pensou que ia passar de uma brincadeira com os amigos, mas de repente eles tinham um empresário e um contrato com uma gravadora e estavam no circuito dos festivais.

Não acho que gostaria muito de sua banda. Ele me pergunta se eu gosto de *indie rock,* e, quando eu digo não, que gosto de *hip hop* comercial, ele faz uma cara feia e diz: — Vou ter que educar você. — Sim, sei. Acho que não. Ele descreve o som deles como influenciado pelos Pixies e pelo Nirvana — Um cara do *The Guardian* nos chamou de o Pearl Jam britânico.

— Por que você parou? — pergunto educadamente, imaginando como uma banda que parece ter sido tão horrível pode ter feito sucesso. Ele diz, em um tom falso de pouco caso: — Ah, sabe como é, o estilo de vida não combinava muito comigo.

— Ah, sei — digo, me sentindo um idiota, e ele diz: — Achei que daria conta, mas estava enganado. Aprendi minha lição. Nicki teve razão em manter você afastado de mim. Eu tive dificuldade em aceitar isso na época, mas eu não teria sido bom para você. Eu lamento. Vou tentar compensar as coisas agora.

— Ah, certo, tudo bem — falo.

A enfermeira volta para pegar meu prato e diz que preciso me preparar para dormir. — Vai ser um grande dia amanhã — ela diz. — Você vai pra casa.

— Sim, legal — digo, e penso que estou bem, mas, quando ela sai, começo a pensar em como seria voltar de verdade para casa, voltar para

nosso pequeno apartamento e ver o Sr. Patel de novo como se nada disso tivesse acontecido.

Mas aí eu não teria conhecido Claire e não teria sido Joe. Eu continuaria sem saber que posso correr. E nunca teria conhecido Patrick e Helen, e Archie e Meg.

E continuaria sem conhecer meu pai roqueiro. Ele está me observando e pergunta: — Você está bem? — E eu estou tirando a camiseta, então posso dizer: — Sim — sem que ele veja minha cara.

Mas depois de passar uns cinco minutos parado, escondido na camiseta, esperando que ele não perceba, sinto ele se sentando ao meu lado.

— Ei — ele diz —, está tudo bem. É uma boa notícia. Você vai sair daqui.

Ele puxa a camiseta de minha cabeça e coloca a camisa do pijama sobre meus ombros e me ajuda a enfiar os braços um de cada vez e abotoa cada botão cuidadosamente. Como se eu fosse um bebê.

Ele passa o braço nos meus ombros e eu quero me esquivar, mas parece que me faltam forças. Então seus braços me envolvem e ele me aperta contra o peito e eu estou tão cansado, tão exausto, que simplesmente fico ali, ouvindo seu coração batendo como um tambor. Ele me segura apertado e por um momento parece, não sei, normal. Familiar.

Depois de alguns instantes, ele diz: — Qual foi a pior parte, Ty? — e eu escuto o zunido daquela palavra — inútil —, mas não posso dizê-la e balanço a cabeça em negação. Ele diz: — Vai dar tudo certo, prometo.

Ele não devia fazer promessas tão impossíveis. Mas fico feliz por tê-la feito assim mesmo.

CAPÍTULO 36

Abstinência

Não sei por que as pessoas dizem que jogar no Playstation ou no computador pode tornar alguém violento. Li isso uma vez quando fazia a entrega de jornais: "*Videogames* incitam a violência juvenil", li no *Daily Mail*. Não sei por que chamam de *videogames* tampouco. Quem é que tem vídeo hoje em dia?

De qualquer jeito, eles estão enganados, porque jogar é o oposto da violência. Quando você joga, está completamente seguro, pois ninguém pode machucar você. Você se ocupa e usa seu cérebro, então não fica entediado. Não pode machucar mais ninguém. Então, como isso incita a violência?

Tem uma enorme diferença entre esses jogos e a vida real. Quando pessoas de verdade são assassinadas, não tem música alta tocando no fundo. Os assassinos nem sempre são feios nem se vestem de preto. A vida seria muito melhor se fosse mais como nos jogos. Você sempre teria mais uma chance.

Na verdade, se todo mundo jogasse mais desses *games*, aposto que os níveis de criminalidade iam diminuir. Jornais como o *Daily Mail* deviam promovê-los.

Sei disso porque, quando saí do hospital, a mãe de Archie me deu o Playstation antigo dele e um monte de jogos e uma televisão antiga para conectá-lo. E, desde que me mudei para o espigão em Birmingham — que é tão medonho quanto se podia esperar —, é só o que faço. Todos os dias, o dia todo, o mês inteiro, vencendo os níveis e progredindo. É fantástico!

Minha mãe resmunga alguma coisa sobre eu dever recuperar o tempo de estudo perdido antes de começar em alguma escola pública local em janeiro, mas, quando penso em entrar no meio do décimo ano em uma turma sem amigos e nem ideia da matéria dada nos últimos seis meses, fico

sem fôlego e minha cicatriz começa a doer e tenho que me aproximar da tela para ignorá-la.

Minha avó tentou falar comigo sobre o negócio das facas — Por quê, Tyler? O que nós fizemos de errado? Como pôde fazer algo assim? —, mas eu tinha acabado de chegar ao nível quinze de *Wolverine* e só resmunguei: — Outra hora, está bem, vovó? — Ela não tentou mais falar no assunto. O jeito que ela olha para mim — decepcionada, triste, perplexa — só me faz querer correr de volta para meu console.

É Natal e elas me fazem parar de jogar para comer mesmo não estando com fome. Eu engulo alguns pedaços de peru e batata o mais rápido que posso, então recuso o pudim de Natal para poder voltar logo para o *Grand Theft Auto.* Queria ter jogado isso antes de Arron se envolver com Jukes e os outros. Eu teria formado uma ideia melhor de como as coisas funcionam. Eles deviam ensinar essas coisas na escola. Seria muito mais útil do que aprender sobre Shakespeare ou sobre os vikings.

Meu pai chega às seis. É a primeira vez que o vejo desde que mudei para cá, porque ele tem trabalhado em Nova York. Ele ligou algumas vezes, mas não era fácil falar com ele pelo telefone. Não estou acostumado ainda a tê-lo por perto o bastante para saber o que dizer quando ele some de novo.

Ele se recosta contra o batente da porta do meu quarto e olha em volta. — Não é tão ruim assim — ele diz. — É bem iluminado. Talvez uma mão de tinta...

Não é tão ruim? Tem uma mancha amarela descendo até o chão na parede embaixo da janela cheia de frestas por onde passam correntes de ar gelado. O carpete está todo puído e manchado e está levantando nas beiradas. Tem cheiro de mofo e sou obrigado a ouvir o som de um baixo tocando sem parar no andar de cima. Tem agulhas de seringa nas escadas de emergência e vômito seco e cocô de cachorro no elevador. Penso na geladeira americana e nos sofás de couro do meu pai. Não me dou ao trabalho de responder.

— Por que tem duas camas? — ele pergunta.

— Tinha um tira morando aqui com elas antes — respondo. — Já foi embora. Emma vai partir em breve. E Louise.

Emma vai voltar para a Espanha para se encontrar com um sujeito que conheceu quando a polícia mandou ela, vovó e Lou para lá no verão. Ele se chama Carlos e tem uma butique em Marbella. Emma disse que ele se parece com o Enrique Iglesias. Urgh! Lou conseguiu um emprego como diretora de uma escola britânica de Tashkent. Isso fica no Uzbequistão. Acho que ela quer ir para o mais longe possível daqui, pois as coisas ficaram feias entre ela e minha mãe.

Eu ficaria feliz, acho, se houvesse a menor chance de ir visitá-la. Mas não tem como. Mesmo eu agora tendo um passaporte, não há como a polícia me deixar sair do país. Então me mantenho concentrado em jogar o máximo possível do GTA antes de ser mandado para a prisão.

Suponho que não tem Playstation na Instituição para Infratores Juvenis. A simples possibilidade já me deixa nervoso, então procuro não pensar nisso.

— Tenho um policial me protegendo — diz meu pai — só até Jukes White ir a julgamento. Mesmo eles achando que o perigo não é mais tão grande assim, agora que a maior parte da quadrilha está presa. Tess e Lucy também têm proteção. É uma chatice. Vou passar um bocado de tempo no exterior nos próximos meses.

— Sim, está bem — digo, pulando, correndo e — pá pum! — eliminando um rival! — Lamento por isso.

— Lucy me pediu para agradecê-lo pelo que fez por ela — ele diz. — Ela acha você muito corajoso.

— Sim, sei...

— Ty, dá para desligar isso por um minuto? Só pausar ou sei lá?

— Hãã, agora não dá.

— Eu trouxe um presente de Natal.

Mas pelo amor de Deus, ele não vê que estou ocupado? Por que simplesmente não deixa aí para eu abrir depois? É melhor que esse presente seja bom. Ele tem que compensar por quatorze anos sem presente algum. Cheio de má vontade, eu pauso o jogo.

Ele me entrega o presente. Um celular. Grande. Maravilha de presente. Algo que eu devia ter como necessidade básica. Tipo, quem ganha um celular de presente aos quinze anos? Este é o maior presente de vida quando você faz onze anos. De qualquer jeito, é totalmente inútil para mim agora, já que não tenho amigos e ninguém para quem ligar. É tão inútil quanto o conjunto de treino que minha mãe me deu. Ela acha mesmo que vou sair correndo em uma cidade estranha onde qualquer perigo pode estar esperando por mim lá fora? Eu não.

Embora tenha que admitir que ele escolheu um aparelho bem legal, com um monte de funções.

Mas meus dedos estão coçando para voltar ao jogo.

— Tá bom — digo.

— É pré-pago — ele diz. — Tem bastante crédito e já coloquei alguns números na agenda. A bateria está carregada e ele está pronto para usar. Escrevi seu número para você. Aqui está.

— Tá bom — digo de novo e aperto o *play*. O motor ronca e estou correndo pelas ruas de novo. Mas que droga, ele ainda está aqui. O que ele quer de mim?

— Ty — ele diz, indicando as cortinas fechadas, as roupas no chão, a tigela de cereais pela metade ao meu lado. — Não acha que devia diminuir um pouco o tempo que passa jogando? Nicki disse que você fica nisso o tempo todo.

— Sim, certo, não. — eu digo.

— Ty... — ele diz, mas estou desligado. Estou dentro do jogo e não tenho tempo para ouvi-lo ou para pensar em qualquer coisa que não seja sobreviver e matar e conquistar uma reputação criminosa. E está tudo bem, pois não é real. Graças a Deus não é real.

Acho que nunca mais quero fazer nada que seja real.

Mais tarde, quando ele já foi embora e minha mãe me obrigou a desligar o Playstation e ir para a cama e estou deitado no escuro esperando todo mundo dormir para voltar a ligar o jogo, eu pego o celular. Olho os números

que ele programou — o dele, o de Patrick e o de Helen, o de Archie. Patrick ligou para mim algumas vezes depois que me mudei para cá, mas não falei com ele. Tenho estado ocupado demais, concentrado demais. Não sei o que ele vai falar sobre o negócio da polícia e não estou certo de que quero saber.

Talvez eu devesse ligar para ele, desejar Feliz Natal. Podia marcar de fazer uma visita, levar Meg para passear...

Mas talvez não queiram mais saber de mim. Talvez seja isso que Patrick queria dizer. De qualquer jeito, eles não têm Playstation. Eu não ligo para eles. Em vez disso, ligo para o serviço de informações e consigo o número de Claire. Teclo os números.

A mãe de Claire atende. Não posso falar com ela. — Posso falar com Ellie por favor? — digo, tentando disfarçar minha voz com um sotaque de Birmingham, embora esse deva ser o sotaque que menos me interessa aprender. — É... hããã... diga que é o Brian. — Ouço a voz de Ellie no fundo. — Brian de quê? — ela está dizendo. — Quem está me ligando às onze da noite no Natal?

Então ela atende ao telefone. Sua voz está clara e forte e animada. Sinto uma onda de nostalgia pelos dias em que Ellie era minha treinadora e só o que eu precisava fazer era obedecer a suas ordens e tudo corria tão bem. Quando eu era Joe. Há uma vida atrás.

— Alô? — ela diz.

— Ellie — eu cochicho. — Sou eu, o Joe. — Minha voz está rouca. Não tenho falado muito ultimamente.

— Ah, meu Deus — ela exclama. — O que está havendo? Por que queria falar *comigo*? O que...

Eu interrompo antes que possa falar o nome de Claire.

— Eu só queria falar uma coisa — digo. — Acho que a Claire está se cortando de novo. — E desligo o telefone. Assim. Fico deitado no escuro e sei que Claire nunca mais vai querer falar comigo.

Após cerca de meia hora, eu me levanto de novo e começo a jogar GTA. Nível dezesseis. Só paro quando minha cabeça está tão cheia de carros e

armas e cafetões que acho que será seguro tentar dormir.

Quando acordo, estou todo enrolado debaixo do cobertor. Meu relógio marca onze e meia da manhã. Estranho — normalmente elas não me deixam dormir até tão tarde.

Ponho os pés no chão para me levantar e então congelo. Se eu fosse um desenho animado, meus olhos saltariam das órbitas e meu queixo cairia no chão.

Sumiram! Minha televisão, meu console, todos os meus jogos! Sumiram, desapareceram. Fomos roubados durante a noite.

Não me movo tão rápido há séculos. Saio correndo do quarto, entro na sala de estar que faz as vezes de cozinha também. Graças a Deus minha mãe está aqui e está bem. Mas onde está vovó? Onde estão minhas tias?

— Mãe... Mãe, fomos roubados. Alguém entrou aqui. A vovó está bem? Ela pode estar... ah, meu Deus, ela pode estar machucada.

Ela fica sentada ali, tomando café, como se não tivesse nada de errado. Está até sorrindo. Eu tento de novo: — Mãe, Nic, eles pegaram minhas coisas. Pegaram meu Playstation e a televisão e os jogos. Todos eles!

— Ty, meu bem, você precisa se vestir — ela diz. — Está frio demais para sair por aí de cueca.

Estou começando a entender o que aconteceu. Não houve roubo algum, nenhum roubo, por assim dizer. — Foi... eles... Foi você, não foi? — grito com ela. — Você que pegou. Onde estão? Onde estão?

— Não precisa exagerar — ela diz. — Acalme-se.

Me acalmar? Como vou me acalmar sem meus jogos?

— Você não tem o direito! Não tem. Eles eram meus. Eu ganhei. Isso é... é roubo! — Só que não é bem desse jeito que falo. Acho que minha mãe nunca me ouviu xingar assim.

— Encantador — ela diz. — Não é roubo. Não seja bobo. Danny e eu tivemos uma conversa com sua avó e todos concordaram que você estava passando tempo demais em seu quarto no Playstation.

Inacreditável. *Inacreditável!* Os três conspirando contra mim.

— Que droga! — Mas até eu percebo que estou falando alto demais e estou parecendo histérico e perturbado. Mudo de tática e tento parecer razoável. — Está bem, talvez eu esteja exagerando um pouco. Eu posso diminuir o tempo de jogo. Só algumas horas por dia. Por favor, Nic, por favor...

— Não — ela diz. — Abstinência total é o nome do jogo agora. — Ela dá uma risada com a piada idiota. — Sua avó levou tudo para um bazar de caridade.

O quê? — Mas é feriado hoje. Nada vai abrir. E como ela vai carregar uma televisão?

— Ela pegou um táxi. O Islamic Aid fica aberto o dia todo. Normalmente ela não chegaria perto de uma caridade não católica, mas está abrindo uma exceção só esta vez. Por você. Escuta, eu preparei uma surpresa para você...

Eu interrompo. — O Islamic Aid não vai aceitar. Você deve estar brincando. Eles desaprovam esse tipo de coisa. Além disso, tenho certeza de que bazares de caridade não aceitam produtos eletrônicos. Liga pra ela. Diga pra voltar.

Por um instante ela fica em dúvida. Aí o celular dela dá um aviso de mensagem e ela lê: — Bom, o taxista acaba de oferecer cinquenta libras por tudo, então ela vai aceitar e vai encontrar com Emma no centro para as liquidações do dia seguinte.

Que droga! — Mas isso é roubo. Eu te odeio! Odeio ela também! — Chuto a perna da mesa e uma cadeira cai, batendo nos joelhos da minha mãe, que faz cara de dor. — Ty! Não precisa jogar os móveis pela sala!

— Não estou jogando nada! Foi sem querer! Vocês são tão egoístas! Vocês nunca pensam um instante em mim!

— Ty, estamos fazendo isso para o seu bem. Você não pode simplesmente se fechar. Olha, eu sei que as coisas estão difíceis para você. Sei que está com medo de ser indiciado pela polícia...

— Eu não estou com medo. Cala a boca!

— Mas você tem que viver sua vida, você tem que voltar a correr, a estudar línguas, querido. Você precisa se preparar para a escola. Se é para ficar assim, era melhor estar...

Ela para. Suas mãos cobrem a boca. Lágrimas escorrem pelo seu rosto. A cicatriz na minha barriga está ardendo como se tivesse se rasgado e alguém quisesse soldá-la com um maçarico.

— Estar o quê? Morto? Talvez fosse melhor se você não tivesse me colocado no mundo, para começo de conversa.

— Ty... — ela soluça, mas não estamos sozinhos. Louise entra na sala carregando uma sacola com leite, pão e ovos. — O que está acontecendo aqui? — ela pergunta.

— O Ty... Ele está nervoso — diz minha mãe, aos soluços. Lou se vira, furiosa, para mim. — Ty, pelo amor de Deus, o que você fez? — Ela vê a cadeira virada no chão. — Você jogou uma cadeira nela? Pelo amor de Deus, Tyler! Você está bem, Nicki?

— Eu nunca... eu não... ela pegou as minhas coisas, Lou, meus jogos e minha televisão.

— Eu sei — diz Lou. — E eu ajudei.

Minha respiração está curta. Estou tremendo. Dou um murro na mesa da cozinha. — Traga de volta! Traga de volta ou eu... eu...

— Você pode ir pro seu quarto imediatamente — diz Lou, em seu melhor tom de professora. — Você está agindo como uma criança de cinco anos. Vá se acalmar primeiro e então poderemos conversar.

Preciso me afastar delas antes que eu me preste ainda mais ao ridículo. Além disso, estou com frio. Estou tremendo. — Vou para o meu quarto porque eu quero — grito. — Porque não suporto olhar para vocês... traidoras... mentirosas... ladras... nem mais um minuto! — Então bato a porta com tanta força que o prédio de dezesseis andares treme inteiro.

Tudo o que vejo é o vazio onde o Playstation ficava. Não tem nada mais. Duas camas e uma mesa. Uma mesa vazia. Soco a parede, de novo e de novo. Pedaços de casca de tinta voam, mas não me sinto melhor. Eu me

jogo na cama, os punhos cerrados contra a testa, transbordando de raiva e sem ter para onde ir.

Então alguém se move na outra cama.

CAPÍTULO 37

Paladino da Saúde

Só o que consigo ver é um chumaço de cabelo escuro. Quem... o quê? Então surge um rosto e ele se espreguiça e boceja. Jesus Cristo! É Alistair.

Sinto minha testa — estarei de novo com febre alta? Disseram que foi por isso que eu tive alucinações da vez passada, não foi? Mas eu não me sinto quente. Alistair olha para mim e sorri, gentilmente até. — Não se preocupe — ele diz. — É o estresse. É compreensível.

Não vou falar com ele. Ele não é real. Não é. Talvez, se eu lhe der as costas, ele desapareça. Fico deitado por cinco minutos. Mas não adianta. Posso ouvi-lo solfejando *Noite de Paz*.

— Elas fizeram a coisa certa, você sabe — ele diz. Não vou responder. Ele não é real. Se eu falar com ele, estarei falando comigo mesmo. Como um louco.

— Você estava ficando viciado — ele diz. — Esquecendo-se de se exercitar. Isso não é saudável.

— Cala a boca — rosno por entre os dentes cerrados.

— Você devia me ouvir — ele diz. — Tenho um diploma em Ciências Esportivas e Educação Física da Universidade de Longborough.

— Grandes coisas.

— Sei que as pessoas acham que professores de educação física são burros, mas na verdade tem um bocado de espacialização nessa área — ele diz, em tom magoado.

— Sim, sei — rosno de novo.

— Você devia experimentar ioga. É bom para reduzir o estresse. Eu lhe arranjo um folheto — ele insiste.

— Você não pode. Está morto — comento, impiedosamente.

Ele dá de ombros. — A ioga é muito popular por aqui — ele diz. — Tem professores fantásticos. Estou aprendendo muito.

— Ah. — Não sei o que dizer. — Hãã, isso é bom.

— De qualquer jeito, olha, Ty, você não deve gritar com Nicki daquele jeito — ele diz. — Ela está em uma fase difícil.

Ahá! Isso prova que ele não sabe de nada. Ela é sempre difícil. — Cala a boca — digo. — Você não sabe nada sobre ela.

— Eu soube tudo o que precisava no segundo em que a vi — ele diz, em uma voz sonhadora. — Tão linda e tão frágil. Eu via muitas meninas como ela na academia.

Não quero ouvir, mas ele continua.

— Senti a conexão assim que começamos a conversar. Eu queria ajudá-la, fazê-la voltar a se exercitar, ajudar a parar de fumar, a comer melhor...

Pelo amor de Deus, ele está querendo passar a imagem de que era algum tipo de paladino da saúde e não só mais um sujeitinho asqueroso a fim de arrumar uma transa.

— Você só queria levar ela pra cama. — Estou virado para ele agora e falando na minha voz normal. É difícil se lembrar de que uma pessoa não é real quando ela está fazendo tudo para irritar você. — Você a engravidou. Nada saudável, não é? O que houve com o sexo seguro?

Ele levanta os ombros. — Nós nos empolgamos. O calor do momento. Um dia você vai entender.

Que sujeitinho mais condescendente. Condescendente e *morto*.

Ele se inclina para a frente. Suas mãos seguram as minhas. Elas estão frias, tão geladas que começo a tremer novamente. Quero me soltar, mas não consigo me mover. — Cuide dela — ele diz em tom aflito, seus olhos cinza olhando nos meus. — Cuide dela. Ela não vai gostar. Vai deixar ela nervosa...

— O... o quê?

— Ty, você sabe do que estou falando. Você sabe. Sabe realmente. Cuide dela. Cuide do bebê. — Seus olhos me estudam, nada lisonjeiros. — Você é tudo o que tenho.

Então ele some. Dissolve-se no ar. Sou deixado para trás, sentado na cama, olhando para o nada, tremendo todo e com a pele tão arrepiada como a de uma galinha na Islândia. *Você sabe*, ele disse. *Você sabe*.

O que ele quis dizer?

Visto minha roupa. Queria tomar uma ducha, mas não é o meu dia na escala. Tente dividir um apartamento com quatro mulheres. Sua higiene pessoal sofre, acredite. Estou respirando fundo, para dentro e para fora. Repasso suas palavras, tentando focar, concentrar, lembrar.

Então ouço um barulho explosivo e quase caio da cama. Mas é demais, é ótimo, é incrível, porque é o barulho de latidos felizes de um cachorro! É a Meg! E ela está pulando e lambendo meu rosto e estou abraçando ela apertado e sentindo seu cheiro de terra. Seu cheiro tão gostoso.

Sei que ela não é nenhuma alucinação. Nada podia ser mais real do que Meg. Mas o que ela está fazendo aqui? Ela não pode ter me rastreado através dos campos e das ruas de Birmingham e subido de elevador.

Meg se esfrega em mim de um jeito que estaria ronronando se fosse um gato. — O que está fazendo aqui, garota? — pergunto, acariciando suas orelhas macias, olhando em seus olhos castanhos brilhantes. — Como me achou?

Minha mãe está de pé à minha porta. — Ora essa — ela diz —, nunca pensei que veria você gostar tanto de um cachorro.

Ainda não superei o roubo ultrajante do Playstation. Ignoro-a e me limito a coçar a barriga de Meg.

— Patrick e Helen querem que você fique com eles alguns dias — ela diz em tom neutro, como se estivesse lendo os resultados do futebol no jornal.

— O quê? Da última vez que fui para lá, você reagiu como se eu tivesse sido raptado.

O rosto dela fica rosa. — Sim, mas as coisas são diferentes agora. Acho que você precisa de uma mudança de ares. Seja como for, não vai se vestir e vir falar com Patrick?

Ah, meu Deus. Posso ouvir a voz dele trovejando na sala. Ainda não sei se vou conseguir encará-lo.

Cinco minutos depois, entro timidamente na sala com Meg ao meu lado. Patrick está de pé no meio do cômodo, examinando um pedação grande de parede onde a umidade deixou uma mancha escura. — É um risco à saúde — ele está falando com Louise. — Realmente, eles deviam derrubar esses prédios todos. Não surpreende que as pessoas que vivem neles se portem como animais. Ah, olá, Ty.

É disso que gosto em Patrick. Nós todos fingindo que a mancha não existia e Patrick chega e diz exatamente o que pensa. Abro um grande sorriso para ele.

— Gostando de seu Natal? — ele diz, olhando-me de cima a baixo. De repente me sinto envergonhado dos meus cabelos desgrenhados e de minha calça amarrotada.

— Hãã, sim, tá legal.

— Estou a par de que está havendo uma certa desarmonia familiar — ele diz, levantando as sobrancelhas.

Caramba, mamãe devia estar mesmo preocupada com o jogo para ter falado com Patrick sobre isso. A gravidez deve ter afetado seus neurônios.

— Por que não arruma suas coisas, Ty? — ela diz, catando pelos de cachorro do sofá. Parece que já está arrependida de ter deixado Patrick e Meg passarem da porta de entrada.

Vou para o quarto colocar algumas coisas em uma mochila, mas deixo a porta aberta para escutar o que dizem, embora não seja necessário, pois a voz de Patrick é tão alta que provavelmente pode ser ouvida até pelos vizinhos de cima com o baixo tocando nas alturas.

— Aqui não é lugar para um bebê, Nicki — ele diz, e por um momento atônito penso que está falando de mim. Então entendo que não. Não ouço

bem a resposta dela, mas entendo que é algo sobre dinheiro. A necessidade não deixa escolha, acho. Ela tem dito isso muito ultimamente.

— Você tem o desocupado do meu filho de quem cobrar pelos últimos quinze anos de pensão — brada Patrick. — Ele ganhou uma pequena fortuna, pelo que sei, com aquilo que ele chama de música. E acho não chegou a consumir tudo pelo nariz. Só porque não queria o dinheiro dele antes, não quer dizer que não pode aceitar agora.

Um resmungo, um resmungo de parte da minha mãe. Louise diz: — Ele tem razão, você sabe, Nic.

Patrick de novo: — E quanto ao bebê? Com certeza você tem direito à herança do pai.

Uau! De repente percebo, pelo canto do olho, que Alistair está ali, recostado contra a parede, ouvindo atentamente. Quando me viro, ele some.

Perdi a resposta da minha mãe, se é que respondeu. Mas Patrick diz: — Você devia tentar entrar em contato com eles. Eles perderam um filho, por que não podem ter uma chance de conhecer e sustentar o neto?

Esta parece a hora certa de interromper a conversa. Coloco a mochila nas costas e entro na sala no momento em que minha mãe, agora com o rosto vermelho, diz: — Olha, só porque eu disse que o Ty pode ficar com vocês alguns dias, não significa que pode entrar aqui e começar a me dizer o que devo fazer.

— Patrick não quis... — começa Lou na mesma hora em que eu abro minha boca grande e digo: — Na verdade, ele tem razão, mamãe.

— *O quê?* diz minha mãe, me fuzilando com um olhar assassino.

Talvez se eu fizer isso acontecer, então Alistair me deixe em paz. Finalmente. Para sempre.

— Você devia. É a coisa certa a fazer. Alistair iria querer isso, eu tenho certeza. Não é justo com o bebê se não o fizer.

Bem ao meu lado, vejo Alistair. Acho que está me fazendo um gesto com os polegares para cima.

Silêncio. O vermelho do rosto de minha mãe esmaeceu e ficou branco. Lou está com a mão cobrindo a boca. Patrick tira um lenço do bolso e sopra o nariz. Seus olhos estão esquisitos. Talvez ele seja alérgico ao mofo.

— É melhor irmos — ele diz. — Nicki, me desculpe se falei o que não devia. Não queria interferir.

— Ah — diz minha mãe. — Tudo bem. — Ela parece um pouco azeda, mas não vai explodir nos próximos cinco minutos pelo menos. Abraço-a rapidamente, peço que se despeçam por mim da vovó — ainda fazendo compras com seus ganhos ilícitos — e pergunto se estarei de volta antes de Lou e Em saírem do país.

— Sim — diz mamãe. — Elas vão viajar no dia primeiro de janeiro e você precisa voltar para se apresentar na delegacia no dia trinta.

Elas combinam com Patrick para me levar na delegacia no caminho de volta e pronto, saímos. Fuga da fortaleza das mulheres. Descemos para a rua e seu carro está intacto, incrivelmente, embora seja apenas porque ele pagou cinco libras para um garoto tomar conta.

E partimos. A cidade dá lugar a campos verdes e estradas do interior e Meg está gemendo no banco de trás, louca para sair e se divertir. Patrick para no acostamento e achamos uma trilha e Meg sai pulando do carro. Ela sai em disparada, cada centímetro de seu corpo irradiando felicidade por estar livre e correndo e seguindo seu faro. Queria poder virar um cachorro. Eu nunca vou ser tão feliz.

Está frio e minha respiração forma uma névoa. Alguém passou com um trator por esse caminho, e vejo cristais de gelo brilhando nos rastros dos pneus na lama congelada É bom estar ao ar livre, bom sentir o frio cristalino. Minha mente está ficando mais clara e alerta. Está tudo entrando em foco. As lembranças penetram em minha consciência, como o frio.

— Temos muito que conversar — diz Patrick, enquanto seguimos Meg. — Você precisa me contar o que aconteceu com a polícia e seu advogado. Espero que Danny tenha conseguido um bom.

Ele não parece muito zangado comigo, mas também não sou burro de achar que Patrick vai ficar supertranquilo com o que fiz. — Ele chamou o

Senhor Armstrong — digo. — Parece ser bom.

— O que diabos aconteceu? — ele pergunta. — Achei que você era uma testemunha, não um participante. De acordo com Penélope, você pode ter de enfrentar uma longa lista de acusações graves.

Suspiro. — Eu não sei, foi só... uma coisa que meio que levou a outra. Danny achava que eu devia contar à polícia. Estava deixando minha cabeça toda enrolada ficar calado. — Não que eu esteja me sentindo assim tão desenrolado agora, veja bem.

— O que veio primeiro? — ele pergunta. — Você disse que uma coisa levou a outra. Qual foi o primeiro passo nessa história?

Não sei bem o que responder. A resposta óbvia é a faca. A primeira faca. A faca que Arron disse que eu precisava por proteção. Se não fosse por aquela faca, eu não poderia tê-lo ferido. Eu não teria por que mentir. Tanta coisa teria sido diferente.

Lembro-me do dia em que ele me mandou carregá-la comigo. Eu pensei, sei lá, talvez apenas um instante e coloquei logo no meu bolso de trás. Minha maior preocupação era se ia me cortar quando me sentasse.

Mas talvez não tenha sido esse o início da história. Talvez tenha sido antes disso. Talvez a coisa toda tenha começado no dia em que decidi ignorar que Arron estava quase com certeza vendendo drogas na escola. Ou talvez tenha sido na primeira vez em que permiti que ele fosse ofensivo comigo sem reagir — me chamando de bonitinho, de gay — e decidi que toparia qualquer coisa contanto que a gente continuasse sendo amigo.

Talvez tenham sido todos aqueles dias, voltando até a primeira aula de introdução, quando eu não queria tomar minhas próprias decisões e perguntava a Arron o que fazer. Acabou que me habituei a deixá-lo pensar por mim. Nunca considerei que poderia fazer isso melhor por conta própria.

— Não sei — respondo. — Eu não devia ter dado ouvidos ao meu amigo.

— É mesmo? — diz Patrick. — Foi tudo culpa dele, então?

Talvez, penso, isso tudo tenha começado até antes de fazer amizade com Arron. Talvez tenha algo a ver com coisas que não consigo ainda entender.

Coisas que não têm nada a ver comigo. Decisões e eventos que aconteceram antes de eu nascer.

— Não — falo devagar. A verdade é fria, dura e tão escorregadia quanto o gelo rachando debaixo de nossos pés. — Não. A culpa foi minha. Foi a faca. O dia em que decidi portar uma faca. Achei que era por proteção, mas não pensei direito no que estava fazendo.

Patrick respira fundo e eu penso que ele vai gritar comigo. Preparo-me para a detonação, mas aí ele diz: — A vida é dura, não é? — e por um instante acho que vou conseguir só balançar a cabeça e dizer: — Sim — mas o que sai é uma voz fina, trêmula, dizendo: — Eles tentaram me matar, *Grandpère*. Eles enfiaram uma faca em mim. Eu estava sangrando... estava sangrando...

E ele me dá um tapinha nas costas e diz: — É assustador. — Aí Meg volta correndo e fica tudo bem de novo. Está tudo bem mesmo. Pelo menos neste instante eu me sinto ótimo.

De volta ao carro, falamos sobre a escola nova de Archie e o emprego novo de Louise e quais matérias do GCSE eu vou escolher. Patrick é estranhamente depreciativo em relação a Estudos de Mídia, embora eu ache que já tenho uma vantagem por ter crescido em cima de um jornaleiro.

Mas minha mente insiste em voltar a Alistair e o que ele disse sobre minha mãe, e como isso tudo se encaixa com todas as coisas novas que aprendi, além das coisas antigas que eu sempre soube.

Preciso de algumas respostas. Quero a verdade. Mas quem pode me contar a história toda? E como vou saber se é verdade?

CAPÍTULO 38

Família

A caminho da casa de Patrick e Helen, estou antevendo um período de paz e tranquilidade. Nada de som de baixo zoando minha cabeça, nada de vizinhos discutindo. Espaço. Tempo para pensar. Talvez me deixem levar Meg para passear. Ela pode até correr comigo. Talvez eu possa assistir filmes com Patrick, e vai ter um bocado de bom futebol na televisão.

Mas a entrada está cheia de carros — carros grandes e caros, carros com tração nas quatro rodas. Ao entrarmos pela porta, ouço um murmurinho de vozes emanando da sala de estar. Helen aparece com um sorriso largo no rosto e ouço a conversa diminuir de volume. Tem um monte de gente lá dentro, esperando por mim, eu sei. Helen olha para mim e imediatamente diz: — Vem, Ty, vamos levar suas coisas direto para cima. Você pode conhecer todo mundo depois.

Mas não encontro paz e tranquilidade no sótão tampouco. Virou um acampamento cheio de colchões infláveis e sacos de dormir multicoloridos. Archie está deitado na cama de ferro, assistindo a *O Senhor dos Anéis – Parte 1* a todo volume, e dois meninos estão pulando ao seu lado. Fico atordoado.

— Quando Nicki ligou, fiquei tão feliz — diz Helen. — Mandei todo mundo ficar para conhecer você. Estavam todos aqui para o Natal mesmo. É minha chance de apresentá-lo a toda a família, querido. Espero que Danny venha também. Vai ser uma grande reunião.

Ela está quase dando pulinhos de tão feliz. Ninguém diria que está apresentando o neto que está prestes a ir para a prisão ou recebendo de volta um filho ex-viciado. Gosto muito de Helen, mas tem alguma coisa nela que me deixa nervoso.

— Ah, hãã, legal — digo. — Ei, Archie.

— Ei — ele diz, pausando o DVD.

— Estes são Ludo e Atticus — diz Helen, indicando os dois meninos. Como ela consegue saber a diferença? Os dois têm cabelos pretos e olhos azuis e exatamente os mesmos narizes pequenos e as mesmas sardas. Eles têm cerca de seis anos de idade. São igualmente hiperativos e barulhentos. Algum boçal vestiu os dois em jeans e agasalhos azuis idênticos.

— Archie está na cama grande — diz Helen —, mas você pode ficar com a cama de cima do beliche, Ty. Tudo bem pra você?

— Sim.

— Por que você não guarda suas coisas e desce para cumprimentar todo mundo?

— Hãã... sim... tudo bem.

Ela me dá um abraço rápido — ela cheira a torta de carne e rosas — e um beijo. É totalmente esquisito, como receber um beijo de uma professora.

Sento-me na cama de baixo do beliche e Ludo e Atticus vêm correndo. — Olá — digo. Já me esqueci de qual é qual.

— Você é o Tyler? — pergunta um.

— Hã, sim.

— Uau! É você que sai por aí lutando com as pessoas? — ele pergunta. O outro menino faz uma cara séria e diz: — Mamãe disse que enfiaram uma faca em você.

— Hãã, sim — digo de novo. Estou para lá de nervoso de encontrar a família toda. Quanta gente cabe naquela sala?

— Uau! Podemos ver onde ela entrou? — pede um dos meninos.

Eu não sei o que fazer. Archie dá uma risadinha e diz: — Vai, mostra pra eles.

— Ah, hãã, está bem.

Puxo meu agasalho de capuz e minha camiseta e mostro a eles a cicatriz. Ela vai quase desaparecer com o tempo, me disseram, mas por enquanto

ainda está bem feia. Os dois meninos ficam impressionadíssimos. Um deles parece que vai enjoar.

— Desculpe — digo a ele.

— Eu estou bem — ele diz, mas suas sardas estão contrastando com sua palidez. Talvez não devesse ter mostrado.

O irmão dele voltou a pular na cama como se fosse um trampolim. Archie estrila: — Para com isso, Atticus! — e ele para por um instante e grita: — Você lutou com ele? Você tem uma faca? Você tem uma arma? Você é um bandido?

— Não — eu digo. — Escutem, hãã, Atticus, Ludo. Não é divertido ser apunhalado desse jeito. É muito melhor não se envolver com esse tipo de coisa, pra início de conversa.

Fico bastante orgulhoso por esse conselho tão maduro, mas o saltitante só ri e diz: — Eu teria apunhalado eles de volta no olho e na barriga e na bunda. — Archie bufa e diz: — Aah, olha só pra você, Ty, está tão responsável.

— Sim, sei — digo. — Como vão as coisas, Arch?

— Tudo indo — ele diz. — É bom estar de férias. Tenho conversado com a Zoe todos os dias pelo Skype. Vamos nos encontrar no Ano-Novo. Ela vai para Londres ficar com a tia dela.

— Puxa, legal — digo, embora só ouvir o nome de Zoe já faça com que uma dor aguda com forma de Claire percorra meu corpo inteiro.

— E a escola? — pergunto, mudando o assunto.

— Ah, você sabe. É uma bosta total. Um monte de monges *FDP* enchendo o saco o tempo todo. O "*FDP*" sai por extenso e vejo os meninos se entreolhando com os olhos arregalados.

— É que... Você não faz ideia do que é um colégio interno. Nada além de regras e regulamentos de *M.* — e ele não diz só "M", tampouco —, e dá no mesmo que estar na prisão. — Então ele cobre a boca com a mão. — Opa, desculpa.

De primeira, acho que ele está pedindo desculpas por usar palavrões diante das crianças. Aí percebo que não.

— Eu não queria... quer dizer, você ainda pode escapar dessa... não é?

Os olhos de Atticus e Ludo estão identicamente arregalados e colados em mim. Estou todo vermelho de constrangimento. — Sim, é — digo.

— O pai da Zoe é policial e ele diz que muitos casos nem chegam ao tribunal.

Eu paro para pensar nisso um pouco. — Você contou a Zoe?

Archie faz que sim. — Claro. Porque ela conhece você... e eu pensei... — Sua voz se apaga. Ele está vendo a minha cara. — Hããã... desculpa, vai — ele diz em uma voz fina e nem um pouco normal.

Zoe sabe que eu posso ser preso. Ela vai contar para todo mundo na Parkveiw. Isso quer dizer Brian e Jamie. Carl, Max, Sr. Hunt, Sr. Henderson. *Claire*.

Claire e Ellie e toda a família delas. Eles vão saber que posso ir para a prisão.

Ontem eu achei que tinha perdido a esperança de que Claire voltasse a falar comigo. Mas eu ainda guardei alguma esperança, afinal. Por que, se não tivesse guardado, o que foi que acabou de morrer dentro de mim?

Meus olhos estão desfocando. Sinto um som como um lamento agudo querendo sair pela minha boca e só consigo segurar apertando os lábios e respirando pelo nariz. Preciso sair daqui. Preciso achar um lugar isolado para me esconder e poder fazer o que preciso fazer sem me matar de vergonha na frente de hordas de novos parentes.

Eu me viro, saio correndo do quarto, desço as escadas aos pulos. Eles não parecem ter me seguido, mas só para o caso — preciso escapar. Rápido, Jesus, me ajude. Por favor, me ajude.

Chego até a porta da frente. Eu não vou fugir... só vou achar algum lugar privado. Mas a campainha toca e eu desvio de rumo. Atravesso correndo a cozinha vazia e entro na lavanderia. A lavanderia tranquila, aconchegante, quentinha. O barulho da máquina de secar vai abafar qualquer ruído.

Pego uma toalha recém-lavada e enfio a cara nela. Respiro seu perfume de Comfort, mas não adianta. O choro vem em ondas gigantes que fazem meu corpo todo estremecer. Meus olhos se inundam de lágrimas quentes, e é uma sorte ter a toalha para abafar o som, senão a casa inteira ia me ouvir uivando que nem um bebê. O que vou fazer? Vou ter que me esconder aqui para sempre.

Parece que se passam horas, mas finalmente meu corpo para de tremer. As lágrimas secam. Limpo o rosto com a toalha úmida e soluço algumas vezes. Devo estar horrível. Não posso ir lá fora. Não posso ver ninguém. Tem uma grande bolha assustadora de pânico no fundo da minha garganta.

Então vejo a pilha de roupas esperando para ser passada. Não teria nada demais, seria até bom. Ninguém vai se importar. Só uma camisa. Talvez duas. Para me acalmar. Ligo o ferro.

Posso ouvir a voz do meu pai no vestíbulo. Helen está tão feliz por ele estar aqui. Dá para perceber pela voz dela. — Ty está aqui — ela está dizendo. — Pobrezinho, ele parecia exausto. Está lá em cima com os meninos. Não quer subir e chamá-lo aqui para baixo?

Não ouço a resposta dele. Cuspo no ferro, como minha avó me ensinou, e a saliva ferve em bolinhas e desaparece com um chiado. No ponto. Começo com as mangas. O aspersor esguicha e o ferro suspira e corre pela manga suavemente como se fosse novo. Passo os dedos ao longo do tecido de algodão. É perfeito. Nada no mundo é tão perfeito.

Vozes mais altas. Helen está na cozinha. A torneira está ligada e ouço o som de uma chaleira se enchendo. Fico tenso. Rezo para que não me ache, mas ela está falando com alguém e andando pela cozinha, pegando xícaras e pratos. Passo para a outra manga.

— É tão bom conhecê-la finalmente — diz uma voz de mulher. Conheço essa voz. Quem pode ser? Não ouço a resposta de Helen.

— Ah, faz tempo — diz a mulher misteriosa. — Somos bons amigos há anos. É ótimo conhecer a família do Danny finalmente, preencher as lacunas.

Tess. É a tal da Tess. Do *ménage à trois*. A loura gelada. É ela. O que está fazendo aqui?

— É um sinal de que Danny realmente deixou todos os problemas pra trás — diz Tess. — Nos apresentando, construindo uma nova relação com Ty. Pobrezinho, ele passou por tanta coisa.

Ela está falando de mim? Ou do meu pai?

— É uma grande felicidade para nós ter o Ty de volta à família — diz Helen. Acho que ela vai ficar contente por eu passar as roupas para ela. Levanto a primeira camisa — macia, cheirosa, brilhando de branco — e pego outra.

— Deve ter sido devastador pra vocês — ronrona Tess — quando Nicki se recusou a permitir que o vissem. Que vingativa. Ela devia ter compreendido e até ficado grata por vocês pedirem sua guarda.

Faz-se um silêncio. Então Helen fala cautelosamente: — Então... Danny lhe contou sobre isso? Vocês devem ser muito íntimos.

Estou petrificado. Posso ouvir o sangue circulando em meu corpo, o pulsar do meu coração, a respiração em meus pulmões.

— Deve ter sido uma tortura pra vocês — diz Tess. — Saber que aquele menininho estava crescendo em um lar tão instável. Não se pode culpá-la, suponho. Ela estava doente. Foi horrível para o Danny... — Estou me esforçando para ouvir, mas então um estrondo abafa sua voz e só pego o final da frase — ...hospital.

— Vovó! Vovó! *Cadê* o chá? Quero bolo!

— Ah — exclama Helen. Toda a alegria se esgotou de sua voz. — Já estamos indo, Atticus, querido. Só espere o chá ficar pronto. Onde está Archie? E o Ty?

— Ty desceu — diz uma voz de menino. — Archie está assistindo *Senhor dos Anéis*. Archie é um bobo, vovó.

Tem um cheiro... um cheiro estranho... um cheiro ruim. Olho para a camisa. Oh, não! Não! Pressionei tempo demais no mesmo lugar. Tem uma marca marrom-cocô na camisa branquinha. Eu a queimei... arruinei...

destruí. As lágrimas voltam a brotar nos meus olhos. Não posso — não devo — voltar a chorar. Não por causa de uma camisa, pelo amor de Deus!

— Vá lá em cima e o chame, Ludo — diz Helen. — Danny deve ter encontrado Ty e trazido para baixo. Abra a porta pra mim, Atticus. Tess, querida, se incomoda de tirar os sapatos? Não gosto de salto alto no meu assoalho.

E elas saem. Já posso respirar. Mas quase que imediatamente ouço mais vozes. Meu pai. Helen.

— Onde diabos ele está? — ele está perguntando. — Ele fugiu de novo? Meu Deus, não dá pra desviar a atenção dele um minuto. Nicki disse que ele estava zangado por causa do Playstation, mas não achei que ele fosse desaparecer. Você disse que eu estava vindo? Onde ele pode estar?

Não posso me mover. Tudo está meio que abafado e devagar e eu preciso urinar, mas não consigo dar um passo.

— Danny — diz Helen —, essa moça... essa mulher... sua amiga. Ela parece saber de tudo. Cada detalhe do que aconteceu. Ela estava falando de uma maneira tão casual. Ela é... você estão...?

— Sobre o que foi que ela falou? — ele pergunta.

— Sobre o que ela não falou? — Nunca imaginei que Helen pudesse soar tão amargurada.

— Eu não entendo — ele diz. — Não sei como ela descobriu. Vou falar com ela e descobrir. Diga a ela pra não falar nada com Ty. Nicki e eu concordamos que seria melhor se ele nunca soubesse sobre... você sabe... quando tive de interná-la.

Internação. Já ouvi isso antes. Em “Casualty” ou “Holby” ou talvez em “East Enders”...

— Ah, Danny — diz Helen. — Acho que o Ty... acho que ele pode estar...

E ela deve ter apontado para a porta da lavanderia, porque de repente ele abre a porta e olha para mim como se eu fosse um fantasma.

— Ai, meu Deus — ele diz. — O que você ouviu?

Internação. Hospital psiquiátrico. É o que quer dizer. Quer dizer que ele a colocou em um asilo de loucos. Jesus Cristo! Ele a internou.

— O que você fez com ela? — pergunto devagar.

— O quê?

— Com minha mãe. O que você fez com ela? — Pequenos fragmentos estão voltando para mim agora. — O hospital. Patrick disse... ele disse... ela teve que ir... Ela odeia hospitais. — É só o que consigo pensar. Ela odeia médicos e hospitais. O que aconteceu com ela? Como ele pôde?

— Ela estava doente — ele diz. — Muito doente. Ela precisava de tratamento. Ela não tinha como cuidar de você. Ela estava lhe fazendo mal.

O quê? O que ele está dizendo? Eu seguro o ferro quente. Minha voz está engasgada na garganta. — Você não pode... não devia...

E levanto o ferro acima do ombro para jogar na cara dele.

CAPÍTULO 39

Helen

Lanço o ferro em sua direção com toda a minha força, mas ele ainda está conectado na parede. O fio estica e, por um instante terrível, penso que o ferro vai voltar direto em mim. Mas ele cai no chão. A tomada desconecta e chicoteia sobre meu ombro, acertando meu rosto ao passar.

— Aah... ai! — grito, segurando meu queixo.

Meu pai está olhando para mim. Patrick aparece atrás dele. — O que está havendo? — ele pergunta. Deve ter entrado na cozinha bem na hora em que perdi o controle. Lágrimas traiçoeiras estão ameaçando surgir de novo. Minha garganta coça, meus olhos ardem. Enfio as unhas no meu braço e mordo meu lábio.

Então Helen se coloca entre os dois homens. — Me deixem falar com Ty — ela diz. Seu tom de voz é calmo e gentil. — Danny, Patrick, vão para a sala um minuto. Está tudo bem agora. Ty só precisa de alguns minutos.

Eles saem. — Ty — meu pai começa, e eu levanto a cabeça e dirijo a ele o que espero que seja um olhar furioso. Mas não sei o quanto funcionou, pois estou me esforçando em manter a boca fechada e não deixar sair qualquer som embaraçoso. Não consigo ler sua expressão. Ele não é tão óbvio quanto minha mãe.

Enfim, ficamos só eu e Helen... Queria que ela fosse embora também. Ela pergunta: — Quer vir se sentar na cozinha? — e eu faço que não com a cabeça. Minhas pernas estão trêmulas e eu me encosto na máquina de lavar, vagarosamente me deixando escorregar até o chão. Termino sentado de costas contra a secadora. O som das máquinas inunda meus ouvidos. Estou segurando o queixo onde a tomada me bateu. Está latejando de dor.

Ela apanha o ferro e o guarda. Pega a camisa que passei e comenta: — Fez um bom trabalho. — Ela recolhe a tábua de passar e, percebendo a

marca de queimado, diz: — Não faz mal, já estava velha mesmo. — Ela é tão gentil. Só queria que me desse logo uma bronca e me deixasse em paz.

Ela se senta ao meu lado no chão frio de ladrilhos. Eu viro o rosto. — Ty — ela diz —, você sabe que eu fui professora por quase quarenta anos. Tem pouca coisa que eu não saiba sobre gente da sua idade.

Levanto os ombros. Não estou a fim de conversar sobre matemática do GCSE.

— Mas toda a minha experiência não me ajudou quando se tratou de criar meu próprio filho — ela continua. Não tenho nada para dizer. Conto as toalhas empilhadas ao meu lado.

— Lembro da Nicki quando ela tinha treze anos — diz Helen. — Sentada na última fileira, fingindo não prestar atenção, mas depois tirando nota máxima em todas as provas. Cheia de energia e forçando todos os limites que podia.

Leva um momento, mas acabo registrando. — Quer dizer que você foi professora da minha mãe? Ela disse... eu pensei... que eram todas freiras no colégio dela. — Talvez Helen tivesse sido uma freira. Mas não, ela não pode ter sido.

— Nem todas — ela diz. — Para algumas matérias, elas traziam professoras de fora. Julie mandou todas as filhas para a minha escola, mesmo sendo um pouco fora de mão para elas. Na verdade, falando nisso, eu dei aulas para a Julie também. Eu tinha acabado de me formar e ela era aluna minha do último ano. Eu era sua coordenadora. Foi assim que nos conhecemos. Quando ela se formou, eu queria alguém para me ajudar com meu primeiro bebê, então ela veio trabalhar para mim.

— Ah — digo. — Puxa. — Isso é totalmente bizarro. Como pode uma avó ter dado aulas para a outra? A imagem do Sr. Lomax, que ensinava matemática na St. Saviour e era absolutamente detestável, vem à minha cabeça. Engulo um riso nervoso.

— Nicki era a melhor em tudo. Além de uma estrela no atletismo também. Acho que nunca conheci ninguém tão competitiva quanto ela.

— Sim. — Ela conseguiu chamar minha atenção, embora eu esteja tentando disfarçar.

— A família inteira passou por maus bocados quando Mick, seu vovô, ficou doente. Ele teve câncer e não podia trabalhar. Julie ficou em frangalhos, tentando ganhar dinheiro e cuidar dele e das meninas ao mesmo tempo.

Ele era meu avô, penso, não meu vovô. E eu nunca o conheci, então é meio que injusto ela tê-lo conhecido.

— Nicki ficou revoltada. Ela vivia se metendo em encrenca. As freiras a julgavam uma má influência. Primeiro a suspenderam. No final, pediram a Julie para colocá-la em outro colégio. Eu fiz o possível, briguei por ela, mas não adiantou. Julie ficou tão triste. Foi na pior hora. Mick morreu um mês depois.

Minha mãe foi expulsa da escola? Eu nunca soube disso. Quando as pessoas falam de ela arrumar encrenca, sempre achei que eu era a encrenca que ela tinha arrumado.

— Fomos ao funeral. Foi terrível. Três meninas jovens sem um pai, a pobre da Julie aos prantos. Fomos para a casa dela depois do enterro. Foi tão triste para a Julie, viúva antes dos quarenta.

— Ah.

— Então, um dia, alguns meses depois, Danny não voltou para casa.

— Por quê?

— Nós não sabíamos. Ficamos preocupadíssimos. Ligamos para todos os amigos dele. Danny tinha muitos amigos, meninas e meninos. Especialmente meninas. O telefone nunca parava. Mas ninguém sabia onde ele estava.

— E ele estava... ele estava com minha mãe?

— Não. Eu liguei para Louise. Ela me disse que não o vira desde a morte do pai dela. Fiquei surpresa e preocupada. Não era típico do Danny sumir assim sozinho.

— Ah. — A porta range e ambos olhamos para cima. Meg entra na lavanderia, o rabo balançando, sorridente. Ela se enrola sobre meus pés com um enorme suspiro canino. Queria que Meg morasse comigo.

— Então recebemos uma ligação do Hospital Whittington. Danny foi encontrado inconsciente no Parque Waterlow. Ele havia bebido. Eles o colocaram deitado em um colchão no chão e o deixaram dormir. É assim que tratam os bêbados. Ele parecia um prisioneiro em uma cela. Foi triste. Eles o mantiveram lá três dias por intoxicação alcoólica. Não tínhamos a menor ideia do que havia acontecido. Por que ele havia feito aquilo. Ele não quis falar com a gente. Patrick ficou furioso — bem, você pode imaginar. Eu suspeitava que tivesse a ver com alguma garota, mas não fazíamos ideia de que uma garota era mais importante do que todas as outras. Digo, Danny era um adolescente normal. Ele namorava bastante, mas nunca tinha nos falado de ninguém em especial.

— Hã — eu digo. Não sei mais o que posso dizer.

— Eu costumava ligar sempre para a Julie para saber como ela estava. E Julie era uma boa pessoa com quem conversar — ela conhecia minhas meninas tão bem. Eu não queria falar sobre isso em meu círculo de amigas... era difícil...

Eu entendo. Ela podia falar para a minha avó que tinha um problema com o filho, mas não para suas amigas ricas, porque elas iriam menosprezá-la. Hum.

— Julie me disse que Nicki estava grávida. Ela estava fora de si. Não fazia ideia de quem seria o pai — Nicki não queria contar. Julie não sabia nem que ela tinha um namorado. Um aborto estava fora de questão — Julie era tão devota, ela ainda é? E Nicki já estava de quatro meses antes de contar. Parece tão irônico agora. Eu estava preocupada com Danny e ela estava me falando da Nicki e não fazíamos ideia... ideia alguma. — Ela sorri para mim. — Você deve achar que nós éramos umas tontas.

— Pensamos que talvez Danny estivesse preocupado com o vestibular. Na escola, ele não fez muito esforço. Ficou abaixo da sua média no GCSE, mas conseguiu notas razoáveis. Ele parecia não saber o que queria fazer da vida. Patrick sentou com ele, falou sobre as universidades. Talvez fosse um

erro, talvez devêssemos ter sugerido um ano de intervalo, mas tínhamos medo de que ele desistisse de vez de estudar e não fizesse nada da vida. — Ela balança a cabeça e sorri. — Achamos que podíamos ajudar. A única ideia na cabeça do Danny parecia ser sair de Londres. Então ele optou por Manchester e disse que ia estudar Direito. Não acho que estivesse realmente interessado. Estava fazendo isso só porque o seu pai e duas de suas irmãs fizeram também.

Ela para e olha para mim. — Nunca faça isso, Ty, querido. Nunca deixe que outras pessoas decidam por você. Descubra o que você quer por si mesmo.

Ela evidentemente se esqueceu de que terei meu futuro decidido por um juiz e um júri. — O que aconteceu depois? — pergunto logo, para que ela não se lembre.

— Danny desapareceu de novo. Uma manhã ele não estava mais lá — havia saído durante a noite. Fiquei louca de preocupação. Então recebi uma ligação da Julie. Ah, Ty, eu nunca fiquei tão chocada. Ela me disse ele tinha aparecido na casa dela. Ela achou que ele tivesse ido lá para ver a Louise, mas ele implorou para ver a Nicki. E eles se reconciliaram. Estavam apaixonados. Ty, nós não fazíamos ideia de nada. Tudo se encaixou, mas nada parecia fazer sentido. Fomos para a casa da Julie. Danny e Nicki nos desafiaram. Ficaram ali, de mãos dadas, dizendo que iam ser pais e iam arranjar um lugar para morar juntos. Eles eram tão novos. Ty, foi tão penoso. Nicki não parecia nem um dia mais velha do que quando eu lhe dava aula. E Danny... Danny sempre foi o bebê da família. Três irmãs mais velhas... ninguém o levava muito a sério. Foi... Patrick não reagiu nada bem, lamento dizer. E Julie também ficou com raiva do Danny. Não foi fácil.

Para mim, parece tudo um completo e absoluto pesadelo. Fico imaginando e substituindo Claire e seus pais por mamãe e vovó, com o Sr. Lomax no meio. Preferiria morrer. Meu pai devia ter se mandado o mais rápido que podia. Eu até sinto pena dos dois.

— Quando você nasceu, não havia dúvida de que Danny era seu pai — ela diz. Obviamente havia muitas dúvidas antes. — Você se parecia tanto

com minha filha Marina quando ela era bebê. E um pouco comigo, talvez.

Hã? Então eu parecia uma garota desde o começo?

— Tinha enormes olhos azuis — ela diz. Eu arregalo os olhos e mostro a ela. — Não, Helen, meus olhos são verdes.

— Os olhos das crianças mudam de azul para verde — ela diz. — Os olhos da Marina mudaram quando ela tinha sete anos. De qualquer forma, não havia dúvida de que Danny era o pai. Então Nicki tinha que dar conta da escola e de um bebê. Nós mandávamos dinheiro para Julie para que ela pudesse trabalhar menos e ajudar a cuidar de você. Danny — para surpresa geral — se compenetrou e enfiou o nariz nos livros, estudando para os A-Levels. Ele passava bastante tempo na casa delas, mas não era fácil. Julie era muito hostil. Às vezes a Nicki trazia você para nos visitar, mas estava sempre tensa — tão sensível — e se ofendia por qualquer coisa. Ela e Danny estavam ótimos um segundo, brigando no segundo seguinte. Foi uma época difícil.

Minha mãe não mudou muito.

— Danny terminou a escola. Nicki fez o GCSE. Não sei como conseguiu, mas ela tirou boas notas. Mas nem perto do que deveria ter tirado, Ty. Ela tinha tanto potencial. Eles estavam passando muito tempo juntos. Você era um bebê tão doce — realmente tão comportado. Todo mundo adorava você. Não sabíamos o que ia acontecer se Danny entrasse na faculdade. Achávamos que ele talvez fosse tirar um ano de folga, pedir transferência para uma faculdade em Londres. Então ele recebeu as notas. Tinha passado entrado na Manchester e eles anunciaram a todos que iam partir juntos.

— Ficamos todos horrorizados. Patrick tentou fazer Danny cair na realidade — tentou convencê-lo de que ele devia ir sozinho ou tirar um ano de folga, ganhar um dinheiro, tentar uma transferência para uma faculdade em Londres. Mas Danny consegue ser tão teimoso. Ele insistiu. Nicki estava desesperada para escapar da mãe. Julie vinha dificultando muito a vida dela. Danny provavelmente queria escapar de nós também. Quem sabe? Eles queriam ficar juntos, disseram. Queriam ser uma família. Ele tinha entrado em contato com a universidade e conseguido um apartamento de um quarto. Não havia o que discutir. Eles foram para Manchester com

você. Patrick os levou. Não havia espaço para Julie e eu no carro por causa das coisas todas — as coisas de bebê. Lembro tão bem daquele dia, do entusiasmo deles, de como Patrick estava... Eu me sentei e chorei quando vocês partiram, Ty. Eu simplesmente não via como eles iam conseguir dar conta.

Ouço vozes. Tem gente na cozinha. Gente zanzando. A voz de Archie falando: — Onde está Ty? Aonde ele foi? — Não quero que interrompam. Preciso ouvir a próxima parte da história.

— Eles não deram conta, não foi? — pergunto. Então alguém tosse. Tem alguém com a gente na lavanderia. Olhamos para cima.

— Eu continuo daqui — diz meu pai.

CAPÍTULO 40

Danny

— Vai embora — eu digo. Helen pensa que estou falando com ela. — Vou deixar vocês a sós — ela diz. Eu seguro em sua manga para impedi-la de se levantar.

— Não, você fica. Você me conta o resto. Não quero ele. Ele nunca me contou nada. Absolutamente nada. Você tem que me contar a história verdadeira.

Meu pai desliza até o chão. Não cabe mais ninguém neste quarto. Suas pernas compridas não têm para onde ir. Ele empurra o traseiro da Meg para abrir espaço. Ela se mexe, ainda dormindo, rosna suavemente e se espalha confortavelmente, deixando-o com ainda menos espaço.

Eu poderia chegar para o lado, suponho, mas aí teria que praticamente me sentar no colo de Helen. Fico onde estou.

— Tudo bem, mãe. Você fica. Não me importo que ouça isso.

Tem uma pequena parte minha que quer enterrar a cabeça em uma toalha, esconder-se dele e dela e da verdade e de tudo a ver com ela. Já tenho problemas mais do que suficientes e recentes em minha vida sem ter que exumar problemas antigos.

— Ty — ele diz. — Ty, foi tudo bem no início. Estávamos vivendo uma aventura. Gostávamos de ser independentes, de cuidar de você. Você era ótimo — fazia algo novo e diferente a cada dia. Era bom. Foi uma boa ideia.

Ele está olhando para Helen e eu imediatamente desconto a maior parte. Sei quando alguém está tentando fazer a mãe pensar que estava tudo bem. Faço isso o tempo todo.

— Eu estava tentando equilibrar os estudos, as novas amizades na faculdade e o trabalho — arranjei um emprego em um bar — e ficar com você e Nicki. Nem sempre era fácil. Nicki se sentia só e não tinha conseguido uma faculdade com creche, então estava entediada. Terminamos o primeiro semestre e viemos pra casa para o Natal e sentimos muito a falta um do outro. Eu fui para a casa da mãe dela no Natal e ela, a mãe da Nicki, não me queria lá. Ficamos felizes em voltar para Manchester.

Ele está olhando para mim agora. Não quero cair no seu encanto novamente, ser levado a enxergar as coisas do jeito dele, começar a acreditar nele. Preciso me manter à parte. Então me concentro nos ladrilhos do chão, que são grandes e vermelhos, e alguém teve que cortá-los pela metade para se encaixarem nos cantos.

— Mas então... eu não sei... as coisas começaram a dar errado. Nicki... ela enfiou na cabeça que eu não... não estava mais tão a fim dela. Ela ficou com ciúmes. Ela achava que era ela, que ela não era mais tão atraente. Achou que estava gorda. Ela começou a fazer dieta.

Tenho a impressão de que ele está escondendo alguma coisa. Suspeito de que minha mãe teve razões para ficar enciumada. De qualquer jeito, toda mulher pensa que está gorda. Elas sempre fazem dieta. Fico surpreso de ele não saber disso com toda a sua vasta experiência e seu *ménage à trois* e seus amigos famosos.

Archie enfia a cara por trás da porta. Seus olhos se arregalam quando nos vê sentados no chão. — O que está havendo? — ele diz. — Estou com fome, vovó.

— Sai daqui, Archie. — Meu pai e eu falamos ao mesmo tempo. Ele sorri para mim. Eu viro o rosto.

Helen diz: — Eu vou em um minuto, querido. — Archie sai. Ela olha para mim. — Ainda quer que eu fique? Talvez vocês devam passar um tempo juntos.

Eu nunca precisei de Helen antes. Eu já tinha mulheres demais na minha vida. Mas, neste momento, queria que ela ficasse.

Então eu digo: — Não, fica, por favor — e ela fica. Acho que meu pai não gostou muito.

— Ah, Deus — ele diz. — Onde eu estava?

— Você estava explicando por que mandou minha mãe para o asilo de loucos — respondo por entre os dentes.

— Ela simplesmente parou de comer, Ty. Eu não percebi de início. Ela meio que fingia comer ou eu chegava em casa e ela dizia que já tinha comido. Ela foi ficando cada vez mais magra. Eu não percebia, não sabia.

Bocejo. Quando ele vai chegar ao ponto?

— Então ela teve um resfriado. Ela ficou de cama, doente, e eu tirei uma folga das aulas e do trabalho para cuidar de você. Só então eu vi... pela sua aparência... eu tinha sido cego, eu não tinha percebido o que estava acontecendo. Eu fui burro. — Ele engole em seco e para. Fico espantado em ver lágrimas correndo por seu rosto.

— Você era muito novo — diz Helen. — Talvez seja melhor eu contar ao Ty o que aconteceu a seguir.

Ele faz um gesto, concordando. Ele está mordendo as costas da mão.

— Recebemos uma ligação do Danny — ela diz. — Ele chamou o médico da enfermaria da faculdade para dar uma olhada na Nicki. Ela tinha cortado demais a alimentação e estava doente. O médico disse que ela precisava de tratamento especial em um hospital. Ela não iria melhorar sem isso. Ele diagnosticou anorexia. Você chega a um ponto em que não tem volta, em que acaba se matando de fome. É uma coisa terrível, mas é muito comum em meninas adolescentes.

— Ah, sei — digo. Eu já ouvi falar em anorexia. Vi artigos sobre isso na revista *Cosmo*. Mas achava que meninas com anorexia pareciam esqueletos ambulantes. Não consigo imaginar minha mãe assim.

— Então foi por isso... por isso o hospital...

— Nicki estava se negando a comer — diz Helen. — E, de alguma forma, ela havia se convencido que você também precisava de uma dieta.

Danny levou você a um pediatra. Você estava definhando, querido. Estava abaixo do peso.

— Achei que iam colocar você em tratamento — diz meu pai. Sua voz está sem vida e triste. — Eu tinha que ligar para eles. Não sabia o que fazer.

“Eles” são Helen e Patrick, acho. Ele devia estar desesperado.

— Nicki não quis aceitar — ele diz —, acho que até hoje ela não aceita. Passamos o tempo todo em que você estava no hospital evitando o assunto, sem falar sobre isso. Suponho que ela conseguiu superar o transtorno alimentar a esta altura, mas ela não come muito, come? Louise diz que ela é uma anoréxica funcional.

É como olhar para aqueles espelhos de parques de diversões que deformam você e é tudo a mesma coisa, mas diferente. Minha mãe não tem transtorno alimentar — ou tem? Ela come um potinho de iogurte desnatado de manhã, faz um sanduíche e come a metade no almoço e a outra metade no jantar. Se ela come um pedaço de bolo ou batatas fritas, ela compensa no dia seguinte. Minha avó está sempre perguntando o que ela comeu, o que eu comi, enchendo nossa geladeira de comida. Eu aprendi cedo a pegar dinheiro da bolsa de Nicki para comprar o que precisava para mim.

Mas ela não é doente. Ela é tão bonita quanto qualquer celebridade. Não está doente e morrendo, não está em nenhum hospital e nem é uma doente mental precisando de tratamento.

— Ela teve de ser internada contra a vontade — ele diz — para ser tratada, porque não queria admitir... não queria aceitar... Sabia que ela nunca ia me perdoar. Nunca vou me esquecer de seu rosto... seu rosto... Enfim, eu liguei para a mãe dela e ela foi até Manchester ficar comigo e Nicki. Eu liguei para eles — ele inclina a cabeça para Helen — e eles buscaram você. Então eu simplesmente... eu...

— Ele desapareceu — diz Helen. — Cerca de um mês depois. Saiu do apartamento em Manchester, desistiu do curso. Não sabíamos onde ele estava e o que havia acontecido com ele. Não soubemos dele por dois anos.

— Eu sinto muito — ele diz na mesma voz desanimada, triste, e ela continua: — Esperamos um longo tempo para ouvir isso. Acho que devia

conversar com seu pai.

Sim, está bem. Isso com certeza não vai acontecer, eu penso, e aposto que meu pai está pensando a mesma coisa.

— É que... vocês estavam cuidando dele tão melhor do que eu podia. Até papai. Nicki deixou bem claro que nunca mais queria me ver. Eu estava... Eu não conseguia lidar com aquilo. Achei que ninguém precisava de mim.

— Sua irmã estava grávida — diz Helen. — O estresse de se preocupar com você quase a fez abortar.

Fico um pouco surpreso por ver que não são só minha mãe e minha avó que gostam de jogar a culpa de coisas que não têm nada a ver em cima da gente. Obviamente é uma característica feminina. Danny esfrega os olhos e diz: — Obrigado por essa.

— E o que aconteceu *comigo*? — pergunto, para lembrá-los da razão pela qual estamos tendo essa conversa afinal.

— Ah, você era um doce, era maravilhoso — diz Helen. — Nós levamos você ao médico e ele nos disse como alimentá-lo, como fazer você ganhar peso. Eu tinha que cozinhar com você, oferecer uma seleção de alimentos diferentes. Você era muito quieto de início. Sentia falta da Nicki e do Danny, é claro. Você não chorava, o que era estranho para um bebê começando a andar. Você era retraído, triste. Mas depois se acostumou com a gente. Patrick tinha acabado de se aposentar e assumiu a maior parte da tarefa de cuidar de você. Ele levava você para passear em Hampstead Heath. Ele tentava ensinar você a falar francês. Ele te amava tanto — era bom ver o quanto vocês gostavam da companhia um do outro.

— Ele dedicou mais tempo a você do que a qualquer um de nós — diz meu pai. Helen balança a cabeça em reprovação e diz: — Isso não é justo, Danny. Ele trabalhava muito antes.

— Para onde você foi? — pergunto, e ele responde: — Amsterdã, primeiro. Depois voltei para a Inglaterra, fiquei com amigos. Costumava viajar muito, ia a festivais. Aí formamos uma banda. Não lembro muito bem dessa época, para falar a verdade.

— Sua mãe recebeu alta do hospital — diz Helen. — E Julie veio nos ver. Ela exigiu que o entregássemos. Ficamos preocupados. Não sabíamos o que fazer. Não sabíamos como estava a Nicki, se ela poderia tomar conta de você direito. Danny não estava lá para lutar pelos direitos dele. Patrick falou em tentar ficar com a guarda, mas Julie disse que achava que o coração da Nicki iria se partir se não pudesse ficar com você. Ela prometeu que o traria de volta para nos visitar. Então deixamos você ir com ela. E elas nos excluíram. Eu ligava para a Julie, perguntando quando poderíamos vê-lo, mas ela dizia que não tinha como convencer a Nicki. Ela não queria arriscar a saúde da filha e não havia jeito de sua mãe permitir que você chegasse perto de nós. No final, Julie trocou o número do telefone, se mudou. Perdemos você. Graças a Deus Louise vinha nos ver de vez em quando, falava de você, nos trazia fotografias. Eu não sei quanto ao Patrick, mas foi o que me consolou. Ela costumava mandar fotos para você também, não é, Danny?

— Eu tirava as minhas próprias fotos — ele diz. — Eu costumava ficar na frente de sua escola, Ty, e tirava fotos com uma teleobjetiva. Como um *paparazzo*. Pensava em ir até você, dizer alô, mas nunca tive coragem.

— Você estava me espionando?

— Era o que eu podia fazer — ele diz.

Não estou nada impressionado. Até minha avó parece ter se comportado da pior maneira. Embora talvez seja melhor não julgar as pessoas até ouvir o lado delas da história.

De qualquer jeito, estou faminto, o que é meio que irônico, considerando as circunstâncias.

Fico de pé, acordando Meg, que começa a latir e pular e balançar o rabo bem no rosto do meu pai.

— Hã, obrigado por me contarem — eu falo.

— Talvez seja melhor não falar disso com a Nicki — diz meu pai, levantando-se junto com Helen. Levanto os ombros e digo: — Tudo bem. Helen, podemos comer alguma coisa agora? — Eu não sei por quê, mas ela está chorando e meu pai dá um grande abraço nela, então eu vou para a

cozinha e encontro Archie fazendo um enorme sanduíche de peru com maionese, picles e — esquisito — beterraba. Roubo a metade dele e procuramos na geladeira para ver se sobrou algum pudim de Natal.

Helen e meu pai continuam conversando na lavanderia — Deus sabe sobre o quê —, então Archie sugere levarmos o pudim e assistirmos ao resto de *Senhor dos Anéis* lá em cima. No caminho, Patrick nos intercepta e insiste que eu vá conhecer todo mundo. Então sou apresentado aos meus outros tios e tias, que estão todos sentados, tentando fingir que não estavam especulando sobre o que diabos estava acontecendo na lavanderia.

Tem a Marina, que trabalha na BBC e não se parece nem um pouco comigo, ainda bem. É uma mulher de cabelos escuros e óculos tenebrosos de armação preta e um rosto comprido de ângulos agudos. Ela é a que chamou os filhos de Ludo e Atticus, então é obviamente meio estranha. Ela tem um marido — cabelos e barba grisalhos, vestindo um suéter infeliz — chamado Robin.

Depois vem a Elizabeth, que ensina Filosofia na Universidade de Londres, e seu marido, George, jornalista. Por sorte, eles têm duas filhas pequenas, Mia e Evie, que estão fazendo um barulho infernal, então ninguém consegue me fazer qualquer pergunta e eu posso só sorrir e não dizer nada. Ignoro completamente a Tess, que está sentada em uma poltrona lendo *Country Life*. Ela parece totalmente entediada.

Então eu e Archie fugimos para o quarto. Temos que expulsar Ludo e Atticus da cama e trocar *Shrek Três* pelo filme seguinte de *O Senhor dos Anéis* — Archie faz uma imitação perfeita de Gollum dizendo “Meu preciosssso” —, mas explicamos gentilmente que *Shrek Três* é uma droga e eles não precisam realmente ver os últimos vinte minutos. Então eles veem nossas tigelas de pudim e descem correndo para pegar algum para eles também. Nós não contamos que pegamos tudo o que restava.

E ficamos só Archie e eu e acho que já o perdoei por falar com Zoe, afinal, vamos encarar a verdade, eu já tinha estragado tudo entre Claire e eu. Zoe é uma garota legal e talvez não conte nada.

— O que estavam falando tanto tempo? — ele pergunta com a boca cheia de pudim e eu respondo: — Eles estavam me contando umas coisas sobre

quando eu era pequeno e morava com Patrick e Helen.

Ele vira os olhos e diz: — Mas que droga, essa história toda de novo não. Eles estavam falando disso ontem, minha mãe e as irmãs dela. Coisa mais chata. Sua mãe teve que ser hospitalizada e então seu pai deu no pé, blá, blá, blá, blá, blá. Parecia um episódio de “Holby City”. Não sei por que todo mundo tem que falar de *você* o tempo todo quando sou *eu* que estou sofrendo no colégio interno.

Ele é uma anta, o Archie, e um chato, mas tem horas que eu gosto dele e até o acho engraçado. Por isso ainda estou segurando minhas costelas e rindo quando Patrick sobe para nos buscar.

— Está tudo bem aí? — ele pergunta, de pé à porta e franzindo a testa com suas sobrancelhas eriçadas, o que nos faz rir de novo. Ele diz: — Estou vendo que sim. Fico contente. Melhor descer agora, Ty, e se despedir do Danny e hãã...

— Tess — eu digo, seguindo-o relutantemente escada abaixo. Tess está se equilibrando em um pé enquanto calça o sapato. Danny está vestindo o casaco de couro. Estou começando a suspeitar que suas roupas não são tão molambentas assim. Acho que são desenhadas assim e são de grife.

— Ei — ele diz. — Tudo bem? Vejo você em breve. Se cuida.

Antes que eu possa me esquivar, ele me dá um abraço desengonçado, segurando-me pelos ombros e enfiando meu rosto no couro frio da jaqueta. — Estou partindo para Nova York de novo — ele diz. — Trabalho. A polícia diz que é mais seguro eu ficar fora do país.

— Por quanto tempo? — pergunto e ele levanta os ombros: — Quatro semanas, talvez mais. — Fico surpreso ao constatar que me sinto contrariado. Ele bagunça meu cabelo. — Vou sentir sua falta — ele diz.

— Tchau, *pai* — eu digo, deixando bem claro que Tess não está inclusa. Ela está ocupada demais bajulando Helen e Patrick para perceber.

Eles partem e já vou voltar a subir para me juntar a Archie quando a mãe dele aparece na porta da cozinha e diz: — Só um minuto, Ty; entre aqui.

Tento pensar em alguma maneira educada de dizer não, mas não consigo, então a sigo. Helen está lá, sentada com Marina e Elizabeth. Elas abriram uma garrafa de vinho branco. — Sente-se — diz a mãe de Archie, puxando uma cadeira para si e tomando um gole de Chardonnay. Eu obedeço. — Então — ela diz. — Você precisa nos dizer. Quem é essa tal de Tess? Quanto o Danny realmente gosta dela?

Abro a boca. Helen me abraça. — Tudo bem — ela diz. — Não precisa responder se não quiser. Danny tem três irmãs xeretas, pobre coitado.

— Não, tudo bem — eu digo. — Ela divide o apartamento com ele, é sua inquilina. Às vezes rola um lance, às vezes não. Mais não do que sim, mas, quando ela fica zangada, ele meio que... ele fica com ela para ela não ficar mais com raiva dele, acho. E ela trabalha na televisão.

Estão todas olhando para mim em silêncio.

— Então eles moram juntos? — pergunta a da BBC, Marina.

— Sim, mas tem outra inquilina também, uma moça chamada Lucy — digo. — E ele está... hããã... sabe... com ela também, mas a Tess não sabe. E acho que tem outra garota que é sua assistente e que ele pode ter... eu não sei... é o que a Tess disse...

Estão todas rindo. Até Helen. Sinto meu rosto ficando vermelho, mas aí Elizabeth diz: — Ah, muito obrigada, Ty. Estávamos tão preocupadas que ela tivesse enfiado as garras nele, mas pelo visto ele está a salvo se escondendo na multidão. — E de repente me sinto bem, é como estar em casa com vovó e mamãe e Louise e Emma quando elas estão esmiuçando a vida amorosa de alguém. As mesmas risadas, o mesmo cheiro de vinho.

— Não digam a ele que contei — peço, e a mãe de Archie diz: — Não se preocupe, não vamos afugentá-lo novamente. — Elas enchem as taças de novo e eu fujo para o sótão antes que possam perguntar alguma coisa sobre minha mãe.

Na verdade, fico até grato pela Tess ter vindo hoje. Estou me sentindo bem por várias razões.

Mas sei que as coisas não vão continuar assim, pois em apenas algumas semanas vou ter que enfrentar um tribunal e contar minha história.

CAPÍTULO 41

Anjo

Tem um anjo no telhado. *Caramba!* Está usando uma espécie de túnica comprida e parece brilhar através da névoa matinal. Não vejo suas asas, mas tem uma espécie de halo de raios emanando de sua cabeça reluzente. Eu me pergunto se alguém mais pode vê-lo. Talvez seja isso. Eu finalmente cruzei o limiar. Fiquei louco.

Está completamente parado. Ah, é uma estátua. Claro, eu sabia o tempo todo. Dã! E tem uma faca enorme — uma espada, na verdade — em uma mão e algo estranho — um saco? uma balança? — na outra. Ao descer do carro, eu deveria correr para a porta que alguém está mantendo aberta para mim. Mas, em vez disso, fico parado na calçada molhada, observando essa estranha criatura lá em cima. O anjo da morte.

Patrick me cutuca. — Vamos, Ty. Entra logo.

Este é o dia que eles não queriam que eu visse. Este é o dia em que eu tenho que contar a verdade. Toda a verdade. Nada além da verdade. Este é o dia do julgamento de Arron, Jukes, Mikey. Este é o dia da justiça para Rio e sua família. Eu sou a única testemunha que realmente viu o que aconteceu. É agora.

Não sei se vou conseguir. É tarde demais para mudar de ideia?

Minha mãe queria vir comigo, mas o bebê vai chegar em um mês e sua obstetra disse que viagens longas e estresse seriam má ideia. Parece que a pressão dela aumentou um pouco. Não sei se a pressão é para subir ou descer, mas acho que não deve ser bom pelo jeito que a vovó está paparicando ela. Meu pai ainda está em Nova York.

Então Patrick ficou com a tarefa de me acompanhar no carro da polícia de Birmingham a Londres. Eles nos apanharam às cinco da manhã, por isso ele teve que dormir no nosso apartamento — vovó cedeu seu quarto —, o

que foi uma experiência um tanto estranha para todos nós. Essa tem que entrar para o *Livro Guinness de Recordes Mundiais* como a frase mais eufemística da história. E agora ele está andando a passos largos ao meu lado pelos corredores forrados de madeira, explicando o anjo no telhado.

— Este é o Old Bailey — ele diz —, o Tribunal Central Criminal. A estátua representa a Senhora Justiça. Ele empunha a espada da punição e a balança da equidade. Tradicionalmente ela é representada com uma venda nos olhos, mas não neste caso. Eles não ensinam nada nas escolas hoje em dia?

O Old Bailey. *Nossa!* Como não me toquei que a gente vinha para cá? Este é o tribunal de que falam tanto na imprensa, na televisão. É só para os casos mais importantes. *Cristo!* É como se a estátua tivesse enfiado a espada em minha barriga.

Tem uma oficial de justiça nos mostrando para onde ir, uma mulher de cabelos grisalhos. Ela nos leva até uma sala pequena, bem iluminada, e me indica uma cadeira e uma mesa. — É ali que você vai se sentar enquanto estiver apresentando seu testemunho — ela diz. Tem uma câmera de vídeo em frente à mesa e uma tela de televisão. Não é nada especial, não uma grande tela de plasma ou nada assim. Ela coloca uma garrafa de água e um copo na mesa. — Não deve demorar — ela diz. — Eles dirão quando estiverem prontos para ouvi-lo.

Patrick me deseja sorte e diz que vai assistir na galeria pública. — Provavelmente não vou poder vê-lo, mas vou poder ouvir — ele diz. Quando ele sai, sento à mesa e tento pensar no que eu vou dizer, mas não consigo me concentrar de jeito nenhum. A única maneira de limpar minha mente é pensando em Claire.

— Tom — diz a mulher, interrompendo meus pensamentos, o que provavelmente não é tão ruim.

— Eu me chamo Ty — digo —, não Tom.

— Eles vão chamar você de Tom no tribunal. É para proteger sua identidade. E não haverá telas na sala do tribunal, então somente os jurados e os advogados poderão vê-lo testemunhando. O juiz e os advogados vão tirar as perucas para não intimidá-lo. Isso lhe foi explicado?

Sim, foi, e senti mais do que uma simples irritação na hora. Por que estão me tratando como um bebê? Leva muito mais do que alguma fantasia idiota para me intimidar. Já não provei isso? Huh!

Mas, ao mesmo tempo que o Detetive Morris me dizia isso tudo — ele foi falar comigo em Birmingham há algumas semanas —, ele também explicou que os advogados da defesa iriam atacar meu caráter, fariam parecer que eu sou um mentiroso, "alguém que fantasia, que tem uma imaginação fértil, que não é confiável". Ele não precisa me dizer que eu entreguei o jogo para eles em uma bandeja. Depois disso, eu meio que me esqueci dos detalhes sobre as perucas e meu nome.

De repente a tela se acende e vejo os advogados tirando as perucas e colocando-as em pequenas sacolas. Minha boca fica seca e meu estômago dá reviravoltas. Eu me sirvo de um copo d'água.

— Lá vamos nós — diz a mulher. Ela pergunta qual é minha religião e se quero jurar sobre a Bíblia ou se prefiro *afirmar* que estou dizendo a verdade. Não sei exatamente o que afirmar quer dizer nesse contexto, então resolvo jurar. Ainda acho uma maneira idiota e antiquada de fazer as pessoas prometerem dizer a verdade. Quase ninguém na Inglaterra acredita mais em Deus. Pelo menos não cem por cento. Eles deviam inventar um sistema novo. Se não, eles só podem acreditar nas pessoas mais velhas, padres e muçulmanos. Eles precisam de tecnologias novas. Algo como os detectores de mentiras que usam no show do Jeremy Kyle.

Ao dizer as palavras "a verdade, toda a verdade e nada além da verdade", minha voz afina repentinamente como voz de criança. Minha mão treme na Bíblia. Ótimo. Acabo de me humilhar diante de um tribunal inteiro cheio de gente que nem consigo ver.

— Bom dia, Tom — diz o primeiro advogado, e começamos. Lá vamos nós. Não tem como voltar atrás agora. Pelo menos, acho que não.

O Detetive Morris me disse que o primeiro advogado seria o mais legal. O mais gentil. É o promotor, o que quer mostrar ao tribunal o quanto sou confiável. Ele parece legal, penso. Mas ele parece achar que Arron era um vilão muito pior do que realmente era. Um cara grande, vendendo drogas na escola, assaltando e agredindo as pessoas e convivendo com gângsteres. É

como ler o *The Sun*. Você sabe que os fatos provavelmente são aqueles mesmo, mas tem algo estranho na maneira como são apresentados.

Ele me conduz através de todos os depoimentos que dei. Os envelopes de Arron na escola e o que eu achava que eram. O encontro com Jukes e Mikey em frente à loja. Arron me pedindo para ajudá-lo no assalto. Eu me recusando, correndo para o parque, assistindo a tudo.

E o que eu vi. Arron e Rio lutando. Jukes e Mikey empurrando, atrapalhando, jogando Rio para cima da faca. E como eles fugiram correndo. E como eu corri para chamar uma ambulância.

Então chegamos à parte mais difícil. A parte em que eu faço Arron fugir do parque. O promotor adota um tom neutro. — Você pode me contar, Tom, o que aconteceu quando você voltou ao parque?

— Fale com clareza, olhe para a câmera e fique calmo — foi o conselho que Patrick me deu no carro. Faço o possível. — Eu percebi que o garoto, Rio, estava morto. Eu sabia que, quando a ambulância chegasse, iam achar que foi o Arron. Eu não queria que eles... que eles pensassem isso. Eu mandei ele fugir. Ele não queria. Então peguei minha faca e o ameacei. Eu o agredi com a faca. Acho que o feri. Aí corremos para a casa dele.

— E você contou isso à polícia no seu primeiro depoimento?

— Não. Eu estava com muito medo e achei que não iam acreditar em mim... sobre tudo mais. Eu contei depois.

— Pode me dizer por que razão você confessou tudo à polícia depois?

— Hãã... teve um e-mail que eu escrevi. Para uma amiga. Eu estava me sentindo mal por não ter contado tudo à polícia. Então contei a ela que eu tinha mentido — mas só sobre essa parte e nada mais — e ela contou à polícia. Então eu contei também.

— Vamos deixar isso bem claro, Tom. Você mentiu para a polícia, mas somente sobre este único incidente?

— Sim.

— Você sabe a diferença entre verdade e mentira?

Não tenho tanta certeza se é simples assim. A verdade é mais complicada do que ele faz parecer. Mas eu digo: — Sim, sim eu sei. — O que mais poderia dizer?

Vejo o júri atrás dele. Doze rostos inexpressivos. Eles não entregam nada. Posso ver a juíza. Ela é loura e usa brincos gigantes. O promotor me agradece e se senta. A juíza pergunta se estou bem e faço um gesto de que sim. Ela chama o advogado de Arron. Estou segurando o fôlego. É agora.

O advogado de Arron é um sujeito magro, meio ruivo, e tem uma área calva na cabeça que tenho certeza de que preferia cobrir com a peruca idiota. — Bom dia, Tom — ele diz. Ele quer parecer simpático, mas não me deixo enganar.

— Você descreveria Arron Mackenzie como seu melhor amigo? — ele pergunta.

— Bem... ele era. Na época, sim. Agora, não.

— E você acha que os amigos devem sempre contar a verdade um para o outro?

— Bem... sim — respondo, sem saber aonde ele quer chegar com isso. Talvez seja sobre como Arron mentiu sobre a venda de drogas na escola.

— Qual é a profissão do seu pai, Tom? — ele pergunta.

Levanto a cabeça. Não posso contar isso a ele. Meu pai vai testemunhar contra Jukes. Eles já sabem detalhes demais de sua vida.

— Deixe-me refazer a pergunta, já que parece estar lhe causando alguma dificuldade — diz o advogado, com um sorrisinho irônico. — Você se recorda de dizer ao seu amigo Arron Mackenzie diversas vezes que seu pai era um advogado que trabalhava para times de futebol, incluindo o Manchester United, Arsenal e Tottenham Hotspur?

Ah, droga. — Hãã... sim... mas...

— E ele é um advogado que trabalha para o Manchester United, Arsenal e Tottenham Hotspur?

— Hãã, não. Mas eu não queria... não queria...

— Você sabe realmente a diferença entre verdade e fantasia, Tom? — ele pergunta, sorrindo por de trás de seus óculos com armação de casco de tartaruga.

Sinto meu rosto quente e vermelho. — Sim.

— Que bom — ele diz. — Vamos voltar ao seu depoimento.

A história de Arron é completamente diferente da minha. De acordo com Arron, encontramos Jukes e Mikey no boliche, conversamos um pouco e não os vimos mais naquele dia. O advogado de Arron cita um monte de coisas que foram realmente ditas, mas ele muda alguns trechos, dá outro sentido, deixa de fora partes essenciais.

Eu fico calmo. Falo claramente. — Não, não foi bem assim — digo. — Não, não foi assim que ele falou.

De acordo com Arron, ele e eu éramos para ter nos encontrado no parque, na área de recreação. Ele estava andando pelo caminho, indo ao meu encontro, quando Rio pulou na sua frente. Rio o ameaçou com uma faca. Arron procurou por mim. Eu não apareci para ajudá-lo. Ele entrou em pânico. Estava sozinho.

— Você estava vendo tudo isso acontecer, não estava? — pergunta o advogado.

— Eu estava assistindo, mas não foi o Rio que pulou na frente do Arron, foi o contrário.

— Seu amigo estava lutando com uma pessoa que o atacou com uma faca e você não foi ajudá-lo? Mesmo estando armado também?

— Eu... Foi tudo muito rápido. Eu achei que não tinha nada que eu pudesse fazer. Eu vi o sangue e corri para chamar uma ambulância. — É a verdade, mais ou menos. É o que eu fiz. Mas eu não conto que eu gelei, aterrorizado, suando e tentando não urinar na calça. E que, quando consegui me mover, eu fugi e só pensei na ambulância enquanto corria.

O que eu teria feito se soubesse que essa era a história de Arron? Eu teria mentido para ajudá-lo? Por que ele está protegendo Jukes e Mikey?

O que é mais importante, a verdade ou a amizade?

— Então você deixou o local onde estava escondido, abandonando seu amigo que estava lutando pela vida na lama, e correu na direção noroeste; a direção de sua casa, certo? — ele pergunta.

— Sim... não... quer dizer, eu não estava indo para casa. Eu estava indo chamar uma ambulância para eles... para o Arron.

— É mesmo? — ele pergunta.

— Eu parei o ônibus e pedi que chamassem uma ambulância e corri de volta. Eu sou rápido, eu corro muito rápido. Eu não demorei muito.

— Quando você voltou, quando achava que a ambulância estava a caminho para ajudar a salvar a vida do seu amigo, do seu melhor amigo, deitado na lama e sangrando, o que aconteceu?

— Eu mandei o Arron correr, fugir dali.

— Você disse ao Arron que ele devia fugir? Depois de chamar uma ambulância para salvar sua vida? — Ele faz parecer impossível que alguém possa acreditar em qualquer coisa que eu diga.

— Eu não queria que a polícia o pegasse. Não queria que pensassem que tinha sido só o Arron e não o Mikey e o Jukes também.

— Você achou que era mais importante esconder-se da polícia do que conseguir atenção médica imediata para seu amigo?

— Sim, para ele, não para mim, para ele. Não tinha sido culpa só do Arron, mas, se encontrassem ele com o corpo, ia parecer que ele tinha agido sozinho.

— Se achassem vocês dois com o corpo, ia parecer que os dois tinham agido juntos, não ia?

Esta ficando difícil permanecer calmo. — Eu não... eu não estava... aquilo não tinha nada a ver comigo.

— Seria absolutamente de esperar que você se sentisse culpado, Tom. Você falhou com seu amigo, não falhou? Se tivesse agido antes, talvez a coisa toda pudesse ter sido evitada.

A juíza interrompe. Ela diz ao advogado de Arron que ele está passando dos limites. Pergunta se estou bem. Eu tomo um grande gole de água. — Sim — respondo.

— Você se sentiu mal e culpado e implorou que Arron fugisse para não ser encontrado na cena do crime?

— Não, não foi assim.

— Arron estava disposto a ficar com o corpo, não estava? Ele teria dito à polícia e ao pessoal da ambulância exatamente o que tinha acontecido. Como Rio o atacou. Você o fez fugir, não fez?

Minha voz sai sussurrada. — Sim... mas... — Eu paro, porque é verdade que eu estava me sentindo culpado e com medo — como me sinto agora —, mas foi Arron quem atacou, não Rio, e eu estava tentando ajudá-lo quando o cortei com a faca.

Deus, somos todos tão burros. Somos todos culpados. Qualquer um de nós podia ter morrido. Qualquer um podia estar testemunhando.

Então ele começa a falar do meu e-mail. O e-mail para Claire. E ele destrincha cada frase, uma de cada vez, mas a frase à qual ele volta o tempo todo é “Sou um mentiroso. Estou mentindo para a polícia”. Eu tento explicar, mas ele fala tantas vezes que eu acabo falando rispidamente: — Você já repetiu o bastante. Eles entenderam o recado.

— Sim, realmente — ele diz, sentando-se.

CAPÍTULO 42

O Ponto Fraco

O advogado de Mikey é o próximo. A história de Mikey é simples. Ele não estava nem perto do parque. Ele estava em casa, vendo televisão. O Ponto Fraco, para ser mais preciso. Eu sou um mentiroso, um mentiroso, um mentiroso.

O advogado dele escolhe a parte da minha declaração em que eu digo que Mikey pode ter dado um dinheiro para Arron, que talvez tivesse a ver com drogas, e brinca um pouco com isso. Que imaginação a minha! Eu passava muito tempo sozinho no meu quarto? Olhando as pessoas da janela? Inventando histórias sobre elas?

Pequenas mentiras fazem um grande mentiroso. Ele não chega a dizê-lo, mas é o que quer dizer.

O suor escorre pela minha nuca. Já bebi toda a água que puseram para mim e preciso urinar. Estou inquieto na cadeira, esfregando a testa. Está tão quente aqui dentro. Parece que estou aqui desde sempre.

O advogado de Mikey se senta. Alguém diz alguma coisa sobre o tribunal... não consigo ouvir direito... — Todos de pé! — alguém grita, e todos os advogados se levantam. A tela se apaga.

— Hora do lanche — diz a oficial de justiça. — Eu vou trazer uns sanduíches. Você pode usar o banheiro, se precisar. Fica bem em frente, mas você precisa avisar ao policial aí fora aonde você vai e depois voltar imediatamente. Você não pode comentar nada sobre o caso com ninguém.

Ando vacilante até a porta, passo pelo policial de guarda, entro no banheiro e me tranco em um cubículo.

Parece que só se passaram uns cinco minutos quando alguém bate à porta. — Ty? — É a voz do Patrick. — Ty, você precisa vir agora. Eles vão começar de novo em alguns instantes.

Eu encosto a cabeça na parede do cubículo.

— Vamos, Ty. Vai ficar tudo bem.

Respiro fundo. Abro a porta. Patrick está olhando o relógio.

— Patrick, eu não consigo... não consigo... ele estava dizendo...

Mas Patrick balança o dedo e diz: — Você sabe que não podemos falar sobre nada. Você precisa voltar pra lá agora antes de a juíza entrar. Preciso voltar para a galeria também. Joga uma água no rosto. Isso. Assoa o nariz e vejo você depois.

Ele vai embora e eu volto para o quartinho abafado. Sento-me à mesa. A tela volta à vida. Vejo os advogados conversando, mexendo nos papéis. Então ouço dizerem: — Todos de pé — e eles se levantam. A juíza voltou. Começa tudo de novo.

O advogado de Jukes é um homenzinho gordo de barba preta. Ele tem um largo sorriso no rosto e olha para mim como se tivesse acabado de entrar em uma confeitaria e eu fosse um sonho de chocolate coberto de granulado. Está esfregando as mãos.

— Boa tarde, Tom — diz ele. — Vamos falar sobre o que você viu no parque.

E repassamos tudo mais uma vez. Ele tenta me pegar nos detalhes — quem estava onde, quem fez o quê a quem e quando.

É difícil me lembrar exatamente do que falei antes e algumas vezes ele vence. — Mas, desculpe, Tom, você não disse que o Senhor White estava à esquerda do Senhor Mackenzie quando você estava falando com meu estimado colega, o Senhor Belweather? Isso não é verdade?

— Hããã, sim... quer dizer, não... quer dizer, bem, isso meio que depende de que ângulo se estava olhando para eles.

E assim vai. Ele me faz contar cada detalhe novamente sobre a faca e o golpe que desferi e como eu queria que Arron fugisse.

Então ele diz: — Essa sua acusação contra meu cliente, isso tem a ver com uma longa rixa ente suas famílias, não?

Hein?

— Hãã, não. Eu não sei do que está falando — respondo.

— Desde que sua mãe obteve uma medida cautelar contra o tio do meu cliente, Christopher Richardson, há nove anos.

— Eu não sei nada sobre isso — retruco, e é totalmente verdade. Eu não sei nada sobre qualquer medida. Mas estou pensando — minha nossa! Chris, o bombeiro, tio do Jukes? — e Deus sabe como está minha cara agora.

— Tem certeza? — ele pergunta. — É a verdade o que queremos agora, Tom, não uma de suas histórias.

— Sim — eu digo. — Tenho certeza. Tenho absoluta certeza de tudo o que lhe disse.

— Absoluta certeza? — ele repete em tom sarcástico. De repente, eu não aguento mais. Empurro a cadeira para trás e fico de pé. Puxo a camisa para fora da calça e levanto o máximo que posso. — Por favor, sente-se! — diz a juíza. Mas não estou ouvindo. Viro de lado para mostrar minha cicatriz para a câmera.

— Por favor, sente-se! — diz a oficial de justiça, mas eu estou gritando: — Isto é o que ele fez, o seu cliente! Foi assim que ele tentou calar a minha boca. E Alistair foi morto e eles machucaram a minha avó. Eles jogaram uma bomba em minha casa. Por que fariam isso se estou mentindo? Você me diga!

Achei que o advogado de Jukes ficaria zangado, mas ele está sorrindo como se eu tivesse acabado de lhe entregar um presente de Natal. — Excelência — ele diz —, uma questão de direito surgiu que eu gostaria de discutir sem a presença do júri.

Eu sento de volta na cadeira. Estou tremendo. Levanto o copo para beber água, mas minha mão está tremendo tanto que derramo um pouco na camisa. Posso ver a oficial de justiça balançando a cabeça.

O júri sai. A juíza diz: — Tom, permaneça sentado enquanto estiver testemunhando, por favor. — Então a tela fica escura.

A oficial de justiça está estalando a língua para mim, mas ela enche meu copo de novo e diz: — Olha, querido, acalme-se e coma seu sanduíche. Não é bom ficar sem comer e vai ser uma tarde longa. — Então engulo algumas mordidas de presunto gorduroso e pão seco e tomo alguns goles de água e imagino o que está acontecendo na sala do tribunal.

Eles demoram anos. Noventa minutos depois, a tela se acende de novo. Minha animosidade está tão morta quanto as fatias de porco no meu sanduíche. Só o que quero é que termine logo. Eles podem falar o que quiserem de mim. Eu não me importo mais.

A juíza manda o júri ignorar meu rompante, “que não é relevante às suas deliberações.” Ela me avisa: — Tom, você entendeu o que eu disse? — Faço que sim. Não aceito nem por um segundo, mas não vou discutir.

Ela acena para o advogado de Jukes. — Prossiga — E ele continua.

Quando termina, acho que finalmente acabou, que fiz a minha parte. Terminou. Mas então o primeiro advogado se levanta novamente. O promotor. E ele começa tudo de novo. Talvez eu fique aqui para sempre. Talvez eles me interroguem de novo e de novo e de novo.

Ele está falando sobre verdade e mentiras, me perguntando o que me ensinaram na escola. Pergunta sobre ir à igreja, sobre o que a Igreja católica ensina sobre mentir, me fazendo dizer: — Sim, eu sei a diferença entre verdade e mentira. Com certeza.

— A medida cautelar mencionada pelo meu estimado colega, você não sabia sobre ela? Sabe do que se trata?

— Posso adivinhar — respondo. — Quando eu era pequeno, minha mãe teve um namorado que bateu em mim e depois bateu nela. Talvez seja ele, o tio do Jukes.

— Você sabe o seu nome? — ele pergunta, e eu digo: — Ele se chamava Chris e era bombeiro hidráulico. É tudo o que sei.

Então ele me pergunta de novo sobre o momento em que eu e Arron fugimos. O que posso dizer? — É muito difícil pensar na hora quando tem alguém morto — eu digo. — Eu fiz a coisa errada. Sinto muito.

E parece que é isso. A luz vermelha da câmera se apaga, a tela fica preta. Eu fico sentado ali, olhando para as minhas mãos em cima da mesa, imaginando o que vai acontecer agora. Esperamos para ver se Arron vai ser considerado culpado ou não? A tela vai ligar novamente? Então a porta se abre e Patrick entra. A oficial de justiça nos entrega a um policial, que nos leva até uma porta onde tem um carro da polícia nos esperando. Ao partirmos, olho para cima para ver o anjo — a Senhora Justiça — de novo, mas é alto demais. Não consigo vê-la deste ângulo.

No carro, Patrick me diz que fui bem, exceto pela hora em que mostrei minha cicatriz. — Você quase conseguiu abortar o julgamento inteiro — ele disse. — Quando o júri saiu, o advogado de defesa argumentou que você tinha tornado impossível um julgamento justo para o cliente dele. Ainda bem que você parou onde parou.

— Eu não queria parar.

— Eu sei, mas tem hora e lugar para tudo. De qualquer forma, o veredito deve demorar ainda uma ou duas semanas. Essas coisas levam tempo e eles têm muitas provas a considerar ainda.

— Ah, sim.

— Ty — ele diz. — Sobre a medida cautelar... o namorado da Nicki...

Eu balanço a cabeça em negativa. Não quero falar disso. Mas não consigo deixar de pensar se Nathan talvez estivesse errado. Talvez não fosse por causa da minha mãe que Jukes queria me envolver na gangue dele. Ou talvez fosse por causa dela, mas por uma razão diferente. Vingança.

Patrick está olhando para mim e está com uma expressão preocupada. Tão preocupada que chega a doer olhar para ele. Olho pela janela, mas as gotas de chuva escorrendo pelo vidro me impedem de ver Londres. É como se as ruas estivessem chorando.

— A declaração do Arron omitiu sua agressão a ele — diz Patrick. — Ele está se apresentando como vítima do Rio. Talvez seja demais esperar que o júri acredite que ele estava sendo coagido por você também. Um garoto grande e alto como ele. Favorece a ele dizer que a ideia de fugir foi sua,

mas ele quer ter certeza de que acreditem que todas as suas feridas foram infligidas pelo garoto que supostamente o atacou.

— Como ele estava, o Arron? — pergunto.

— Cabisbaixo — responde Patrick. — Ele olhava para baixo a maior parte do tempo. A mãe dele estava sentada à minha frente e ele só olhou para ela duas vezes.

— As irmãs dele estavam lá? Duas meninas?

— Não. Havia um irmão, acho. De qualquer forma, ele vai responder por homicídio culposo no mínimo. É só questão de saber se os outros dois vão responder junto com ele. A melhor chance dele é que o júri acredite que Rio foi o agressor — tudo depende do que o júri vai pensar de você —, e se tem alguma prova que corrobore sua versão, Ty.

Meu maior medo no mundo costumava ser que Arron deixasse de ser meu amigo. Eu costumava me preocupar com as coisas mais bobas, como me xingarem e não ser escolhido para os times na escola e o que faria se tivesse que admitir que meu melhor amigo não gostava mais de mim.

Nunca pensei que seríamos inimigos. Ele deve me odiar agora que tentei demolir sua história diante do tribunal.

Mas por que Arron não mudou sua história? Por que não contou à polícia que eu o feri? Ele poderia ter desviado um pouco da atenção para cima de mim, confundido o júri, me feito parecer um assassino em potencial também.

Não consigo pensar em uma razão. A não ser que talvez Arron ainda seja meu amigo, afinal.

CAPÍTULO 43

Irmão

Patrick está me falando de sua casa na França e do vilarejo que tem uma *pâtisserie* e uma *boucherie* e uma *école primaire* e uma *église*. É tão reconfortante quanto um de meus testes de vocabulário na escola — sempre entre meus melhores momentos —, e posso sentir o bate-estaca do meu coração desacelerando e o gosto horrível da bile se dissolvendo na minha boca.

Quando caio no sono, sonho que estou comendo pão e queijo franceses e estou andando por uma rua de um vilarejo francês e me sentindo seguro e livre e normal de novo.

É um choque brusco quando ele me sacode e diz: — Acorda, Ty. Hora de acordar — e me lembro que minha casa é em um espigão em Birmingham, não um chalé na Provença.

Estou tremendo no elevador e ansioso para vovó fazer meu jantar e uma xícara de chá. Mas quando chegamos à porta da frente está tudo escuro e silencioso. Ninguém responde quando tocamos a campainha.

Começo a bater na porta. — Onde elas estão? O que está havendo? — pergunto, tentando não pensar no que estou pensando. Mas por que alguém iria atacá-las quando já é tarde demais? Quando já testemunhei?

A não ser que não seja mais com este julgamento que estejam preocupados, mas com o próximo. *Cristo!* Onde elas estão?

— Calma — diz Patrick. — Estou certo de que tem uma explicação. Onde está sua chave? Seu celular?

Mas eu não trouxe minha chave. Está no bolso do meu jeans, no chão do quarto. E me esqueci de carregar o celular. Continuo batendo na porta, gritando seus nomes, pensando em todas as coisas que as pessoas me disseram — os Whites e seus amigos estão todos presos agora, não tem

risco de intimidação a testemunhas, não tem por quê, pois a polícia chegou na cena do crime tão rápido que viram a faca na mão de Jukes — e eu sei que mentiram, todos mentiram. Ah, meu Deus, eles mentiram...

A senhora do apartamento vizinho sai e diz: — Pelo amor de Deus, quer parar com essa barulheira? Não vai encontrá-las aí. Elas saíram de ambulância há umas três horas.

É verdade. Eu tinha razão. Acho que vou desmaiar.

— Elas estavam... estavam vivas? — pergunto, e ela olha para mim com pena e diz: — Pelo que pude ver.

— Havia sangue? Elas foram atacadas? A polícia veio? — Minhas palavras saem em pequenos surtos. Ela fica um pouco confusa e diz: — Eles devem tê-la levado para a maternidade, não acha?

— Ah! — exclama Patrick. — Vamos, Ty — e nós corremos de volta ao elevador enquanto tento me lembrar em que hospital minha mãe era para ter o bebê. Minha cabeça deu branco. No fim, Patrick tecla alguma coisa no seu GPS e me mostra uma lista de hospitais e eu escolho um que me soa familiar. E partimos.

É só quando estamos entrando na maternidade que me bate. Meu Deus, esse bebê é real! Isso é gigantesco. Nunca mais as coisas serão como antes. E eu mal pensei sobre isso.

Patrick vai falar com a mulher no balcão. Não ajuda nada eu não me lembrar de que nome estamos usando em Birmingham. Fico ali balbuciando: — Pode ser Andrews... ou Ferguson... ou talvez Webster... — porque minha mãe vinha falando em colocar o sobrenome do Alistair no bebê. A mulher olha para mim como se eu fosse um retardado. Estou suando.

Ela indica a sala de espera. Têm algumas pessoas lá, mulheres usando véus, um sujeito grande e tatuado andando de um lado para o outro. Vai ser difícil conversar ali. Fico perto da porta, tentando falar com Patrick.

— Vamos sentar — ele diz. — Ela vai ver o que está acontecendo. Não deve demorar.

— Não... é que... Patrick...

Uma das mulheres de véu está olhando para mim. — O que foi? — ele pergunta.

— É que... olha, talvez eu não devesse estar aqui. Talvez eu devesse ir para sua casa? Podemos descobrir depois.

Patrick põe a mão no meu ombro. — O que está lhe preocupando?

— É que... eu provavelmente só vou atrapalhar quando tiverem um bebê para cuidar. — E ele vai chorar dia e noite, e quem pode culpá-lo? E tem as fraldas e o vômito... Como alguém pode achar uma boa ideia ter um bebê? Dá no mesmo adotar um gambá.

Patrick parece bem compreensivo, então eu continuo: — Talvez eu devesse... talvez eu devesse ir morar com vocês?

— Elas vão precisar de sua ajuda — ele diz, e não sei se está dizendo isso porque não me quer. — Além disso, você vai começar as aulas na semana que vem, não vai? Você já perdeu muitas aulas.

Isso não me anima muito. Minha mãe me levou à escola nova há algumas semanas para encontrar com o diretor do décimo ano. Embora ele fosse bem simpático e tenha sido até legal escolher minhas disciplinas específicas do GCSE (francês, espanhol, EF e Estudos de Mídia, que são todas boas; infelizmente inglês, matemática, religião e ciências são obrigatórias), a escola era grande e barulhenta, o que fez com que eu me sentisse pequeno e retraído. Ele me deu material para estudar em casa e devo começar na segunda-feira. Venho tentando me esquecer disso.

Respiro fundo. Então a mulher volta e chama Patrick para conversar com ela no corredor. Ouço-a falando alguma coisa sobre o bebê... um bebê... e não consigo ouvir mais porque de repente o volume do meu sangue circulando nos meus ouvidos aumenta estupidamente. Parece o mar rugindo, e meu coração está explodindo dentro do peito. As mulheres de véu estão olhando para mim e balançando a cabeça e uma delas dá um tapinha na minha mão e diz: — Não se preocupe, vai dar tudo certo. Sua amiga vai ficar bem — o que é tão completamente embaraçoso que saio correndo da sala, colidindo direto com Patrick, que está retornando.

Ele pega meu braço e descemos o corredor juntos. Deixamos a maternidade e saímos na noite fria e estou tremendo de novo. — Ty — ele diz —, a Nicki... Ela não está muito bem. Sua pressão subiu perigosamente, e eles tiveram que fazer uma cesariana de emergência. Ela está dormindo agora. Acho que foi bom não sabermos o que estava acontecendo.

Eu me encosto nele e ele segura meu braço e me leva até um banco. Eu me sento, aconchegado em seu casaco de tweed, respirando fundo. Então me lembro: — E o bebê? — pergunto.

— Ela está bem. Está em Cuidados Intensivos, mas só por precaução. Podemos ir vê-la agora. Julie está com ela. Você está bem? Vamos.

Patrick me conduz por umas escadas até uma ala — uma ala cheia de bebês e pequenos berços transparentes. Parecem todos pequenos demais para estarem sozinhos no mundo sem suas famílias. Tem uma enfermeira cuidando deles, mas não é a mesma coisa. Por alguma razão, eles me fazem pensar em Arron. Não quero pensar em celas.

Só um bebê, bem no final da fileira, tem uma mãe com ele. A mãe está... urgh... está dando de mamar para ele. Grotesco! Espero que minha mãe não esteja pensando em fazer isso. Deus, não consigo nem pensar.

Patrick me conduz até um canto onde só tem quatro bebês. — Lá está ela — ele diz, e vejo a minha avó. Corro para abraçá-la, mas então paro a meio passo.

Ela não pode me abraçar. Está segurando um embrulho enrolado em um cobertor branco e vejo um rostinho rosa e um chumaço de cabelos pretos. Dou um passo para trás, me sentindo um bobo. Por que ela não pode deixá-la no berço como os outros bebês?

— Parabéns, Julie — diz Patrick. — Isso traz de volta algumas lembranças. — Lembro-me de como minha avó mentiu e me roubou deles e é como se tivesse eletricidade no ar, crepitando e estalando e esperando explodir. Mas minha avó só faz sorrir e dizer: — Uma coisa eu posso dizer, minha Nicki só me dá netos lindos.

Então seu rosto se contorce todo e ela praticamente joga o embrulho em meus braços e colapsa em uma cadeira, quase uivando de tanto chorar.

Grandes tremores percorrem seu corpo. Estou paralisado. Nunca vi minha avó chorar.

Patrick tira um lenço branco do bolso e passa para ela. — Ela ficará bem. Sua Nicki é uma verdadeira guerreira, Julie, ela vai ficar bem. Agora se acalme. Não queremos acordar todos os bebês.

— Achei que ela fosse morrer — diz vovó. Estou gelado por dentro. Mas então ela diz: — Eu não tive escolha — e Patrick diz: — Nós sabíamos e nunca culpamos você — e eu entendo que estão falando do passado.

Dou uma olhada no embrulho em meus braços. Os olhos de Alistair me fitam. Ela tem os cabelos espetados de Alistair. É o rosto de Alistair olhando para mim de dentro do cobertor branco, e não sei se vou conseguir conviver com isso todos os dias.

Olho desesperado para Patrick. Estou silenciosamente implorando a ele que tire o embrulho de minhas mãos, me deixe escapar, fugir, nunca mais ver esse bebê de novo. Ele capta meu olhar e enruga a testa. Então ele diz, e é uma ordem: — Estica a língua para fora.

— O... o quê?

— Estica a língua e dê a ela alguns minutos.

Eu ponho a língua para fora. Os olhos de Alistair se fixam em mim. O choro da vovó está amainando. Ela me olha surpresa.

Então a boca do bebê se contorce. Uma ruga infinitesimal se forma na sua testa e a ponta rosa de sua pequena língua aparece por entre os lábios.

É espantoso! Inacreditável! Ela é tão pequena, só uma bolinha na verdade, e ainda não pode fazer nada, mas ela pode olhar para mim e me *copiar*. Uau! Minha irmã é muito esperta. E eu pisco e posso ver que ela não se parece tanto assim com Alistair, afinal. Ela tem os olhos azuis acinzentados da mamãe e as bochechas com covinhas da vovó.

— Ela já tem nome? — pergunta Patrick, e vovó dá uma enorme estremecida e diz:

— Alyssa. A-L-Y-S-S-A. Não me pergunte por quê. Nem nome de santa é. Mas seu nome do meio vai ser Maria, como minha mãe, o que é um certo

consolo, acho. Devolve ela aqui, Ty. Como você está, meu querido? Você comeu alguma coisa?

— Não — respondo. Não quero largar Alyssa ainda. Eu cheiro o cabelo escuro dela. Tem odor de fumaça e ferro. É estranho e não é o que esperava. Entrego-a de volta a vovó, que a aconchega contra o peito e diz: — Então, minha queridinha, o que achou de seu irmão? — Um pouco de vômito sai do canto da boca da Alyssa.

— Como está a Nicki? — pergunta Patrick, e os olhos da vovó transbordam de novo. Mas ela diz que os médicos acham que ela vai ficar bem e está tudo estável e ela deve acordar em algumas horas.

— Talvez Ty pudesse ficar com vocês alguns dias — ela diz. — Não quero que ele fique sozinho naquele apartamento e eu tenho que ficar aqui. Vou ligar para a Emma, pedir que volte por algumas semanas, mas até lá...

— Nós vamos cuidar do Tyler, não se preocupe — diz Patrick. — Mas não estamos em condições de dirigir tanto a esta hora da noite. Se puder me dar as chaves, ficarei com ele no apartamento esta noite. Aí poderemos visitar a Nicki de manhã.

Vovó vai chorar de novo, posso ver, e eu não aguento mais, então eu a beijo e digo adeus a Alyssa. Alyssa me olha nos olhos novamente e eu sinto uma espécie de onda de admiração de que alguma coisa pode ser tão pequena e tão ciente. Minha irmã. Minha irmã, Alyssa.

— Minha mãe vai ficar bem, não vai? — pergunto a Patrick ao sairmos do hospital, e ele diz: — Estou certo de que vai. Parece que agiram bem a tempo.

Minha mãe vai ficar bem. Ela tem que ficar. Eu não vou nem pensar que ela pode morrer.

Estou totalmente focado em Alyssa. A vida dela está apenas começando e ela já perdeu o pai. Ela nunca vai poder reencontrá-lo como eu reencontrei o meu pai. Ele se foi para sempre.

Ela vai precisar de um irmão maior muito bom. Ninguém vai machucá-la, nada de ruim vai acontecer com ela. Ela vai sempre me ter para cuidar dela.

Posso não ter me saído muito bem até aqui, mas agora sou o irmão mais velho e vou ter que ficar bem mais esperto.

CAPÍTULO 44

Conectado

Os olhos de Arron estão cheios de ódio. “Foi sua culpa que isso aconteceu comigo”, eles estão dizendo. “Você me traiu.”

Deslizo o *Daily Mail* por cima da mesa de volta para a vovó. Não quero ler. Basta saber que Jukes e Mikey foram considerados culpados de homicídio. A juíza teve que ordenar uma medida especial para que os jornais pudessem publicar o nome de Arron porque o caso era tão sério. Sua foto saiu na página sete do *Daily Mail*.

Estão todos presos na Instituição para Jovens Infratores. Arron não vai sair por anos e anos e anos. Será que ele vem atrás de mim quando sair?

Vovó folheia as páginas. — Havia mais provas contra ele do que a gente imaginava — ela diz. — Tem muita coisa aqui sobre a gangue deles. Quem imaginaria que Arron iria se meter em uma coisa dessas? Terrível. E eles foram filmados por uma câmera de vigilância entrando no parque. Não espanta que o júri tenha acreditado em você. Eles sabem a diferença entre um rapaz honesto que nem você e um bando de rufiões.

— Sim, certo — eu digo.

— Olha, tem uma entrevista com os pais do menino, os pais do Rio. Eles dizem que têm muito que agradecer a você.

— Eu leio depois, vovó. Tenho muito dever de casa para fazer.

Ela coloca o jornal na minha frente e me beija na testa. — Leia agora. Você devia se sentir orgulhoso. Não precisa passar o tempo todo fazendo dever de casa, querido. Você está estudando desde as cinco da manhã. Eu vi a luz ligada em seu quarto quando vim fazer a mamadeira da Alyssa. Vou preparar uma xícara de chá para você.

Ela coloca a chaleira para ferver e eu olho o jornal. A foto da família de Rio. As palavras saltam das páginas. *Coração de Ouro. Cultura das Gangues. Inglaterra Destroçada.*

A mãe de Rio diz que ele era um menino bom de verdade. Ele amava sua música. “Ele só se meteu com as pessoas erradas.”

Então vem a parte que vovó marcou com caneta. “Devemos tudo ao menino que contou a verdade sobre o que aconteceu aquele dia. Se não fosse por ele, nosso pobre filho morto teria sido tachado de criminoso.”

Deixo o jornal de lado. Vovó me traz o chá quente. Eu mexo com a colher, observando as bolhas subindo enquanto o açúcar se dissolve. O chá gira na xícara. — Não é verdade, vovó, o que dizem no jornal — digo. — Rio tinha uma faca também. Ele não foi apenas uma vítima inocente.

E ela se senta à minha frente e diz: — O que aquela família está passando, eu não consigo nem imaginar. Agradeço a Deus todos os dias por você estar vivo. Somos todos pecadores, Ty, mas isto não quer dizer que não podemos tentar fazer a coisa certa. Tenho certeza de que vai dar tudo certo hoje, Ty. Tenho certeza de que eles vão entender que você é um bom menino.

Alyssa começa a chorar e vovó corre para pegá-la antes que minha mãe acorde, então não preciso conversar com ela sobre o que vai acontecer hoje. Pego minha xícara e volto para meu quarto, no qual montei uma escrivaninha onde ficava a televisão e preguei uma grande planilha com as matérias do GCSE na parede.

Eu me tornei um geek. Descobri que você pode se perder no dever de casa do mesmo jeito que no Playstation ou Xbox. Não é tão emocionante, claro, e não tem graça nenhuma, mas tem a mesma sensação confortável de se isolar do mundo e — melhor ainda — das coisas que rolam dentro da sua própria cabeça. Ninguém pode criticar você por isso, os professores me acham incrível, mamãe e vovó estão perplexas, mas estão encantadas também.

É uma ótima maneira de fazer com que ninguém se interesse demais por você, que é exatamente o que quero neste momento. Especialmente hoje.

Mas agora estou com dificuldade em me concentrar totalmente no estudo de inglês (estamos estudando uma peça — *Está Lá Fora um Inspetor*. Algo irônico, considerando as circunstâncias). Eu estou olhando para o nada, roendo as unhas e imaginando o que vai acontecer até o fim do dia. Imaginando se vou me sentir melhor ou pior.

Então ouço a voz da minha mãe me chamando e vou até a sala, onde vejo que meu pai chegou. Ele está sentado no sofá com Alyssa nos braços e está soprando com a língua entre os lábios, fazendo um barulho ridículo. Ele parece ridículo.

— Oi, Ty — ele diz. — Como vão as coisas?

— Você viu o jornal, querido? — pergunta minha mãe. Fico contente de vê-la mordiscando um pedaço de torrada. Ela está bem agora, minha mãe, totalmente recuperada, mas está pálida e cansada o tempo todo e não está muito atraente e nem se parece mais com uma celebridade, só está muito magra. Como eles dizem nas capas de revista, esquelética. Compro chocolate para ela às vezes, mas ela nunca quer comer.

Eu me preocupo muito com ela. Não ajuda nada o fato de ela estar preocupada comigo.

— Eu li — respondo. Então, mudando de assunto: — Talvez tenha que passar na biblioteca. Não consigo estudar direito aqui. Claro, seria diferente se tivesse um laptop. — Dirijo um olhar expressivo para meu pai, vendo se ele entende o toque, mas ele está olhando Alyssa nos olhos e dando a ela o dedo para chupar. É um pouco irritante.

— Provavelmente não vai dar tempo — diz minha mãe. Ela larga a torrada pela metade no prato. — Que tal um iogurte, Nicki? — pergunta vovó. Mamãe recusa com um gesto. — Tem certeza de que o advogado não precisa ir com vocês? — ela pergunta ao meu pai.

— Ele disse que não — responde meu pai, olhando para ela. — Ele disse que seria só rotina. Como antes, quando lhe deram voz de prisão, Ty, só que desta vez vamos saber do que estão lhe acusando. Com sorte, não haverá acusação alguma. Vamos. Vamos acabar logo com isso.

Lá vamos nós. Meu grande dia na delegacia. Hoje eles vão me acusar. Minha mãe não conseguiria segurar essa onda, então meu pai vai comigo. Vovó ficou um pouco chateada. Ela é quem sempre tem que assinar os papéis quando eu me apresento e não está acostumada a ter meu pai se intrometendo.

— E depois talvez a gente possa conversar sobre o batizado — ela diz. Vovó e mamãe tiveram várias discussões sobre o batizado de Alyssa. Mamãe está tensa porque os pais de Alistair concordaram em vir. E vovó não está muito feliz por meu pai ser o padrinho.

— O que tem para conversar? — ele pergunta, e vejo a testa dela se enrugar. — Você só precisa dizer "Sim, alguma coisa" quando perguntam se você acredita em Jesus e tudo mais. Eu me lembro do batizado do Ty. Você tem que renunciar a Satã. Não é nada demais.

Não é que eu seja religioso nem nada, mas eu vou decidir exatamente no que eu acredito e no que eu não acredito muito antes de qualquer um me pedir para participar de um batizado.

— Hora de ir — minha mãe diz rapidamente, antes que minha avó possa abrir a boca, e então me abraça forte. Não olho para o rosto dela. Eu não gosto quando minha mãe chora.

Entramos no carro do meu pai — ele tem uma BMW e tivemos que andar quilômetros até onde ele estacionou. Ele parece não ter a habilidade do Patrick de conseguir a pessoa certa para vigiá-lo — e ele me leva até a delegacia.

Entramos, e eu digo alô para o policial atrás do balcão. Eu o conheço de vezes passadas. Ele é legal. É simpático. Torce pelo Aston Villa. Minha boca está seca e eu me sinto um pouco tonto. Normalmente eu só assino meu nome e vovó também assina, mas desta vez ele nos pede para esperar. Então esperamos. Começo a pensar em como voltar ao assunto do laptop de novo, mas me distraio me perguntando se é o medo que está me dando dor de barriga ou se vou ter que correr para o banheiro.

— Como vai a Tess? — pergunto ao meu pai após um tempo, pois é educado perguntar a ele sobre sua vida, especialmente se vou convencê-lo a gastar uma tonelada de dinheiro na PC World.

Ele faz uma careta e fecha o indicador contra o polegar. — Hã, bem, eu... nós... nós brigamos. Feio. Ela admitiu que olhou as minhas coisas, todos aqueles papéis e fotos e tudo. Ela não tinha esse direito.

— Ah — digo. — Sei. Isso é hãã... é uma pena... — *Sim!* Se não fosse pelo problema da polícia, eu estaria quase feliz.

— Eu costumava precisar da Tess, uma pessoa tão forte, para me manter... me manter na linha. Mas não é mais o caso — ele diz.

— Ah, entendo. — Ele parece meio triste. Perdido. Preocupado.

— É bom que você vai ser o padrinho da Alyssa — digo para animá-lo.

— Você acha? — ele pergunta.

— Sim. Você vai poder tirar fotos legais dela, apresentá-la a celebridades, comprar coisas para ela, como laptops. — Ele parece não entender a indireta.

— Pode ser — ele diz. — Sinto-me culpado por ela. Foi só porque ela perdeu o pai que eu voltei a ter contato com você. Se Alistair não tivesse morrido, se o garoto, Rio, não tivesse morrido, nada disso teria acontecido. Ainda seríamos estranhos um para o outro. Eles pagaram o preço para estarmos juntos.

É estranho levar uma conversa dessas com alguém que deveria ser mais velho e mais sábio do que eu. Ele nem parece ser meu pai. É como falar com Archie ou Brian, só que ele é um pouco mais inteligente e tem uma moto legal e uma BMW e conhece a Cheryl Cole.

— Eles não pagaram o preço — eu falo para tranquilizá-lo. — Não podemos voltar no tempo e não podemos saber como as coisas teriam sido diferentes. Talvez Alistair fosse atropelado por um ônibus. Talvez Louise tivesse me dito para procurar você. Ninguém pode saber.

— Está tudo conectado — ele diz. — Causa e efeito.

— Não — retruco. — Não temos que nos sentir culpados porque algo de bom nos aconteceu. As coisas não são tão conectadas. — Eu sou bem convincente. Quase acredito em mim mesmo.

Então o policial aparece e diz que podemos entrar agora.

CAPÍTULO 45

Vamos Começar a Festa

Deve ser muito chato ser policial. Na televisão são sempre perseguições em velocidade e lutas e a solução de assassinatos. Mas na verdade é muita burocracia e chá fraco e escritórios sem janelas e repetir as mesmas frases surradas sobre prender você e ter o direito de permanecer calado e tudo poder ser usado contra você em um tribunal e blá, blá, blá, blá, blá.

Até o sargento da custódia finalmente chegar ao ponto de me dizer do que estou sendo acusado, estou quase caindo no sono.

Então ele começa a discursar sobre a Lei das Armas Ofensivas de 1953 e eu entendo que estou enfrentando duas acusações por porte de faca. E é isso.

Nada de obstrução da Justiça. Nada sobre esfaquear Arron.

Tem um sorriso enorme no rosto do meu pai quando ele pergunta ao sargento sobre as outras acusações pendentes e ele diz que a promotoria decidiu não proceder. Fico um pouco confuso sobre o porquê — afinal, eles têm a prova de um crime e a confissão de outro —, mas não sou eu quem vai dizer a eles como devem trabalhar. Enquanto ele assina os papéis e pega os detalhes sobre quando tenho que me apresentar no tribunal, estou ainda tentando absorver a notícia, entender o que significa. Não chego muito longe.

Estamos liberados para ir embora. Voltamos para o carro. Meu pai se vira para mim. — Fantástico! — ele diz. Está sorrindo, eletrizado. — Que resultado! Melhor eu ligar para o Senhor Armstrong.

Ele liga para o advogado e depois para minha mãe. Aparentemente, essa é uma boa notícia. Melhor do que qualquer um esperava. Mas ela é boa até que ponto?

Voltamos para o apartamento — eu sugiro pararmos na PC World no caminho, mas ele diz: — Olha, se você precisa mesmo de um laptop, eu vejo isso pela internet — o que é encorajador, mas não é definitivo. Vovó e mamãe estão sorridentes e felizes e parece que ninguém percebe que estou meio para baixo. Estão todos ocupados demais falando que poderia ter sido muito pior e que é muito pouco provável que eu seja preso porque sou tão jovem e nunca fiz nada de errado antes.

Estão convenientemente se esquecendo do fato de que vimos no noticiário há poucas semanas o Primeiro-Ministro pedir a promotores e juízes que mandassem mais jovens para a prisão por porte de facas. Ele falou sobre repressão, sobre ruas mais seguras, sobre medidas mais duras.

— Facas são inaceitáveis — ele disse —, e nós temos que fazer tudo o que está ao nosso alcance para impedi-las. — É difícil discordar. Se eu soubesse que aquela faca no bolso significaria ir para a prisão, provavelmente não a teria colocado no bolso. Quase com certeza.

Vovó está ligando para Emma na Espanha, e meu pai está no celular com a mãe de Archie, quando minha mãe põe a mão no meu braço.

— Você está bem, Ty? — ela pergunta. — Você não parece muito feliz. É uma boa notícia, querido, de verdade. Melhor do que a gente podia esperar.

Bato com a palma da mão aberta no tampo da mesa. Minha avó deixa cair o telefone com o susto. Meu pai diz: — Desculpe, Pen, eu ligo depois.

— Não é uma boa notícia — eu grito. — Como pode ser? Ainda posso ir para a prisão. Vocês sabem disso!

— Mas não por tanto tempo — diz minha mãe, procurando me acalmar. — Eles retiraram as acusações mais sérias.

— O Senhor Armstrong disse que devem ter percebido que não poderiam proceder sem uma declaração do Arron sobre a agressão — diz meu pai. — Ele declarou que não fazia ideia de que você tinha chamado uma ambulância. Ele achou que você estava correndo pra pedir ajuda. Não mencionou sua faca.

— E o e-mail não tem mais muito peso depois que você serviu como principal testemunha da promotoria. Todos eles, Jukes, Mikey e Arron,

estão apelando suas sentenças. Processar você seria como abrir as portas da prisão.

— Sim, mas... mas... eu ainda fiz aquelas coisas, não fiz? Ainda é verdade. Ainda tenho que conviver com o que eu fiz. E nada vai fazer isso ir embora, não importa o quanto estejam comemorando.

— Ty, querido — começa minha mãe, mas aí Alyssa começa a chorar e ela vira os olhos e diz: — Lá vai ela de novo. — Vejo vovó e meu pai trocando olhares, o que não fazem com frequência.

Então encolho os ombros e digo: — Vou fazer meu dever de casa — e meu pai diz: — Vou ver o laptop para você, não se preocupe.

Vou para meu quarto e, em vez de sentar para estudar, deito na cama. Vou ter que ir a julgamento de novo. Algum juiz vai decidir o que vai acontecer comigo. Eu abri mão do meu direito de tomar minhas próprias decisões. Nunca entendi o quanto isso é precioso.

Então meu celular vibra em meu bolso.

Deve ser Archie. Ele é a única pessoa que me liga. Não estou a fim de lidar com seu entusiasmo borbulhante neste momento, então resolvo desligar. Mas seu nome não aparece na tela. *Arron?,* eu penso, e meu coração da um salto doloroso. — Alô? — sussurro no celular.

— Joe? Ty? — diz uma voz, e não posso acreditar. Não acredito que é ela. É Claire. Claire está me ligando. É Claire!

— Claire? Como conseguiu meu número? Você está bem? Claire? — Estou tentando não parecer esperançoso demais, mas sinto um sorriso enorme e bobo se abrindo em minha cara e minha mão está toda suada, segurando o celular tão apertado que periga ele sair espremido.

— Com a Zoe... com o Archie... Joe, era você nos jornais, não era? O julgamento... vi um artigo no jornal do meu pai...

— Sim, era eu.

— É o que pensei — ela diz. Não sei dizer pela sua voz se ela me perdoou ou não. Eu duvido. É coisa demais para perdoar.

— Claire, eu sinto muito — digo. — Eu liguei para Ellie. Estava preocupado que estivesse se cortando de novo. Achei que podia ajudar. Foi... Parecia a coisa certa a fazer.

O tom de voz da Claire é alto e suave, mas tem uma força que nunca deixa de me surpreender. — Eu fiquei com raiva — ela diz —, mas não mais. Você fez a coisa certa. Eu precisava de ajuda. Ellie falou com meus pais e eles falaram comigo e eu tive que admitir o que estava acontecendo. Eu tinha começado de novo. Eles estão me mandando para uma conselheira. Ela é irritante, mas não estou mais me cortando. Sério, Joe, pode acreditar em mim.

— Então está ajudando? Falar com a conselheira? — Mamãe tem sugerido que eu também busque um aconselhamento. Vovó acha que devo falar com o padre na igreja dela. Até o momento, venho resistindo a ambas.

— Acho que sim. É bom conversar com alguém de fora da minha família. Mas eu preferia falar com você. Você... você é a pessoa com quem tenho mais facilidade de conversar.

Quando alguém está se sentindo tão péssimo há tanto tempo quanto eu estou, é estranho quando você começa a se sentir melhor. É como se aquecer após um longo passeio no frio. Estou todo formigando. — Obrigado, Claire — digo, quase sussurrando no telefone.

— Ellie disse que você não teria ligado se não se importasse — ela diz. — Você sabia que eu poderia nunca mais falar com você, mas você se importava tanto que ligou assim mesmo.

Obrigado, Ellie, penso, e digo: — Eu me importo com você, de verdade.

— Os jornais disseram que você fez toda a diferença no julgamento.

— Claire, eu mandei meu amigo para a prisão. Ele vai ficar lá por um longo tempo.

— Ele matou uma pessoa. Ele merece estar na prisão.

— Eu me sinto mal — digo — pelo meu amigo. Sinto que eu devia — eu podia — tê-lo impedido. Ele não devia estar na prisão. A culpa foi minha.

Claire bufa. De um jeito que só ela sabe fazer. — Mas isso é a maior besteira, não é? — ela diz. — É como quando eu me sentia culpada porque Ellie estava em uma cadeira de rodas e eu não. Seu amigo fez o que fez. A escolha foi dele. Ele estava em uma gangue e se armou com uma faca. Ele ameaçou alguém com a faca. Ele brigou e matou uma pessoa. Agora ele está preso e você...

— Ainda posso ser preso — digo. — Eles me acusaram por portar uma faca. Duas vezes. Eles podem me mandar para a prisão. Você não vai querer saber de mim, então.

É isso. Falei. Coloquei tudo às claras.

— Pode ser — ela diz. — E isso é ruim, mas não vai ser para sempre, vai? Veio um sujeito aqui na escola na semana passada falar sobre como ele se envolveu no crime, como estragou tudo. Você podia fazer algo assim no futuro. Quando for um atleta de primeira, você pode ser um exemplo e ensinar às crianças como evitar problemas.

— Sim... certo... pode ser... — digo. O alívio que sinto por ela não me odiar, por ela me entender, é fantástico.

— Não *pode ser* — ela diz. — Decida isso agora e você vai ficar bem. Nós vamos ficar bem.

E eu estou meio rindo e quase chorando, porque é tão bom falar com ela e saber que ela acredita em mim. Que ela consegue ver um futuro que eu não achava que eu tinha.

Então conto a Claire sobre Alyssa, como ela é bonitinha, e sobre minha escola nova e como é fazer o GCSE. Ela me conta que se juntou ao clube de teatro e que tem um pequeno papel em *Romeu e Julieta* e que ela já não está tão ligada em *Crepúsculo*, mas acha que eu devia ver o filme.

— Claire — eu digo —, meu pai vai comprar um laptop para mim. Vamos ter uma conexão de internet.

— Baixe o Skype — ela diz. — Eu posso ir à casa da Zoe usar a conexão dela. Peça ajuda ao Archie. Estou no Facebook e podemos conversar online... e você tem meu número agora. Vai ficar tudo bem. Poderemos ficar em contato o tempo todo.

Então ela diz que tem que ir, pois sua mãe está chamando. Diz que vai me ligar de novo e diz que me ama. Ela me ama. E eu digo que a amo também, então desligamos e eu me certifico de que guardei seu número antes de me deitar de novo, repassando nossa conversa repetidamente na cabeça.

Fico ali deitado um bom tempo, pensando. Sobre tudo o que ela disse. Sobre o passado e sobre como todas as partes se encaixam. Sobre Arron. Sobre amizade e amor, verdade e traição. Será que consigo corresponder à fé que Claire tem em mim? Será que consigo assumir o controle do meu futuro?

Começo a remexer nas minhas coisas e encontro o conjunto de malhação que minha mãe me deu de presente de Natal e acho meus tênis de corrida. Os tênis de Joe. Os tênis que eu estava usando na praia no dia em que Alistair foi morto. Minhas mãos tremem enquanto os amarro.

Então volto para a sala. Três rostos olham para mim. Todos fizeram coisas erradas no passado, tomaram decisões equivocadas e contaram mentiras. Até vovó. Estão todos indo bem agora. E eles querem meu bem.

— Está se sentindo melhor agora, querido? — pergunta minha mãe e, em um tom esperançoso — Vai sair para correr?

— Sim — respondo. — Vou.

Então eu saio do apartamento, desço pelo elevador e inspiro a atmosfera de Birmingham. Mexo no meu iPod. Não tenho usado ele muito em tempos recentes. Lembranças demais. Mas encontro *Let´s Get it Started*, do Black Eyed Peas, é uma das dez músicas de que mais gosto de todos os tempos. Às vezes as músicas antigas são as melhores.

Começo com uma corrida lenta para aquecer. Me estico. Estou duro e fora de forma — tenho muito trabalho pela frente. Vou ter que achar uma academia. Tem o clube atlético da escola, e um cara do meu grupo de orientação é membro. Talvez possa falar com ele.

Então abro a passada e minha respiração entra no ritmo e eu me lembro da sensação.

E a sensação é boa.

AGRADECIMENTOS

Dedico meus agradecimentos mais sinceros às seguintes pessoas:

Por seu conhecimento, sabedoria e experiência: Jeremy Nathan (alucinações e ferimentos provocados por facas), Tony Meltzer (tribunais, direito e a linguagem dos advogados), Karen Wilson (procedimentos policiais) e Saviour Pirota (fogo do inferno).

Por críticas construtivas e reconstrutivas e ocasionais confraternizações: Amanda Swift, Anne Longman, Becky Jones, Lydia Syson, Pauline Rochford, Fenella Fairburn e Jennifer Gray. Hannah Marcus, leitora rápida e perceptiva; Phoebe Moss, excelente revisora; Jimmy Rice e Cat Clarke, por muitos conselhos úteis; e mamãe, por identificar o probleminha do Alistair.

Por tornar sonhos realidade, minha agente, Jenny Savill, e todos da Frances Lincoln Chidren's Book, especialmente Maurice Lyon, Emily Sharrat, Nicky Potter e Jane Donald, designer de excelentes capas.

Pelo carinho e pela diversão: Laurence, Phoebe e Judah, mamãe e papai, Deborah, Jeremy e Alun, Josh, Avital e Eliana, além de parentes e porquinhos-da-índia diversos. E ainda todos os meus amigos, físicos e virtuais.

Quase Verdade é dedicado à memória de três mulheres extraordinárias e inspiradoras que fazem enorme falta — Min Moss, Melissa Nathan e Nina Farhi. Sempre nos lembrando de Daniel, cujo nome está escrito em nossas mãos.

NOTAS

[1]. Snappy Snaps é uma franquia de lojas de fotografia expressa. (N.T.)

[2]. Tradicional internato particular para meninos fundado em 1440. (N.T.)

[3]. Literalmente “resmungão”. (N.T.)

[4]. Vovô em francês. (N.T.)

[5]. GCSE: *General Certificate of Secondary Education* (Certificados Gerais de Educação Secundária), exame realizado ao final da escola secundária para avaliar o aproveitamento do aluno. Após o GCSE, o estudante pode optar por estudar mais dois anos e prestar os exames *A-Levels* (equivalente a um vestibular) ou cursar uma escola técnica. (N.T.)

[6]. Futebolista húngaro. Jogou no Manchester United de 2008 a 2012. (N.T.)

[7]. Apresentadores de televisão. (N.T.)

[8]. Programa em que celebridades competem em provas de dança. No Brasil, “Dança dos Famosos”. (N.T.)

[9]. Craig Revel Horwood: jurado sempre de mau humor do programa “Strictly Come Dancing”. (N.T.)

[10]. “I’m a Celebrity... Get Me Out of Here”: *reality show* em que doze celebridades convivem na selva. (N.T.)

[11]. Tabloide britânico de maior vendagem do mundo. Fechado em 2011 após escândalo envolvendo escutas ilegais e grampos telefônicos. (N.T.)

[12]. Seriado britânico no ar desde 2003. (N.T.)

[13]. Neste caso o Priory Hospital, famoso por tratar de celebridades com problemas com drogas. (N.T.)